UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DO VERBO ASPECTUAL *DEIXAR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

DANIELLE SOUSA FORRESTER

BRASÍLIA
2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DANIELLE SOUSA FORRESTER

CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DO VERBO ASPECTUAL *DEIXAR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de MESTRE em Linguística.

Área de Concentração: Linguagem – Teoria e Descrição.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Lunguinho

BRASÍLIA
2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pela autora

Fc

Forrester, Danielle Sousa
Características sintáticas e semânticas do verbo aspectual "deixar" no Português Brasileiro / Danielle Sousa Forrester; orientador Marcus Vinicius da Silva Lunguinho. -- Brasília, 2024.
215 p.

Dissertação(Mestrado em Linguística) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. Verbo aspectual "deixar". 2. Preposição aspectual "de". 3. Domínio infinitivo. 4. Constituintes nominais. 5. Teoria Gerativa. I. Lunguinho, Marcus Vinicius da Silva , orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Danielle Sousa Forrester

CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS
DO VERBO ASPECTUAL *DEIXAR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de MESTRE em Linguística, no Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, pela Comissão Examinadora composta pelos professores:

Comissão examinadora

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho
Universidade de Brasília
Orientador/Presidente

Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Membro Externo

Prof. Dr. Paulo Medeiros Júnior
Universidade de Brasília
Membro Interno

Profª. Drª. Rozana Reigota Naves
Universidade de Brasília
Membro Suplente

Brasília, 11 de novembro de 2024

Dedico esta Dissertação à minha querida mãe, que foi (e é) a minha maior parceira ao longo da jornada de produção deste trabalho. Sem a sua ajuda, eu jamais teria conseguido produzir este trabalho, pois foi ela quem ficou ao meu lado, ajudando a cuidar do homem que mais me apoiou e fez além do possível para me ver realizar todos os meus sonhos ao lado dela, meu pai. Foram meses longos e incansáveis, morando em hospitais diferentes, mas ela sempre esteve disposta a me ajudar, para que eu conseguisse assistir às minhas aulas e participar de orientações. É por essa e muitas outras situações que o ditado judaico não erra ao afirmar que "Deus não pode estar em todos os lugares e, por isso, fez as mães".

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha rede de apoio que contribuiu para que este trabalho se tornasse realidade.

A Deus e toda cúpula/família espiritual que me guarda, me tem e me protegeu (e me protege sempre) ao longo de todas as adversidades durante essa longa caminhada.

Aos meus pais, Aurenice e Jorge Antônio, que sempre respeitaram, incentivaram e apoiaram minha decisão de trilhar uma vida acadêmica e me ensinaram o valor e o poder do estudo.

Ao meu orientador, Marcus Vinicius Lunguinho, por todo apoio, cuidado e compreensão durante a elaboração da minha Dissertação. Sou imensamente grata por sempre segurar na minha mão, com muita paciência, e ser extremamente solícito quanto a todas as dúvidas, questionamentos e preocupações que tive.

Aos meus queridos professores de Graduação, Virgínia Andrea Garrido Meirelles e Cláudio Correa e Castro Gonçalves, que, com tanto incentivo, me ajudaram muito a chegar até aqui. Sou imensamente grata pelo carinho, cuidado e apoio, pois, sem eles, eu jamais teria acreditado que eu poderia ter um espaço na Pós-Graduação.

A todos os meus amigos, que também me apoiaram muito, em especial, Paulo Victor Souza da Silva, Yasmin Gomes de Araújo e Telma Cristina da Silva de Araújo. A eles agradeço por toda cumplicidade, amor e suporte emocional durante o processo de produção deste trabalho, e faço dessa conquista, uma conquista nossa.

Ao professor Roberlei Alves Bertucci, por aceitar participar da banca de Qualificação deste trabalho e da banca de defesa desta Dissertação, por ser uma das principais referências para meu trabalho e por sempre contribuir de maneira positiva para a minha análise.

Ao professor Paulo Medeiros Junior, por aceitar participar da banca de defesa desta Dissertação e por colaborar com suas observações sempre pertinentes para o aprimoramento deste trabalho.

Ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília, que me acolheu e me recebeu muito bem, desde a secretaria de Pós-Graduação, que me deu todo o suporte necessário, até o corpo docente, que ministrou aulas de grande relevância para a minha formação como linguista.

Eu observava minha mãe usar a língua para cruzar fronteiras, lidar com situações difíceis e se virar no mundo (...) Aprendi a usar a língua como minha mãe (...) Eu me tornei um camaleão. Minha cor era sempre a mesma, mas eu conseguia mudar a percepção dos outros sobre a minha cor. Se alguém falasse comigo em zulu, eu respondia em zulu. Se você falasse comigo em tswana, eu respondia em tswana. Talvez eu não parecesse com você, mas, se eu falasse como você, éramos iguais.

Trevor Noah - *Nascido do Crime*

RESUMO

Nesta Dissertação, analisamos o verbo aspectual *deixar* do Português Brasileiro em duas estruturas: [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] e [*deixar* - *de* - N]. Como aspectual, esse verbo expressa a noção de cessamento/abandono de uma situação, a qual aparece sob a forma de um infinitivo (primeira estrutura) e como um substantivo (segunda estrutura). A análise aqui apresentada se desenvolve tomando como base o Programa Minimalista (Chomsky 1995, 2000, 2001, 2004) da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981, 1986). Como, na estrutura [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], *deixar* se combina com um domínio infinitivo, estudamos inicialmente a possibilidade de, nessa estrutura, *deixar* ser um verbo de controle, de alçamento ou auxiliar. A partir do comportamento desse verbo frente a diagnósticos, nós o analisamos como um verbo auxiliar de natureza lexical (combinando as propostas de Lobato 1975; Laca 2002, 2004; Bravo, García Fernández & Krivochen 2015; e García Fernández, Krivochen & Bravo 2017). Em relação às características da derivação da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], nossa análise é a de que ela apresenta *deixar* como um verbo auxiliar que projeta um $V_{AUX}P$; esse verbo, por sua vez, seleciona a preposição funcional *de*, que contribui para a interpretação aspectual da oração e projeta um PP/AspP (sintagma preposicional/aspectual); essa preposição é seguida de um sintagma verbal, formando a estrutura mais articulada [$V_{AUX}P$ *deixar* [$_{PP/AspP}$ *de* [$V_{INFINITIVO}$ ...]]]. Partindo das propostas de Adger (2003) e de Lunguinho (2011) para a derivação das estruturas com verbos auxiliares, assumimos que o domínio infinitivo apresenta um traço flexional não valorado, o que o torna um Alvo ativo para a operação de *Agree*, além de um traço categorial verbal valorado [uV]. A preposição aspectual e o verbo aspectual *deixar* apresentam um traço categorial verbal não valorado [uV], os quais forçam a sua combinação com um constituinte que apresente esse mesmo traço categorial, só que na versão valorada. Ao se combinar com o sintagma verbal, o traço [uV] da preposição é valorado. Ao se combinar com o PP/AspP, *deixar* satisfaz o seu traço [uV] e, ao mesmo tempo, valora o traço flexional do sintagma verbal como infinitivo. Em relação ao domínio infinitivo, propusemos, com base em Bertucci (2011), que *deixar* seleciona como complemento predicados marcados com traço [+homogêneo]. Indo além da estrutura [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], analisamos também a estrutura [*deixar* - *de* - N], onde *deixar* é complementado por um nominal. Diferentemente do que acontece com outros aspectuais quando são complementados por constituintes nominais, *deixar* não perde a preposição *de* que o acompanha quando se combina com um infinitivo. Nessa estrutura, *deixar* é verbo lexical que se combina com nomes primitivos e com nomes derivados. O nominal nessa estrutura precisa estar associado a uma conotação negativa, depreciativa ou pejorativa (Silva 1999). No caso de nomes deverbais, identificamos que o verbo que fornece a base morfológica para esse nominal é do tipo intransitivo inergativo. Em relação às restrições que *deixar* impõe ao nominal nessa estrutura, apontamos, em primeira mão, que esse nominal não pode vir acompanhado nem de determinantes nem de numerais, o que faz deles NPs. Além disso, mostramos, originalmente, que há fontes para a semântica negativa, depreciativa ou pejorativa dos NPs na estrutura [*deixar* - *de* - N]. Se o nominal for primitivo, essa semântica provém do radical lexical ou é dada contextualmente. Se o nominal for derivado, essa semântica pode vir de três fontes: a) do significado lexical do verbo inergativo que serve de base para a nominalização; b) de afixos que produzem um nominal com a semântica de excesso, tais como *-ria*, *-(d)eira*, *-ança*, *-ção*, *-iada* e *-(t)ório*; e c) de meios sintáticos, como a modificação por *tanto*.

Palavras-chave: Verbo aspectual *deixar*. Preposição aspectual *de*. Domínio infinitivo. Constituintes nominais. Teoria Gerativa.

ABSTRACT

In this Thesis, we analyze the aspectual verb *deixar* in Brazilian Portuguese in two structures, namely: [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVE}$] and [*deixar* - *de* - N]. As an aspectual verb, *deixar* expresses the notion of cessation/abandonment of a situation, which appears in the form of an infinitive (first structure) and as a noun (second structure). The analysis presented here is developed in the theoretical framework of the Minimalist Program (Chomsky 1995, 2000, 2001, 2004) of the Principles and Parameters theory of Generative Grammar (Chomsky 1981, 1986). Since *deixar* in the structure [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVE}$] combines with an infinitive domain, we initially studied the possibility of this verb to be, in this structure, a control, a raising or an auxiliary verb. Based on the behavior of *deixar* in the face of diagnoses, we analyzed it as an auxiliary verb of a lexical nature (combining the proposals of Lobato 1975; Laca 2002, 2004; Bravo, García Fernández & Krivochen 2015; and García Fernández, Krivochen & Bravo 2017). Regarding the characteristics of the derivation of the periphrasis [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVE}$], our analysis is that it presents *deixar* as an auxiliary verb that projects a $V_{AUX}P$; this verb, in turn, selects the functional preposition *de*, which contributes to the aspectual interpretation of the sentence and projects a PP/AspP (prepositional/aspectual phrase); this preposition is followed by a verbal phrase, forming the most articulated structure: [$_{VAUX}$P *deixar* [$_{PP/AspP}$ *de* [$V_{INFINITIVE}$ ...]]]. Based on the model of Adger (2003) and Lunguinho (2011) for the derivation of structures with auxiliary verbs, we assume that the infinitive domain presents, in addition to a valued verbal categorical feature [uV], an unvalued inflectional feature, which makes it an active Goal for the Agree operation. The aspectual preposition and the aspectual verb *deixar* present an unvalued categorical verbal feature [uV], which forces their combination with a constituent that presents this same categorical feature, in its valued version. When combined with the verbal phrase, the feature [uV] of the preposition is valued. When combined with PP/AspP, *deixar* satisfies its feature [uV] and, at the same time, values the inflectional feature of the verb phrase as an infinitive. Taking into the account the infinitival domain, we proposed, based on Bertucci (2011), that *deixar* selects as complement predicates marked with a [+homogeneous] feature. Going beyond the structure [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVE}$], we also analyzed the structure [*deixar* - *de* - N], where *deixar* is complemented by a nominal. Unlike what happens with other aspectuals when they are complemented by nominal constituents, *deixar* does not lose the preposition *de* that accompanies it when combined with an infinitive. In this structure, *deixar* is a lexical verb that combines with primitive and derived nouns. This nominal must be associated with a negative, depreciative or pejorative connotation (Silva 1999). In the case of deverbal nouns, we identified that the verb that provides the morphological basis for this nominal is of the unergative intransitive type. As for the restrictions that *deixar* imposes on the nominal in this structure, we pointed out, at first hand, that this nominal cannot be accompanied by either determiners or numerals, which makes them NPs. In addition, we showed, originally, that there are sources for the negative, depreciative or pejorative semantics of NPs in the structure [*deixar* - *de* - N]. If the nominal is primitive, this semantics comes from the lexical root or it is given contextually. If the nominal is derived, this semantics can come from three sources: a) the lexical meaning of the unergative verb that serves as the basis for nominalization; b) the affixes that produce a nominal with the semantics of excess, such as *-ria*, *-(d)eira*, *-ança*, *-ção*, *-iada* and *-(t)ório*; and c) syntactic means, such as the modification by *tanto*.

Keywords: Aspectual verb *deixar*. Aspectual preposition *de*. Infinitival domain. Nominal constituents. Generative theory.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 | Aspectuais como verbos de alçamento e como verbos de controle – critérios 67

QUADRO 2 | Critérios de auxiliaridade 83

QUADRO 3 | Comportamento do verbo *deixar* frente aos critérios definidores de propriedades de alçamento e de controle para os verbos aspectuais 115

QUADRO 4 | Comportamento do verbo *deixar* frente aos critérios definidores de verbos auxiliares 124

QUADRO 5 | Adaptação das propostas anteriores para a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] 142

QUADRO 6 | Classes verbais na Linguística moderna 185

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **16**

CAPÍTULO 1
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A TEORIA GERATIVA **19**
Introdução 19
1.1 A Teoria Gerativa 19
1.1.1 As formas da gramática 23
1.1.1.1 A gramática como um conjunto de regras 23
1.1.1.2 A gramática como um conjunto de princípios e parâmetros 26
1.2 O Programa Minimalista 29
1.2.1 Léxico 29
1.2.2 Sistema Computacional 31
1.2.3 Exemplificando as operações do Sistema Computacional 32
Conclusões preliminares 39

CAPÍTULO 2
SOBRE A NATUREZA LEXICAL DOS VERBOS ASPECTUAIS: ENTRE VERBOS DE ALÇAMENTO E VERBOS DE CONTROLE **40**
Introdução 40
2.1 Perlmutter (1968, 1970) 40
2.1.1 Evidências em favor da estrutura intransitiva de *begin* 42
2.1.2 Evidências em favor da estrutura transitiva de *begin* 45
2.2 Newmeyer (1975) 49
2.3 Rochette (1999) 55
2.4 Grano (2016) 61
2.5 Verbos aspectuais como itens lexicais 66
Conclusões preliminares 68

CAPÍTULO 3
DA NATUREZA FUNCIONAL DOS VERBOS ASPECTUAIS **69**
Introdução 69
3.1 Motivando a investigação da natureza funcional dos verbos aspectuais 69
3.2 Os critérios de auxiliaridade 70
3.2.1 Impossibilidade de estruturas completivas 71
3.2.2 Sujeito único 72
3.2.3 Valor temporal único 73
3.2.4 Negação sentencial única 74
3.2.5 Ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito 75
3.2.6 Ausência de restrições de seleção quanto ao verbo auxiliado 76
3.2.7 Impossibilidade de apassivação 77
3.2.8 Defectividade em relação à forma imperativa 78
3.2.9 Subida do clítico 78
3.2.10 Pronominalização 80
82

3.3 Tipologias de verbos auxiliares .....
3.3.1 Lobato (1975): auxiliares *lato sensu* e auxiliares *stricto sensu* 82
3.3.2 Laca (2002, 2004): perífrases de aspecto sintático e perífrases de modificação de eventualidade 84
3.3.2.1 Perífrases de aspecto sintático 85
3.3.2.2 Perífrases de modificação de eventualidade 91
3.3.3 Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen & Bravo (2017): verbos auxiliares lexicais e verbos auxiliares funcionais 94
3.3.3.1 Verbos auxiliares lexicais 95
3.3.3.2 Verbos auxiliares funcionais 95
3.3.3.3 Cadeias de verbos auxiliares 97
Conclusões preliminares 100

CAPÍTULO 4
***DEIXAR*: VERBO DE ALÇAMENTO, VERBO DE CONTROLE OU VERBO AUXILIAR? 102**
Introdução 102
4.1 *Deixar*: verbo lexical? 102
4.1.1 Propriedades identificadores da estrutura de alçamento para os verbos aspectuais 102
4.1.1.1 Possibilidade de orações nominalizadas na posição de sujeito 103
4.1.1.2 Licenciamento de sujeitos expletivos 103
4.1.1.3 Licenciamento de sujeitos de expressões idiomáticas 104
4.1.1.4 Sinonímia entre ativa-passiva 105
4.1.1.5 Ocorrência com expressões fixas 105
4.1.1.6 Impossibilidade de co-ocorrência de dois advérbios do mesmo tipo 106
4.1.1.7 Uso de verbo resumptivo em estruturas interrogativas 107
4.1.1.8 Compartilhamento de informações de tempo e aspecto entre o verbo aspectual e o seu complemento 108
4.1.2 Propriedades identificadores da estrutura de controle para os verbos aspectuais 110
4.1.2.1 Nominalização agentiva do aspectual 110
4.1.2.2 Restrição de sujeito único 111
4.1.2.3 Identidade objeto – sujeito 111
4.1.2.4 Formação de estruturas imperativas 112
4.1.2.5 Licenciamento de complemento NP 112
4.1.2.6 Apagamento do complemento do aspectual 113
4.1.2.7 Formação de pseudo-clivadas 114
4.1.2.8 Combinação com advérbios agentivos 114
4.2 *Deixar*: verbo funcional? 116
4.2.1 Impossibilidade de estruturas completivas 116
4.2.2 Sujeito único 117
4.2.3 Valor temporal único 117
4.2.4 Negação sentencial única 118
4.2.5 Ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito 119
4.2.6 Ausência de restrições de seleção quanto ao verbo auxiliado 121
4.2.7 Impossibilidade de apassivação 122
4.2.8 Defectividade em relação à forma imperativa 123
4.3 Da natureza do verbo *deixar* 124
Conclusões preliminares 128

CAPÍTULO 5
CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DO VERBO AUXILIAR *DEIXAR* NA PERÍFRASE [*DEIXAR* - *DE* - $V_{INFINITIVO}$] 129
Introdução 129
5.1 Propriedades dos componentes da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] 129
5.1.1 Propriedades do verbo *deixar* 130
5.1.2 Propriedades do domínio não-finito 133
5.1.3 Propriedades da perífrase como um todo 135
5.2 Propostas de análises sintáticas existentes 136
5.2.1 Raposo (1989) 136
5.2.2 Gonçalves (1995) 137
5.2.3 Boff (2003) 138
5.2.4 Corso (2002) 139
5.2.5 Oliveira, Cunha & Gonçalves (2004) 140
5.2.6 Hammes (2015) 141
5.3 Uma análise sintática para a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] 143
5.3.1 O verbo *deixar* 143
5.3.2 A preposição *de* 144
5.3.2.1 A composicionalidade do significado aspectual 144
5.3.2.2 Interações estruturais da preposição de na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] 147
5.3.3 O infinitivo 150
5.4 Traços formais na derivação da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] 152
5.4.1 Traços dos constituintes da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] 153
5.4.2 Um exemplo de derivação sintática para a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] 155
5.5 A interação semântica entre o auxiliar *deixar* e o domínio infinitivo 161
5.5.1 As propriedades definidoras das classes aspectuais Vendlerianas 162
5.5.2 As classes aspectuais Vendlerianas 163
5.5.3 Interação entre o verbo auxiliar *deixar* e as classes aspectuais Vendlerianas 165
5.5.3.1 *Deixar* + estados 165
5.5.3.2 *Deixar* + atividades 166
5.5.3.3 *Deixar* + *accomplishments* 166
5.5.3.4 *Deixar* + *achievements* 166
5.5.4 Propriedades de coerção de *deixar* 166
Conclusões preliminares 170

CAPÍTULO 6
OUTRO PADRÃO DE COMPLEMENTAÇÃO PARA O VERBO *DEIXAR*: [*DEIXAR* - *DE* - N] 172
Introdução 172
6.1 Uma visão geral da estrutura [*deixar* - *de* - N] 172
6.2 Das características dos nomes que complementam o verbo *deixar* 176
6.2.1 Trabalhos anteriores 176
6.2.1.1 Breve avaliação das propostas 178
6.2.2 Analisando a morfologia dos substantivos na estrutura [*deixar* - *de* - N] 179
6.2.2.1 Substantivos primitivos 179
6.2.2.2 Substantivos derivados (deverbais) 181
6.2.2.2.1 Classes verbais 182
6.2.2.2.1.1 A combinação [*deixar* - *de* - $N_{DERIVADOS\ DE\ VERBOS\ TRANSITIVOS}$] 185
6.2.2.2.1.2 A combinação [*deixar* - *de* - $N_{DERIVADOS\ DE\ VERBOS\ INACUSATIVOS}$] 187
6.2.2.2.1.3 A combinação [*deixar* - *de* - $N_{DERIVADOS\ DE\ VERBOS\ INERGATIVOS}$] 188
6.2.2.2.1.4 Confirmando os padrões de [*deixar* - *de* - $N_{DEVERBAL}$] 189
6.2.3 Analisando a sintaxe dos substantivos na estrutura [*deixar* - *de* - N] 191

6.2.4 Analisando a semântica dos substantivos na estrutura [*deixar* - *de* - N] 192
6.2.4.1 A restrição a determinantes e a numerais 192
6.2.4.2 Fontes da semântica depreciativa, negativa ou pejorativa 196
6.3 A estrutura sintática da construção [*deixar* - *de* - N] 200
Conclusões preliminares 203

CONSIDERAÇÕES FINAIS 206

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 212

INTRODUÇÃO

Nesta Dissertação, estudamos o verbo aspectual *deixar* em combinação com outro verbo, na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], e em combinação com nomes, na sequência [*deixar* - *de* - N].

O objetivo da nossa investigação é o seguinte:

OBJETIVO

> Descrever detidamente as propriedades do verbo *deixar* em cada uma das sequências acima, bem como as propriedades do constituinte de natureza verbal e as propriedades do constituinte de natureza nominal que acompanham esse verbo.

Esse objetivo se desdobra nas seguintes questões de pesquisa:

QUESTÕES DE PESQUISA

1) Qual é a natureza sintática do verbo *deixar* em cada uma das sequências apresentadas acima? Trata-se do mesmo verbo ou de verbos diferentes?
2) Como se caracteriza a derivação sintática que subjaz à sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]?
3) Como se caracteriza a derivação sintática que subjaz à sequência [*deixar* - *de* - N]?

A nossa pesquisa será desenvolvida no arcabouço da Teoria Gerativa (Chomsky 1957, 1965), na sua versão mais recente da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981, 1986) denominada Programa Minimalista (Chomsky 1995 e trabalhos posteriores). Trata-se de uma perspectiva formal (preciso e explícito) para o estudo dos fenômenos linguísticos que emprega o método hipotético-dedutivo para a análise desses fenômenos.

Para a apresentação da pesquisa, organizamos esta Dissertação em seis capítulos.

No capítulo 1, descrevemos o quadro teórico na qual este trabalho se fundamenta. Como já dissemos, esta pesquisa toma como aporte teórico a Teoria de Princípios e Parâmetros da Teoria Gerativa, em sua versão denominada de Programa Minimalista (Chomsky 1957, 1965, 1981, 1986, 1995, 2000, 2001, 2004). Apresentaremos questões gerais da teoria e depois

descreveremos duas versões dessa teoria: a versão de regras e transformações e a versão de princípios e parâmetros. Ao final, chegamos ao Programa Minimalista e, ao apresentá-lo, vamos nos deter em suas ideias centrais em relação à arquitetura da linguagem e em relação às operações do Sistema Computacional.

Após essa fundamentação teórica geral, no capítulo 2 e no capítulo 3, apresentamos as discussões sobre a natureza dos verbos aspectuais, se eles são verbos de natureza lexical ou se eles são verbos de natureza funcional.

No capítulo 2, apresentamos a discussão acerca da natureza lexical dos verbos aspectuais. Para tanto, trouxemos a proposta clássica de Perlmutter (1970), defendida inicialmente para o verbo *begin*, mas que se aplica a toda a classe de verbos aspectuais. Nessa proposta, o autor defende que *begin* é um verbo que pode estar associado a uma estrutura intransitiva (atualmente conhecida como estrutura de alçamento) ou a uma estrutura intransitiva (atualmente conhecida como estrutura de controle). Na sequência, houve propostas que refutaram a ideia de Perlmutter (1970), como Newmeyer (1975) e Rochette (1999), e propostas que a corroboraram, como Grano (2016). Sendo assim, abre-se espaço no capítulo também para apresentar esses trabalhos.

No capítulo 3, abordamos a natureza funcional dos verbos aspectuais, discutindo seu uso como verbos auxiliares. Nessa discussão, descrevemos os critérios de auxiliaridade, uma vez que são diagnósticos de identificação de verbos auxiliares. Como há várias propostas, elencamos os critérios de auxiliaridade propostos para o Português do Brasil (Pontes, 1973; Lobato, 1975), os propostos para o Português de Portugal (Gonçalves, 1995) e os propostos para o Espanhol (Fábregas, 2019a). Também incluímos nesse capítulo, a discussão acerca das tipologias de verbos auxiliares ou de perífrases aspectuais a partir dos trabalhos de Lobato (1975), Laca (2002, 2004), Bravo, García Fernández e Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen e Bravo (2017).

Considerando todo o repertório teórico apresentado sobre a natureza dos verbos aspectuais nos capítulos anteriores, no capítulo 4, vamos discutir a natureza do verbo *deixar* em na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], com o objetivo de saber se esse verbo, em Português brasileiro, se comporta como um verbo lexical ou como um verbo funcional. Para tanto vamos verificar o comportamento de *deixar* frente às características identificadoras de um verbo de alçamento, de um verbo de controle e de um verbo auxiliar. Ao fim do capítulo, chegamos à conclusão de que *deixar* é um verbo auxiliar.

Tendo caracterizado o verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] como um auxiliar, nosso objetivo, no capítulo 5, é apresentar uma proposta de derivação para esse verbo nessa sequência. Primeiramente, retomamos as características de *deixar* que fazem dele um verbo auxiliar. Em seguida, descrevemos as propostas de Raposo (1989), Gonçalves (1995), Boff (2003), Corso (2002), Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004), e Hammes (2015) para a estrutura sintática dos verbos aspectuais e/ou do verbo *deixar*. A partir da avaliação dessas propostas, apresentamos a nossa, deixando claro como se dá a interação entre o verbo *deixar*, a preposição *de* e o domínio infinitivo e ilustrando os traços envolvidos nessa derivação. Por fim, discutimos como se dá a interação entre o verbo *deixar* e as propriedades aspectuais do infinitivo, seguindo a proposta de classes aspectuais de Vendler (1967).

No capítulo 6, analisamos detalhadamente as propriedades do verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - N]. Inicialmente, apresentamos uma visão geral a respeito da interação entre o verbo *deixar* e um nome. Em seguida, discorremos sobre análises anteriores a respeito dessa interação a partir dos trabalhos de Silva (1999), Bertucci (2011), Hammes (2015) e Nascimento (2015). Mais adiante, exploramos os aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos dos substantivos que podem se combinar com *deixar*. Finalizamos o capítulo com a nossa proposta de derivação para a sequência [*deixar* - *de* - N].

Por fim, seguem-se as considerações finais da Dissertação, onde retomamos os pontos discutidos no trabalho e apontamos as suas principais contribuições.

CAPÍTULO 1
Pressupostos teóricos: a teoria gerativa

Introdução

Considerando a base teórica na qual este trabalho está fundamentado, este capítulo é dedicado a apresentar sobre a Teoria Gerativa, a partir das propostas de Chomsky (1957; 1965; 1981; 1986; 1995; 1998, 2000; 2004). Inicialmente, traremos informações fundamentais acerca dessa teoria, tais como, suas características gerais e seus objetivos. Em seguida, momento, faremos uma breve descrição de duas versões anteriores dessa teoria: a Gramática Gerativo-Transformacional e a Teoria de Princípios e Parâmetros. Por fim, descreveremos a versão mais recente dessa teoria, denominada Programa Minimalista, apresentando a concepção de língua defendida nesse programa de investigação, as ferramentas teóricas usadas e as operações computacionais propostas.

1.1 A Teoria Gerativa

A teoria linguística denominada Teoria Gerativa (ou Gramática Gerativa, ou Teoria Gerativo-Transformacional ou Gramática Gerativo-Transformacional) tem sua origem na segunda metade do século XX, a partir dos trabalhos do linguista Noam Chomsky, quais sejam, *Syntactic Structures* (Chomsky, 1957) e *Aspects of the Theory of Syntax* (Chomsky, 1965). Desde o seu surgimento, essa teoria se caracteriza por defender dois pontos cruciais: a) a existência de uma Faculdade da Linguagem; e b) o foco de estudo no conhecimento linguístico dos falantes.

De acordo com Chomsky, a Faculdade da Linguagem é um componente biológico interno da mente / do cérebro dos seres humanos especialmente dedicado à linguagem. Graças à existência dessa faculdade, os seres humanos (e só eles) podem adquirir uma língua de modo rápido, desde que expostos a dados de uma língua.

A ideia é de que, quando nascemos, a Faculdade da Linguagem se apresenta em seu estágio inicial (S_0). Esse estágio é expressão direta dos genes e, por isso, é uniforme a todos os membros da espécie humana. Por essas características, o estágio inicial da Faculdade da Linguagem é chamado de Gramática Universal. Na infância, as crianças são expostas aos dados linguísticos primários do seu ambiente linguístico (que funcionam como *input*) e esses dados

vão interagir com o S_0. Dessa interação, a sua Faculdade da Linguagem vai passando por diferentes estágios, sendo um deles o estágio estável (S_S).

No momento em que a Faculdade da Linguagem de uma pessoa atinge o S_S, pode-se dizer que essa pessoa adquiriu uma língua particular, ou seja, uma das possibilidades gramaticais permitidas pela Gramática Universal. Esse processo é esquematizado abaixo:

(1) $S_0 \rightarrow$ dados linguísticos primários $\rightarrow$ S_S

Ao adquirir uma língua (sua língua materna), o falante internaliza um conjunto de conhecimentos sobre sua língua que lhe permite produzir expressões linguísticas e interpretar essas expressões. Por exemplo:

(2) a. As meninas viram os meninos no jogo.
b. Os meninos viram as meninas no jogo.
c. Os meninos, as meninas viram no jogo.

O conhecimento linguístico de um falante nativo sobre as propriedades do Português permite a ele saber que as três orações acima são construídas com os mesmos recursos: os artigos *as*, *os* e *o*, os substantivos *meninas*, *meninos* e *jogo*, o verbo *viram* e a preposição *em*. Esse mesmo saber linguístico permite a ele operar combinações diferentes dessas palavras e produzir as três expressões linguísticas em (2). Esse conhecimento lhe possibilita também associar cada uma das expressões linguísticas em (2) a uma interpretação. Além disso, esse conhecimento, ainda permite a ele agrupar as orações (2a) e (2c), pois têm o mesmo significado proposicional, em oposição a (2b), que tem outro significado.

Esse conhecimento linguístico é a competência linguística, um saber linguístico inconsciente que todos os falantes têm das propriedades de sua língua. Essa competência surge como consequência do fato de os falantes terem uma língua internalizada na sua mente, língua essa que resultou da interação do estado inicial da Faculdade da Linguagem com os dados linguísticos primários provenientes do ambiente linguístico no qual estiveram imersos durante a aquisição. Essa língua é denominada por Chomsky (1986) de Língua-I (também conhecida como Língua interna ou Língua internalizada). Para o autor, a Língua-I é entendida como "um elemento da mente da pessoa que sabe a língua, adquirida pelo aprendiz e usada pelo falante-

ouvinte" (Chomsky, 1986, p. 22). Chomsky ainda caracteriza a Língua-I como sendo uma entidade:

a) interna / internalizada: porque ela é um objeto da mente/cérebro, um estado mental interno;
b) individual: porque ela existe dentro de cada indivíduo; e
c) intensional: porque ela é um procedimento algorítmico que produz descrições estruturais.

Além da Língua-I, Chomsky reconhece a existência de uma Língua-E (também apresentada como Língua externa ou Língua externalizada). Trata-se de uma concepção segundo a qual a língua é uma entidade externa ao indivíduo ou, mais especificamente, à sua mente / ao seu cérebro. Nessa proposta, o estudo da língua é conduzido sem se levar em conta as propriedade da mente / do cérebro. Por ser uma entidade externa ao indivíduo, essa perspectiva abre a possibilidade de se considerar a língua como uma coleção de ações e comportamentos (cf. Chomsky 1986, p. 20).

Essas diferentes concepções de língua e o foco da pesquisa em uma elas caracterizaram diferentes momentos no estudo da linguagem, por exemplo, os estudos que antecederam a Teoria Gerativa, tais como, o Estruturalismo Americano, o Descritivismo Americano e o Behaviorismo, consideravam a língua como Língua-E:

> A linguística estrutural, a linguística descritiva, a psicologia behaviorista e outras abordagens contemporâneas tendiam a ver a língua como uma coleção de ações, ou de enunciados, ou de formas linguísticas (palavras e sentenças) associadas a significados, ou como um sistema de formas linguísticas ou eventos.
>
> (Chomsky 1986, p. 21)

A Teoria Gerativa operou uma mudança em relação à essa visão de língua, já que, nos estudos conduzidos sob esse quadro teórico, a língua é tomada como Língua-I:

> [...] o estudo da gramática gerativa mudou o foco de atenção do comportamento real ou potencial e dos produtos do comportamento para o sistema de conhecimento de subjaz ao uso e ao entendimento da linguagem e, mais profundamente, à dotação inata que torna possível aos humanos adquirir tal conhecimento. O mudança de foco se deu do estudo a Língua-E para o estudo da Língua-I, do estudo do língua concebida como um objeto externalizado para o estudo do sistema de conhecimento da língua atingido e representado internamente na mente / no cérebro. Uma gramática gerativa não é um conjunto de afirmações sobre objetos externalizados construídos de determinada maneira. Em vez disso, ela se propõe a retratar exatamente o que alguém sabe quando sabe uma língua: isto é, o que foi aprendido, complementado por princípios inatos. A Gramática Universal é uma caracterização desses princípios inatos, determinados

> biologicamente, que constituem um componente da mente humana – a faculdade da linguagem.
>
> (Chomsky 1986, p. 24)

A mudança na concepção de língua leva necessariamente a uma mudança nos interesses da pesquisa sobre a linguagem humana na perspectiva teórica da Gramática Gerativa. Para entender esse interesse, consideremos o trecho "o que foi aprendido, complementado por princípio inatos". Podemos dividir esse trecho em dois pontos importantes: "o que foi aprendido" e "complementado por princípio inatos". O trecho "o que foi aprendido" se refere às línguas particulares que os falantes adquirem como resultado da interação do ambiente linguístico com a Faculdade da Linguagem. Já o trecho "complementado por princípio inatos" se refere à Faculdade da Linguagem, especificamente, ao estado inicial dessa faculdade inata, que entra em contato com os dados linguísticos primários no processo de aquisição de língua.

Dessa forma, a atenção da Teoria Gerativa se volta tanto para a gramática de línguas particulares como para a caracterização do estado inicial da Faculdade da Linguagem (a Gramática Universal). Seus interesses são, portanto, a descrição e a explicação do conhecimento linguístico dos falantes. Na tarefa de propor uma teoria da linguagem humana capaz de descrever e explicar o saber linguístico dos falantes, a Teoria Gerativa tem que atender a duas questões referentes à adequação essa teoria da linguagem deve observar: a adequação descritiva e a adequação explicativa:

> Para atingir a adequação descritiva para uma determinada língua L, a teoria de L (sua gramática) deve caracterizar o estado alcançado pela faculdade da linguagem, ou pelo menos alguns de seus aspectos. Para atingir a adequação explicativa, uma teoria da linguagem deve caracterizar o estado inicial da faculdade de linguagem e mostrar como ele mapeia a experiência para o estado alcançado.
>
> (Chomsky 1995, p. 3)

Em outras palavras, a adequação descritiva é adquirida quando a gramática proposta para uma língua particular L descreve exatamente as propriedades dessa língua, propriedades essas que refletem o que o falante sabe sobre L. Já a adequação explicativa é adquirida quando a teoria da linguagem proposta descreve as propriedades do estado inicial da Faculdade da linguagem e como derivam cada umas das línguas particulares, a partir dessas propriedades e sua interação com a experiência linguística.

1.1.1 As formas da gramática

Considerando que o objetivo da Teoria Gerativa é descrever o conhecimento linguístico do falante e como ele ocorre na mente / no cérebro, essa teoria apresentou, ao longo dos anos, diferentes maneiras de conceber a forma da Gramática Universal. Nesta subseção, vamos apresentar duas formas da gramática.

1.1.1.1 A gramática como um conjunto de regras e de transformações

Essa foi a primeira proposta de descrição da forma da gramática. Segundo essa perspectiva, a Gramática Universal é composta de um conjunto de regras e de um conjunto de transformações. Dessa concepção de gramática, derivam as expressões Gramática Gerativo-Transformacional e Gramática Transformacional, que caracterizam essa primeira versão da Teoria Gerativa.

Um exemplo das regras propostas é dado abaixo:

(3) a. S → NP VP
b. VP → V NP
c. NP → D N

Em (3), apresentam-se exemplos de regras sintáticas, também chamadas regra de estrutura sintagmática (também conhecidas como regras sintagmáticas, ou regras de reescrita ou regras categoriais). Cada um desses termos tem uma razão de ser. De acordo com Lobato (1986, p. 114), as regras sintagmáticas recebem esse nome porque traduzem a estrutura sintagmática da oração no nível da combinação dos itens presentes nela em sintagmas; as regras de reescrita são assim chamadas porque reescrevem um símbolo em outros símbolos; e as regras categoriais têm essa denominação porque envolvem categorias (lexicais ou sintagmáticas).

Além das regras sintáticas, há também as regras lexicais, que têm o papel de introduzir itens lexicais na representação.

(4) a. N → menino, livro, cachorro...
b. V → correr, ler, brincar
c. D → o, a

Por fim, o sistema é complementado por transformações (ou regras transformacionais), que operam sobre estruturas abstratas e produzem construções gramaticais. Havia muitas transformações, algumas mais gerais como a concordância e outras mais específicas. Vamos apresentar uma dessas construções específicas: a transformação conhecida como deslocamento do afixo (do Inglês, *affix hoping*). Para tanto, vamos usar o modelo descrito em *Syntactic Structures*. Comecemos com as regras sintagmáticas abaixo (Chomsky 1957, p. 112):

(5) a. Verb → Aux + V
b. V → *hit*, *take*, *walk*, *read*, etc
c. Aux → C (M) (*have* + *en*) (*be* + *ing*)
d. M → *will*, *can*, *may*, *shall*, *must*

De acordo com a regra (5a), o símbolo Verb se reescreve como Aux e V. O símbolo V se reescreve como qualquer verbo lexical, de acordo com (5b). O símbolo Aux, em (5c), se reescreve como uma sequência de quatro símbolos. O primeiro é C, que se refere à concordância verbal. Em seguida, vem o símbolo M, que representa os verbos modais, segundo (5d). Depois, temos o símbolo (*have* + *en*), que combina o auxiliar perfectivo *have* como o morfema *-en* de particípio passado. Por fim, vem o símbolo (*be* + *ing*), que combina o auxiliar progressivo *be* com o morfema *-ing* de gerúndio. A justificativa para esses dois últimos símbolos é a de garantir um fato interessante no domínio dos verbos auxiliares: eles sempre são seguidos de uma forma específica. Assim, o verbo auxiliar *have* perfectivo sempre vem seguido de um particípio (*Mary has studied*); e b) o verbo auxiliar *be* progressivo sempre vem seguido de um gerúndio (*Mary is studying*).

Um flagrante problema é que, na regra (5c), os auxiliares e os afixos que os acompanham fazem parte do mesmo elemento, mas, nas orações, eles aparecem em lugares diferentes: o auxiliar é realizado em uma posição e a forma específica que o acompanha é parte do verbo imediatamente seguinte. Para resolver isso, foi proposta a transformação denominada deslocamento do afixo (Chomsky 1957, p. 113):

(6) Deslocamento do afixo

Análise estrutural: *X – Af – v – Y*

onde *Af* representa *C* ou *-en* ou *-ing*

v representa *M* ou *V* ou *have* ou *be*

Mudança estrutural: $X_1 – X_2 – X_3 – X_4 \rightarrow X_1 – X_3 – X_2 \# – X_4$

A transformação deslocamento do afixo é de natureza obrigatória, pois, sempre que se verificar o contexto linear de sua aplicação, ela deve ser aplicada. Toda transformação se caracteriza por uma análise estrutural, que especifica o contexto em que a transformação se aplica, e por uma mudança estrutural, que especifica as mudanças resultantes da transformação. No caso de (6), a análise estrutural mostra que o contexto de aplicação da transformação deslocamento do afixo é quando existe um afixo imediatamente antes de um verbo. O afixo pode ser o marcador de concordância verbal (C), o particípio *-en*, ou o gerúndio *-ing*. O verbo pode ser um modal (M), um verbo lexical (V), ou os auxiliares *have* e *be*.

Identificado esse contexto, a transformação deslocamento do afixo deverá se aplicar. Assumindo-se os símbolos *Af* e *v* presentes na análise estrutural correspondam a X_2 e X_3 na mudança estrutural, temos o seguinte: ... $X_2 – X_3$ ... → ... – $X_3 – X_2$ # ... . A informação que vem antes da seta mostra a parte que não sofreu a aplicação de nenhuma regra, e a parte que vem depois da seta traz o resultado da aplicação de um regra. No nosso caso, quando se aplica a operação deslocamento do afixo a uma sequência linear [afixo – verbo], a transformação deslocamento do afixo leva esse afixo para depois do verbo e produz [verbo – afixo].

Para evitar que, após a aplicação dessa regra, se produza outro contexto do tipo *Af – v*, o qual vai fazer com que a transformação deslocamento do afixo se aplique novamente, uma outra transformação denominada fronteira de palavra entra em jogo. Essa transformação vai inserir uma fronteira de palavra (simbolizada por #) após o afixo deslocado, evitando deslocamentos posteriores.

Nessa perspectiva, adquirir uma língua é, portanto, aprender os itens lexicais dessa língua e identificar as regras e as transformações que operam nela.

Apresentada essa visão da Gramática Universal, na próxima subseção, veremos a proposta, mais atual, denominada Teoria de Princípios e Parâmetros.

1.1.1.2 A gramática como um conjunto de princípios e parâmetros

A proposta de uma gramática com regras e transformações, aos poucos, começou a ser questionada, uma vez que essa visão da Gramática Universal levou a uma tensão entre a adequação descritiva e a adequação explicativa, pois, à medida que determinada língua ia sendo estudada, iam sendo propostas regras e transformações específicas para as construções dessa língua em particular. Com essa multiplicação de regras e de transformações, perdia-se de vista o fato de que todas as línguas que eram sofisticadamente descritas tinham uma mesma base cognitiva, a Gramática Universal.

Visando resolver essa tensão, foi necessário repensar a arquitetura da gramática. Como consequência, são abandonadas as noções de regras e de transformações. O que antes era produto de regras e transformações específicas, nessa nova versão, passa a ser visto como resultado da interação de princípios gerais da gramática e de parâmetros. Assim surge a versão da Teoria Gerativa denominada Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981, 1986). De acordo com essa teoria, a Gramática Universal é composta por um conjunto finito de princípios e de parâmetros. Os princípios correspondem a "leis" gerais / invariantes que se aplicam a todas as línguas humanas, e os parâmetros são regras específicas que variam entre as línguas.

Como a concepção da arquitetura da gramática mudou, a maneira como se processa a aquisição de língua também é repensada. Nessa nova perspectiva, "a aquisição da língua é interpretada como o processo de fixação os parâmetros do estado inicial de uma das formas permitidas. Uma escolha particular das configurações dos parâmetros determina uma língua no sentido técnico que nos interessa aqui: uma língua-I" (Chomsky, 1995, p. 6). Em outras palavras, "[a] gramática de uma língua particular pode ser considerada simplesmente como uma especificação de valores de parâmetros de UG, nada mais" (Chomsky, 1981, p. 31).

Por fim, é relevante destacar que tanto os princípios quanto os parâmetros acompanham os seres humanos desde o nascimento, como parte da Gramática Universal. Contudo, os parâmetros não vêm marcados, o que torna necessária a interação da criança com o seu ambiente linguístico para que esses parâmetros tenham seus valores determinados a partir dos dados do ambiente.

Tentemos deixar mais claras as noções de princípios e parâmetros. Comecemos com um princípio:

(7) a. Eu gosto de chocolate.
b. I like chocolate.

Observando as orações em (7), vemos que todas elas apresentam sujeito: no exemplo (7a), do Português, o sujeito é *eu*; e, no exemplo (7b), do Inglês, o sujeito é *I*. Se analisarmos dados de outras línguas, verificaremos as orações de todas elas também terão essa característica de apresentar sujeito. Como essa é uma propriedade invariante entre as línguas, ela é um princípio da Gramática Universal. Esse princípio é denominado Princípio de Projeção Estendida (EPP) segundo o qual todas as orações das línguas têm (uma posição de) sujeito.

Consideremos mais um exemplo:

(8) a. Gosto de chocolate.
b. *Like chocolate.

As línguas, que antes eram idênticas em relação ao fato de suas orações terem sempre sujeito, agora diferem quanto ao modo como esse sujeito aparece representado. Comparando-se (7) e (8), vemos que, enquanto o Português permite que seus sujeitos sejam foneticamente manifestos ou não; o Inglês não permite, só sendo gramaticais nessa língua sujeitos foneticamente manifestos.

Essa diferença se mantém em outros casos:

(9) a. Choveu muito ontem.
b. *(It) rained a lot yesterday.

Com verbos meteorológicos, o Português não apresenta sujeito manifesto (denominado sujeito inexistente na terminologia gramatical) ao passo que o Inglês apresenta sujeito manifesto, que, nesse caso, é o expletivo *it*.

Em conjunto, os dados (7) – (9) ilustram uma variação entre as línguas em relação a como o sujeito obrigatório é realizado. Essa variação é um parâmetro denominado Parâmetro do Sujeito Nulo. De acordo com esse parâmetro, nas línguas, a posição do sujeito:

a) pode ser preenchida tanto por um constituinte foneticamente realizado como por um constituinte foneticamente nulo (Português); ou
b) só pode ser preenchida por um constituinte foneticamente realizado (Inglês).

De acordo com o seu comportamento frente ao Parâmetro do Sujeito Nulo, o Português é classificado como uma língua de sujeito nulo (ou língua *pro drop*), enquanto o Inglês é classificado como uma língua de sujeito não nulo (ou língua de sujeito manifesto ou língua não *pro drop*).

A partir dessa exemplificação, fica clara a diferenciação entre os conceitos de princípios e parâmetros. Enquanto os princípios são o espaço de uniformidade entre as línguas, os parâmetros são os espaço de diferença entre elas, de variação. Assume-se que essa variação não é infinita, mas restrita. No caso do Parâmetro do Sujeito Nulo visto acima, a variação é resultado de uma escolha entre duas possibilidades (valores):

(10) Parâmetro do Sujeito Nulo

Para uma língua L, a posição de sujeito pode ser preenchida por um constituinte nulo (isto é, sem manifestação fonética)?

a. Sim → Língua de sujeito nulo

b. Não → Língua de sujeito não nulo

Se os dados linguísticos aos quais a criança tem acesso, no processo de aquisição, fornecerem evidência de que a língua permite que a posição de sujeito seja preenchida por um constituinte sem manifestação fonética, a criança marcará o Parâmetro do Sujeito Nulo com o valor positivo, e sua língua terá as propriedades de sujeito nulo. Se os dados linguísticos fornecerem evidência de que a língua não permite que a posição de sujeito seja preenchida por um constituinte sem manifestação fonética, a criança marcará o Parâmetro do Sujeito Nulo com o valor negativo, e sua ela terá as propriedades de uma língua de sujeito não nulo.

Além de trazer uma nova perspectiva para o processo de aquisição de língua, a Teoria de Princípios e Parâmetros também trouxe contribuições para o campo da variação linguística e da tipologia linguística: "na abordagem Princípios e Parâmetros, os problemas de tipologia e de variação linguística surgem de uma forma um pouco diferente da anterior. Diferenças entre as línguas e tipologia linguística devem ser reduzidas à escolha dos valores dos parâmetros" (Chomsky 1995, p. 6).

A Teoria de Princípios e Parâmetros, ao trazer uma nova visão para a arquitetura da Gramática Universal, fomentou muitas discussões sobre a natureza da linguagem humana. Na seção seguinte, apresentaremos o resultado dessas discussões.

1.2 O Programa Minimalista

O conhecimento sobre a natureza da linguagem humana e sobre as propriedades de línguas particulares produzido no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros abriu caminho para novos questionamentos sobre a Faculdade da Linguagem. Esses questionamentos deram origem ao Programa Minimalista, um programa de pesquisa que se desenvolve tomando a Teoria de Princípios e Parâmetros como quadro teórico de referência.

> O programa minimalista é a tentativa de explorar essas questões. Sua tarefa é examinar cada dispositivo (princípio, ideia, etc.) empregado na caracterização das línguas com vistas a determinar até que ponto ele pode ser eliminado em favor de uma explicação baseada em princípios em termos de condições gerais de eficiência computacional e da condição de interface que o órgão deve satisfazer para que funcione. Dito de outra forma, o objetivo é determinar exatamente quais aspectos da estrutura e do uso da linguagem são específicos da faculdade de linguagem e, portanto, carecem de explicação baseada em princípios neste nível.
>
> (Chomsky 2004, p. 106)

Seu objetivo é repensar aspectos da Faculdade da Linguagem, tais como sua organização interna e as ferramentas usadas para a descrição dos fenômenos, mantendo somente o que é conceitualmente motivado. Dessa forma, simplifica-se a organização interna da Faculdade da Linguagem e economizam-se os recursos usados na descrição e na explicação dos fenômenos.

Nessa nova perspectiva, Chomsky defende que a Faculdade da Linguagem consiste de dois componentes: um Léxico e um Sistema Computacional. Vejamos cada um desses componentes a seguir.

1.2.1 Léxico

No Programa Minimalista, o Léxico é concebido como um conjunto de itens lexicais, o quais são especificados para determinadas características (denominadas traços). Há três espécies de traços: os traços fonológicos, os traços semânticos e os traços formais. Para exemplificar cada um desses traços, tomemos a palavra *gato*:

(11) gato

a. traços fonológicos: /'ga.to/

b. traços semânticos: entidade, contável, não-humano, felino, quadrúpede, ronrona, mia…

c. traços formais: N, masculino, singular, 3ª pessoa,

Os traços fonológicos estão associados à produção de uma palavra. No caso da palavra *gato*, seus traços fonológicos indicam que: a) começa com uma oclusiva sonora /g/; b) é composta de quatro segmentos /g-a-t-o/; c) tem duas sílabas /ga/ e /to/; d) suas duas sílabas têm a estrutura C-V; e) sua sílaba tônica é /ga/ e assim por diante.

Os traços semânticos correspondem a especificações referentes ao conteúdo de uma palavra. Na palavra *gato*, seus traços semânticos informam que: a) se trata de uma entidade (por oposição a uma qualidade ou a um evento); b) pode ser contado; c) não tem características humanas; d) é um felino; e) apresenta quatro patas; f) ronrona; g) mia, entre outras propriedades semânticas.

Os traços formais ou morfossintáticos "alimentam" o Sistema Computacional na derivação dos objetos sintáticos. A palavra *gato* tem os seguintes traços: a) traço categorial substantivo (N); b) masculino; c) singular; d) 3ª pessoa. Os traços de gênero, número e pessoa fazem parte de um grupo de traços denominados traços-φ. Além do traço categorial e dos traços-φ, um outro traço formal é o traço de Caso, que especifica a função que um substantivo (ou pronome) desempenha na oração. Como a palavra *gato* não está em uma oração, ele apresenta o traço de Caso como um de seus traços formais, mas esse traço não tem valor definido.

Levando em conta o traço categorial dos itens lexicais, esses elementos são organizados no Léxico em categorias lexicais / substantivas e categorias funcionais. As categorias lexicais são classes de palavras denominadas "classes abertas", ou seja, classes de palavras que permitem a criação de novos membros. Além disso, as palavras lexicais têm conteúdo descritivo, podem selecionar argumentos e atribuir papel temáticos a esses argumentos. Pertencem a esse grupo: substantivos, verbos, adjetivos, alguns advérbios e algumas preposições.

Já as categorias funcionais são classes de palavras chamadas de "classe fechada" por não permitir a criação de novos itens em seu repertório. As palavras funcionais são caracterizadas por propriedades sintáticas bem definidas e por defectividade em relação às suas propriedades semânticas, por exemplo, categorias funcionais não atribuem papel temático. Adger (2003, p. 165) explica que "categorias funcionais servem não apenas para acrescentar semântica não temática às categorias lexicais, mas também para fornecer posições na estrutura das orações e sintagmas que se relacionam às categorias lexicais de várias maneiras" (tradução nossa). Entre as várias categorias funcionais, Chomsky (1995, 2000, 2001, 2008) destaca: Complementizador (C), Tempo (T), Determinante (D) e verbo leve (*v*). Suas propriedades são apresentadas abaixo:

(12) Categorias funcionais

a. Complementizador: categoria que indica modo ou força da oração (declarativa, interrogativa, etc)

b. Tempo: categoria que apresenta os traços [±finito] com outras subdivisões e implicações sobre a estrutura do evento e talvez outras propriedades.

c. Determinante: categoria que se associa aos substantivos e "pode ser o local do que é livremente chamado de 'referencialidade'" (Chomsky 1995, p.220)

d. Verbo leve: categoria que funciona como núcleo das construções transitivas, associado a uma estrutura argumental completa.

Apresentadas as características básicas do Léxico, passemos ao segundo componente da Faculdade da Linguagem.

1.2.2 Sistema Computacional

O Sistema Computacional para a Linguagem Humana (C_{HL}) é um procedimento derivacional e recursivo que é responsável por gerar expressões linguísticas a partir dos (os traços formais dos) itens extraídos do Léxico. Para produzir as expressões linguísticas, esse Sistema Computacional conta com algumas operações que são: *Merge* (também conhecido como *External Merge*) *Agree* e *Move* (também chamado *Internal Merge*). Vejamos cada uma dessas operações.

Para começar o processo de derivação das estruturas linguísticas, é necessário que o Sistema Computacional vá ao Léxico e selecione de lá os itens do Léxico que serão usados na computação. Essa a operação *Select* produz uma Numeração que conterá informação sobre os itens que entrarão na derivação (categorias lexicais e funcionais) e um índice que indica a quantidade de vezes que eles serão usados. Toda vez que um item da Numeração for usado, seu índice é diminuído.

Selecionada uma Numeração, o Sistema Computacional não tem mais acesso ao Léxico. Todo o material que vai ser usado na derivação de uma determinada expressão linguística deve provir unicamente dessa Numeração.

Estabelecida a Numeração, o Sistema Computacional começa derivação. Para tanto, a operação *Merge*, uma operação binária, "toma dois objetos sintáticos (α, β) e forma K (α, β) a partir deles" (Chomsky, 2000, p.101). Os objetos sintáticos α e β são identificados com elementos presentes na Numeração. Para Chomsky (2001, p. 3), *Merge* é "a operação

indispensável de um sistema recursivo". Essa operação é conhecida também como *External Merge* porque ela opera com base em elementos que ainda estão fora da computação: ela envolve itens que são retirados da Numeração e entram na computação, ou seja, até a sofrerem os efeitos da operação *Merge*, esses itens ainda eram externos à derivação sintática.

Na construção das expressões linguísticas, os traços dos itens lexicais interagem. Essa interação é mediada pela operação *Agree*, que relaciona os traços de uma Sonda com os traços de um Alvo. A Sonda é uma categoria funcional portadora de traços-φ não-interpretáveis e não-valorados, e o Alvo apresenta traços-φ interpretáveis e valorados. A ideia é a que, por meio de *Agree*, os valores dos traços-φ do Alvo passem para os traços-φ da Sonda, valorando-os.

Para que a operação de *Agree* ocorra, as seguintes condições devem ser satisfeitas:

(13) Requisitos da operação *Agree*

a) a Sonda e o Alvo precisam estar em conformidade, ou seja, eles precisam ter o mesmo tipo de traços para realizar essa operação;
b) a Sonda e o Alvo também devem respeitar a Condição de Ativação, que exige que o Alvo tenha, pelo menos, um traço não-valorado;
c) a Sonda deve c-comandar o Alvo; e
d) a Sonda e o Alvo devem estar em um determinado domínio.

O domínio ao qual (13b) faz referência é definido como Fase. Para Chomsky, uma Fase é um constituinte sintático formado de uma subparte de uma Numeração (isto é, uma Subnumeração) que contém um núcleo de Fase. Dois são os núcleos de Fase: complementizador e verbo leve. Esses núcleos formam as duas Fases: CP e *v*P.

Por fim, a operação *Move* (*Internal Merge*) é uma combinação das operações *Merge* e *Agree*. Segundo Chomsky (2000, p. 101), *Move* "estabelece concordância entre α e F e concatena P(F) a αP, onde P(F) é um sintagma determinado por F (...) e αP é uma projeção nucleada por α. P(F) se torna o especificador (Spec) de α ([Spec, α])".

1.2.3 Exemplificando as operações do Sistema Computacional

Nesta subseção, vamos mostrar como cada uma das operações do Sistema Computacional, vista acima, interagem na derivação da oração *O passarinho comeu a pão*.

Considerando que a formação da Numeração é o primeiro passo necessário para a derivação de uma oração, a Numeração associada a oração em estudo é a seguinte:

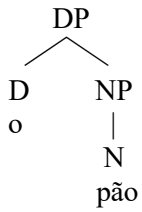
(14) N: { C_1 , T_1, v_1, o_2, passarinho$_1$, comer$_1$, pão$_1$ }

Essa Numeração contém duas Subnumerações, cada uma contendo um núcleo de Fase:

(15) a. N_1: { v_1, o_2, passarinho$_1$, comer$_1$, pão$_1$ }
b. N_2: { C_1 , T_1 }

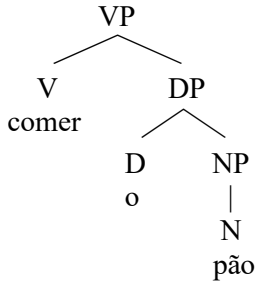
A derivação da oração começa a partir da Submuneração N_1. Primeiramente, a operação *Merge* (*External Merge*) se aplica ao determinante *o* e ao substantivo *pão,* formando novo constituinte, o DP [*o pão*]. Após a aplicação de *Merge* e a consequente formação do DP, o índice do artigo *o* e o do substantivo *pão*, são reduzidos na Numeração.

(16) a. N_1: { v_1, o_2, passarinho$_1$, comer$_1$, pão$_1$ } → { v_1, o_1, passarinho$_1$, comer$_1$, pão$_0$ }

b.


A seguir, o verbo *comer* é concatenado ao DP [*o pão*] e forma o VP. O índice do verbo é reduzido:

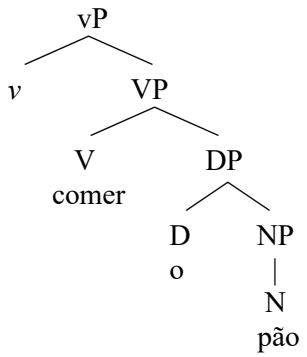
(17) a. N_1: { v_1, o_1, passarinho$_1$, comer$_1$, pão$_0$ } → { v_1, o_1, passarinho$_1$, comer$_0$, pão$_0$ }

b.


Introduz-se o verbo leve na derivação, com redução do seu índice.

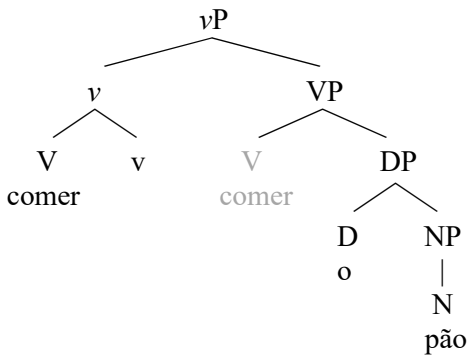
(18) a. N_1: { v_1, o_1, passarinho$_1$, comer$_0$, pão$_0$ } → { v_0, o_1, passarinho$_1$, comer$_0$, pão$_0$ }

b.



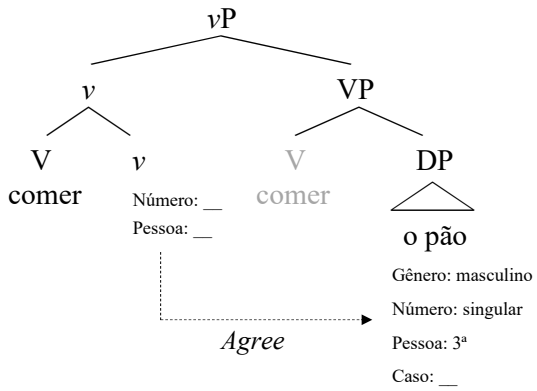
Em Português, a presença do verbo leve na derivação, faz com que haja deslocamento do verbo lexical *comer*, para se adjungir a esse núcleo funcional. É operação *Move*, que desloca esse verbo para outra posição e deixe na posição original do constituinte deslocado uma cópia (marcada pela cor cinza). Como essa operação envolve um constituinte que já faz da derivação, deslocando-o de sua posição original para se anexar a outra posição, ela é chamada também de *Internal Merge*.

(19)



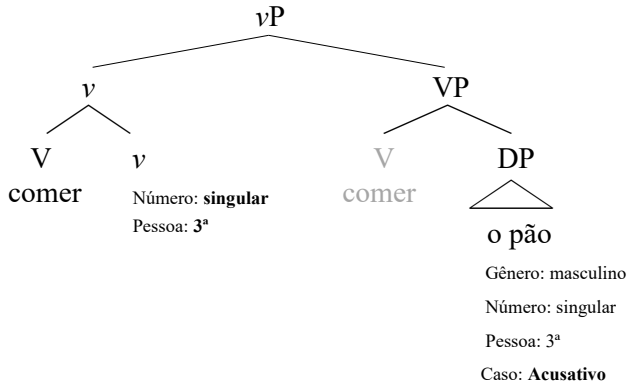
Como uma categoria funcional, *v* porta traços φ (número e pessoa) não valorados, que fazem desse núcleo uma Sonda. Esse núcleo sonda seu domínio de c-comando e encontra o DP [*o pão*], que é um Alvo ativo porque tem traços φ valorados e tem traço de Caso não valorado. Com isso, estabelece-se a operação *Agree* entre os traços da Sonda e do Alvo. Usaremos o triângulo para simplificar a estrutura complexa do DP [*o pão*]:

(20)



Após a operação *Agree*, os traços do Alvo valoram os traços da Sonda e, como consequência dessa operação, os traços da Sonda valoram os traços de caso do Alvo. Pelo fato de o DP ter estabelecido *Agree* com *v*, o seu traço de Caso recebe valor Acusativo dessa Sonda.

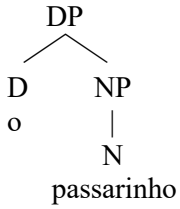
(21)



O verbo leve, por ser o núcleo de uma construção transitiva, também abre espaço para a introdução de um argumento externo, associado à função temática de agente. Antes disso, é necessário que o DP [*o passarinho*] já esteja formado por meio de *Merge*:

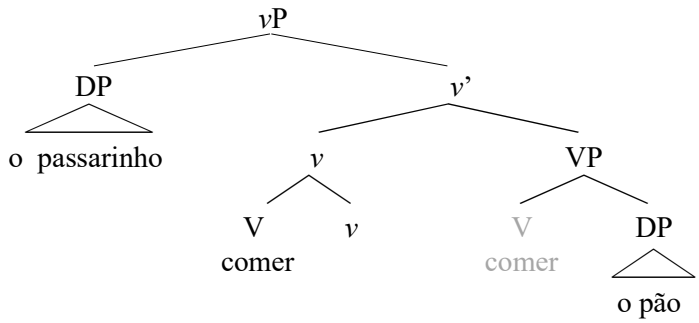
(22) a. N_1: { v_0, o_1, passarinho$_1$, comer$_0$, pão$_0$ } → { v_0, o_0, passarinho$_0$, comer$_0$, pão$_0$ }

b.



Para depois, ele ser inserido como o argumento externo do *v*:

(23)

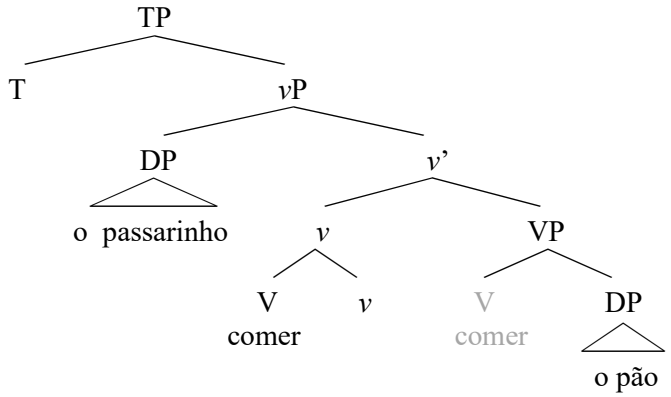


A Subnumeração N_1 foi exaurida, isto é, não mais nenhum elemento que deva ser introduzido na Numeração. O resultado é a Fase *v*P, cujo núcleo é *v*.

Passemos agora à Submuneração N_2. O primeiro passo e a introdução de núcleo funcional T, o qual vai trazer informações sobre o tempo da oração.

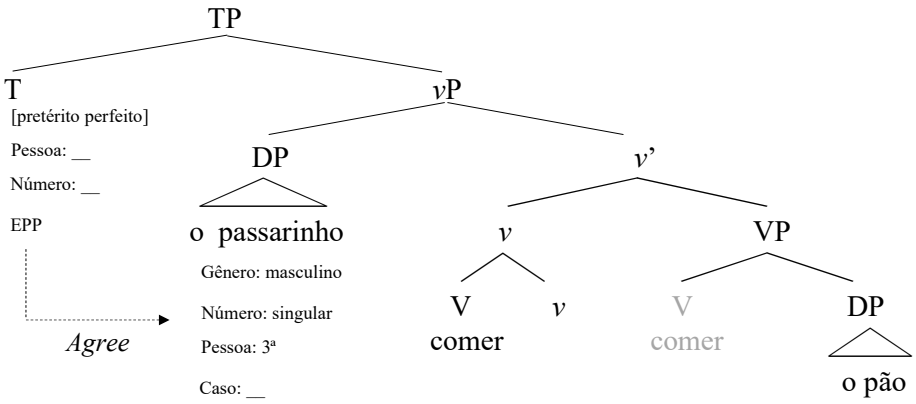
(24) a. N_2: $\{ C_1 , T_1 \} \rightarrow \{ C_1 , T_0 \}$

b.



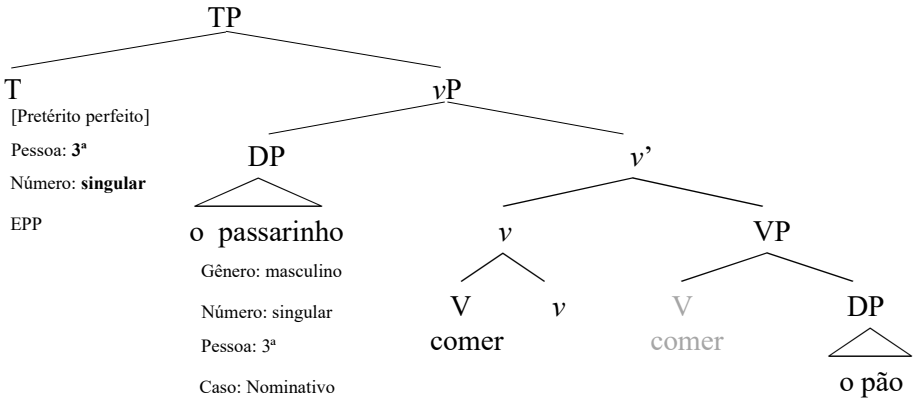
Além do traço de pretérito perfeito do indicativo, T ainda porta traços φ (número e pessoa) não valorados e um traço EPP. Os traços φ não valorados fazem de T uma Sonda. Esse núcleo procura um Alvo no seu domínio de c-comando e encontra o DP [*o passarinho*], que se configura como um Alvo ativo porque tem traços φ valorados e tem traço de Caso não valorado. O DP [o pão], por ter seu traço de Caso valorado como Acusativo, deixou de ser ativo para computações. Com isso, estabelece-se a operação *Agree* entre os traços da Sonda e do Alvo.

(25)



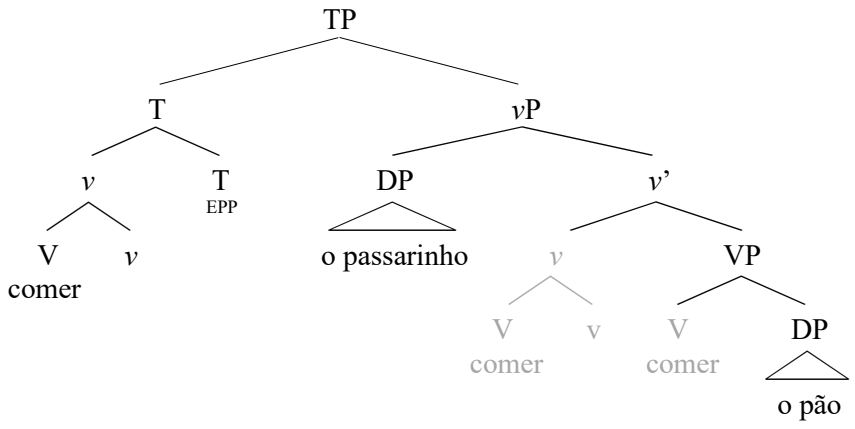
Depois que ocorre a operação *Agree*, os traços-φ do DP [*o passarinho*], o Alvo, valoram os traços-φ de T, a Sonda e, como consequência dessa operação, a Sonda valora o traço de Caso do Alvo. Pelo fato de o DP ter estabelecido *Agree* com T, o seu traço de Caso recebe valor Nominativo:

(26)



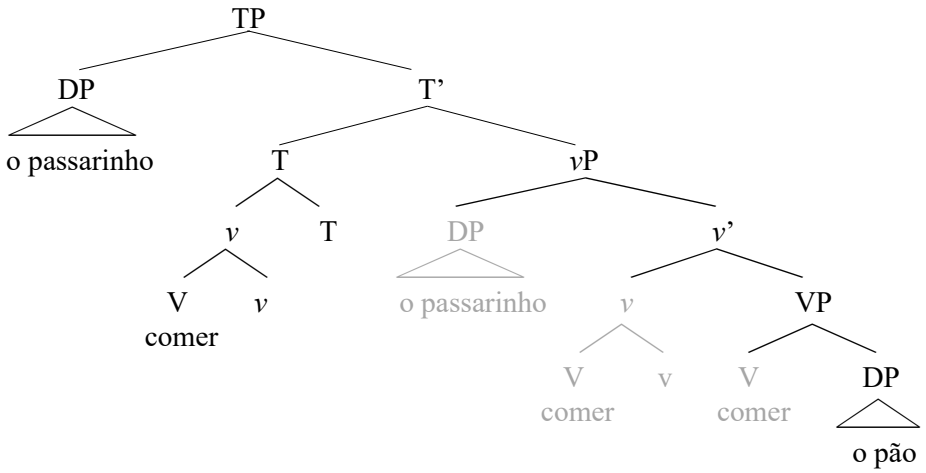
O núcleo T, em Português, tem a propriedade de ativar movimento do verbo (*Internal Merge*). T atrai o verbo *comer* para se adjungir a ele (da mesma forma que *v* atraiu esse verbo). Então o complexo formado por [$_v$ comer *v*] se desloca para T, deixando uma cópia em *v*:

(27)



Por fim, T ainda tem um traço EPP, que precisa ser licenciado. O meio de licenciar esse traço é por meio da inserção de um constituinte nominal no especificador de T. O DP [*o passarinho*], que estabeleceu *Agree* com esse núcleo funcional, vai sofrer movimento para satisfazer o EPP de T:

(28)

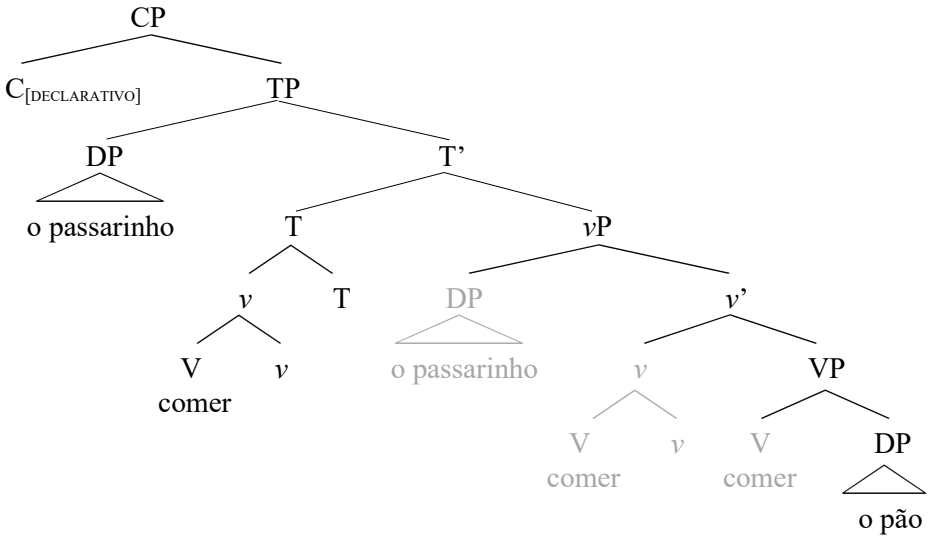


Quando o DP [*o passarinho*] sofre movimento para especificador de TP, o traço EPP de T é satisfeito.

O último passo da oração é o *Merge* do complementizador, que vai trazer informações sobre a força ilocucionária de sentença, nesse caso, declarativa:

(29) a. N_2: { C_1 , T_1 } → { C_0 , T_0 }

b.



Com esse passo, a Numeração 2 se exaure e, se não existe nenhum traço ofensivo, a derivação converge nas interfaces. Dessa forma, foi apresentado como as operações do Sistema Computacional interagem na derivação da oração *O passarinho comeu o pão*.

Conclusões preliminares

Neste capítulo, nosso objetivo foi apresentar uma visão geral da Teoria Gerativa. Para tanto, mostramos como essa teoria concebe a linguagem humana e como se dá o processo de aquisição de língua. Além disso, discorremos sobre as duas versões anteriores dessa teoria: o modelo de regras e transformações e o modelo de princípios e parâmetros. Apresentados esses modelos, centramos nossa atenção do Programa Minimalista, que é um programa de pesquisa inserido na Teoria de Princípios e Parâmetros. Ao tratar da Teoria Gerativa, em sua versão minimalista, este capítulo fornece o pano de fundo teórico que vai embasar a nossa pesquisa sobre o verbo *deixar*. Esse verbo será estudado à luz dos pressupostos do Programa Minimalista, especificamente o sistema de Fases e o modelo de valoração.

CAPÍTULO 2

Sobre a natureza lexical dos verbos aspectuais: entre verbos de alçamento e verbos de controle

Introdução

Neste capítulo, vamos apresentar as abordagens propostas na literatura acerca da natureza dos verbos aspectuais como verbos de natureza lexical. Para tanto, partiremos da proposta clássica de Perlmutter (1968, 1970), na qual se defende, a partir do comportamento do verbo *begin*, a existência de duas representações sintáticas para esse verbo, e para os aspectuais em geral: uma estrutura intransitiva (que corresponde atualmente a um predicado de alçamento) e uma estrutura transitiva (que corresponde atualmente a um predicado de controle). Em seguida apresentaremos os trabalhos de Newmeyer (1975) e Rochette (1999), que refutam a análise segundo a qual os verbos aspectuais são verbos de controle. Por fim, discutimos o trabalho de Grano (1996), que segue a análise de Perlmutter (1970) e trata os aspectuais como verbos ambíguos, podendo apresentar uma estrutura de alçamento e uma de controle.

2.1 Perlmutter (1968, 1970)

Em seu trabalho, com base no comportamento do verbo *begin*, Perlmutter (1968, 1970) afirma que esse verbo está associado a duas estruturas diferentes: uma estrutura intransitiva e uma estrutura transitiva.[1]

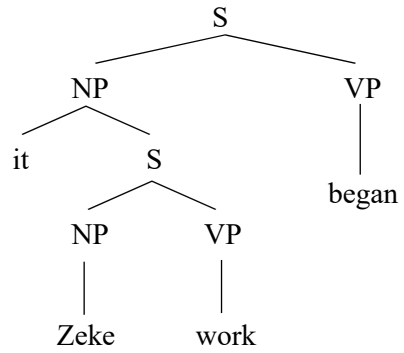
O autor começa sua análise, mostrando a estrutura intransitiva de *begin* a partir do exemplo abaixo:

(1) Zeke began to work.
'Zeke começou a trabalhar'

[1] Como o autor desenvolve sua pesquisa em uma perspectiva mais antiga da Teoria Gerativa, ele usa os termos estrutura intransitiva e estrutura transitiva. Atualizando essa caracterização, o que Perlmutter chama de estrutura intransitiva corresponde ao que se denomina atualmente estrutura/verbo de alçamento, enquanto o que ela chama de estrutura transitiva corresponde ao que se conhece como estrutura/verbo de controle.

No dado em (1), *begin* é considerado um verbo intransitivo (como *seem* e *happen*) que, na Estrutura Profunda, tem um sujeito abstrato (ou seja, sentencial), como mostra a representação em (2):[2]

(2)



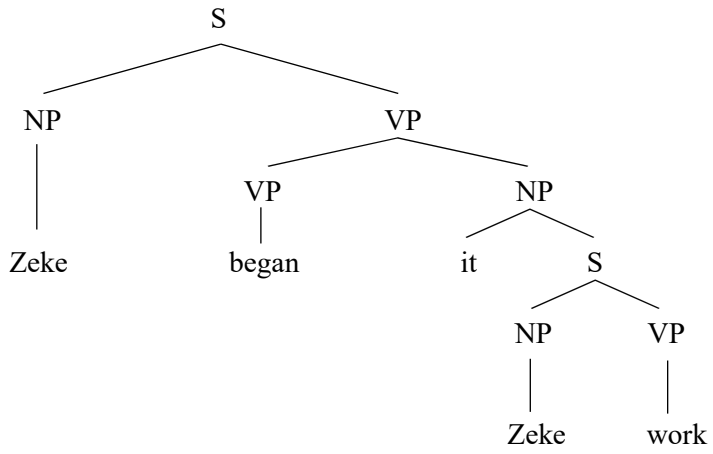
Para produzir a oração em (1), o NP sujeito [*Zeke*], presente na oração encaixada S, em (2), substitui o pronome *it*, por meio da transformação *it-replacement*, e o restante do constituinte S é movido para a direita e passa a ser dominado pelo VP.

A impossibilidade de orações como (3) favoreceria uma análise transitiva para esse verbo:

(3) *Zeke began for Oscar to work.

Nessa análise, *begin* teria a seguinte Estrutura Profunda:

(4)



[2] Todas as representações sintáticas que são apresentadas nesta seção foram extraídas do trabalho de Perlmutter (1970).

Em (4), tanto o verbo *began* como o verbo *work* têm o mesmo sujeito em Estrutura Profunda. Trata-se da restrição de sujeito semelhante que *begin* transitivo (da mesma forma verbos como *try*, *condescend* e *refuse*) impõe ao seu complemento, segundo a qual o sujeito da oração encaixada deve ser idêntico ao sujeito da oração matriz. Para produzir a estrutura transitiva de (1), aplicam-se a (4) várias transformações, entre elas a supressão de sujeito equivalente/idêntico (*Equi-NP deletion*), que apaga o sujeito da oração encaixada, que é idêntico ao da matriz.

O autor apresenta evidência para essas as duas estruturas propostas para o verbo *begin*. Comecemos com o estudo da estrutura intransitiva proposta.

2.1.1 Evidências em favor da estrutura intransitiva de *begin*

Perlmutter apresenta um conjunto de 5 argumentos favoráveis à proposta de uma estrutura intransitiva para o verbo *begin*, ou seja, uma estrutura na qual esse verbo se combina apenas com sujeito abstrato/sentencial, como se ilustra em (2).

O primeiro argumento tem a ver como a possibilidade de o verbo *begin* poder ocorrer em estruturas nas quais o sujeito é uma oração nominalizada, como mostra o dado abaixo:

(5) The doling out of emergency rations began.
‘A distribuição de rações emergenciais começou’

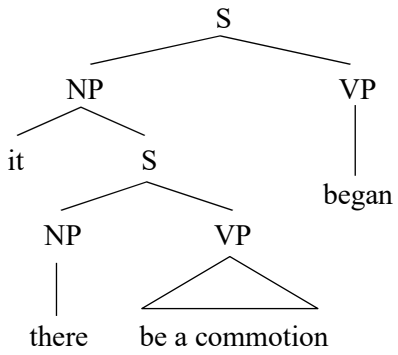
Para que essa oração seja produzida, *begin* deve aparecer em uma Estrutura Profunda como (2).

O segundo argumento apresentado pelo autor leva em consideração a possibilidade de o verbo *begin* ter o expletivo *there* como sujeito:

(6) There began to be a commotion.
‘Começou a haver uma comoção’

Perlmutter explica que não seria possível que (6) tivesse uma Estrutura Profunda como (4), pois, para isso, *there* teria que ser o sujeito de *begin* já na Estrutura Profunda, porém há evidências de que *there* é introduzido por uma transformação. Logo, a Estrutura Profunda de (6) seria a mesma em (2):

(7)



A partir dessa estrutura, para produzir (6), *there* substitui *it* e *be a commotion* se desloca para a direita e fica sob o domínio do VP.

A terceira evidência para a estrutura intransitiva de *begin* provém de orações com o pronome expletivo *it* com verbos meteorológicos:

(8) It began to rain.
'Começou a chover'

Se (8) deriva de uma Estrutura Profunda como (4), seria necessário postular que *it* ocorre como sujeito profundo de *begin*. Assumindo-se que (8) deriva da Estrutura Profunda em (2), o sujeito encaixado é a oração *it rain* e a Estrutura Superficial é produzida a partir de regras motivadas independentemente.

A quarta evidência tem relação com a sinonímia dos exemplos abaixo:

(9) a. The noise began to annoy John.
'O barulho começou a incomodar John.'
b. John began to be annoyed by the noise.
'John começou a se sentir incomodado pelo barulho.'

Os exemplos acima expressam a ideia de que *John* sofreu com o incômodo causado pelo barulho. A ideia do autor é a de que, se essas orações tivessem uma Estrutura Profunda como (4), não se esperaria a sinonímia, já que (9a) teria *the noise* como sujeito, ao passo que (9b) teria *John* como sujeito. Se ambas as orações derivam de uma mesma Estrutura Profunda como (2), a diferença entre elas seria apenas a aplicação da transformação passiva: em (9a), não se aplica a transformação passiva e, em (9b), ela se aplica. Dessa forma, a sinonímia é garantida.

Por fim, a última evidência apresentada pelo autor (e a mais forte segundo ele) em favor de uma estrutura intransitiva para *begin* vem das propriedades distribucionais das palavras *recourse*, *heed* e *headway*, que não ocorrem como substantivos livres. Na Estrutura Profunda, esses substantivos só podem ocorrer associados a verbos, formando estruturas fixas: *have recourse*, *pay heed* e *make headway*. Interessante que, essas estruturas, mesmo sendo fixas, podem ser apassivadas:

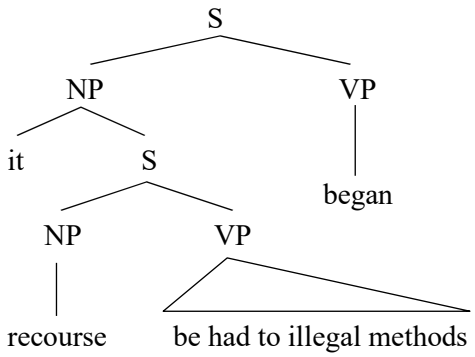
(10) a. Recourse was had to illegal methods.
'Recorreu-se a métodos legais.'
b. Heed was paid to urban problems.
'Foi dada atenção aos problemas urbanos.'
c. Headway was made toward a solution.
'Houve progresso em direção à uma solução'

Isso mostra que, se os substantivos *recourse*, *heed* e *headway* ocorrem em Estrutura Profunda apenas sob a forma das estruturas fixas *have recourse*, *pay heed* e *make headway*, esses substantivos não poderão aparecer como sujeito de *begin* na Estrutura Profunda. Dessa forma, as orações em (11) não podem ser produzidas a partir de uma Estrutura Profunda como (4), mas como (2):

(11) a. Recourse began to be had to illegal methods.
'Começou a recorrer-se aos métodos legais.'
b. Heed began to be paid to urban problems.
'Atenção começou a ser dada aos problemas urbanos.'
c. Headway began to be made toward a solution.
'Começou a haver progresso em direção à solução.'

Por exemplo, a partir dessa estrutura intransitiva do verbo *begin*, a transformação passiva se aplicaria à sentença S e produziria a representação em (12), que representa parte da estrutura de (11a):

(12)



A partir da representação acima, *it* é substituído pelo NP [*recourse*], e o restante da estrutura encaixada S é deslocado para a direita e passa a ser dominado pelo VP.

2.1.2 Evidências em favor da estrutura transitiva de *begin*

Tendo apresentado as evidências que apoiam a proposta de uma estrutura intransitiva para o verbo *begin*, Perlmutter parte para apresentar argumentos favoráveis a uma estrutura transitiva para esse verbo. Vale destacar que três são as características do verbo *begin* transitivo: a) seleção de sujeito animado; b) restrição de sujeito equivalente; e c) complemento sob a forma oracional.

O primeiro argumento para considerar uma estrutura transitiva para *begin* tem a ver com a possibilidade de esse verbo poder formar nominalização agentiva (13a), diferentemente de verbos como *seem* e *happen*:

(13) a. Pete is a beginner.
‘Pete é um iniciante’
b. *Pete is a seemer.
Literalmente: ‘Pete é um parecedor’
c. *Pete is a happener.
Literalmente: ‘Pete é um acontecedor’

Esses contrastes seguem do fato de o verbo *begin* transitivo selecionar um sujeito animado em Estrutura Profunda. Como vimos anteriormente, verbos como *seem* e *happen* são intransitivos e não selecionam sujeito animado na Estrutura Profunda.

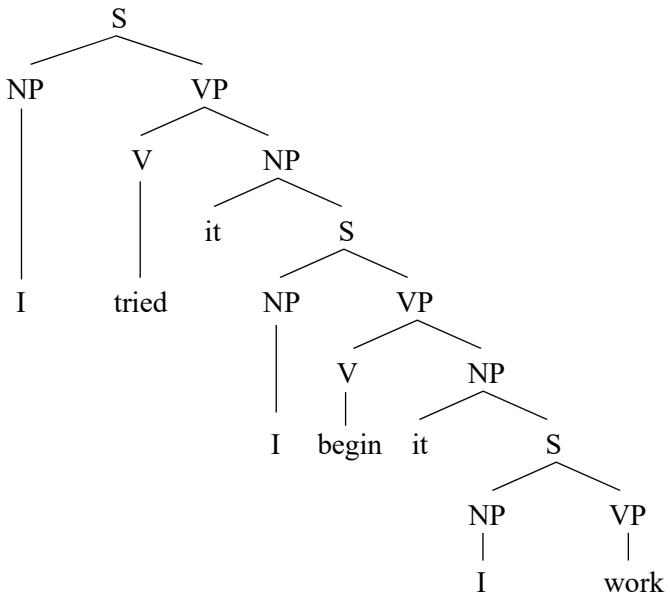
O segundo argumento usado pelo autor se relaciona com a restrição de sujeito idêntico, segundo a qual o sujeito da oração encaixada a verbos como *begin*, *try*, *condescend* e *refuse* é

necessariamente idêntico ao sujeito desses verbos. Nessa perspectiva, uma oração como (14a) teria a Estrutura Profunda de (14b):

(14) a. I tried to begin to work.

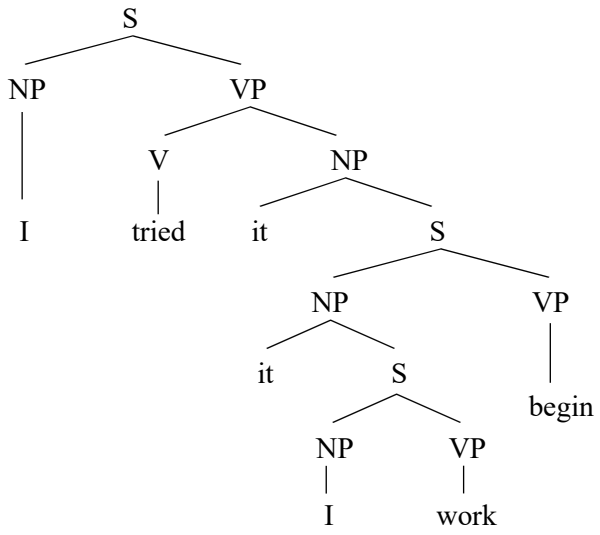
‘Eu tentei começar a trabalhar’

b.



Na Estrutura Profunda de (14a), o verbo *try* tem como sujeito o pronome *I*. Como esse verbo impõe a restrição de sujeito idêntico ao seu complemento oracional, o sujeito da oração com verbo *begin* também é *I*. Esse verbo, por sua vez, também impõe a restrição de sujeito idêntico ao seu complemento oracional, por isso, o sujeito da oração com o verbo *work* é *I*. Essa restrição é satisfeita se assumimos uma estrutura transitiva para *begin* como em (14b) acima. Se assumirmos que *begin* só apresenta uma estrutura transitiva, a Estrutura Profunda de (14a) seria (15):

(15)



Essa Estrutura Profunda viola a restrição de sujeito idêntico, uma vez que o sujeito do verbo *try* é *I*, mas o sujeito do seu complemento oracional é todo o NP. Por violar uma restrição, o resultado é agramatical.

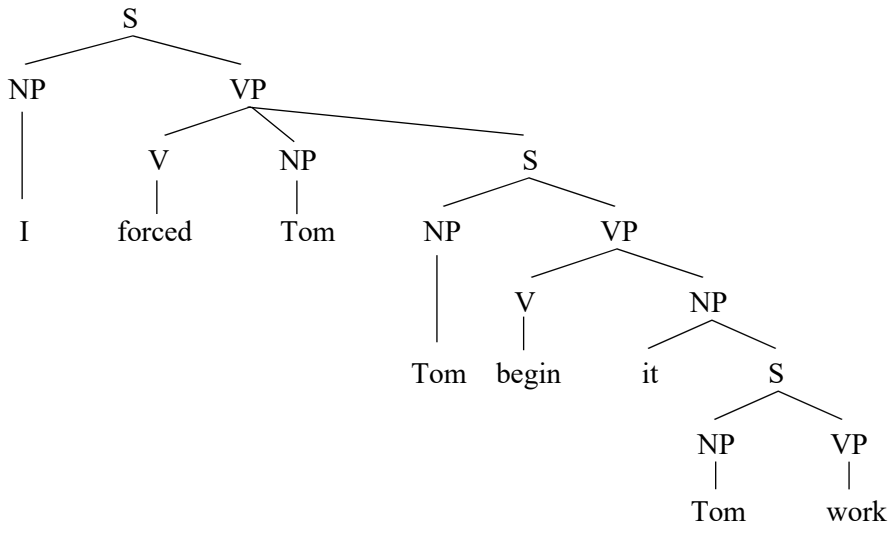
O terceiro argumento utilizado por Perlmutter em favor de uma estrutura transitiva para *begin* está relacionado a orações como (16):

(16) I forced Tom to begin to work.

‘Eu forcei Tom a começar a trabalhar.’

Verbos como *force* exigem que o seu objeto e o sujeito da sentença encaixada a eles sejam idênticos. Nós já vimos que *begin* impõe a restrição de sujeito idêntico ao seu complemento. Combinando as duas restrições, a Estrutura Profunda de (16) é (17):

(17)



Em (17), *force* tem como complemento o NP [*Tom*] e a oração S. Dada a restrição que *force* impõe à sua oração complemento, o sujeito dessa oração deve ser idêntico ao seu objeto. Nessa oração complemento de *force*, há o verbo *begin*, que impõe a restrição de sujeito idêntico ao seu complemento oracional. Sendo assim, o sujeito dessa oração é idêntico ao sujeito de *begin*. Em resumo, o NP [*Tom*] aparece três vezes na Estrutura Profunda em (17): como objeto do verbo *force*, como sujeito da oração complemento de *force* (a oração com o verbo *begin*) e como sujeito da oração complemento de *begin*. Essa Estrutura Profunda mostra que um verbo *begin* que ocorre com sujeito animado e com complemento oracional. Trata-se, portanto, da estrutura transitiva de *begin*.

O quarto argumento usado em favor de uma estrutura transitiva para o verbo *begin* vem de orações imperativas:

(18) Begin to work.
'Começe a trabalhar'

A ideia de Perlmutter (1970) é a de que imperativos exigem um sujeito de 2ª pessoa. Sendo (18) uma oração gramatical no imperativo, o seu sujeito é, necessariamente de 2ª pessoa. Isso só é garantido se assumirmos que o verbo *begin* selecione sujeito animado e complemento oracional na Estrutura Profunda.

O quinto argumento que Perlmutter usa para justificar uma estrutura transitiva para o verbo *begin* considera especificamente o complemento desse verbo. Na Estrutura Profunda, *begin* transitivo tem como complemento um NP que domina uma oração. Por ter um NP como complemento, além de oração, *begin* pode se combinar com complemento de natureza nominal, como (19a) ilustra:

(19) a. Sam began the job
'Sam começou o trabalho'
b. The job was begun by Sam.
'O trabalho foi começado por Sam'

Por ser um verbo transitivo que se combina com um complemento de natureza nominal, *begin* pode ser apassivado, como (19b) mostra.

Por fim, o último argumento apresentado pelo autor, refere-se a casos de apagamento do objeto de *begin*:

(20) Mark began, enthusiastically, but he got tired by noon.
'Mark começou, entusiasmadamente, mas ele se cansou ao meio-dia.

Perlmutter afirma que nessa oração, *begin* aparece sem objeto manifesto e com significado parecido com o significado que verbos como *eat* e *read* exibem quando aparecem sem o objeto. Sendo *begin* um verbo transitivo, esse verbo é marcado para poder sofrer apagamento do objeto, como os verbos *eat* e *read*. Ou seja, para produzir a oração (20), apaga-se o objeto de *begin* presente na Estrutura Profunda.

Com isso, finalizamos a apresentação das proposta de Perlmutter (1968, 1970) a respeito de duas Estruturas Profundas para o verbo *begin*. Como verbo intransitivo, *begin* tem como característica principal a seleção de sujeito abstrato/oracional que pode ter como consequência em Estrutura Superficial, a possibilidade de *begin* aparecer com sujeito inanimado. Como transitivo, *begin* tem como características: a) a seleção de sujeito animado; b) a restrição de sujeito idêntico; e c) a seleção de complemento oracional.

Embora tenha tratado especificamente de *begin*, o autor afirma que "as propriedades de *begin* que foram apresentadas aqui são compartilhadas por verbos tais como *start, continue*, *keep* e *stop*, bem como por verbos que parecem ser bastante diferentes" (Perlmutter, 1970, p. 114). Considerando os verbos aspectuais, a proposta de Perlmutter não se aplica apenas a *begin* como uma idiossincrasia lexical, mas se aplica a esse classe como um todo: os verbos aspectuais se caracterizam por apresentarem uma estrutura intransitiva e uma estrutura transitiva.

2.2 Newmeyer (1975)

O trabalho de Newmeyer tem como objetivo mostrar que os verbos aspectuais, denominados por ele de *begin-class*, devem ser analisados como verbos de intransitivos, em contraposição à proposta de Perlmutter (1968, 1970), segundo a qual *begin* (e os aspectuais) estão associados a uma estrutura intransitiva e a uma estrutura transitiva.

Tomando como ponto de partida a argumentação de Perlmutter em favor de sua análise de *begin* (e dos aspectuais), Newmeyer afirma que os argumentos usados pelo autor para descrever *begin* como um verbo caracterizado por apresentar duas estruturas sintáticas são

fracos. No entanto, antes de abordar as explicações que considera falhas, Newmeyer aponta duas restrições estruturais que afetam a *begin-class* (verbos aspectuais):

A primeira restrição tem relação com a impossibilidade de *begin* ocorrer em orações nas quais há dois adjuntos adverbiais do mesmo tipo:

(21) a. *John began at 10 o'clock to work at midnight.
'John começou às 10 horas a trabalhar à meia-noite'
b. *John began nastly to work merrily.
'John começou sordidamente a trabalhar alegremente'
c. *With a knife John began to butcher Otto with a cleaver.
'Com uma faca John começou a matar Otto com um cutelo'
d. *John began in Boston to work in Cambridge.
'John começou em Boston a trabalhar em Cambridge'

A partir dos dados acima é possível notar que as orações com adjuntos adverbiais do mesmo tipo. Em (21a), tem-se a ocorrência de dois adjuntos de tempo; em (21b), dois adjuntos de modo; em (21c), dois adjuntos de instrumento; e, em (21d), dois adjuntos locativos.

A segunda restrição refere-se à impossibilidade de o verbo *begin* co-ocorrer com tempo e aspecto independentemente de seu complemento:

(22) a. John is beginning to work right now.
'John está começando a trabalhar agora'
b. *John was beginning to work right now.
'John estava começando a trabalhar agora'
c. *John has begun to work right now.
'John começou a trabalhar agora'
d. *John had begun to work right now.
'John tinha começado a trabalhar agora'

Os exemplos em (22) mostram que a informação de tempo e aspecto de *begin* devem estar em consonância com a informação de tempo e aspecto de seu complemento. Em (22a), o aspectual *begin* está no presente contínuo, e esse tempo é compatível com o adjunto temporal *right now*, que marca tempo presente no complemento de *begin*. Como *begin* e seu

complemento têm a mesma informação de tempo e aspecto, a oração é gramatical. Em (22b), (22c) e (22d), por outro lado, há incompatibilidade da informação de tempo e aspecto do verbo *begin*, que se encontra no passado contínuo, no *present perfect* e no *past perfect*, respectivamente, com a informação de tempo e aspecto do seu complemento, manifestadas pelo adjunto *right now*, que marca tempo presente. Como o aspectual *begin* e o seu complemento têm informação de tempo e aspecto diferentes nesses três exemplos, as orações são agramaticais.

Resumindo: uma estrutura com um verbo aspectual se caracteriza por: a) não permitir mais de um advérbio do mesmo tipo; e b) não haver discordância entre a informação de tempo e aspecto do verbo aspectual e a informação de tempo e aspecto do seu complemento.

O próximo passo do trabalho é avaliar criticamente a proposta de Perlmutter (1968, 1970), especificamente em relação ao tratamento do verbo *begin* como um verbo transitivo, pois, para o autor, "os argumentos de Perlmutter em favor de uma estrutura subjacente intransitiva são impecáveis" (Newmeyer, 1975, p. 27).

O primeiro argumento da análise de *begin* como um verbo transitivo que é discutido por Newmeyer tem a ver com a seleção de sujeito agentivo.[3] Para ele, a agentividade do sujeito da versão transitiva de *begin* (e dos aspectuais) não está relacionada à transitividade desse verbo, uma vez que há orações em que verbos da classe de *begin* são transitivos, mas não se verifica a seleção de sujeito agentivo:

(23) John began to grow faster in his early teens.
'John começou a crescer mais rápido no início da adolescência'

No exemplo acima, *began* é um verbo transitivo, mas seu sujeito *John* não pode ser considerado como agente, pois ele não tem o poder de controlar a ação expressa pelo verbo *grow*. Observando a oração (24), sem o verbo *begin*, Newmeyer mostra que o sujeito *John* ainda mantém a interpretação não-agentiva:

(24) John grew faster in his early teens.
'John cresceu mais rápido no início da adolescência.'

[3] A partir de agora, seguiremos a argumentação de Newmeyer (1975) e discutiremos unicamente as instâncias de *begin* transitivo. Importante destacar que todas as afirmações que apresentarmos para o verbo *begin* se aplicam igualmente a todos os verbos da *begin-class*, ou seja, aos verbos aspectuais como um todo.

Diante disso, o autor conclui que *begin* (e os aspectuais) terá um sujeito agentivo se o verbo encaixado selecionar um. Não há casos, segundo Newmeyer, de orações em que *begin* se combina com um sujeito agentivo e o seu complemento não se combina com o mesmo tipo de sujeito.

O segundo argumento de análise de *begin* como verbo transitivo avaliado pelo autor é a exigência de sujeito idêntico, exigência essa que aproxima *begin* de verbos como *try*, *condescend* e *refuse*. Newmeyer tenta desmontar esse argumento, dizendo, se o verbo *begin* for um verbo transitivo que impõe a restrição de sujeito idêntico ao seu complemento, qualquer generalização que se faça acerca da classe dos verbos que impõem essa restrição ao sujeito de sua oração complemento se aplica ao verbo *begin*. Uma característica desses verbos é a possibilidade de o tempo do seu complemento ser independente do seu próprio tempo:

(25) a. Alice refused to go next week.
'Alice se recusou a ir na próxima semana'
b. Mrs. Green condescended to read a story tomorrow.
'A senhora Green condescendeu em ler uma história amanhã'
b. *Alice began to go next week.
'Alice começou a ir na próxima semana'

Em (25), a informação temporal dos verbos *refuse*, *condescend* e *begin* é passado, ao passo que a informação temporal do seu complemento é futuro, como mostram os adjuntos temporais. A combinação de informações temporais diferentes é gramatical em (25a) e em (25b), mas agramatical em (25c), com o aspectual *begin*. Se *begin* é um verbo transitivo como *refuse* e *condescend*, esse contraste é inesperado.

Um segundo aspecto em que *begin* se distingue dos verbos transitivos que impõem a restrição de sujeito idêntico é que o verbo *begin* pode se combinar com sujeitos animados ou não, ao passo que os verbos transitivos que impõem a restrição de sujeito idêntico não podem se combinar com sujeitos não-animados:

(26) a. *The doorknob tried to fall off.
'A maçaneta tentou cair'
b. The doorknob began to fall off.
'A maçaneta começou a cair'

Mais uma vez, o comportamento diferenciado desses dois verbos aponta para o fato de eles não pertencerem à mesma classe.

Outro aspecto em que o comportamento do verbo *begin* é distinto do comportamento dos verbos transitivos que impõem a restrição de sujeito idêntico tem a ver com a possibilidade de eles aceitarem nominalizações como complemento:

(27) a. John tried to open the lock.
'John tentou abrir a fechadura'
b. *John tried the opening of the lock.
'John tentou a abertura da fechadura'
c. The pilot refused to destroy the city.
'O piloto se recusou a destruir a cidade'
d. *The pilot refused the destruction of the city.
'O piloto se recusou a destruição da cidade'
e. The dean condescended to meet with the protestors.
'O reitor condescendeu em se reunir com os manifestantes'
f. *The dean condescended the meeting with the protestors.
'O reitor condescender em reunião com os manifestantes'
g. The guard began to torture the prisioners.
'O guarda começou a torturar os presos'
h. The guard began the torture of the prisioners.
'O guarda começou a tortura dos presos'

Os exemplos em (27) mostram que os verbos transitivos que impõem a restrição de sujeito idêntico não permitem nominalizações como seu complemento, ao passo que o verbo *begin* permite tais complementos.

Newmeyer estuda as orações em (28) e em (29), usadas por Perlmutter (1968, 1970) como evidência para a postulação de uma estrutura transitiva para *begin*:

(28) a. John tried to begin to work.
'John tentou a começar a trabalhar'
b. John tried to get (himself) to begin to work.
'John tentou fazer com que (ele mesmo) começasse a trabalhar'

(29) a. Sally refused to stop worrying.

‘Sally se recusou a parar de se preocupar’

b. Sally refused to let herself to stop worrying.

‘Sally se recusou a deixar a si mesma a parar de se preocupar’

A estrutura dos exemplos (28a) e (29a) é a seguinte: em primeiro lugar, há um verbo transitivo mais alto que impõe a restrição de sujeito idêntico ao seu complemento; em seguida, vem o complemento desse verbo, que é uma oração na qual se encontra um verbo aspectual (que também impõem essa restrição); por fim, segue-se a oração complemento do verbo aspectual. O argumento de Perlmutter é o seguinte: como o verbo aspectual se encontra entre dois verbos, para satisfazer a restrição de sujeito idêntico do verbo mais alto, o aspectual precisa ter sujeito e, para esse verbo ter sua própria restrição de sujeito idêntico satisfeita, ele precisa selecionar um complemento oracional. O resultado é que, nessa estrutura, *begin* (e os aspectuais) precisar ter uma estrutura transitiva.

Newmeyer, por sua vez, explica que os aspectuais *begin* e *stop* podem ser considerados intransitivos nos exemplos acima se considerarmos que as orações (28a) e (29a) derivam das estruturas (28b) e (29b), respectivamente. Em cada oração, há um verbo-*pro* causativo *let* e *get* entre o verbo transitivo que impõe a restrição de sujeito idêntica e o verbo aspectual. Com essa análise, a restrição de sujeito idêntico é satisfeita sem necessidade da postulação de um verbo aspectual transitivo.

Outro comportamento apontado por Perlmutter a favor da estrutura transitiva para *begin* é a possibilidade de esse verbo ter um complemento de natureza nominal:

(30) a. The man began the sermon.

‘O homem começou o sermão’

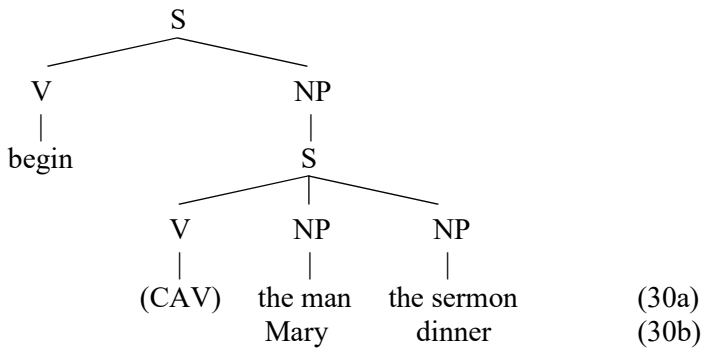
b. Mary began dinner.

‘Mary começou o jantar’

No entanto, Newmeyer defende que a seleção do objeto ocorre devido à presença verbos encaixados implícitos que ele classifica como verbos de ação continuada (*continuing activity verbs - CAV*). Sendo assim, a existência de estruturas nas quais o verbo *begin* é acompanhado de um sujeito e de um objeto de natureza nominal (que foram consideradas por Perlmutter como

evidência para a análise de *begin* como verbo transitivo) se dá pelo fato de *begin* permitir estruturas como as abaixo (adaptadas da proposta de Newmeyer, 1975, p. 49):

(31)



Concluímos aqui a proposta de análise dos verbos aspectuais feita por Newmeyer (1975). Uma de suas ideias centrais é defender que os verbos aspectuais são verbos intransitivos. Para tanto, o autor constrói sua argumentação a partir da refutação de parte da proposta de Perlmutter (1968, 1970) – especificamente a análise do verbo *begin* (e os aspectuais) como um verbo associado a uma estrutura transitiva.[4] Em seu trabalho, Newmeyer (1975) também aprofunda a sua análise acerca do comportamento dos verbos aspectuais, apontando outras características sintáticas e semânticas dessa classe de verbos.

2.3 Rochette (1999)

O trabalho de Rochette (1999) se desenvolve na perspectiva de Princípios e Parâmetros e, assim como o trabalho de Newmeyer (1975), a autora defende que os verbos aspectuais devem ser analisados como verbos de alçamento (verbos intransitivos na análise de Newmeyer). Um dos tópicos do trabalho é apresentar argumentos que refutam a proposta de Perlmutter (1970) a respeito de os aspectuais também poderem ser verbos de controle (verbos transitivos na análise desse autor).

Com base em dados do trabalho de Perlmutter (1970), a autora afirma que os verbos aspectuais não impõem nenhum tipo de restrição quanto ao seu sujeito sintático, o qual é selecionado pelo predicado encaixado:

[4] De todos os argumentos apresentados por Perlmutter (1968, 1970), o único que não foi rebatido de maneira clara por Newmeyer (1970) foi a possiblidade de formação de estruturas com o verbo *force*, que exige que o objeto do verbo matriz seja o sujeito do verbo encaixado na oração. É incerto para nós se o fenômeno de transparência explica esse comportamento, pois a abordagem de Newmeyer sobre esse fenômeno é apenas uma tentativa de mostrar que os aspectuais são transparentes à restrição de sujeito único na Estrutura Profunda.

(32) a. There began to be a commotion.
'Começou a haver uma comoção'
b. It began to rain.
'Começou a chover'
c. Headway began to be made toward a solution.
'Progresso começou a ser feito em direção a uma solução'
d. The noise began to annoy Joe.
'O barulho começou a incomodar Joe'

Em seguida, a autora reinterpreta um conjunto de dados – usados como evidência em favor da análise de *begin* (e aspectuais) como verbos transitivos/de controle. O primeiro conjunto de dados trata da restrição de sujeito idêntico (33a) e da restrição de objeto idêntico (33b):

(33) a. I tried to begin to work.
'Eu tentei começar a trabalhar'
b. I forced Tom to begin to work.
'Eu forcei Tom a começar a trabalhar'

Os exemplos acima trazem o verbo *begin* na posição de complemento dos verbos de controle *try* e *force*. Na época do trabalho de Perlmutter (1970), a possibilidade de encaixar *begin* em verbos do tipo de *try* e *force* era um teste para diferenciar verbos transitivos/de controle de verbos intransitivos/de alçamento. Só verbos transitivos/de controle poderiam aparecer encaixados em verbos transitivos/de controle. No entanto, Rochette (1999) afirma como esse argumento não se sustenta quando se considera uma perspectiva de análise que adota PRO como sujeito:

(34) a. I_1 tried [PRO_1 to begin [t_1 to work]]
'Eu_1 tentei [PRO_1 a começar a [t_1 a trabalhar]]'
b. I forced Tom_1 [PRO_1 to begin [t_1 to work]]
'Eu forcei Tom_1 [PRO_1 a começar a [t_1 a trabalhar]]'

Ou seja, sendo verbos de controle, *try* e *force* exigem que o sujeito da oração infinitiva encaixada seja PRO. Esse pronome é controlado pelo sujeito de *try* e pelo objeto de *force*, o que garante a ideia por trás das restrições de sujeito/objeto idêntico. Rochette (1999) afirma que é possível encaixar um verbo de alçamento em um verbo de controle. Sendo assim, nada impediria que o verbo *work* selecionasse como argumento externo um PRO, que se deslocaria para a posição de sujeito de *begin*, satisfazendo assim a exigência de *try* e *force*. Em outras palavras, o sujeito PRO do predicado de alçamento *begin* derivaria da uma posição mais encaixada, uma vez que esse constituinte "nasce" como argumento externo do verbo *work*.

Em seguida, ela rebate a explicação desenvolvida sobre as estruturas imperativas:

(35) Begin to work.
'Comece a trabalhar'

A ideia é a de que *seem* é um predicado de alçamento prototípico e não forma orações no imperativo. Como *begin* forma orações no imperativo, ele não é um verbo de alçamento, pois verbos de alçamento não produzem orações no imperativo. A autora destaca que a formação do imperativo tem relação com uma restrição de natureza aspectual que afeta os verbos estativos. Sendo assim, a estranheza de orações com o verbo *seem* no imperativo não tem a ver com sua natureza de verbo de alçamento, mas com essa restrição aspectual. Assim, o imperativo do verbo *begin* não pode ser considerado argumento em favor de sua análise como verbo de controle.

Rochette (1999) avalia as estruturas em que *begin* ocorre com um objeto NP e pode ter esse objeto omitido:

(36) a. Sam began the job.
'Sam começou o trabalho'
b. Mark began, enthusiastically, but he got tired by noon.
'Mark começou, entusiasmadamente, mas ele se cansou ao meio-dia'

Para a autora, esses dois exemplos derivam não da seleção que o verbo *begin* faz do seu sujeito. Na realidade, o sujeito é selecionado por um predicado de processo implícito que selecionado pelo verbo aspectual.

Do ponto de vista semântico, Rochette (1999) afirma que um verbo aspectual, quando introduz um complemento infinitivo, não constitui um evento autônomo. Esse verbo atua como um modificador aspectual do evento descrito pelo verbo encaixado, tornando a relação [verbo aspectual – verbo encaixado] como a descrição de um único evento, como pode ser observado ao comparar os dados abaixo:

(37) a. John begins to read this book.
'John começou a ler este livro'
b. John wishes to read this book.
'John deseja ler este livro'

Nos dados em (37), ambos os exemplos apresentam dois verbos, contudo, a relação estabelecida entre esses dois verbos não é a mesma em cada oração: (37a) expressa apenas um evento, "começar a ler"; já (37b) expressa dois eventos, o desejo de fazer algo e o ato de ler o livro.

Evidência em favor dessa análise das orações com verbos aspectuais como a expressão de um evento único vem da impossibilidade de usar dois advérbios com informação temporal distinta:

(38) a. *Yesterday, John began to read this book today.
'Ontem, John começou a ler este livro hoje.'
b. Yesterday, John wished to read this book today.
'Ontem, John desejou ler este livro hoje.'

Por denotar um único evento, o exemplo (38a) não pode ter dois adjuntos com valores temporais distintos, diferentemente do exemplo (38b), que, por denotar dois eventos, cada um desses eventos pode ser modificado por um adjunto temporal diferente.

Rochette (1999) apresenta ainda evidências de que construções com verbos aspectuais se comportam sintaticamente como estruturas mono-oracionais. A primeira evidência se refere ao fato de o complemento não-finito dos aspectuais não se comportam como objeto desses verbos, uma vez que não pode ser interrogado:

(39) a. What did John begin?
‘O que John começou?
b. John began the reading of the book.
‘John começou a leitura do livro.’
c. John began to read the book.
‘John começou a ler o livro.’
d. What did John begin to do?
‘O que John começou a fazer?’

A oração interrogativa em (39a) se refere ao complemento de *begin* e, por isso, pode ter como resposta a oração (39b) que apresenta um complemento de natureza nominal para *begin*: [*the reading of the book*]. Não é aceitável dar como resposta a (39a), a oração (39c), na qual *begin* tem um complemento não-finito. A oração (39c) pode ser resposta da pergunta em (39d), na qual se verifica a presença do verbo resumptivo *do*. Com isso, a autora conclui que “os complementos não-finitos de verbos aspectuais não se comportam como objetos desses verbos uma vez que eles não podem ser diretamente interrogados” (Rochette, 1999, p. 152).

Em relação a esse ponto, a autora destaca que o complemento não-finito de verbos de controle funciona como objeto desse verbo, já que esses complementos podem ser interrogados:

(40) a. What does John wish?
‘O que John deseja?’
b. John wishes to read this book.
‘John deseja ler este livro.’

Rochette ainda mostra que o fato de os aspectuais não permitirem perguntas relativas ao seu complemento aproxima esses verbos dos verdadeiros auxiliares:

(41) a. *What has John?
Literalmente: ‘O que John tem?’
b. What has John done?
‘O que John fez?’
c. John has read a new book.
‘John leu um livro novo’

Os verbos aspectuais se comportam como os auxiliares, pois nem os aspectuais nem os verbos auxiliares podem ser usados sozinhos em uma pergunta que se refere ao predicado principal da oração (41a). Para construir uma pesquisa cujo foco é o predicado principal da oração, é necessário o uso do verbo *do* (41b).

Continuando sua argumentação a respeito do fato de os complementos não-finitos dos verbos aspectuais não se comportarem como objetos desses verbos, Rochete (1999) apresenta os seguintes dados do Francês:

(41) a. *Jean l'a commence, à lire le livre.
Lit: 'Jean PRON começou, a ler o livro'
b. Jean l'a commence, son nouveau livre / la lecture du livre.
Lit.: 'Jean PRON começou, seu novo livro / a leitura do livro'

O uso do pronome anafórico (acusativo) do Francês mostra o mesmo comportamento dos complementos não-finitos dos aspectuais: esses complementos não podem ser substituídos pelo pronome anafórico, como se vê em (41a), ao passo que objetos diretos nominais podem ser substituídos por esse pronome anafórico, como (41b) ilustra.

A autora mostra que as estruturas com verbos aspectuais compartilham com as estruturas com verbos auxiliares a possibilidade de um predicado complexo. Os dados usados para mostrar isso vêm do Italiano:

(42) Gianni gli continua a raccontare stupide storie.
Leit.: 'Gianni a-eles continua a contar estúpidas histórias'

O pronome clítico *gli* ('a eles') é argumento do verbo *raccontare* ('contar'), mas esse argumento aparece associado ao verbo aspectual *continua* . Isso é o que chama *clitic climbig* (subida do clítico), uma característica dos predicados complexos. Como houve a formação de um predicado complexo, a estrutura virou mono-oracional e isso faz que o clítico possa se deslocar da sua posição original (complemento de *recontare*) e vá para uma posição mais alta: próximo do verbo aspectual.

Ainda com dados do Italiano, a autora relata que Burzio (1986) já havia chamado a atenção para o fato de verbos aspectuais como *cominciare* e *continuare* podem ser apassivados:

(43) Il palazzo fu cominciato a costruire sotto Carlo V.
Lit.: 'O palácio foi começado a construir sob Carlo V'

A autora menciona Grevisse (1975), dizendo que esse autor já havia apontado comportamento semelhante para os aspectuais *commencer*, *achever* e *finir* do Francês. Para explicar o movimento do nominal [*il Palazzo*] da posição de complemento do verbo *construire* para a posição de sujeito do verbo aspectual, a autora assume que análise deve ser a de que os verbos aspectuais são verbos mono-oracionais.

Como se vê, para Rochette (1999), os verbos aspectuais têm características que os aproximam de verbos de alçamento. A análise desses verbos como verbos de controle é enfraquecida, pois as propriedades atribuídas a eles (como predicados de controle) ou são motivadas independentemente dessa estrutura ou são reinterpretadas no estágio atual da teoria gerativa.

2.4 Grano (2016)

Em seu texto, Grano (2016) parte do seguinte contaste: verbos aspectuais aceitam complementos controlados, mas não permitem que o sujeito de seu complemento apareça realizado:[5]

(44) a. Kim began [(*for Sandy) to sing].
Lit.: Kim começou [(*para Sandy) a cantar]
b. Kim continued [(*for Sandy) to sing].
Lit.: Kim continuou [(*para Sandy) a cantar]

Se o constituinte *for Sandy* não aparecer, os exemplos em (44) são gramaticais, e o sujeito *Kim* controla a interpretação do sujeito não realizado da oração encaixada, isto é, *Kim* se refere, ao mesmo tempo, à pessoa que começa um coisa e à pessoa que canta. Se esse constituinte aparecer, os exemplos são agramaticais, uma vez que verbos aspectuais não licenciam sujeitos não controlados / sujeitos realizados no seu complemento. O fato de aspectuais não aceitarem esse tipo de sujeito é uma característica que se observa em outras línguas. A esse respeito, o autor cita (p. 309) que os verbos aspectuais do Espanhol, do Francês,

[5] Para o autor "por definição, complementos de controle envolvem uma configuração sintática no qual um único argumento manifesto vincula dois papéis participantes distintos, um associado a um predicado encaixado e outro associado à posição de sujeito de um constituinte encaixado" (Grano, 2016, p. 306 – tradução nossa).

do Grego, do Hebraico e do Mandarim se comportam da mesma forma que os aspectuais do Inglês. A essa lista, nós acrescentamos os verbos aspectuais do Português.

Para começar o seu texto, o autor retoma os argumentos favoráveis à análise dos aspectuais como verbos de alçamento. O primeiro argumento é a ausência de relação temática entre o verbo aspectual e o seu sujeito. Isso permite estruturas como as seguintes:

(45) a. It began to rain.
'Começou a chover'
b. There continued to be trouble.
'Continuou a haver problemas'
c. The shit started to hit the fan.
'A merda começou a bater no ventilador'

A possibilidade de aspectuais aparecerem com um sujeito expletivo, como nos exemplos (45a) e (45b), ou com um sujeito que faz parte de uma expressão idiomática, como no exemplo (45c), mostra que esses verbos nem sempre estabelecem uma relação temática com seu sujeito.

Levando em consideração essa propriedade, o autor considera a agramaticalidade de exemplos com sujeito encaixado não-controlado como (46):

(46) *Kim began for Sandy to sing.
'Kim começou por Sandy a cantar'

Para ele, "se todos os verbos aspectuais fossem *sempre* verbos de alçamento (como defendido por Rochette, 1999, por exemplo), então a sua incompatibilidade com sujeitos manifestos no seu complemento (...) seria plenamente esperada e prevista, e não seria na realidade um quebra-cabeça" (Grano, 2016, p. 309-310 – tradução nossa). Explicando: sob a análise de *begin* como um verbo de alçamento, o nominal *Sandy* recebe o papel temático associado ao predicado encaixado *sing*, ao passo que o nominal *Kim* não recebe papel temático algum, já que *begin* é um verbo de alçamento. A falta de papel temático para *Kim* explica a agramaticalidade de (46).

Apesar de reconhecer a natureza dos verbos aspectuais como predicados de alçamento, Grano (2016) retoma Perlmutter (1970) e Landau (2013)[6] e, com eles, vai defender que uma análise dos aspectuais unicamente como verbos de alçamento não é possível. Em relação a determinadas propriedades, esses verbos se comportam como verbos de controle e se distanciam dos verbos de alçamento.

A primeira propriedade discutida por Grano é o apagamento do complemento, ilustrado abaixo:

(47) a. Verbos de controle

Kim {tried / promised / refused} to read the book but I don't think Sandy {tried / promised / refused}

'Kim {tentou / prometeu / se recusou} a ler o livro mas eu não acho que Sandy {tentou / prometeu / se recusou}'

b. Verbos de alçamento

*Kim {seemed / appeared} to be happy but I don't think Sandy {seemed / appeared}.

'Kim {pareceu / pareceu} feliz mas não acho que Sandy {pareceu / pareceu}'

c. Verbos aspectuais

Kim {started / began / continued} to read the book but I don't think Sandy {started / began / continued}.

'Kim {iniciou / começou / continuou} a ler o livro mas não acho que Sandy {iniciou / começou / continuou}'

Retomando observações de Jacobson (1992)[7], Grano (2016) mostra que verbos de controle permitem o apagamento do seu complemento (47a), enquanto verbos de alçamento não permitem o apagamento (47b). Com Perlmutter (1970) e Landau (2013), o autor mostra que os verbos aspectuais (47c), por permitirem o apagamento do seu complemento, se comportam como os verbos de controle.

[6] O trabalho de Landau (2013) é o seguinte:

Landau, I. **Control in Generative Grammar: a research companion**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

[7] O trabalho de Jacobson (1992) é o seguinte:

Jacobson, P. Raising without movement. In: Larson, R. K.; Iatridou, S.; Lahiri, U; Higginbotham, J. (eds.) **Control and Grammar**, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 149-194, 1992.

A segunda propriedade, inicialmente apontada por Perlmutter (1970), é a formação de sentenças imperativas:[8]

(48) a. Verbos de controle

{Try / Promise} to read the book!'

'{Tenta – Tente / Promete - Prometa} ler o livro!'

b. Verbos de alçamento

*Happen to read the book!

Lit.: 'Aconteça a ler o livro!'

*Wind up reading the book!

'Acabe de ler o livro!'

c. Verbos aspectuais

{Start / Begin / Continue} to read the book!

'{Inicie / Comece / Continue} a ler o livro!'

Segundo Perlmutter (1970), apenas verbos de controle (48a) produzem sentenças imperativas gramaticais. Com verbos de alçamento (48b), o resultado é agramatical. Em relação a essa propriedade, os verbos aspectuais (48c) se comportam como os verbos de controle.

A terceira propriedade, também apontada por Perlmutter (1970), é a possibilidade de encaixamento no verbo *persuade*:

(49) a. Verbos de controle

Kim persuaded Sandy to {try / promise / refuse / decide} to read the book.

'Kim persuadiu Sandy a {tentar / prometer / recusar / decidir} a ler o livro'

b. Verbos de alçamento

*Kim persuaded Sandy to {happen / grow / seem / tend} to be happy.

'Kim persuadiu Sandy a {acontecer / crescer / parecer / tender} a ser feliz'

c. Verbos aspectuais

Kim persuaded Sandy to {start / begin / continue} to read the book.

'Kim persuadiu Sandy a {iniciar / começar / continuar} a ler o livro'

[8] Essa propriedade e as demais propriedades apontadas por Grano (2016) testam a possibilidade de um predicado manter uma relação temática com o seu sujeito, a saber, atribuir a esse sujeito um papel temático agentivo.

Novamente, de acordo com Perlmutter (1970), os verbos de controle em (49a), mas não os verbos de alçamento (49b) podem aparecer encaixados ao verbo *persuade.* Os verbos aspectuais (49c) se alinham com os verbos de controle em relação a essa propriedade.

A quarta propriedade, notada em trabalho de Landau (2013), e incorporada por Grano (2016) é a formação de pseudoclivadas a partir do VP:

(50) a. Verbos de controle
What Kim did was {try / promise / refuse} to read the book.
'O que Kim fez foi {tentar / prometer / recusar} ler o livro.
b. Verbos de alçamento
?What Kim did was happen to read the book.
'O que Kim fez foi acontecer (a) ler o livro.'
?What Kim did was wind up reading the book.
'O que Kim fez foi acabar de ler o livro.'
c. Verbos aspectuais
What Kim did was {start / begin / continue} to read the book.
'O que Kim fez foi {começar / continuar} a ler o livro.

Para Landau (2013), verbos de controle permitem a formação de pseudoclivadas a partir do VP (50a), mas não os verbos de alçamento (50b). O comportamento dos verbos aspectuais em relação a essa propriedade os aproxima dos verbos de controle, como se vê em (50c).

Por fim, a última propriedade apontada por Grano envolve o uso de advérbios voltados para o agente:

(51) a. Verbos de controle
Kim eagerly / reluctantly {tried / promised / refused / decided} to read the book.
'Kim ansiosamente / relutantemente {tentou / prometeu / se recusou / decidiu} ler o livro'
b. Verbos de alçamento
*Kim eagerly / reluctantly happened to read the book.
Lit.: 'Kim ansiosamente / relutantemente aconteceu de ler o livro'
*Kim eagerly / reluctantly tended to always be late.
'Kim ansiosamente / relutantemente tendeu a sempre estar atrasada.'

c. Verbos aspectuais

Kim eagerly / reluctantly {started / began / continued} to read the book.

'Kim ansiosamente / relutantemente [iniciou / começou / continuou] a ler o livro.'

Mais uma vez, verbos de controle permitem a combinação com advérbios agentivos (51a), em oposição aos verbos de alçamento (51b). Os verbos aspectuais, como os verbos de controle, aceitam co-ocorrer em estruturas com advérbios agentivos (51c).

A partir dos resultados, o autor afirma o seguinte:

> A conclusão provisória aqui é que os verbos aspectuais são ambíguos entre uma estrutura de alçamento e de controle e, portanto, não podemos explicar a sua resistência a sujeitos manifestos no seu complemento apelando para uma análise que os trata unicamente como verbos de alçamento.
>
> (Grano, 2016, p. 312 – tradução nossa)

Com isso, fechamos a discussão de Grano (2016) acerca da análise sintática dos aspectuais como verbos de alçamento ou de controle, mostrando que esse autor retoma a proposta de Perlmutter (1970) acerca de duas estruturas para esses verbos, além de expandi-la com base em outros testes.

2.5 Verbos aspectuais como itens lexicais

Com base nas propostas apresentadas neste capítulo, listamos no Quadro 1 os critérios apontados nessas propostas para caracterizar um verbo aspectual como verbo de alçamento ou como verbo de controle:

Quadro 1: Aspectuais como verbos de alçamento e como verbos de controle – critérios

	Autores / Critérios	**Perlmutter (1968, 1970)**	**Newmeyer (1975)**	**Rochette (1999)**	**Grano (2016)**
ALÇAMENTO	Orações nominalizadas na posição de sujeito	✓			
	Sujeitos expletivos	✓			✓
	Sujeitos de expressões idiomáticas	✓			✓
	Sinonímia ativa – passiva	✓			
	Ocorrência como expressões fixas (*have recourse*, *pay heed* e *make headway*)	✓			
	Impossibilidade de co-ocorrência de dois advérbios do mesmo tipo		✓	✓	
	Uso de verbo resumptivo em estruturas interrogativas			✓	
	Compartilhamento de informações de tempo e aspecto entre aspectual e seu complemento		✓		
CONTROLE	Nominalização agentiva do aspectual	✓			
	Restrição de sujeito idêntico	✓			
	Encaixamento do aspectual em verbos como *force* (identidade do objeto de *force* como o sujeito do aspectual)	✓			✓
	Formação de estruturas imperativas	✓			✓
	Licenciamento de complemento NP	✓			✓
	Apagamento do complemento do aspectual	✓			✓
	Formação de pseudo-clivadas a partir do VP				✓
	Advérbios agentivos				✓

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos trabalhos de Perlmutter (1970), Newmeyer (1975), Rochette (1999) e Grano (2016)

Observando o Quadro 1, é possível notar que Perlmutter (1968, 1970) foi o trabalho que mais contribuiu para a análise dos aspectuais, apresentando critérios que favorecem tanto sua análise como verbos de alçamento (para ele, intransitivos) como sua análise como verbos de controle (para ele, transitivos). Newmeyer (1977) e Rochette (1999) refutam a análise dos aspectuais como verbos de controle e trazem critérios que advogam em favor de uma análise dos aspectuais como verbos de alçamento apenas. Por fim, Grano (2016) volta à proposta inicial

de Perlmutter (1970) de que aspectuais são verbos ambíguos entre uma estrutura de alçamento e uma de controle, corroborando-a e trazendo outros critérios que a fundamentem empiricamente.

Importante mencionar que, ao classificar um verbo aspectual como sendo de alçamento, estamos dizendo que esse verbo seleciona apenas o argumento interno, e, ao classificá-lo como sendo de controle, estamos dizendo que ele seleciona dois argumentos: o argumento externo e o argumento interno. Abaixo apresenta-se esquematicamente a estrutura de um verbo aspectual em cada uma dessas análises:

(52) a. alçamento: $V_{ASPECTUAL}$ [argumento interno]
b. controle: [argumento externo] $V_{ASPECTUAL}$ [argumento interno]

Em ambas as análises, o domínio não-finito que acompanha um verbo aspectual corresponde ao seu argumento interno.

Interessante destacar que verbos de alçamento e de controle são verbos lexicais, isto é, verbos que apresentam semântica plena, fazem seleção argumental e atribuem papel temático ao(s) seu(s) argumento(s). Na análise dos aspectuais como verbos de alçamento (intransitivos) ou como verbos de controle (transitivos), esses verbos são tratados como itens de natureza lexical.

No próximo capítulo, traremos uma alternativa à descrição dos verbos aspectuais como verbos lexicais. De acordo com essa análise alternativa, os verbos aspectuais são descritos como verbos auxiliares e suas propriedades são detectadas a partir de critérios de auxiliaridade.

Conclusões preliminares

Neste capítulo, apresentamos a discussão existente na literatura a respeito do comportamento dos verbos aspectuais a partir das obras de Perlmutter (1968, 1970), Newmeyer (1975), Rochette (1999) e Grano (2016). Mostramos que há propostas que defendem que os aspectuais devem ser considerados, ambiguamente, como verbos de alçamento e controle (Perlmutter, 1970; Grano, 2016) e propostas segundo as quais esses verbos devem ser considerados unicamente como verbos de alçamento (Newmeyer, 1975; Rochette, 1999). No capítulo 4, vamos aplicar os diagnósticos propostos nesses trabalhos ao verbo *deixar*, na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], e verificar como ele se comporta frente a esses testes.

CAPÍTULO 3

Da natureza funcional dos verbos aspectuais

Introdução

No capítulo anterior, abordamos os verbos aspectuais da perspectiva de sua análise como verbos sintaticamente ambíguos, podendo projetar uma estrutura de alçamento e uma estrutura de controle, ou como verbos unicamente de alçamento. Qualquer análise que se adote, os verbos aspectuais serão verbos lexicais. Neste capítulo, apresentaremos critérios de auxiliaridade, que são diagnósticos que servem para detectar se um verbo funciona com um auxiliar ou não. Esse passo é importante, pois como, *deixar* aparece na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], essa sequência pode constituir uma perífrase / locução verbal. Se isso se confirmar, *deixar* seria um auxiliar e, portanto, um verbo funcional. Os critérios de auxiliaridade que descreveremos neste capítulos são os definidos por: Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1995) e Fábregas (2019a). Em seguida, apresentaremos as tipologias de verbos auxiliares propostas por Lobato (1975), Laca (2002, 2004) e Bravo, García Fernández e Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen e Bravo (2017).

3.1 Motivando a investigação da natureza funcional dos verbos aspectuais

Partindo unicamente da complementação não-finita dos verbos aspectuais, Rochette (1999, p. 111 – tradução nossa) levanta uma questão importante sobre a natureza desses verbos:

> Para resumir, com respeito às construções não-finitas introduzidas por verbos aspectuais, as evidências fornecidas até agora indicam claramente que os verbos aspectuais se comportam como predicados de alçamento. O status dos verbos aspectuais como predicados de alçamento levanta, no entanto, a questão da estrutura sintática precisa que deve estar associada a esses complementos não-finitos. Assume-se geralmente que verbos de alçamento como *seem* introduzem um IP como complemento e que a ausência de uma estrutura com CP com esses verbos é responsável tanto pela ausência de controle como pelo fato de que o alçamento do sujeito encaixado não viola quaisquer princípios gramaticais. Verbos auxiliares também são geralmente analisados como elementos de alçamento embora seus "complementos" não sejam analisados como IPs, mas como VPs. Na abordagem atual em que os sujeitos são gerados internamente à projeção verbal, analisar os complementos não-finitos de verbos aspectuais como VP pode ser vista como uma alternativa à análise desses complementos como IP.[9]

[9] A autora usa o constituinte IP (sintagma de Flexão), que é uma categoria funcional formada da combinação de duas outras categorias funcionais: TP (sintagma de tempo) e AgrP (sintagma de Concordância). Em Chomsky (1995), AgrP perde estatuto teórico e só resta TP como categoria funcional.

Para ela, além das análise dos aspectuais como verbos de controle ou como verbos de alçamento, há outra possibilidade: sua análise como verbos auxiliares. Tratar os aspectuais como verbos de controle ou como verbos de alçamento implica analisá-los como itens lexicais, ao passo que tratá-los como verbos auxiliares implica analisá-los como verbos funcionais.

O fundamento para essa outra perspectiva de análise é justamente a natureza não-finita dos aspectuais e sua possível análise como verbos de alçamento: se verbos aspectuais forem analisados como verbos de alçamento, não fica imediatamente comprovado que esses verbos sejam itens lexicais. Isso acontece porque existe uma classe de verbos que seleciona um único argumento, que esse argumento apresenta natureza não-finita e que também envolve uma estrutura de alçamento do sujeito a partir de um domínio encaixado: trata-se dos verbos auxiliares. A diferença dos auxiliares em relação aos verbos de alçamento é que os auxiliares são verbos funcionais (gramaticais), diferentemente dos verbos de alçamento, que são verbos lexicais (como vimos no capítulo anterior).

Havendo a possibilidade de analisar os verbos aspectuais como auxiliares, na próxima seção, descreveremos os critérios (ou diagnósticos) usados na literatura para classificar um verbo na categoria de verbo auxiliar.

3.2 Os critérios de auxiliaridade

Como já foi adiantado, nesta seção, vamos fazer um levantamento dos diagnósticos geralmente usados como critérios de auxiliaridade na literatura. Antes de apresentar os critérios, é importante destacar que, para eles funcionarem, precisamos de conjunto de estruturas que serão avaliadas segundo esses critérios. A esse respeito, Lobato (1975) usa a oposição entre estruturas não-marcadas (compostas de um só verbo) e estruturas marcadas (compostas por mais de um verbo) como ponto de partida para a definição de um grande conjunto de estruturas verbais nas quais se identificam verbos por ela denominados *auxiliantes*, ou auxiliares *lato sensu*. Abaixo são dados exemplos de oposições observadas pela autora (Lobato, 1975, p. 75):

(1)

	Forma não-marcada	Forma marcada
a.	bebeu	tinha bebido
b.	bebeu	começou a beber
c.	bebeu	tem bebido
d.	bebeu	podia beber
e.	bebeu	é bebido

As formas não-marcadas se caracterizam pela presença de apenas um verbo (no caso, o verbo *beber*), ao passo que as formas marcadas se caracterizam pela existência de mais de um verbo (nos exemplos, além do verbo *beber*, identificam-se os verbos *ter*, *começar a*, *poder* e *ser*). Esses verbos que aparecem na estrutura das formas marcadas são os auxiliantes ou auxiliares *lato sensu*. De acordo com Lobato (1975, p. 76),

> [a]dotando esse critério, obtém-se a classe dos auxiliares *lato sensu* ou *auxiliantes*, que abrange os verbos temporais (*ter*, *haver* e algumas vezes *ser*, como em *naquela época eu ainda não era nascido*), o verbo da passiva (*ser*), os verbos de desenvolvimento (*começar a*, *continuar a*, etc.) e os modais (*poder*, *dever*, *crer*, *querer*, etc.)

Como já apontado pela autora, o resultado da aplicação dessa oposição de estruturas é uma lista de verbos muito heterogênea, à qual devem ser aplicados outros testes, a fim de determinar "o restrito grupo de verbos que satisfazem a todos eles, ou seja, os verbos *auxiliares* propriamente ditos" (Lobato, 1975, p. 76). É o que faremos nas seções seguintes: apresentaremos os critérios de identificação de verbos auxiliares propostos para o Português (brasileiro e europeu), principalmente, e os critérios propostos para o Espanhol, quando o critério for relevante para os nossos propósitos.

3.2.1 Impossibilidade de estruturas completivas

De acordo com esse critério, adotado por Lobato (1975), Gonçalves (1996) e Fábregas (2019a), os auxiliares não permitem estruturas completivas como seus complementos:

(2) a. O homem tinha trabalhado a tarde toda.
b. *O homem tinha que / se trabalhou a tarde toda.

(3) a. Eu vou falar por vocês na reunião.
b. *Eu vou que / se falo por vocês na reunião.

(4) a. Ela continuou estudando com afinco.
b. *Ela continuou que / se estudava com afinco.

A agramaticalidade dos dados (2b), (3b) e (4b) mostra que os verbos *ter*, *ir* e *continuar* podem ser considerados auxiliares, pois a inserção de uma oração completiva encaixada a esses verbos resulta agramatical.

Lobato (1975) explica essa impossibilidade, ao propor que [$V_{AUXILIAR}$ – $V_{AUXILIADO}$] formam um constituinte único – para ela, "um sintagma verbal" (p. 39). Sendo assim, ao inserir o complementizador *que* ou *se* entre verbo auxiliar e verbo auxiliado, "deixamos, evidentemente, de ter com esses verbos um só sintagma, e, consequentemente, uma só oração, para termos dois ou mais sintagmas e duas ou mais orações" (Lobato, 1975, p. 37). Na mesma linha segue Gonçalves (1995), ao afirmar que "o auxiliar e o verbo chamado principal têm de pertencer ao mesmo domínio frásico, evidenciando um forte grau de coesão sintática" (p. 10). Fábregas (2019a, p. 6) pensa da mesma forma, ao afirmar que a combinação de dois verbos em uma perífrase não define duas orações. Em uma perífrase, identifica-se apenas uma oração, apenas um domínio estrutural. Sendo assim, não há espaço para um complementizador (para ele, um subordinador) separando os dois verbos.

3.2.2 Sujeito único

Segundo esse critério, adotado por Lobato (1975) uma estrutura [$V_{AUXILIAR}$ – $V_{AUXILIADO}$] deve apresentar apenas um sujeito para os dois verbos, uma vez que eles funcionam como uma unidade (sintática e semântica):[10]

(5) a. A Maria vai fazer um vestido.
b. *A Maria vai a costureira fazer um vestido.

(6) a. A Maria mandou fazer um vestido.
b. A Maria mandou a costureira fazer um vestido.

Os exemplos em (5a) e em (6b) são semelhantes, uma vez que neles há um sujeito seguido de um verbo flexionado, de um verbo no infinitivo e de um objeto. No entanto, a semelhança é apenas na superfície. Comparando-se (5a) e (5b), podemos notar que o constituinte [*a Maria*] é o sujeito tanto do verbo *ir* como do verbo *fazer*. A inserção de sujeitos distintos produz resultado agramatical, como em (5b). Comparando-se (6a) e (6b), vemos que

[10] O forte grau de coesão sintática de que fala Gonçalves (1995).

o constituinte [*a Maria*] só é o sujeito do verbo *mandar*. O sujeito do verbo *fazer* é distinto de [*a Maria*], como vemos em (6b), quando explicitamos os diferentes sujeitos.

Com isso se conclui que, pelo critério de exigência de sujeito único, o verbo *ir* é um auxiliar, mas o verbo *mandar* não o é.

Esse critério se alinha ao critério anterior no sentido de tratar a combinação [$V_{AUXILIAR}$ – $V_{AUXILIADO}$] como uma unidade. Segundo Lobato (1975), esse é um dos critérios para reconhecer o processo de auxiliação em uma língua.

3.2.3 Valor temporal único

Seguindo a esteira dos critérios anteriores, a lógica desse critério, considerado por Pontes (1973), Lobato (1975) e Gonçalves (1995), é a de que o conjunto formado de [$V_{AUXILIAR}$ – $V_{AUXILIADO}$] funciona como uma unidade sintático-semântica e, por isso, expressa um único valor temporal. Dessa forma, a inserção de um adjunto temporal na oração vai incidir sobre esse conjunto, independentemente de sua posição:

(7) a. Ontem a Maria estava estudando.
b. A Maria, ontem, estava estudando.
c. A Maria estava estudando ontem.

Nos exemplos acima, o adjunto temporal *ontem* aparece em três posições: no início da oração (7a); entre o sujeito e a locução verbal (7b); após a locução verbal e no fim da oração (7c). Apesar de sua posição variável, em todos os exemplos, *ontem* traz a informação acerca do espaço de tempo em que ocorreu a ação descrita pelo conjunto [*estava estudando*].

Uma variante desse critério apontada por Gonçalves (1995) é a impossibilidade de usar adjuntos com informações temporais diferentes em sequências do tipo [$V_{AUXILIAR}$ – $V_{AUXILIADO}$], um modificando o $V_{AUXILIAR}$ e o outro modificando o $V_{AUXILIADO}$:

(8) a. *Ontem, os alunos tinham apresentado o trabalho amanhã.
b. *A Maria estava ontem estudando agora.
c. *Amanhã, vamos viajar agora.

A ideia por trás dos exemplos em (8) é que o primeiro adjunto temporal modifica o auxiliar – *ontem* modifica *tinha* em (8a); *ontem* modifica *estava* em (8b); e *amanhã* modifica

vamos em (8c) – e o segundo modifica o verbo auxiliado – *amanhã* modifica *apresentado* em (8a); *ontem* modifica *estudando* em (8b); e *agora* modifica *viajar* em (8c). Em qualquer situação na qual dois adjuntos com valores temporais distintos ocorrem em uma oração com verbos auxiliares, produz-se uma oração agramatical pelo fato de estruturas com verbos auxiliares formarem uma unidade e terem um único valor temporal, não podendo ter seus componentes modificados independentemente por diferentes adjuntos com informações temporais distintas.

3.2.4 Negação sentencial única

Esse critério também se baseia na ideia de unidade sintático-semântica que caracteriza a estrutura [$V_{AUXILIAR}$ – $V_{AUXILIADO}$]. Em orações com verbos auxiliares, só há espaço para uma negação sentencial, a qual antecede o verbo auxiliar da sequência. Esse diagnóstico de auxiliaridade, defendido por Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1995) e Fábregas (2019a), é exemplificado a seguir:

(9) a. A Maria está comprando verduras para a tartaruga.
b. A Maria não está comprando verduras para a tartaruga.
c. *A Maria está não comprando verduras para a tartaruga.
d. *A Maria não está não comprando verduras para a tartaruga.

Os exemplos mostram a formação de uma oração negativa a partir da oração declarativa (9a). Em (9b), a negação sentencial *não* é inserida antes do verbo auxiliar *estar*; em (9c), essa negação é inserida antes do verbo *comprando*; e, em (9d), a negação aparece antes do auxiliar *estar* e antes do verbo *comprando*. A oração (9b) é gramatical, pois, aparecendo antes do verbo *estar*, a palavra *não* incide sobre a sequência verbal [$V_{AUXILIAR}$ – $V_{AUXILIADO}$] como um todo, produzindo uma oração negativa. A oração (9b), por sua vez, é agramatical porque a palavra *não*, estando no meio da sequência de [$V_{AUXILIAR}$ – $V_{AUXILIADO}$], não incide sobre ela como um todo, mas apenas sobre o verbo *comprando*. Já a oração (9d) é agramatical porque, havendo duas negações, uma incide sobre o verbo *estar* e outra sobre o verbo *comprando*. Assume-se que a agramaticalidade de (9d) tenha a ver com a negação que antecede o verbo *comprando*, como (9c).

Vejamos outros exemplos:

(10) a. A Maria lamentou ganhar a competição.
b. A Maria não lamentou ganhar a competição.
c. A Maria lamentou não ganhar a competição.
d. A Maria não lamentou não ganhar a competição.

Nesses exemplos, a partir de (10a), foram formadas orações negativas com a inserção da negação sentencial. Em (10b), a negação sentencial foi inserida antes do verbo *lamentar* (10b); em (10c), esse marcador foi inserido antes do verbo *ganhar*; e, em (10d), uma negação é inserida antes do verbo *lamentar* e outra antes do verbo *ganhar* (10d). Diferentemente dos exemplos em (9), todas as possibilidades de negação em (10) são gramaticais, o que mostra que cada negação incide sobre os verbos individualmente e não como um todo: um (10b) a negação incide sobre o verbo *lamentar*; em (10c), ela incide sobre o verbo *ganhar*; e, em (10d), uma incide apenas sobre o verbo *lamentar* enquanto a outra incide apenas sobre o verbo *ganhar*. Como consequência, o verbo *lamentar* não é um verbo auxiliar e a sequência [*lamentou ganhar*] não tem a estrutura [$V_{AUXILIAR} - V_{AUXILIADO}$].

3.2.5 Ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito

De acordo com esse critério de auxiliaridade, verbos auxiliares não impõem nenhum tipo de seleção argumental em relação ao sujeito com o qual ocorrem. Esse critério é adotado por Pontes (1973), Lobato (1975) e Fábregas (2019a) e é exemplificado abaixo:

(11) a. As frutas apodreceram / caíram / amadureceram.
b. As frutas tinham apodrecido / caído / amadurecido.
c. As frutas estavam apodrecendo / caindo / amadurecendo.
d. As frutas vão apodrecer / cair / amadurecer.

(12) a. #As frutas falaram / andaram / correram.
b. #As frutas tinham falado / andado / correram.
c. #As frutas estavam falando / andando / correram.
d. #As frutas vão falar / andar / correr.

As orações em (11a) mostram que os verbos *apodrecer, cair* e *amadurecer* podem selecionar o constituinte *as frutas* como argumento ao qual é atribuída a função sintática de

sujeito. Por isso, o resultado da combinação de cada verbo com esse constituinte são orações gramaticais. Quando se inserem os auxiliares a essas sentenças, *ter* em (11b), *estar* em (11c) e *ir* em (11d), as orações continuam gramaticais.

Por outro lado, as orações em (12a) mostram que os verbos *falar*, *andar* e *correr* não selecionam o constituinte *as frutas* como sujeito, uma vez que esse constituinte não tem propriedades semânticas compatíveis com o sujeito exigido por esses verbos. A combinação de cada um desses verbos com o nominal *as frutas* produz orações anômalas. Quando se introduzem os auxiliares *ter* em (12b), *estar* em (12c) e *ir* em (12d), as orações mantêm o seu estatuto anômalo.

Isso deixa claro que seleção do sujeito de uma oração com verbos auxiliares é feita pelo verbo lexical da oração (cf. Pontes 1973, Lobato 1975, Gonçalves 1995 e Fábregas 2019a). Os auxiliares não têm papel algum nessa seleção.

3.2.6 Ausência de restrições de seleção quanto ao verbo auxiliado

Verbos auxiliares não apresentam restrições em relação em relação à semântica do verbo com o qual se combinam.[11] Esse critério é adotado por Pontes (1973), Lobato (1975) e Fábregas (2019a) e é exemplificado abaixo:[12]

(13) a. Maria está correndo no parque.
b. O rapaz estava gritando muito.
c. Eu estou tomando uma cerveja.
d. As pessoas estão amando a série.

Nos exemplos acima, combinamos o auxiliar *estar* com diferentes classes semânticas de verbos: verbo de movimento (13a), verbo de emissão de sons elevados (13b), verbo de consumição (13c) e verbo estativo (13d). Em nenhum dos exemplos, a combinação com *estar* produz orações agramaticais, o que mostra que os auxiliares não impõem restrições quanto às

[11] Lobato (1975, p. 52) menciona esse critério, embora não o use. Quando trata da extensão do campo de aplicação de um morfema como um argumento usado em favor de um conjunto restrito de auxiliares, ela afirma: "só seriam considerados auxiliares os verbos sem restrição quanto ao sujeito ou quanto ao auxiliado".

[12] A classificação semântica dos verbos auxiliados apresentada nos exemplos segue a classificação proposta no trabalho de Fábregas (2019a).

informações semânticas dos verbos com os quais se combinam, ou seja, quanto aos verbos auxiliados.

3.2.7 Impossibilidade de apassivação

Quando um verbo auxiliar antecede o verbo auxiliar da voz passiva *ser* na estrutura [$V_{AUXILIAR}$ – *ser*], como vemos nos exemplos (14b), (15b), (16b), (17b) e (18b), o resultado é uma oração gramatical. Por outro lado, quando um verbo auxiliar aparece após o verbo *ser* da voz passiva na estrutura [*ser* – $V_{AUXILIAR}$], como nos exemplos (14c), (15c), (16c), (17c) e (18c), o resultado é uma oração agramatical:

(14) a. O menino leu vários livros.
b. Vários livros foram lidos pelo menino.
c. *Vários livros foram sido lidos pelo menino.

(15) a. O menino tem lido vários livros.
b. Vários livros têm sido lidos pelo menino.
c. *Vários livros são tidos lido pelo menino.

(16) a. O menino começou a ler vários livros.
b. Vários livros começaram a ser lidos pelo menino.
c. *Vários livros foram começados a ler pelo menino.

(17) a. O menino está / continua / vive lendo vários livros.
b. Vários livros estão / continuam / vivem sendo lidos pelo menino.
c. *Vários livros foram estados / continuados / vividos lendo pelo menino.

(18) a. O menino vai / pode / deve / tem que ler vários livros.
b. Vários livros vão / podem / dever / têm que ser lidos pelo menino.
c. *Vários livros foram idos / podidos / devidos / tidos que ler pelo menino.

A possibilidade de apassivação é uma propriedade de verbos lexicais, especificamente de verbos transitivos diretos e de alguns transitivos indiretos. Nas palavras de Lobato (1975), "só um verbo ordinário de dupla actância (sujeito e objeto) pode ser colocado na passiva" (p.

46) e “os verbos que não admitem apassivação são os intransitivos, uma parte dos transitivos indiretos e os verbos com objeto interno” (p. 50).

Por não serem verbos transitivos (diretos e indiretos), nem intransitivos, nem terem objeto interno, segue-se que os verbos auxiliares não podem ser apassivados. Essa característica dos auxiliares é usada por Pontes (1973), Lobato (1975) e Fábregas (2019a) como um critério de auxiliaridade. Para Lobato, a agramaticalidade da apassivação dos verbos *ser* (em 14c); *ter* (em 15c); *começar* (em 16c); *estar*, *continuar* e viver (em 17c); e *ir*, *poder*, *dever* e *ter que* (18c) é um indicativo de que esses verbos se comportam como auxiliares quanto a ela.

3.2.8 Defectividade em relação à forma imperativa

A ideia por trás desse critério, proposto por Lobato (1975), é a de que um verbo auxiliar tem como característica a inexistência da forma imperativa em seu paradigma morfológico:

(19) a. *Tenha corrido!
b. *Vão ser os novos chefes!

Quando aparecem no imperativo, o verbo *ter*, na sequência [*ter* – $V_{PARTICÍPIO}$], e o verbo *ir*, na sequência [*ir* – $V_{INFINITIVO}$], produzem orações agramaticais, o que atesta que, pelo critério de defectividade em relação à forma imperativa, esses verbos são dois auxiliares.

3.2.9 Subida do clítico

Esse critério é apresentado por Lobato (1975), para o Português brasileiro, por Gonçalves (1995), para o Português europeu, e por Fábregas (2019a), para o Espanhol, e está relacionado à possibilidade de subida do clítico, como mostrado abaixo:

(20) a. O livro foi lhe dado.
b. O livro lhe foi dado.
c. *O livro foi dado-lhe.

(21) a. Ela estava-o lendo.
b. Ela o estava lendo.
c. *Ela estava lendo-o.

(22) a. Ela tinha-o visto.
b. Ela o tinha visto.
c. *Ela tinha visto-o.

(23) a. Ela havia-o visto.
b. Ela o havia visto.
c. *Ela havia visto-o.

(exemplos de Lobato 1975, p. 73-74)

(24) a. A Ana não o tem visto.
b. *A Ana não tem visto-o.

(exemplo de Gonçalves 1995, p. 11)

(25) a. María lo está escribiendo.
'María o está escrevendo'
b. Marta lo ha leído.
'Marta o tem lido'
c. Lo debes hacer.
'Tu o deves fazer'

(exemplo de Fábregas, 2019a, p. 7)

Nesse critério, uma sequência verbal pode ser considerada uma perífrase se for possível haver deslocamento do pronome clítico (que é um argumento do verbo auxiliado) de uma posição mais baixa, próxima do verbo auxiliado (que seleciona o clítico), para uma posição mais alta, antes do primeiro verbo auxiliar da sequência, como ilustram os dados. Sendo assim, os verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver* (Português brasileiro); o verbo *haver* (Português europeu); e os verbos *estar*, *haber* e *deber* (do Espanhol) são auxiliares, uma vez que as perífrases formadas com esses verbos permitem subida de clítico.[13]

É importante ressaltar que esse teste não pode ser considerado para avaliar o estatuto do verbo *deixar*, pois, em Português brasileiro, não há mais subida do clítico. De acordo com os trabalhos de Pagotto (1993) e Cyrino (1993), essa estratégia de colocação pronominal desapareceu da gramática da língua. Apesar de ter apresentado o teste, não o considerarei na

[13] Ao longo das obras dos autores citados, não há menção à análise dos verbos aspectuais.

avaliação da natureza sintática do verbo *deixar*.

3.2.10 Pronominalização

De acordo com esse critério, adotado por Lobato (1975) e por Gonçalves (1995), de modo geral, o verbo auxiliado não pode ser substituído pelo pronome de 3ª pessoa *o*. Caso a pronominalização seja possível, não há uma relação de auxiliaridade entre os verbos. Para ilustrar, vamos trazer dados propostos pelas próprias autoras:

(26) a. Uma das vítimas foi encontrada ontem pelos aviões da FAB. As três outras ainda não o foram, apesar das procuras constantes.
b. %Metade dos alunos tinha trabalhado, mas a outra não o tinha.
c. %Eu estive trabalhando aqui durante dez anos, mas ele não o esteve.

(dados extraídos de Lobato 1975, p. 65)

Tomando como base o teste da pronominalização do auxiliado, a aceitabilidade de (26a) faz com que o verbo *ser* não seja tratado como um auxiliar. Já a variação de aceitabilidade em (26b) e (26c) frente a esse teste faz com que haja duas análises para os verbos *ter* e *estar*: esses verbos não são auxiliares para aquelas pessoas que consideram gramatical a pronominalização do auxiliado desses verbos; ao passo que eles são auxiliares para aquelas pessoas que consideram agramatical essa pronominalização.

Outra maneira de usar a pronominalização como critério de auxiliaridade é observar em que contextos o pronome *o* corresponde a um constituinte maior do que simplesmente o auxiliado. Nesse casos, *o* funciona como um pronome oracional ou pro-O (nas palavras de Lobato 1975) ou como um clítico verbal demonstrativo (nas palavras de Gonçalves 1995):

(27) a. Ele crê ter razão → Ela *o* crê.
b. Ele sabe ter razão → Ela *o* sabe.
c. Ela pensa ter razão → Ela *o* pensa.
d. Ela disse ter razão → Ela *o* disse.

(28) a. João pôde não ter entendido nada vezes nada de problema → João *o* pôde.
b. Você não deve fazer isso → Você não *o* deve.
c. João pode chegar a qualquer momento → *João *o* pode.
d. João deve chegar a qualquer momento → *João *o* deve.
e. Ontem João estava lendo o livro → *Ontem João *o* estava.
f. Ontem João já tinha lido o livro → *Ontem João já *o* tinha.
g. Ontem João já havia lido o livro → *Ontem João já *o* havia.
(Português brasileiro – dados extraídos de Lobato 1975, p. 69-70)

(29) a. O João deseja ver a Marta, mas o Pedro não o deseja.
b. *O João tem visto a Marta, mas o Pedro não o tem.
(Português europeu – dados extraídos de Gonçalves 1995, p. 12)

Considerando a possibilidade desse tipo de pronominalização, os verbos *crer*, *saber pensar*, *dizer*, *poder* (capacidade) e *dever* (obrigação) do Português brasileiro e o verbo *desejar* do Português europeu não se comportam como verbos auxiliares. Já os verbos *poder* (possibilidade), *dever* (necessidade), *estar ter* e *haver* do Português brasileiro e o verbo *ter* do Português europeu se comportam como auxiliares.

Como dissemos, o pronome de 3ª pessoa *o* já não faz parte da gramática do Português brasileiro. Por conta disso, da mesma forma que fizemos com o teste anterior, esse teste não será levado em conta na avaliação da natureza sintática do verbo *deixar*.

Até aqui, nos dedicamos a elencar os diagnósticos que podem ser usados para definir um verbo como auxiliar ou não a partir dos trabalhos de Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1995) e Fábregas (2019a). Esses critérios ser resumidos no Quadro abaixo, que mostra tanto os critérios quanto os autores que os propõem.

Quadro 2: Critérios de auxiliaridade

Autor / Critério	Pontes (1973)	Lobato (1975)	Gonçalves (1995)	Fábregas (2019a)
Impossibilidade de estruturas completivas		✓	✓	✓
Sujeito único		✓		
Valor temporal único	✓	✓	✓	
Negação sentencial única	✓	✓	✓	✓
Ausência de restrição de seleção quanto ao sujeito	✓	✓		✓
Ausência de restrição de seleção quanto ao verbo auxiliado	✓	✓		✓
Impossibilidade de apassivação	✓	✓		✓
Defectividade em relação à forma imperativa		✓		✓
Subida do clítico		✓	✓	✓
Pronominalização		✓	✓	

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos trabalhos de Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1995) e Fábregas (2019a)

A partir do panorama geral apresentado no Quadro acima, pode-se observar que há autores que compartilham os mesmos critérios, ao mesmo tempo que há critérios propostos por apenas um ou alguns deles. Desse modo, finalizamos a listagem dos critérios de auxiliaridade propostos na literatura. Passaremos agora a discutir outro aspecto relevante nas propostas: a tipologia de verbos auxiliares.

3.3 Tipologias de verbos auxiliares

Na seção anterior, nos dedicamos a abordar critérios que são usados para definir verbos auxiliares. No entanto, há discussões na literatura a respeito de tipologias dentro da própria classe de verbos auxiliares. A fim de trazer essa discussão para este trabalho, apresentaremos a seguir três propostas a respeito desse grupo de verbos: a Lobato (1975), a de Laca (2002, 2004) e a de Bravo García Fernández e Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen, Bravo (2017).

3.3.1 Lobato (1975): auxiliares *lato sensu* e auxiliares *stricto sensu*

Em seu trabalho, Lobato (1975) elenca critérios de auxiliaridade existentes na literatura da época e discute o quão efetivo eles são como diagnósticos de auxiliaridade. A partir de sua análise, a autora mantém alguns desses critérios, descarta outros e ainda sugere novos critérios.

Sua proposta conta critérios hierarquizados e que devem ser satisfeitos para que um verbo seja considerado um auxiliar – critérios esses que foram explorados ao longo deste capítulo.

Em sua discussão, Lobato (1975) apresenta uma análise da classe dos auxiliares que prevê duas subclasses: os auxiliares *lato sensu* e os auxiliares *stricto sensu*. Já vimos a classe dos auxiliares *lato sensu* no início da seção 3.2 deste capítulo, quando tratamos da oposição entre a forma não-marcada e a forma marcada dos verbos como um meio de estabelecer a lista inicial de verbos auxiliares. A esse respeito, a autora afirma:

> As oposições entre formas simples, isto é, formas que contêm um só verbo, e outras em que há mais de um verbo constituem a caracterização determinável do mais vasto número de "auxiliares", que convencionamos chamar de *auxiliantes* ou *auxiliares "lato sensu"*. Consiste em se determinarem diferentes classes semânticas de auxiliantes: de tempo (*bebeu*/*tinha bebido*), de desenvolvimento (*bebeu*/*comer a beber*, *bebeu*/*tem bebido*), de modo (*bebeu*/*podia beber*) e de voz (*bebeu*/*é bebido*), através da oposição entre uma forma marcada e outra não-marcada.
>
> (Lobato, 1975, p. 75)

Na página seguinte, discutindo a proposta de Harris (1965) para identificação de *operadores* (terminologia usada por esse autor), Lobato volta a falar dos verbos auxiliares *lato sensu*:

> Adotando esse critério [o de Harris, DSF], obtém-se a classe de auxiliares *lato sensu* ou *auxiliantes*, que abrange os verbos temporais (*ter*, *haver* e algumas vezes *ser*, como em *naquela época eu ainda não era nascido*), o verbo da passiva (*ser*), os verbos de desenvolvimento (*começar a*, *continuar a*, etc.) e os modais (*poder*, *dever*, *crer*, *querer*, etc.).
>
> (Lobato, 1975, p. 76)

Antes de apresentar os auxiliares *stricto sensu*, a autora descreve o raciocínio empregado para a identificação desse grupo de verbos: "[u]ma série de testes aplicada à lista máxima de auxiliares determina o restrito grupo de verbos que satisfazem a todos eles, ou seja, os verbos *auxiliares* propriamente ditos" (Lobato, 1975, p. 76). Ou seja, parte-se dos auxiliares *lato sensu* para se determinarem os auxiliares propriamente ditos, ou auxiliares *stricto sensu*. Os critérios de auxiliaridade propostos pela autora servem, portanto, para separar os auxiliares *lato sensu* dos auxiliares *stricto sensu*: o verbo auxiliar *lato sensu* que satisfizer a todos os critérios propostos é um auxiliar *stricto sensu*.

Ao fim da aplicação dos testes, a autora chega à seguinte conclusão:

> A classe de auxiliares do português moderno fica assim delimitada a quatro elementos que são realmente verbos em que se processou a perda semântica (um só sujeito) e funcional (indissociabilidade funcional pela negação, possibilidade de combinação com qualquer tipo de sujeito e comportamento como um todo sob a incidência de um circunstante de tempo ou de um pronome clítico), pertencendo todos os quatro a uma classe gramatical (alta frequência) média de ocorrência num texto dado, passagem obrigatória e número restrito de elementos na classe, sem possibilidade de criação de outros membros por parte do falante.
>
> (Lobato, 1975, p. 77)

Os quatro verbos considerados auxiliares *stricto sensu* (ou auxiliares propriamente ditos) em sua análise são: [*ser* + $V_{PARTICÍPIO}$], [*estar* + $V_{GERÚNDIO}$], [*ter* + $V_{PARTICÍPIO}$] e [*haver* + $V_{PARTICÍPIO}$]. Esses foram os únicos verbos que, ao longo de seu trabalho, satisfizeram os critérios considerados pela autora como definidores de auxiliaridade.

Segundo a proposta de Lobato (1975), os verbos aspectuais, classe a que pertence o verbo *deixar de* e, portanto, de particular interesse para esta Dissertação, não são verbos auxiliares *stricto sensu*. Trata-se de uma classe de verbos que fazem parte do grupo dos auxiliares *lato sensu*. Tal análise será levada em consideração no próximo capítulo, onde aplicaremos ao verbo *deixar de* critérios para definir a sua natureza sintática.

3.3.2 Laca (2002, 2004): perífrases de aspecto sintático e perífrases de modificação de eventualidade

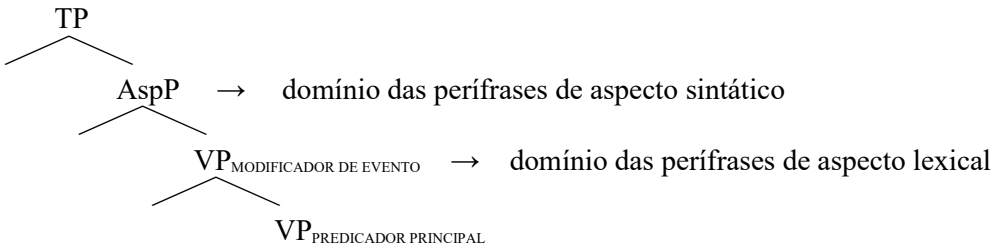
A proposta de Laca (2002, 2004) toma como objeto de investigação as perífrases aspectuais das línguas românicas e as estuda partindo de duas hipóteses:

a) A ordem entre perífrases aspectuais é rígida em alguns casos e semanticamente restrita em outros; e
b) O domínio rigidamente organizado corresponde ao aspecto sintático e, portanto, faz parte da arquitetura funcional da oração, ao passo que, o domínio restringido por questões semânticas corresponde à modificação de eventualidade (aspecto lexical).

(Laca, 2002, p. 70-71; 2004, p. 429)

Com base nessas hipóteses, a autora propõe que as perífrases aspectuais das línguas românicas se organizam em duas classes distribucionais diferentes: as *perífrases de aspecto sintático* (ou de aspecto de ponto de vista) e as *perífrases de modificação de eventualidade* (ou de aspecto lexical, ou de *Aktionsart*, ou de aspecto de situação). A estrutura das perífrases aspectuais é apresentada abaixo (adaptação de Laca, 2004, p. 435):

(30)



Vejamos agora as características de cada uma das duas perífrases.

3.3.2.1 Perífrases de aspecto sintático

As perífrases de aspecto sintático são representadas por Asp na representação em (30) e "ocupam uma posição intermediária entre a projeção de um VP pleno, associado com a descrição de uma eventualidade (possivelmente compreendendo um ou mais níveis de modificadores de eventualidade) e o núcleo temporal responsável por estabelecer relações temporais dêiticas ou anafóricas" (Laca, 2004, p. 435). Em outras palavras, essas perífrases se localizam em um nível estrutural superior na oração (no domínio funcional da oração).

Do ponto de vista de seu conteúdo, elas expressam aspecto gramatical (prospectivo, retrospectivo, genérico) ou quantificação genérica e são exemplificadas pelas seguintes perífrases do Português – os exemplos e os valores aspectuais são de Laca (2002, p. 73; 2004, p. 230):[14]

(31) a. habitual (quantificação genérica): *costumar* + V_{INF}
b. prospectivo: *ir* + V_{INF}
c. retrospectivo: *acabar de* + V_{INF2}
d. progressivo: *estar* + V_{GER} / *estar a* + V_{INF}

Para a autora (2002, 2004), as perífrases de aspecto sintático se caracterizam por quatro propriedades. A primeira deriva da estrutura sintática apresentada em (30): as perífrases de aspecto sintático, por aparecerem em uma posição mais periférica na estrutura oracional (hierarquicamente superior), antecedem as perífrases de modificação de eventualidade. A esse respeito, observem-se os dados do Espanhol (Laca, 2002, p. 73-74):

[14] Laca traz exemplos de cinco línguas românicas: Catalão, Espanhol, Francês, Italiano e Português. Para os fins de exemplificação das perífrases em (31), vou me limitar ao Português, mas o quadro exemplificativo geral é o mesmo. As únicas diferenças são: a) a ausência de determinada perífrase em uma dada língua representando o valor aspectual apontado; e/ou b) a diferença lexical em relação aos auxiliares que realizam os valores aspectuais nas línguas.

(32) a. Acaba de {volver a / estar por / empezar a / dejar de / terminar de} corregir las pruebas.
'Acaba de voltar a / estar para / começar a / deixar de / terminar de corrigir as provas'

b. Estaba {volviendo a / estando por / empezando a / dejando de / terminando de} corregir las pruebas.
'Estava voltando a / estando por / começando a / deixando de / terminando de corrigir as provas'

Os exemplos em (32) são gramaticais pelo fato de os verbos *acabar de* (lexicalização do aspecto retrospectivo) e *estar* (lexicalização do aspecto progressivo) construírem perífrases de aspecto sintático e, por isso, ocuparem uma posição estruturalmente superior à das perífrases de modificação de eventualidade (que estão dentro das chaves).

Quando se inverte a ordem entre essas perífrases, o resultado é agramatical:

(33) a. *{Vuelve a / Está por / Empieza a / Deja de / Termina de} acabar de corregir las pruebas.
'Ele / ela volta a / está por / começa a / deixa de / termina de acabar de corrigir as provas.'

b. *{Vuelve a / Está por / Empieza a / Deja de / Termina de} estar corrigiendo las pruebas.
'Ele / ela volta a / está por / começa a / deixa de / termina de estar corrigindo as provas.'

Os exemplos em (33) são agramaticais pelo fato de as perífrases de modificação de eventualidade aparecerem em uma posição hierarquicamente superior às perífrases de aspecto sintático. Essa ordem viola a organização estrutural dos dois tipos de perífrase em (30), uma vez que as perífrases de modificação de eventualidade ocupam uma posição inferior à das perífrases de aspecto sintático. Em outras palavras, é a arquitetura funcional que restringe a ordem entre os dois tipos de perífrases.

Como segunda propriedade das perífrases de aspecto sintático, Laca (2002, 2004) destaca que a co-ocorrência dessas perífrases é severamente restringida:[15]

(34) a. *Suele ir a salir. habitual – prospectivo
'Costuma ir sair'
b. *Va a soler salir. prospectivo – habitual
'Vai costumar a sair'
c. *Suele acabar de salir. habitual – retrospectivo
'Costuma acabar de sair'
d. *Acaba de soler salir. retrospectivo – habitual
'Acaba de costumar a sair'.
e. *Acaba de ir hablar con él. retrospectivo – prospectivo
'Ele / ela acabou de falar com ele'
f. *Va a acabar de hablar con él. retrospectivo – prospectivo
'Ele / ela vai acabar de falar com ele'

Da observação dos dados, a autora conclui que: a) as perífrases habituais e as perífrases progressivas não podem co-ocorrer (exemplos (34a) e (34b)); b) as perífrases habituais e as perífrases retrospectivas se excluem mutuamente (exemplos 34c e 34d); e c) as perífrases retrospectivas e as perífrases prospectivas são incompatíveis entre si (exemplos (34e) e (34f)). Isso exemplifica a primeira restrição que afeta as perífrases de aspecto sintático e impede a sua co-ocorrência: essas perífrases estão em distribuição complementar.

Vejamos mais um conjunto de dados acerca da combinação das perífrases de aspecto sintático:[16]

(35) a. Suele estar leyendo. habitual – progressivo
'Ele / ela está geralmente lendo'
b. *Está soliendo leer. progressivo – habitual
'Ele / ela está costumando ler'

[15] Os exemplos (34a) – (34d) foram extraídos de Laca (2004, p. 432), e os exemplos (34e) – (34f) foram extraídos de Laca (2002, p. 74).

[16] Os exemplos (35a) – (35d) foram extraídos de Laca (2004, p. 432), e os exemplos (35e) – (35f) foram extraídos de Laca (2002, p. 74-75). A agramaticalidade de (35f) se deve ao fato de a única leitura disponível ser a de aspecto completivo e não de aspecto retrospectivo.

c. Va a estar trabalhando. prospectivo – progressivo
‘Ele/ela vai estar trabalhando’
d. #Está yendo a trabalhar. progressivo – prospectivo
‘Está indo trabalhar’
e. ?Acaba de estar hablando con él. retrospectivo – progressivo
‘Ele / ela acaba de estar falando com ele’
f. *Está acabando de hablar con él. progressivo – retrospectivo
‘Ele / ela está acabando de falar com ele’

Nos dados acima, vemos que as perífrases habituais (35a), as perífrases prospectivas (35c) e as perífrases retrospectivas (35e) podem anteceder as perífrases progressivas, mas as perífrases progressivas não podem anteceder nenhuma dessas três perífrases – exemplos (35b), (35d) e (35f), respectivamente. Essa situação ilustra a segunda restrição que afeta as perífrases de aspecto sintático e impede a sua co-ocorrência: essas perífrases se caracterizam por um rígido ordenamento entre elas.

A terceira propriedade das perífrases de aspecto sintático diz respeito às suas possibilidades combinatórias, mais especificamente, que tipo de propriedades as perífrases de aspecto sintático selecionam da situação com a qual se combinam. Segundo Laca (2002, p. 77), essas perífrases “têm amplas possibilidades combinatórias, ao mesmo tempo em que exibem restrições quanto ao tipo de situação com as quais podem se combinar”.

Vejamos os exemplos a seguir, com a perífrase [*ir a* + V_{INF}] do Espanhol:

(36) a. La película le va a gustar.
‘O filme vai agradar a ele’
b. Se iban a ver con frecuencia.
‘Eles iam se ver com frequência’

(Laca, 2002, p. 77)

Na expressão do aspecto prospectivo, a perífrase [*ir a* + V_{INF}] “pode se combinar livremente com qualquer tipo de situação, especialmente situações estativas e habituais” (Laca, 2002, p. 77). A combinação dessa perífrase com uma situação estativa a que a autora se refere parece no exemplo (36a), ao passo que a sua combinação com uma situação habitual aparece no exemplo (36b).

Outro exemplo vem das perífrases retrospectivas com [*acabar de* + V_{INF}] também do Espanhol:

(37) a. *Juan acaba de saber inglés.
'Juan acaba de ser capaz de falar Inglês'
b. *Juan acaba de ir muy seguido al teatro.
'Juan acabou de ir ao teatro frequentemente'
c. Juan acaba de saber la noticia.
'Juan acaba de saber a notícia'
d. Juan acaba de estar muy enfermo.
'Juan acaba de estar muito doente'

Laca (2002, p. 78)

Das combinações de [*acabar de* + V_{INF2}], a única que produz resultados marcados é quando essa perífrase se associa a estados permanentes ou a situações habituais. Essa combinação pode resultar em orações não aceitáveis ou em orações aceitáveis. Nos casos não aceitáveis, [*acabar de* + V_{INF2}] se combina com um estado permanente, como em (37a), ou com um hábito, como em (37b). Nos casos aceitáveis, [*acabar de* + V_{INF2}] se combina com um estado permanente, mas a oração é associada a uma interpretação incoativa (por meio de coerção), como em (37c), ou com um estado episódico, como em (37d). Com esses exemplos, ilustram-se as restrições que as perífrases de aspecto sintático têm quanto ao tipo de situação com as quais podem se combinar. Quando essas restrições não são observadas, o resultado é a agramaticalidade das sentenças, como nos exemplos (37a) e (37b), ou uma mudança regular na interpretação das sentenças (coerção), como no exemplo (37c). Quando as restrições são observadas, o resultado é uma sentença plenamente gramatical, como no exemplo (37d).

Vejamos outro exemplo de coerção, agora com as perífrases progressivas:

(38) a. Estaba tossiendo.
'Ele / ela estava tossindo'
b. El tren estava llegando a la estación.
'O trem estava chegando à estação'

(Laca, 2002, p. 77-78)

Nesses exemplos, a combinação de [*estar* + V_{GER}] com um predicado semelfactivo produz uma interpretação derivada de múltiplos eventos, como em (38a). Já a combinação de [*estar* + V_{GER}] com um predicado de *achievement* produz uma interpretação derivada de um *accomplishment* cuja parte referente à atividade corresponde aos estágios preliminares do *achievement*, como em (38b). Os dois efeitos são derivados por meio de reinterpretação contextual das situações com as quais a perífrase [*estar* + V_{GER}] se associa.

Por fim, a última propriedade das perífrases de aspecto sintático é de natureza morfológica. De acordo com Laca (2002, 2004), e essas perífrases sofrem severas restrições quanto ao tempo verbal em que elas podem aparecer:

(39) a La película le iba a / *fue a gustar.
'Ele / ela ia / *foi gostar do filme'
b. Iba a / *Fue a dejar de llover.
'Ia / *Foi deixar de chover'
c. Va / *Fue a estar por corregir las pruebas.
'Ele / ela vai / *foi estar por corrigir as provas'
d. Va / *Fue a estar hablando com el.
'Ele / ela vai / *foi estar falando com ele'

(Laca, 2002, p. 80; 2004, p. 436)

A partir dos exemplos acima, a perífrase [*ir a* + V_{INF}] expressa aspecto prospectivo apenas quando está flexionada no presente e no pretérito imperfeito. Prova disso é que, somente quando aparece nesses tempos, essa perífrase pode se associar a estados (39a) e hábitos (39b), além de anteceder outras perífrases (39c) e (39d).

A autora (2002, p. 435 – tradução nossa) apresenta a seguinte descrição dos fatos em relação às outras perífrases:

> [...] as perífrases de aspecto sintático são severamente restringidas em relação aos tempos verbais com as quais elas se combinam. [...] O verbo habitual *soler(e)* é um verbo defectivo, apresentando apenas as formas correspondentes ao presente e ao pretérito imperfeito. As perífrases retrospectivas só são possíveis com o presente, com o pretérito imperfeito e (marginalmente) com o futuro. O mesmo vale para a perífrase progressiva do Italiano. Em relação às perífrases prospectivas, elas sofrem mais mudanças quando aparecem em outros tempos diferentes do presente e do pretérito imperfeito (ver Olbertz 1998; Bravo 1999).

Apresentadas as perífrases de aspecto sintático e suas propriedades, trataremos agora das perífrases de modificação de eventualidade.

3.3.2.2 Perífrases de modificação de eventualidade

Observando a representação em (30), as perífrases de modificação de eventualidade (ou de aspecto lexical) são representadas por $VP_{\text{MODIFICADOR DE EVENTO}}$ e são estruturalmente próximas do verbo lexical, representado por $VP_{\text{PREDICADOR PRINCIPAL}}$. Em outras palavras, elas se localizam em um nível estrutural mais baixo na oração e mais próximo do domínio lexical da oração.

São exemplos de perífrases de aspecto lexical em Português:

(40) a. inceptivo (fase inicial): *começar a* + V_{INF}
por-se a + V_{INF}

b. terminativo: *deixar de* + V_{INF}
parar de + V_{INF}

c. completivo *acabar de* + V_{INF1}
terminar de + V_{INF}

d. iminencial (estágios preliminares): *estar para* / *estar por* + V_{INF}

e. distributivo: *andar* + V_{GER}

f. repetitivo/restitutivo: *voltar a* + V_{INF}

g. intransformativo: *continuar* + V_{GER} / *continuar a* + V_{INF}

h. continuativo ou *accomplishment* gradual: *ir* + V_{GER}

Seu papel semântico é o de atuar sobre a estrutura temporal interna da eventualidade descrita como $VP_{\text{PREDICADOR PRINCIPAL}}$ (isto é, o seu aspecto lexical, ou o seu aspecto de situação, ou a sua *Aktionsart*), mapeando-a em outra eventualidade que pode ter a mesma estrutura temporal interna desse predicador ou pode ter uma estrutura temporal diferente (Laca, 2004, p. 433). Especificamente,

> [...] perífrases inceptivas, terminativas e completivas têm como output eventualidades correspondentes ao ponto inicial ou ao ponto final (arbitrário ou natural) da descrição da eventualidade "básica". Interessantemente, perífrases repetitivas/restitutivas, intrasformativas e de *accomplishment* gradual derivam eventualidades com estruturas temporais muito específicas, o que também caracteriza certos verbos lexicais. As perífrases repetitivas/restitutivas pressupõem que uma instanciação do mesmo tipo da eventualidade aconteceu anteriormente, o que corresponde aproximadamente à estrutura temporal de um verbo como *substituir*. As perífrases intransformativas pressupõem que uma subparte da mesma eventualidade aconteceu anteriormente, o

> que corresponde aproximadamente à estrutura temporal de um verbo como *permanecer*. Finalmente, perífrases de *accomplishment* gradual impõem uma estrutura temporal incremental análoga à de predicados graduais, como *ampliar*.
> (Laca, 2004, p. 433-434 – tradução nossa).

De acordo com Laca (2002, 2004), as perífrases de modificação de eventualidade também se caracterizam por 4 propriedades. A primeira propriedade, já foi apresentada quando tratamos dos exemplos (32) e (33), isto é, as perífrases de modificação de eventualidade, por serem estruturalmente mais baixas, só podem aparecer depois das perífrases de aspecto sintático, como esquematizado abaixo:

(41) a. ✓[perífrase de aspecto sintático – perífrase de modificação de eventualidade]
b. *[perífrase de modificação de eventualidade – perífrase de aspecto sintático]

A segunda propriedade das perífrases de modificação de eventualidade é a possibilidade de elas co-ocorrerem livremente na oração:

(42) a. Los amigos fueron dejando de venir.
'Os amigos foram deixando de vir'
b. Dejó de ir archivando la correspondencia a medida que llegaba.
'Ele / Ela deixou de ir arquivando a correspondência a medida que chegava.'
c. Estuvo por seguir cantando
'Ele / Ela estava prestes a continuar cantando.'
d. Sigue estando por cantar
'Ele/Ela ainda está prestes a cantar'

(Laca, 2004, p. 432-433)

Como se vê no exemplo (42a), a perífrase de aspecto continuativo / *accomplishment* gradual [*ir* + V_{GER}] pode anteceder a perífrase de aspecto terminativo [*dejar de* + V_{INF}]. De acordo com o exemplo (42b), a perífrase de aspecto terminativo [*dejar de* + V_{INF}] também pode anteceder a perífrase de aspecto continuativo / *accomplishment* gradual [*ir* + V_{GER}]. Os exemplos (42c) e (42d) mostram a mesma situação: a perífrase de aspecto iminencial [*estar por* + V_{INF}] tanto pode anteceder a perífrase intransformativa [*seguir* + V_{GER}] como pode ser antecedida por ela. Em resumo: os dados em (42) mostram que as perífrases de modificação de

eventualidade não exibem ordenamento rígido (como as perífrases de aspecto sintático), podendo inclusive exibir ordenamentos alternativos.

A terceira característica das perífrases de modificação de eventualidade é que elas impõem restrições selecionais às eventualidades com as quais elas se combinam. Vejamos um exemplo:

(43) a. *Los amigos terminaron de dejar de venir.
'Os amigos terminaram de deixar de vir'
b. *Terminó de empezar a trabajar al alba.
'Ele / Ela terminou de começar a trabalhar de madrugada'

(Laca, 2002, p. 88)

A agramaticalidade dos dados acima exemplifica a questão semântica que atua na combinação das perífrases. A perífrase completiva [*terminar de* + V_{INF}] seleciona um *accomplishment* como complemento, já as perífrases [*Los amigos dejar de venir*], em (43a), e [*Empezar a trabajar al alba*], em (43b), não são *accomplishments*. Como há incompatibilidade entre as restrições de seleção da perífrase [*terminar de* + V_{INF}] e a estrutura temporal determinada pela perífrase mais baixa, as combinações dos exemplos em (43) são agramaticais.

Os dados abaixo exemplificam o mesmo ponto:

(44) a. Sigue poniendose a gritar sin motivo.
'Ele / ela ainda começa a gritar sem razão'
b. Sigue dejando de trabajar a las siete.
'Ele / ela ainda para de trabalhar às sete'
c. ?*Dejo de seguir cantando.
'Ele / ela deixou de seguir cantar'
d. ?*Empezo a seguir tocando.
'Ele / ela começou a seguir cantando'

(Laca, 2002, p. 82-83)

A perífrase [*seguir* + V_{GER}] pode anteceder as perífrases [*poner-se a* + V_{INF}] e [*dejar de* + V_{INF}], exemplos (44a) e (44b) respectivamente, mas não pode ser antecedida das perífrases [*dejar de* + V_{INF}] e [*empezar a* + V_{INF}], exemplos (44c) e (44d) respectivamente. Isso se deve ao fato de [*seguir* + V_{GER}] mudar o tipo da situação do seu complemento para uma situação

intransformativa. Esse tipo de situação por sua vez, é incompatível com a seleção de perífrases como [*dejar de* + V_{INF}] e [*empezar a* + V_{INF}].

Por fim, consideremos mais um exemplo:

(45) Dejaron de empezar a trabajar al alba.
'Eles / elas deixaram de começar a trabalhar de madrugada'

(Laca, 2002, p. 80)

Nesse exemplo, temos uma fase [*dejar de* + V_{INF}] que atua sobre outra fase [*empezar a* + V_{INF}] de uma determinada situação (*elas / elas trabalhar al alba*), que corresponde ao intervalo final de um intervalo inicial da situação de [*eles / elas trabalhar de madrugada*]. Essa interpretação de fases de fases é "praticamente impossível" (Laca, 2002, p. 81). Apesar de essa interpretação se impossível, o exemplo é gramatical. Por quê? Para Laca (2002), isso ocorre porque esse exemplo tem outra interpretação. Ele sofre coerção (reinterpretação contextual) e, com isso, deriva-se uma interpretação habitual para a perífrase [*empezar a trabajar al alba*], ou seja, ela passa a ser interpretada como uma situação habitual, e a perífrase [*dejar de* + V_{INF}] denota uma fase dessa situação habitual derivada.

Por fim, a quarta característica das perífrases de modificação de eventualidade é o fato de elas não apresentarem restrição alguma quanto à sua combinação com os tempos gramaticais. De acordo com Laca (2004, p. 435), essa perífrases "podem aparecer em todos os tempos". A autora, no entanto, não apresenta exemplos ilustrativos.

A proposta de Laca (2002, 2004) é clara em relação à análise do verbo aspectual *deixar* (ou, nos termos da autora, a perífrase *deixar de* + V_{INF}) nas línguas românicas: trata-se de uma perífrase de modificação de eventualidade. Veremos como incorporar essa descrição da natureza do verbo aspectual *deixar* na nossa análise desse verbo.

3.3.3 Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen & Bravo (2017): verbos auxiliares lexicais e verbos auxiliares funcionais

Analisando os verbos auxiliares do Espanhol, Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen & Bravo (2017) argumentam em favor de dividir os verbos auxiliares dessa língua em dois grupos: os verbos auxiliares lexicais e os verbos auxiliares funcionais. Cada uma dessas subclasses de verbos auxiliares se caracteriza por um conjunto de propriedades que passamos a apresentar.

3.3.3.1 Verbos auxiliares lexicais

Para os autores, do ponto de vista semântico, os verbos auxiliares lexicais apresentam conteúdo lexical ou conteúdo próximo de um conteúdo de natureza lexical (García Fernández, Krivochen & Bravo 2017, p. 9). Como exemplos de auxiliares desse tipo, os autores elencam os seguintes verbos:

(46) Verbos auxiliares lexicais do Espanhol

poder + V_{INF}, *tener que* + V_{INF}, *empezar a* + V_{INF}, *tardar en* + V_{INF}

(García Fernández, Krivochen & Bravo 2017, p. 11)

Do ponto de vista sintático, esses auxiliares, dada sua natureza lexical, delimitam domínios de predicação e constituem os núcleos desses domínios (García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 10). Exemplifiquemos essa afirmação:

(47) a. Tienes que trabajar más.

b. [Tienes que [trabajar]] más

(García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 10)

Na oração em (47a), há o verbo auxiliar lexical *tener que*) e o verbo pleno / lexical *trabajar*. Como são dois verbos com características lexicais, cada um deles define um domínio de predicação e cada um é núcleo do seu próprio domínio. Isso quer dizer que um auxiliar lexical não faz parte do domínio de predicação de outro verbo. É o que os colchetes na representação em (47b) mostram: *tener que* forma um domínio predicativo independente do domínio definido por *trabajar*.

Por fim, do ponto de vista lexical, a classe dos verbos auxiliares lexicais se caracteriza pela possibilidade de receber novos membros (García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 11). Ou seja, é uma classe aberta.

Passemos agora à apresentação dos auxiliares funcionais.

3.3.3.2 Verbos auxiliares funcionais

De acordo com Bravo, García Fernández & Krivochen (2015, p. 88), do ponto de vista semântico, os verbos auxiliares funcionais não apresentam denotação (significado lexical). Esses verbos apresentam apenas significado gramatical. Nessa classe, os autores incluem os

verbos auxiliares de aspecto (externo), de tempo e de voz (García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 11):

(48) Verbos auxiliares funcionais do Espanhol

ser + V_{PART}, *estar* + V_{GER}, *ir a* + V_{INF}, *haber* + V_{PART}, *acabar de* + V_{INF} (sentido retrospectivo)

Do ponto de vista sintático, os auxiliares funcionais não delimitam domínios de predicação. Quando presentes na oração, esses verbos fazem parte do domínio de predicação de um verbo lexical – seja ele, um verbo pleno / lexical ou um verbo auxiliar lexical. Isso fica claro abaixo (García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 13):

(49) a Vá a trabajar

b. [Vá a trabajar]

Em (49a), identificam-se o auxiliar funcional *ir a* e o verbo pleno / lexical *trabajar*. Como há apenas um verbo lexical, a oração apresenta apenas um domínio de predicação, cujo núcleo é o verbo lexical *trabajar*. O auxiliar funcional *ir a*, por ser funcional, não define domínio de predicação e, portanto, faz parte do domínio de predicação do verbo *trabajar*, como se vê na representação em (49b), onde *ir a* se encontra dentro dos colchetes que delimitam o domínio de predicação formado a partir do verbo *trabajar*.

Essa configuração na qual há um (ou mais de um) verbo auxiliar funcional integrando o domínio de predicação definido a partir de um verbo lexical (que pode ser um verbo auxiliar lexical ou um verbo lexical / pleno) é denominada pelos autores de projeção estendida do verbo lexical. Em uma projeção estendida, o papel sintático dos auxiliares funcionais é o de modificar os núcleos lexicais dos domínios de predicação do qual fazem parte (García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 10).

Vejamos agora como os diferentes tipos de verbos auxiliares do Espanhol se comportam em outras configurações.

3.3.3.3 Cadeias de verbos auxiliares

Nas seções anteriores, vimos duas configurações em que os dois tipos de verbos auxiliares podem aparecer juntamente com o verbo lexical / pleno: [$V_{\text{AUXILIAR LEXICAL}}$ – V] e [$V_{\text{AUXILIAR FUNCIONAL}}$ – V].[17] Tanto em Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) como em García Fernández, Krivochen e Bravo (2017), os autores estudam o comportamento dos verbos auxiliares do Espanhol também em outro contexto, que denominam cadeias de verbos auxiliares (ou simplesmente cadeias de auxiliares), isto é, "qualquer sequência considerada uma perífrase verbal na qual há, pelo menos, dois verbos auxiliares à esquerda do verbo lexical" (Bravo, García Fernández & Krivochen 2015, p. 75). A motivação para estudar cadeias de verbos auxiliares se deve ao fato de que, para os autores, essas cadeias "têm uma estrutura sintática rica e articulada e que sua interpretação depende dessa estrutura" (García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 5). Mostraremos agora com os diferentes tipos de auxiliares interagem entre si e com o verbo pleno / lexical em cadeias de auxiliares.

Pensando nos dois tipos de auxiliares, podemos começar com estruturas nas quais dois tipos de auxiliares do mesmo tipo interagem com o verbo lexical. A primeira dessas estruturas é a seguinte:

(50) [$V_{\text{AUXILIAR LEXICAL}}$ – $V_{\text{AUXILIAR LEXICAL}}$ – V]

a. Tardó en poder pagar la deuda

b. [Tardó em [poder [pagar]]] la deuda

(García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 15)

Nessa oração, há dois verbos auxiliares lexicais (*tardar en* e *poder*) antecedendo o verbo lexical / pleno (*pagar*). Como só há verbos lexicais na oração, cada um deles define o seu próprio domínio de predicação e é núcleo dele. É o que se ilustra em (50b), com cada verbo delimitando um domínio de predicação representado pelos colchetes. Havendo recursividade no emprego de verbos auxiliares lexicais acompanhando o verbo lexical / pleno, cada um desses verbos terá associado a ele um domínio de predicação distinto.

A segunda estrutura é dada abaixo:

[17] Usarei o símbolo V para fazer referência aos verbos plenos / lexicais.

(51) [$V_{\text{AUXILIAR FUNCIONAL}}$ − $V_{\text{AUXILIAR FUNCIONAL}}$ − V]

a. Voy a estar trabajando toda la noche

b. [Voy a estar trabajando] toda la noche

(García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 15)

Na oração acima, existem dois verbos auxiliares funcionais (*ir a* e *estar*) antecedendo o verbo lexical / pleno (*trabajar*). Como só há um verbo lexical na oração, só há um domínio de predicação, o qual é definido e nucleado por esse verbo (no caso, *trabajar*). Os verbos auxiliares funcionais fazem parte da projeção estendida desse verbo lexical, como se vê na representação em (51b). Caso a oração apresente recursividade de verbos auxiliares funcionais acompanhando o verbo lexical / pleno, haverá apenas um domínio de predicação do qual todos os verbos auxiliares funcionais fazem parte.

Outras estruturas possíveis são aquelas nas quais um verbo auxiliar lexical, um verbo auxiliar funcional e o verbo lexical / pleno interagem. A primeira estrutura que deriva da combinação desses verbos é apresentada em (52):

(52) [$V_{\text{AUXILIAR LEXICAL}}$ − $V_{\text{AUXILIAR FUNCIONAL}}$ − V]

a. Juan tiene que estar trabajando en la biblioteca

b. Juan [tiene que [estar trabajando]] en la biblioteca

(García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 6, 9, 16)

Nessa oração, há um verbo auxiliar lexical (*tener que*), um verbo auxiliar funcional (*estar*) e um verbo lexical / pleno (*trabajar*), nessa ordem. Na representação em (52b), os verbos lexicais *tener que* e *trabajar* definem seus próprios domínios de predicação. O verbo *estar*, dada sua natureza de verbo auxiliar funcional, vai integrar a projeção estendida de um dos verbos lexicais. Para García Fernández, Krivochen e Bravo (2017, p. 17), um auxiliar funcional sempre integra a projeção estendida do verbo lexical que se encontra à sua direita. Aplicando isso ao exemplo em (52a), *estar* vai integrar a projeção estendida do verbo lexical / pleno *trabajar*, como se ilustra em (52b), onde se veem os verbos *estar* e *trabajar* como parte do mesmo domínio, representado pelos colchetes.

A segunda estrutura que deriva da combinação dos três tipos de verbos é a que vê em (53):

(53) [$V_{\text{AUXILIAR FUNCIONAL}}$ – $V_{\text{AUXILIAR LEXICAL}}$ – V]

a. Juan está teniendo que trabajar en la biblioteca.

b. Juan [[está teniendo que] trabajar] en la biblioteca.

(García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 6, 9, 15)

Na oração em discussão, o verbo auxiliar funcional *estar* está em primeira posição, depois vem o verbo auxiliar lexical *tener que*, e, por fim, há o verbo lexical / pleno *trabajar*. Os verbos lexicais *tener que* e *trabajar* definem seus próprios domínios de predicação e, na representação em (53b), o verbo auxiliar funcional *estar* integra a projeção estendida do verbo auxiliar *tener que*, uma vez que esse é o verbo lexical imediatamente à sua direita.

A proposta dos autores se abre a muitas outras possibilidades. Apresentaremos mais duas cadeias de auxiliares. A primeira é a que se vê abaixo:

(54) [$V_{\text{AUXILIAR LEXICAL}}$ – $V_{\text{AUXILIAR FUNCIONAL}}$ – $V_{\text{AUXILIAR FUNCIONAL}}$ – V]

a. Podría estar siendo atendido por un médico.

b. [[Podría] [estar siendo atendido]] por un medico

(García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 16)

Nesse exemplo, identificam-se o auxiliar lexical *poder*, seguido dos auxiliares funcionais *estar* e *ser* (respectivamente) e, por fim, o vem verbo lexical / pleno *atender*. Como a representação (54b) mostra, por haver dois verbos lexicais nessa oração, cada define o seu próprio domínio predicativo e os dois auxiliares funcionais fazem parte da projeção estendida do verbo lexical / pleno *atender*, que é o verbo lexical que se localiza à direita desses auxiliares funcionais.

A segunda estrutura complexa é a que apresentamos abaixo:

(55) [$V_{\text{AUXILIAR FUNCIONAL}}$ – $V_{\text{AUXILIAR LEXICAL}}$ – $V_{\text{AUXILIAR FUNCIONAL}}$ – V]

a. Por tu mala cabeza, vas a tener que estar trabajando todo el verano.

b. Por tu mala cabeza, [[vas a tener que] [estar trabajando]] todo el verano.

(García Fernández, Krivochen e Bravo 2017, p. 17)

Nesse exemplo, há quatro verbos distribuídos da seguinte forma: o auxiliar funcional *ir a*, o m auxiliar lexical *tener que*, o auxiliar funcional *estar* e o verbo pleno / lexical *trabajar*.

Os verbos *tener que* e *trabajar* , por serem verbos lexicais, definem os seus próprios domínios de predicação. O auxiliar funcional *ir a* integra a projeção estendida do verbo auxiliar lexical *tener que*, e o verbo auxiliar funcional *ser* integra a projeção estendida do verbo lexical / pleno *trabajar*. Isso é o que se representa em (55b).

Os textos dos autores trazem mais exemplos, mas acreditamos que os padrões selecionados já dão uma visão geral da análise que eles oferecem para os verbos auxiliares do Espanhol e de sua interação em cadeias de auxiliares.

Em sua tipologia, Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen & Bravo (2017) não abordam o verbo *dejar de* (equivalente do verbo aspectual do Português *deixar de*) em nenhum exemplo. No entanto, na apresentação dos exemplos referentes aos tipos de auxiliares em (46) e em (48), os autores incluem verbos aspectuais (*empezar a* + V_{INF} e *tardar en* + V_{INF}) apenas no grupo dos verbos auxiliares lexicais do Espanhol. Uma possibilidade é pensar que a classe dos verbos aspectuais compreende apenas verbos auxiliares lexicais. Se isso for verdade, o verbo *dejar de* (do Espanhol) / *deixar de* (do Português) seria um verbo auxiliar lexical que definiria um domínio predicativo e seria núcleo desse domínio. Como essa caracterização do verbo *dejar de* / *deixar de* não está clara e suficientemente apresentada na proposta dos autores, ela aparece aqui apenas como uma possibilidade interpretativa.

Conclusões preliminares

Conforme citação de Rochette (1999) apresentada no início deste capítulo, o fato de um verbo aspectual se combinar com um infinitivo não quer dizer necessariamente que esse verbo é um predicado de alçamento e que esse infinitivo é uma oração. Outra possibilidade aventada pela autora é a de que os aspectuais sejam verbos auxiliares e o infinitivo seja menor que uma oração. Com isso em mente, neste capítulo, com base nos trabalhos de Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1995) e Fábregas (2019a), elencamos um conjunto de critérios usados para identificar um verbo como pertencente à classe dos auxiliares.

Além disso, trouxemos a discussão a respeito da natureza de subtipos de auxiliares. A esse respeito, apresentamos três propostas que assumem uma subdivisão da classe dos auxiliares. Lobato (1975) prevê a existência de auxiliares *lato sensu* e de auxiliares *stricto senso* com base no seu comportamento frente aos critérios de auxiliares definidos por ela. Laca (2002, 2004) propõe a existência de perífrases de aspecto sintático e de perífrases de modificação de

eventualidade, tomando como base suas características morfossintáticas e semânticas. Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen & Bravo (2017) sugerem a existência de auxiliares lexicais e de auxiliares funcionais, a partir da observação de suas características morfossintáticas e semânticas e de sua interação em cadeias de auxiliares.

Até o momento, nos dedicamos a fazer um levantamento teórico a respeito dos verbos auxiliares. Como foi possível notar, essa classe de verbos não é analisada de forma restrita em que os verbos só podem ser auxiliares ou não. Ao abrir o leque de possibilidades, nos beneficiamos de mais arcabouço teórico, que pode nos ajudar a construir uma descrição rica e detalhada a respeito do verbo *deixar* já que, de maneira antecipada, temos acesso à informação de que *dejar de* não é plenamente auxiliar se considerarmos o Espanhol (Laca, 2002, 2004; Bravo, García Fernández & Krivochen, 2015; García Fernández, Krivochen & Bravo, 2017). O grande questionamento, que responderemos nos próximos capítulos, é saber se, para o Português brasileiro, *deixar de* mantém ou não as características do seu equivalente em Espanhol. Dessa forma, todos as análises propostas pelos autores aqui mencionados serão fundamentais para um estudo cuidadoso do verbo *deixar*.

CAPÍTULO 4

Deixar: verbo de alçamento, verbo de controle ou verbo auxiliar?

Introdução

O verbo *deixar*, na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], seleciona uma forma não-finita infinitiva, a qual é antecedida da preposição *de*. Nessa sequência, *deixar* pode estar associado a três possíveis análises sintáticas: esse verbo pode ser um verbo lexical ou um verbo funcional. Se for lexical, ele pode ser um verbo de alçamento ou um verbo de controle. Se for verbo funcional, ele será um verbo auxiliar. No domínio dos verbos aspectuais, essas três análises existem como possibilidades e foram apresentadas no capítulo 2 e no capítulo 3. Nossa proposta neste capítulo é tripla. Primeiramente vamos aplicar ao verbo *deixar*, na estrutura [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], todos os testes descritos nesses dois capítulos para a caracterização dos verbos aspectuais em geral. Em seguida, vamos verificar como esse verbo se comporta frente a esses testes. Por fim, com base no material empírico referente ao comportamento de *deixar* em relação à aplicação dos testes, vamos caracterizá-lo como um verbo lexical (verbo de alçamento ou verbo de controle) ou como um verbo funcional (verbo auxiliar).

4.1 *Deixar*: verbo lexical?

Nesta seção vamos nos dedicar a aplicar os testes utilizados para caracterizar os verbos aspectuais como verbos de natureza lexical. Sendo assim, vamos iniciar a seção, verificando o comportamento de *deixar* frente aos testes que diagnosticam características de um verbo de alçamento e, em seguida, verificamos como esse verbo se comporta frente a testes que detectam características de um verbo de controle.

4.1.1 Propriedades identificadores da estrutura de alçamento para os verbos aspectuais

Vimos, no capítulo 2, que na literatura são propostos 8 critérios para caracterizar um verbo aspectual como sendo um verbo de alçamento. Os critérios são os seguintes: a) possibilidade de orações nominalizadas na posição de sujeito; b) licenciamento de sujeitos expletivos; c) licenciamento de sujeitos de expressões idiomáticas; d) sinonímia entre ativa – passiva; e) ocorrência com expressões fixas; f) impossibilidade de co-ocorrência de dois

advérbios do mesmo tipo; g) uso de verbo resumptivo em estruturas interrogativas; h) compartilhamento de informações de tempo e aspecto entre verbo aspectual e seu complemento. Vamos aplicar esses critérios ao verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] para verificar como ele se comporta frente a eles

4.1.1.1 Possibilidade de orações nominalizadas na posição de sujeito

Perlmutter (1968, 1970) apresenta esse teste para mostrar que um verbo de alçamento pode se combinar com sujeitos inanimados, sendo a possibilidade de orações nominalizadas na posição de sujeito um exemplo disso. A esse respeito, vejamos o exemplo a seguir:

(1) a. [A queda da bolsa de valores] deixou de afetar os investidores.
b. [A falta de energia] deixou de ser um problema neste bairro.
c. [A nascer do sol] deixou de encantar as pessoas.

As orações nominalizadas *A queda da bolsa de valores*, *A falta de energia* e *A compra desse carro* são versões nominalizadas, respectivamente, das orações *A bolsa de valores caiu*, *A energia faltou* e *O sol nasceu*. Eles podem ocupar a posição de sujeito do verbo *deixar*, como vemos da gramaticalidade da oração em (1). Isso nos mostra que *deixar* permite que orações nominalizadas ocupem a sua posição de sujeito.

4.1.1.2 Licenciamento de sujeitos expletivos

O Português apresenta sujeitos expletivos, mas, diferentemente do Inglês, língua que apresenta dois sujeitos expletivos manifestos (*it* e *there*), o sujeito expletivo do Português não é manifesto. Trata-se de um sujeito nulo do tipo *pro* expletivo:

(2) a. Choveu muito em Brasília no mês de fevereiro.
a' $pro_{EXPLETIVO}$ choveu muito em Brasília no mês de fevereiro.
b. Houve briga na casa dos vizinhos durante o fim de semana.
b' $pro_{EXPLETIVO}$ Houve briga na casa dos vizinhos durante o fim de semana.

Como vemos, nos exemplos acima, os exemplos de orações com sujeitos expletivos em Português são os das orações com sujeito inexistente, que ocorre com verbos meteorológicos (2a) e com o verbo *haver* existencial (2b).

Combinando essas orações com o verbo *deixar*, temos o seguinte:

(3) a. Choveu muito em Brasília no mês de fevereiro.
b. Deixou de chover muito em Brasília no mês de fevereiro.

(4) a. Houve briga na casa dos vizinhos durante o fim de semana.
b. Deixou de haver briga na casa dos vizinhos durante o fim de semana

A partir dos dados, é possível notar que *deixar* produz estruturas gramaticais com sujeitos expletivos: tanto aqueles associados ao predicado meteorológico, exemplo (3), como aqueles relacionados ao predicado existencial, exemplo (4).

4.1.1.3 Licenciamento de sujeitos de expressões idiomáticas

Esse teste foi proposto inicialmente por Perlmutter (1968, 1970) e, em seguida, retomado por Grano (2016). A ideia do teste é a de que, como os verbos de alçamento não selecionam argumento externo, eles são compatíveis com o sujeito de expressões idiomáticas. Para exemplificar o comportamento de *deixar*, usaremos as expressões idiomáticas *o pau quebrou* e *as paredes têm ouvidos*:

(5) a. O pau quebrou na casa no vizinho.
b. O pau deixou de quebrar na casa do vizinho depois que a polícia chegou e acabou com a confusão.

(6) a. As paredes têm ouvidos nesse setor.
b. As paredes deixaram de ter ouvidos nesse setor. Graças a Deus!

As expressões idiomáticas *o pau quebrou*, em (5), e *as paredes têm ouvidos*, em (6), foram selecionadas porque elas incluem o sujeito, ou seja, o seu sujeito é fixo: *o pau* e *as paredes*, respectivamente. Quando essas expressões idiomáticas se combinam com o verbo *deixar*, o resultado são orações gramaticais com os sujeitos fixos dessas expressões idiomáticas podendo inclusive ocupar a posição de sujeito de *deixar*.

4.1.1.4 Sinonímia entre ativa-passiva

De acordo com esse teste, quando se apassiva o infinitivo selecionado por um verbo de alçamento, gera-se uma oração gramatical na qual não há alteração nos papéis temáticos dos constituintes nominais envolvidos na apassivação. Em relação a esse teste, observemos o exemplo a seguir:

(7) a. Os linguistas discutiam esse tópico nos congressos.
b. Os linguistas deixaram de discutir esse tópico nos congressos.
c. Esse tópico deixou de ser discutido pelos linguistas nos congressos.

A oração em (7a) foi combinada com o verbo aspectual *deixar*, produzindo-se a oração gramatical em (7b). O verbo infinitivo *discutir* dessa oração foi apassivado e o resultado foi a oração gramatical (7c). O par de orações em (7b) – (7c), ativa e passiva, respectivamente, se caracteriza pela manutenção da interpretação temática dos argumentos nominais: em ambas as orações [*os linguistas*] é o agente da ação de discutir e [*esse tópico*] é tema dessa ação. Essa transparência de voz é um argumento em favor da análise dos verbos aspectuais como verbos de alçamento.

4.1.1.5 Ocorrência com expressões fixas

De acordo com esse teste, verbos de alçamento podem se combinar com determinadas palavras e expressões que só ocorrem em expressões fixas. Por exemplo, em Português, a expressão *mundos e fundos* não ocorre livremente, mas apenas como parte das expressões *mover mundos e fundos* e *prometer mundos e fundos*. Usemos a primeira expressão fixa para apresentar o funcionamento desse critério:

(8) a. Os estudantes moviam mundos e fundos para entrar naquela escola.
b. Os estudantes deixaram de mover mundos e fundos para entrar naquela escola.
c. Mundos e fundos deixaram de ser movidos pelos estudantes para entrar naquela escola.
d. Deixaram de ser movidos mundos e fundos pelos estudantes para entrar naquela escola.

O período (8a), construído a partir da expressão *mover mundos e fundos*, pode se combinar com o verbo *deixar*, produzindo (8b). No período (8b), a expressão *mover mundos e fundos* pode ser apassivada, como se vê em (8c) e (8d). Interessantemente, na voz passiva, o argumento interno de *mover mundos e fundos* pode ocupar a posição de sujeito do verbo *deixar*, como se vê em (8c). Isso só é possível se assumirmos que *deixar* é um verbo de alçamento.

4.1.1.6 Impossibilidade de co-ocorrência de dois advérbios do mesmo tipo

De acordo com esse critério, um verbo de alçamento não permite a co-ocorrência de advérbios do mesmo tipo. Isso ocorre porque a combinação [$V_{ALÇAMENTO}$ + $V_{ENCAIXADO}$] expressa um evento único. Havendo apenas um evento, não faz sentido a combinação de advérbios do mesmo tipo. Para ilustrar esse ponto, consideremos os dados abaixo:

(9) a. Maria deixou de ler o livro.
b. *Ontem Maria deixou de estudar com sua irmã hoje.
c. *Maria deixou desagradavelmente de trabalhar alegremente.

Os testes usados em (9b) a (9c), inspirados nos testes apresentados por Newmeyer (1975) e Rochette (1999), servem para mostrar o comportamento de evento único da estrutura [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Seguindo Rochette (1999), [*deixar de ler o livro*] expressa a interrupção / o abandono de leitura de um determinado livro, que corresponde a uma única eventualidade. Por essa razão, não é gramatical a co-ocorrência dos dois advérbios de tempo, *ontem* e *hoje*, em (9b), da mesma forma que também não é gramatical a co-ocorrência dos dois advérbios de modo, *desagradavelmente* e *alegremente*, em (9c). Por esse comportamento, podemos dizer que *deixar*, segundo esse teste, apresenta características de um verbo de alçamento por expressar um único evento e consequentemente rejeitar a presença de dois advérbios de mesmo tipo. [18]

[18] No caso do Português brasileiro, os trabalhos sobre auxiliaridade (vistos no capítulo anterior) restringem o tipo semântico dos adjuntos adverbiais usados nos testes de auxiliaridade. Segundo esses trabalhos, auxiliares rejeitam adjuntos adverbiais temporais de tipo distinto na oração. Essa será a perspectiva utilizada ao longo deste trabalho. Ou seja, estudaremos apenas a ocorrência de adjuntos adverbiais temporais de tipos distintos nas orações com o verbo deixar na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Agradeço ao professor Paulo Medeiros Júnior (comunicação pessoal) por apontar essa diferença na seleção do tipo dos adjuntos adverbiais nos testes.

4.1.1.7 Uso de verbo resumptivo em estruturas interrogativas

Outro argumento que evidencia o comportamento de verbo de alçamento dos verbos aspectuais vem das orações interrogativas. Vejamos os exemplos abaixo:

(10) a. #O que aquele ator famoso deixou?
b. #Do que aquele ator famoso deixou?
c. #Aquele ator famoso deixou o quê?
d. #Aquele ator famoso deixou do / de quê?
e. Aquele ator famoso deixou de fumar.

Nenhuma das perguntas em (10) podem ser respondidas simplesmente com o infinitivo [*de fumar*]. Ou seja, as perguntas em (10a) e (10b), com movimento do constituinte interrogativo para o início da oração (movimento *Qu*), nem as perguntas em (10c) e (10d), com manutenção do constituinte interrogativo na sua posição de base (*Qu in situ*), podem ter (10e) como resposta. Quando se interroga o constituinte infinitivo que acompanha o verbo *deixar*, não se pode substituir esse infinitivo por um pronome interrogativo simplesmente. Isso nos leva a pensar que o infinitivo não se comporta como objeto do verbo aspectual e, consequentemente, a sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] não é mono-oracional.

As duas únicas maneiras de formar orações interrogativas em que se questiona o infinitivo são apresentadas em (11a) e em (11b):

(11) a. O que aquele ator famoso deixou de fazer?
b. Aquele ator famoso deixou de fazer o quê?
c. Aquele ator famoso deixou de fumar.

Como se vê em (11a) e em (11b), para questionar o infinitivo que acompanha o verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], é necessário manter a preposição *de* após o verbo *deixar*, substituir o infinitivo por um verbo resumptivo / vicário (que aparece nos exemplos como o verbo *fazer*) e usar o pronome *o que*, movendo-o para o início da oração, como em (11a), ou mantendo-o em sua posição original, como em (11b). Somente com essas estruturas se pode ter (11c) como resposta.

Comparemos o comportamento do verbo *deixar* com o de um verbo de alçamento e um de controle:

(12) Verbo de alçamento

a. O autor do livro parece falar diretamente com o leitor.

b. #O autor do livro parece o quê?

c. #O que o autor do livro parece?

d. O autor do livro parece fazer o quê?

e. O que o autor do livro parece fazer?

(13) Verbo de controle

a. O autor do livro quer falar diretamente com o leitor.

b. O autor do livro quer o quê?

c. O que o autor do livro quer?

d. O autor do livro quer fazer o quê?

e. O que o autor do livro quer fazer?

Com o verbo de alçamento *parecer*, (12a) não pode ser resposta às perguntas (12b) e (12c), que interrogam o infinitivo por meio de constituinte interrogativo unicamente. Por outro lado, (12a) pode ser resposta às perguntas (12d) e (12e), que interrogam o infinitivo, por meio do verbo resumptivo / vicário (*fazer*) e do pronome interrogativo *o que*. Já com o verbo de controle *querer*, (13a) pode ser resposta a todas as perguntas, tanto (13b) e (13c), sem verbo resumptivo / vicário, como (13d) e (13e), com esse verbo. A comparação mostra que o verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] se comporta como o verbo *parecer* e não como o verbo de controle *querer*.

4.1.1.8 Compartilhamento de informações de tempo e aspecto entre o verbo aspectual e o seu complemento

Segundo essa propriedade, os verbos de alçamento se caracterizam por não poderem apresentar informações temporais e aspectuais diferentes das informações temporais e aspectuais dos verbos com os quais se combinam. Vejamos como o verbo *deixar* se comporta nos dados abaixo:

(14) a. Maria deixou de trabalhar ontem.

b. Maria vai deixar / deixará de trabalhar amanhã.

c. Maria ia deixar / deixaria de trabalhar agora (se não fosse o pedido do chefe).

d. Maria está deixando de trabalhar nesse exato momento.

e. *Maria deixa de trabalhar ontem.

f. *Maria deixou de trabalhar amanhã.

g. *Maria tinha deixado de trabalhar na semana que vem.

h. *Maria vai deixar / deixará de trabalhar no ano passado.

Os dados em (14) mostram diferentes arranjos temporais e aspectuais associados ao verbo *deixar* e sua interação com diferentes informações temporais e aspectuais de adjuntos associados ao evento denotado pelo infinitivo. Observemos o que acontece em cada caso. Em (14a), a forma verbal *deixou* e o adjunto *ontem* compartilham traço temporal de passado. Em (14b), as formas verbais *vai deixar* / *deixará* e o adjunto *amanhã* têm em comum o traço temporal de futuro. Em (14c), as formas verbais *ia deixar* / *deixaria* apresentam traços de tempo, de aspecto e de modalidade compatíveis com os traços de tempo e de aspecto do adjunto *agora*. Importante destacar que a oração condicional é muito importante nessa interação entre tempo, aspecto e modalidade. Em (14d), a forma verbal *está deixando* tem traço temporal de presente e traço aspectual de progressivo, traços esses compatíveis com o traço de tempo presente e o traço de aspecto pontual do adjunto *nesse exato momento*. Em (14e), a forma verbal *deixa* apresenta traço temporal de presente, traço esse que não é compatível com o traço de tempo passado do adjunto *ontem*. Em (14f), a forma verbal *deixou* está associada ao traço temporal de passado e ao traço aspectual perfectivo, traços que não são compatíveis com o traço temporal de futuro do adjunto *amanhã.* Em (14g), a forma verbal *tinha deixado* está no pretérito mais-que-perfeito composto, forma que tem o traço de tempo passado e de aspecto perfectivo, ao passo que o adjunto *na semana que vem* tem o traço temporal de futuro, o que resulta em outra incompatibilidade entre os traços de passado e de futuro. Por fim, em (14h), as formas verbais *vai deixar* / *deixará* apresentam o traço temporal de futuro enquanto o adjunto *no ano passado* tem o traço temporal de passado, o que é mais uma incompatibilidade.

Nos exemplos estudados, o verbo *deixar* na estrutura na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] seguiu o padrão dos verbos de alçamento: nos exemplos gramaticais, identificou-se compatibilidade entre os traços de tempo e de aspecto do verbo *deixar* com os traços de tempo e aspecto dos adjuntos associados ao evento denotado pelo infinitivo e, nos exemplos

agramaticais, identificaram-se compatibilidades entre os traços de tempo e de aspecto do verbo *deixar* com os traços de tempo e aspecto dos adjuntos associados ao evento denotado pelo infinitivo.

4.1.2 Propriedades identificadores da estrutura de controle para os verbos aspectuais

O trabalho de Perlmutter (1968, 1970), além de trazer propriedades identificadoras de uma estrutura de alçamento para os verbos aspectuais, também traz propriedades identificadoras de uma estrutura de controle para esses verbos. Grano (2016) estuda um conjunto maior de verbos que selecionam um complemento infinitivo (incluindo os aspectuais) e revisita o trabalho pioneiro de Perlmutter. Ao analisar a estrutura desses verbos, Grano (2016) retoma as propriedades definidas por Perlmutter e acrescenta outras. Com base nesses dois trabalhos, identificamos, no capítulo 2, 8 propriedades identificadoras de uma estrutura de controle para os verbos aspectuais, quais sejam: a) nominalização agentiva do aspectual; b) restrição de sujeito idêntico; c) identidade objeto – sujeito; d) formação de estruturas imperativas; e) licenciamento de complemento NP; f) apagamento do complemento do aspectual; g) formação de pseudo-clivadas; e h) combinação com advérbios agentivos. Da mesma forma que fizemos na subseção anterior, nesta subseção, vamos aplicar esses propriedades ao verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] para verificar como ele se comporta frente a elas

4.1.2.1 Nominalização agentiva do aspectual

De acordo com esse teste, um verbo aspectual de controle permite a derivação de uma nominalização agentiva, como as que ilustramos abaixo:

(15) a. begin – beginner

Com os verbos aspectuais, em especial o verbo *deixar*, o resultado é diferente:

(16) a. começar – *começante/*começador
b. deixar – *deixante/*deixador
c. continuar - *continuante/continuador
d. terminar - *terminante/*terminador

A partir dos dados em (16), podemos notar que os aspectuais, de maneira geral, não têm todas as suas respectivas formas nominalizadas aceitáveis no Português brasileiro. A agramaticalidade das formas derivadas em (16) mostra que o verbo *deixar*, em especial, não observa o teste da nominalização agentiva, o que aponta para o fato de esse verbo não estar associado a uma estrutura de controle.

4.1.2.2 Restrição de sujeito único

De acordo com esse teste, um verbo aspectual de controle tem sujeito idêntico ao do verbo do seu complemento não-finito:

(17) a. João deixou de trabalhar.
b. *João deixou de Pedro trabalhar.

De acordo com a interpretação de (17a), o constituinte nominal *João* tem relação com o verbo *deixar* e com o verbo trabalhar. Em outras palavras, esse constituinte atua como sujeito tanto do verbo *deixar* como do verbo *trabalhar*. A representação esquemática a seguir resume essa restrição de sujeito único:

(18) [João deixou de [João trabalhar]]

Em (17b), por outro lado, há dois sujeitos diferentes e manifestos: *João* é o sujeito do verbo *deixar*, e *Pedro* é o sujeito do verbo *trabalhar*. Nesse caso, há violação da restrição de sujeito único e o resultado é um exemplo agramatical.

Os dados acima mostram que o verbo *deixar* obedece a restrição de sujeito único e, por isso, apresenta uma estrutura de controle em relação a esse diagnóstico.

4.1.2.3 Identidade objeto – sujeito

Esse diagnóstico foi, inicialmente, proposto por Perlmutter (1970), que sugeriu o encaixamento dos verbos aspectuais em verbos como *force*. Em seguida, Grano (2016) propôs que, na operacionalização desse teste, se utilizasse o verbo *persuade*. A ideia é a de que, encaixando-se os verbos aspectuais em verbos como *force* / *persuade* (que pertencem à classe dos verbos de controle do objeto), o objeto desses verbos era semanticamente idêntico ao sujeito do verbo encaixado, no caso, ao sujeito do verbo aspectual. Vejamos como *deixar* se comporta:

(19) a. Os pais forçaram o menino a deixar de tomar refrigerante.
b. Ana persuadiu Maria a deixar de ler o livro.

Considerando a interpretação da oração em (19a), é possível observar que o constituinte *o menino*, objeto do verbo *forçar*, equivale semanticamente ao sujeito do verbo *deixar*. Em (19b), o mesmo acontece, uma vez que, o constituinte *Maria*, objeto do verbo *persuadir*, equivale semanticamente ao sujeito do verbo *deixar*. Esquematicamente, temos:

(20) a. [Os pais forçaram o menino [a o menino deixar de tomar refrigerante]]
b. [Ana persuadiu Maria [a Maria deixar de ler o livro]]

Os dados mostram que o verbo *deixar*, quando encaixado em verbos de controle do objeto como *forçar* e *persuadir*, observa a restrição de identidade objeto – sujeito, exibindo, portanto, uma estrutura de controle segundo esse diagnóstico.

4.1.2.4 Formação de estruturas imperativas

Segundo esse diagnóstico, um verbo de controle apresenta a flexão de imperativo, como mostram os dados abaixo:

(21) a. Deixe de rir dos outros!
b. Deixem de gastar dinheiro em bobagem!

Conforme ilustram os exemplos em (21), o verbo *deixar* apresenta a forma de imperativo, não violando o diagnóstico de identificação de estrutura de controle para os verbos aspectuais.

4.1.2.5 Licenciamento de complemento NP

Perlmutter (1970) defende que *begin* (e, por extensão, os aspectuais) pode ter um objeto direto de natureza nominal (NP na época, mas NP ou DP mais recentemente), além de um complemento de natureza não-finita. Quando se combina com objeto nominal, a consequência é que *begin* permite a formação de estruturas passivas. Aplicando esse teste ao verbo *deixar*, temos o seguinte resultado:

(22) a. A criança deixou de pirraça.
b. *Pirraça foi deixada pela criança.

(23) a. *Os funcionários deixarão de trabalho na semana que vem.
b. *Trabalho será deixado pelos funcionários na semana que vem.

A partir dos dados acima, vemos que o verbo *deixar* não aceita qualquer nominal como objeto: em (22a), ele aceita *pirraça*, mas, em (23a), ele não admite *trabalho*. Mesmo (22a), sendo uma oração gramatical, essa oração não pode ser apassivada. Combinando-se os resultados, podemos concluir que: a) o verbo *deixar* permite alguns NPs como seu objeto; e b) o verbo deixar, quando transitivo, não permite a formação de voz passiva. Essa segunda conclusão certamente tem a ver com o fato de o verbo *deixar*, quando se combina com um objeto de natureza nominal, não perde a preposição *de* e passa a ser um verbo transitivo indireto. Como sabemos, verbos transitivos indiretos não formam passivas facilmente.[19] Com base no comportamento do verbo *deixar* nesse teste, podemos dizer que esse verbo se afasta dos verbos de controle.[20]

4.1.2.6 Apagamento do complemento do aspectual

Vimos anteriormente que, para Perlmutter (1968, 1970), um verbo aspectual pode ter um objeto de natureza nominal. Esse teste leva em conta essa característica dos aspectuais de também terem uma estrutura de verbo transitivo. Segundo o teste, sendo transitivo, o aspectual pode ter o seu objeto apagado e gerar uma estrutura intransitiva, da mesma forma que ocorre com outros verbos transitivos como *comer*:

[19] Voltaremos a essa propriedade do verbo *deixar* no capítulo 6.

[20] Ao explorar um pouco mais a relação estabelecida entre *deixar* e um complemento de tipo nominal, podemos considerar os seguintes exemplos:

(i) a. Maria deixou de comer macarrão.
b. *Maria deixou de macarrão.
c. ?Maria deixou macarrão.

A análise dos dados parte da oração que nos serve como base em (ia) que indica o abandono/cessamento do hábito de comer macarrão. Quando removemos o verbo *comer*, não se pode considerar uma estrutura como (ib) gramatical, uma vez que a ausência do verbo auxiliado afeta a sintaxe e a semântica da oração. Por outro lado, ao considerarmos a sentença em (ic), podemos analisá-la como o verbo *deixar* sendo um aspectual sem sua preposição ou é possível interpretar que Maria deixou o macarrão em alguma coisa. De todo modo, não é interessante para nós considerarmos dados como (ic), já que estamos focados em trabalhar com a manutenção da preposição dentro da estrutura em que *deixar* ocorre e não a sua ausência.

(24) a. Depois que comeram toda a comida, as crianças foram ver desenho.
b. Depois que comeram, as crianças foram ver desenho.

O verbo *deixar* tem o seguinte padrão:

(25) a. As crianças deixaram rapidamente de bagunça, mas logo recomeçaram.
b. *As crianças deixaram rapidamente, mas logo recomeçaram.

Como se vê, *deixar* não permite que o seu objeto de natureza nominal seja apagado, violando, com isso, mais um diagnóstico de uma estrutura de controle para esse verbo.

4.1.2.7 Formação de pseudo-clivadas

Inicialmente apontada por Landau (2013), essa propriedade foi retomada por Grano (2016) e, segundo ela, verbos de controle permitem a formação de pseudo-clivadas a partir do VP. Aplicando essa propriedade ao verbo *deixar*, temos o seguinte:

(26) a. O atleta deixou de representar o seu país.
b. O que o atleta fez foi deixar de representar o seu país.

(27) a. Um professor nunca deixa de dar aula.
b. O quem um professor nunca faz é deixar de dar aula

Nos exemplos em (26b) e em (27b), há pseudo-clivadas gramaticais formadas a partir das orações em (26a) e (27a), respectivamente. A gramaticalidade desses dados mostra que *deixar* se aproxima de verbos de controle em relação a essa propriedade.

4.1.2.8 Combinação com advérbios agentivos

De acordo com esse teste, um verbo de controle aceita combinar-se com um advérbio agentivo. Aplicando esse teste ao verbo *deixar*, os resultados são os seguintes:

(28) a. João relutantemente deixou de trabalhar à noite.
b. Prontamente, os adolescentes deixaram de fazer a tarefa para ajudar o pai.

A gramaticalidade das orações acima mostra que o verbo deixar se comporta como um verbo de controle.

As seções 1.1.e 1.2 foram dedicadas a realizar a listagem dos testes existentes na literatura sobre verbos aspectuais (Perlmutter, 1970; Newmeyer, 1975; Rochette, 1999; Grano, 2016) para indicar se esses verbos se comportam como verbos de alçamento e/ou como verbos de controle. O Quadro 3 resume o comportamento do verbo *deixar* frente à aplicação detalhada desses testes:

Quadro 3: Comportamento do verbo *deixar* frente aos critérios definidores de propriedades de alçamento e de controle para os verbos aspectuais

	Critérios	Comportamento do verbo aspectual *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]
ALÇAMENTO	Orações nominalizadas na posição de sujeito	✓
	Sujeitos expletivos	✓
	Sujeitos de expressões idiomáticas	✓
	Sinonímia ativa – passiva	✓
	Ocorrência como expressões fixas	✓
	Impossibilidade de co-ocorrência de dois advérbios do mesmo tipo	✓
	Uso de verbo resumptivo em estruturas interrogativas	✓
	Compartilhamento de informações de tempo e aspecto entre aspectual e seu complemento	✓
CONTROLE	Nominalização agentiva do aspectual	×
	Restrição de sujeito idêntico	✓
	Encaixamento do aspectual em verbos como *force* (identidade do objeto de *force* como o sujeito do aspectual)	✓
	Formação de estruturas imperativas	✓
	Licenciamento de complemento NP	×
	Apagamento do complemento do aspectual	×
	Formação de pseudo-clivadas a partir do VP	✓
	Advérbios agentivos	✓

Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos resumir os resultados obtidos, afirmando que o verbo *deixar* se assemelha aos verbos de alçamento, uma vez que apresenta todas as propriedades caracterizadoras desse tipo de verbo. Já em relação aos verbos de controle, *deixar* não apresenta três das oito propriedades caracterizadoras de um verbo de controle: a) esse verbo não apresenta nominalização agentiva; b) ele não aceita qualquer complemento de natureza nominal como objeto direto (e não forma

passivas); e c) ele não permite o apagamento do seu complemento. Sendo assim, podemos dizer que *deixar* apresenta restrições quando analisado como um verbo de controle.

Passaremos agora a discutir a caracterização do verbo *deixar* como um item de natureza funcional.

4.2 *Deixar*: verbo funcional?

Nesta seção, vamos avaliar o comportamento do verbo *deixar* como um possível verbo funcional (auxiliar), levando em consideração os critérios de auxiliaridade propostos por Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1995) e Fábregas (2019a) e que foram descritos no capítulo 3. Os critérios são os seguintes.[21]

4.2.1 Impossibilidade de estruturas completivas

Segundo esse critério, um verbo auxiliar não aceita complementação finita, apenas complementação não-finita. Em relação ao verbo *deixar*, os exemplos são os seguintes:

(29) a. Com a experiência, deixamos de andar com certas companhias.
b. *Com a experiência, deixamos (de) que andamos com certas companhias.
c. *Com a experiência, deixamos (de) que andam com certas companhias.
d. *Com a experiência, deixamos (de) que andemos com certas companhias.
e. *Com a experiência, deixamos (de) que andem com certas companhias.

O verbo *deixar* não aceita ser complementado, de maneira alguma, por uma oração desenvolvida. Independentemente de essa oração ser introduzida ou não pela preposição *de*, o resultado é agramatical. Não há diferença em relação ao modo em que o verbo dessa oração apareça: se o verbo da oração completiva estiver no indicativo, como em (29b) e (29c), ou no subjuntivo, como em (29d) e (29e), o resultado é agramatical. Também não é relevante a questão da correferência entre os sujeitos das orações: se o sujeito da oração completiva for correferente com o sujeito do verbo *deixar*, como em (29b) e (29d), ou se o sujeito da oração completiva não for correferente com o sujeito do verbo *deixar*, como em (29c) e (29e), o resultado continua agramatical.

[21] Os critérios de pronominalização (Lobato 1975) e de subida do clítico (Fábregas 2019a) não serão adotados aqui, pois são estruturas que não são produzidas pela gramática do Português brasileiro.

Disso se conclui que o verbo *deixar* se aproxima de um verbo auxiliar ao não permitir complementação finita, apenas complementação infinitiva introduzida pela preposição *de*.

4.2.2 Sujeito único

De acordo com o critério proposto por Lobato (1975), a relação [$verbo_{AUXILIAR}$ – $verbo_{AUXILIADO}$] constitui uma unidade semântica que se manifesta no fato de ambos os verbos terem apenas um sujeito. Observemos esse comportamento nos dados abaixo:

(30) a. Eu deixei de falar com João.
b. *Eu deixei Pedro de falar com João.
c. *Eu deixei de Pedro falar com João

Na oração em (30a), o pronome *eu* serve de sujeito para o conjunto [$verbo_{AUXILIAR}$ – $verbo_{AUXILIADO}$]. A fim de verificar se os dois verbos têm necessariamente o mesmo sujeito, inserimos o nominal *Pedro* como um segundo sujeito, associado ao domínio infinitivo: em (30b), esse constituinte vem antes da preposição *de*, e, em (30c), ele vem depois dela. Em ambos os casos, o resultado é agramatical, o que mostra que, na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], o verbo *deixar* forma uma unidade com o infinitivo, e isso se reflete no sujeito único que se refere a *deixar* e ao $V_{INFINITIVO}$.

4.2.3 Valor temporal único

Mantendo-se a ideia de unidade no conjunto [$verbo_{AUXILIAR}$ – $verbo_{AUXILIADO}$], esse critério defende que a relação [$verbo_{AUXILIAR}$ – $verbo_{AUXILIADO}$] se caracteriza por um único valor temporal. Dessa forma, um adjunto adverbial deve incidir sobre essa unidade como um todo, conforme se vê abaixo:

(31) a. Ontem, Marina deixou de jogar profissionalmente.
b. Marina, ontem, deixou de jogar profissionalmente.
c. Marina deixou de jogar profissionalmente ontem.
d. *Amanhã, Marina deixou de jogar profissionalmente.
e. *Ontem, Marina deixou de jogar profissionalmente hoje.

O adjunto *ontem* aparece em posições diferentes nos exemplos (31a), (31b) e (31c)

acima, mas isso não quer dizer que esse adjunto modifica o verbo *deixar* isoladamente ou o verbo *jogar* isoladamente. Independentemente de sua posição, *ontem* modifica o conjunto formado por esses verbos.

Importante destacar que o traço temporal desse adjunto deve ser compatível com o traço temporal do conjunto de verbos, pois, já que o verbo *deixar* se encontra flexionado no pretérito perfeito do indicativo, apenas adjuntos adverbais compatíveis com o traço de passado são licenciados, como mostra o contraste de gramaticalidade entre (31a) e (31d).

A agramaticalidade de (31e) tem relação com o fato de haver um único valor temporal em orações com verbos auxiliares. Esse valor temporal único impede a ocorrência de dois advérbios de tempo diferentes, cada um modificando um verbo independentemente. No caso, *ontem* estaria modificando o verbo *deixou*, e *hoje* estaria modificando o infinitivo *jogar*.[22]

Em relação à incidência de advérbio de tempo, o verbo *deixar* forma unidade com o infinitivo na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], e seu comportamento o aproxima dos verbos auxiliares.

4.2.4 Negação sentencial única

Esse critério também se baseia na ideia de que [$verbo_{AUXILIAR}$ – $verbo_{AUXILIADO}$] constituem uma unidade e fazem parte do mesmo domínio oracional. Se existe apenas uma negação sentencial por oração, construções com verbos auxiliares, por constituírem uma só oração, admitem uma única negação sentencial. O verbo *deixar*, na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], apresenta os seguintes padrões:

[22] O professor Roberlei Bertucci (comunicação pessoal) apresentou o seguinte dado:

(ii) Ano que vem, ela vai deixar de jogar futebol às segundas.

Essa estrutura, aparentemente, refuta o que afirmamos em relação aos exemplos apresentados em (31), pois há a ocorrência de dois adjuntos adverbiais com valores temporais diferentes na mesma oração, que são [*ano que vem*] e [*às segundas*]. Nesse aparente contraexemplo, verifica-se um adjunto adverbial que indica futuro (*ano que vem*) e um adjunto adverbial que contribui para a noção de hábito da ação (*às segundas*). Como se vê, enquanto [*ano que vem*] indica tempo, [*às segundas*] indica aspecto. Sendo adjuntos com valores temporais diferentes, eles podem co-ocorrer na oração. Nos exemplos em (31), os adjuntos adverbiais indicam clara e unicamente referência temporal, ou seja, esses adjuntos estão se referindo ao presente, ao passado ou ao futuro.

(32) a. A mulher deixou de comprar os legumes para a tartaruga.

b. A mulher não deixou de comprar os legumes para a tartaruga.

c. *A mulher deixou não de comprar os legumes para a tartaruga.

d. #A mulher deixou de não comprar os legumes para a tartaruga.

e. ?A mulher não deixou de não comprar os legumes para a tartaruga.

Nesses exemplos há várias possibilidades de se negar a oração (32a) com o verbo *deixar*. Em (32b), há uma negação antes do verbo *deixar* e essa inserção é gramatical. A negação, nesse caso, incide sobre o conjunto [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], comportando-se como uma negação sentencial. Em (32c), insere-se uma negação sentencial entre o verbo *deixar* e a preposição *de*, e essa inserção é agramatical. Em (32d), introduz-se uma negação entre a preposição *de* e o verbo infinitivo. A oração não é agramatical, mas a negação, nesse exemplo, não é uma negação sentencial. É um caso de negação de constituinte, uma vez que ela incide sobre o constituinte [*comprar os legumes para a tartaruga*]. Como não se trata da negação que nos interessa, marcamos esse exemplo com o símbolo #. Por fim, em (32e), existem duas negações, uma antes do verbo *deixar* e outra entre a preposição *de* e o verbo infinitivo. Como no exemplo (32b), a negação que antecede o verbo *deixar* se comporta como uma negação de constituinte; e, como no exemplo (32d), a negação que está entre a preposição e o infinitivo é uma negação de constituinte. O exemplo não é agramatical, mas há dificuldade de processamento devido à presença dos dois tipos de negação que levam a diferentes tarefas de processamento.

A partir dos exemplos, concluímos de que deixar não viola o critério da negação sentencial única e, na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], ele se aproxima de um verbo auxiliar.

4.2.5 Ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito

De acordo com esse critério, na estrutura [$verbo_{AUXILIAR}$ – $verbo_{AUXILIADO}$], o verbo auxiliado (principal) é o responsável por selecionar os argumentos nominais da oração, bem como atribuir papéis temáticos a esses argumentos. Os verbos auxiliares, por sua vez, não têm impacto algum na grade argumental da oração em que ocorrem. Trazendo a discussão para o domínio do sujeito, os verbos auxiliares não têm capacidade de restringir qual sujeito pode ocorrer na oração. O sujeito deve ser compatível com as restrições de seleção impostas pelo verbo auxiliado (principal) da oração. Observemos como o verbo *deixar* se comporta frente às restrições de seleção quanto ao sujeito da oração:

(33) a. O cachorro latiu de madrugada.

b. O cachorro deixou de latir de madrugada.

(34) a. Eu estudei à noite.

b. Eu deixei de estudar à noite.

(35) a. #Eu lati de madrugada.

b. #Eu deixei de latir de madrugada.

(36) a. #O cachorro estudou à noite.

b. #O cachorro deixou de estudar à noite.

Em (33a), o sujeito [*o cachorro*] é selecionado pelo verbo auxiliado *latir* e é compatível com as restrições de seleção desse verbo. Em (34a), o sujeito [*eu*] é selecionado pelo verbo auxiliado *estudar* e é compatível com as restrições de seleção desse verbo. Como as restrições de seleção do sujeito são observadas, os dois exemplos são gramaticais. Os exemplos (33b) e em (34b) continuam gramaticais, o que mostra que a inserção do verbo *deixar* na sentença não é relevante para as relações de seleção argumental.

Em (35a), o sujeito [*o cachorro*] é selecionado pelo verbo auxiliado *estudar* e não é compatível com as restrições de seleção desse verbo. Em (36a), o sujeito [*eu*] é selecionado pelo verbo auxiliado *latir* e é compatível com as restrições de seleção desse verbo. Como as restrições de seleção do sujeito não são observadas, os dois exemplos não são agramaticais, mas são semanticamente anômalos. Os exemplos (35b) e em (36b) também são semanticamente anômalos, confirmando que a inserção do verbo *deixar* na sentença não é relevante para as relações de seleção argumental.

Em outras palavras: se a combinação do verbo auxiliado com seu sujeito produz resultado gramatical, a introdução do verbo *deixar* nessa sentença vai manter a gramaticalidade; se a combinação do verbo auxiliado com seu sujeito é gramatical, mas anômala, a introdução do verbo *deixar* nessa sentença vai manter a gramaticalidade e a anomalia semântica.

O resultado a que se chega com a aplicação desse critério é que, na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], o verbo *deixar* não seleciona o sujeito da oração nem impõe restrições de seleção a esse constituinte, exatamente como faz um verbo auxiliar.

4.2.6 Ausência de restrições de seleção quanto ao verbo auxiliado

Esse critério se constrói com base na argumentação segundo a qual um verbo auxiliar não restringe o tipo (sintático e semântico) do verbo que o acompanha, conforme defende Fábregas (2019a). Vejamos exemplos da combinações do verbo *deixar*:

(37) a. Ana deixou de [comer doce].
b. Eles deixaram de [acreditar em Deus].
c. João deixou de [emprestar seus casacos ao seu irmão].
d. As plantinhas deixaram de [secar].
e. Ela deixou de [nadar].
f. O adolescente deixou de [ficar emburrado]
g. Maria deixou de [ser convidada para as festas da empresa].
h. Ela deixou de [viver ajudando os outros].
j. Por causa da suspensão, o diretor deixou de [poder responder pela equipe].

Em (37), vemos o verbo *deixar* se combinando com vários tipos sintáticos de verbos: verbo transitivo direto (37a), verbo transitivo indireto (37b), verbo bitransitivo (37c), verbo inacusativo (37d), verbo inergativo (37e), verbo de ligação (37f), verbo auxiliar de voz passiva (37g), verbo auxiliar aspectual (37h), verbo auxiliar modal (37i). Todas as combinações são gramaticais.

Vejamos agora outras combinações do verbo *deixar*:

(38) a. Ana deixou de [correr no parque].
b. Eu deixei de [gostar daquela aula].
c. Deixou de [chover forte no verão].
d. Nós deixamos de [sair de casa nos fins de semana].
e. O chefe deixou de [mandar os estagiários fazerem o trabalho dele].
f. Felizmente, deixou de [haver problemas constantes entre os colaboradores].
g. Depois que tomou o remédio, o paciente deixou de [sentir a cabeça doendo].
h. Com muita concentração, deixei de [ouvir pessoas conversando ao meu redor].

Em (38), temos combinações do verbo *deixar* com diferentes tipos semânticos de verbos: verbo eventivo (38a), verbo estativo / psicológico (38b), verbo meteorológico (38c),

verbo de movimento (38d), verbo causativo (38e), verbo existencial (38f), verbo sensitivo (38g), verbo de percepção (38h). Mais uma vez, todas as combinações são gramaticais.

Por fim, temos mais um conjunto de combinações:

(39) a. Maria deixou de morar em Brasília.
b. Deixei de fumar.
c. O pintor deixou de pintar o quadro.
d. *A bomba deixou de explodir.

Nos exemplos em (39) *deixar* se combina com predicados das quatro classes aspectuais definidas por Vendler (1967), estado (39a), atividade (39b), *accomplishment* (39c) e *achievement* (39d). A única classe aspectual com a qual *deixar* não se combina é *achievement*. De todas as características do auxiliado, essa é a única restrição que *deixar* faz: esse verbo não se combina com auxiliados de todas as classes sintáticas e semânticas; em relação às quatro classes aspectuais de predicados, *deixar* exibe restrição contra os *achievements*, unicamente.

4.2.7 Impossibilidade de apassivação

Segundo esse critério, um verbo auxiliar não pode ser apassivado, mas apenas o verbo auxiliado de dois argumentos (Lobato, 1975; Fábregas, 2019a). Em outras palavras, um verbo auxiliar, por não selecionar argumento algum, não pode aparecer na estrutura [*ser* – $V_{AUXILIAR}$]. Vejamos os exemplos abaixo:

(40) a. Os vendedores enganaram os clientes.
b. Os clientes foram enganados pelos vendedores.

(41) a. Os empresários doaram muito dinheiro àquela ONG.
b. Muito dinheiro foi doado pelos empresários àquela ONG.

Os verbos lexicais *enganar* e *doar* podem ser apassivados. *Enganar* seleciona dois argumentos e *doar* seleciona três. Vejamos o que acontece quando inserimos o verbo *deixar* nas orações acima:

(42) a. Os vendedores deixaram de enganar os clientes.

b. Os empresários deixaram de doar muito dinheiro àquela ONG.

(43) a. Os clientes deixaram de ser enganados pelos vendedores.

b. Muito dinheiro deixou de ser doado pelos empresários àquela ONG.

(44) a. *Os clientes foram deixados de enganar pelos vendedores.

b. *Muito dinheiro foi deixado de doar pelos empresários àquela ONG.

Há duas possibilidades de apassivar as orações em (42): a primeira é por meio da apassivação do verbo auxiliado, produzindo a estrutura [*deixar* flexionado – *de* – *ser* – $V_{AUXILIAR}$ no particípio], que se vê em (43); a segunda é por meio da apassivação do verbo *deixar*, produzindo a estrutura [*ser* flexionado – *deixar* no particípio – *de* – $V_{AUXILIAR}$], que se vê em (44). Dessas possibilidades, apenas o padrão [*deixar* flexionado – *de* – *ser* – $V_{AUXILIAR}$ no particípio] é gramatical. Isso acontece porque esse é o único padrão no qual pois o verbo auxiliado é o único verbo que foi apassivado. O padrão [*ser* flexionado – *deixar* no particípio – *de* – $V_{AUXILIAR}$] é agramatical, porque nele o verbo *deixar* aparece apassivado. Os resultados acima nos fazem lembrar de Lobato (1975), quando afirma que um verbo aspectual pode incidir sobre uma estrutura passiva, mas não pode sofrer a incidência de uma passiva.

Como o verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] não permite apassivação, seu comportamento o aproxima dos verbos auxiliares nesse aspecto.

4.2.8 Defectividade em relação à forma imperativa

Conforme esse critério proposto por Lobato (1975), um verbo auxiliar não apresenta a forma de imperativo em seu paradigma morfológico. Observemos os exemplos a seguir:

(45) a. Deixa de falar alto!

b. Deixem de ser chatos!

c. Deixemos de reclamar!

Diferentemente do que o critério prevê, o verbo *deixar* exibe a forma de imperativo. Isso mostra que esse verbo se distancia dos auxiliares nesse aspecto.

Resumindo os resultados relativos ao comportamento de *deixar* frente aos critérios de

auxiliaridade, podemos ter um panorama desses resultados a partir do Quadro 4 abaixo.

Quadro 4: Comportamento do verbo *deixar* frente aos critérios definidores de verbos auxiliares

	Critérios	Comportamento do verbo aspectual *deixar* na estrutura [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]
AUXILIAR	Impossibilidade de estruturas completivas	✓
	Sujeito único	✓
	Valor temporal único	✓
	Negação sentencial única	✓
	Ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito	✓
	Ausência de restrições de seleção quanto ao verbo auxiliado	✓
	Impossibilidade de apassivação	✓
	Defectividade em relação à forma imperativa	×

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do Quadro acima, podemos observar que *deixar* se comporta com um verbo auxiliar segundo quase todos os critérios considerados relevantes em Português brasileiro. O critério *Ausência de restrições de seleção quanto ao verbo auxiliado* apresenta uma única restrição, que tem a ver com a impossibilidade de *achievements* aparecerem como complementos de *deixar*. Essa é uma pequena restrição em um conjunto geral, que envolve três classes de auxiliados: classes sintáticas do auxiliado, classes semânticas e classes aspectuais. Por fim, o único critério em que *deixar* se distancia dos verbos auxiliares é a carência de forma imperativa, uma vez que esse verbo apresenta essa forma em seu paradigma.

4.3 Da natureza do verbo *deixar*

A partir da aplicação dos testes identificadores de características de verbos lexicais (de verbo de alçamento ou de verbo de controle) e de verbo funcional (verbo auxiliar) ao verbo *deixar*, vimos que esse verbo apresenta todas as 8 propriedades de um verbo de alçamento, 5 propriedades (de um conjunto de 8) de um verbo de controle e 7 propriedades (de um conjunto de 8) de um verbo auxiliar. Em outras palavras, o verbo *deixar* se aproxima mais de um verbo de alçamento e de um verbo auxiliar do que de um verbo de controle. Esse é um resultado importante, uma vez que esses dois tipos de verbos são parecidos em relação ao seu comportamento sintático, por exemplo, os dois não selecionam argumento externo e os dois se combinam com um complemento que é uma estrutura temática e argumental completa (ou seja,

é domínio sintático composto de um núcleo predicador, todos os argumentos selecionados por ele e todos os papéis temáticos associados a esses argumentos).

Como argumentou Rochette (1999), citada no capítulo anterior, a análise dos verbos aspectuais como verbos de alçamento não define a estrutura do seu complemento. Afirmar que um verbo aspectual é um predicado de alçamento pode ter como consequência que eles selecionam um TP (IP, nas palavras da autora) como complemento, mas também pode ter como consequência que eles selecionam um VP – caso em que eles seriam considerados verbos auxiliares. Nas palavras da autora, "[n]a abordagem atual em que os sujeitos são gerados internamente à projeção verbal, analisar os complementos não-finitos de verbos aspectuais como VP pode ser vista como uma alternativa à análise desses complementos como IP" (Rochette, 1999, p. 111).

Apesar das semelhanças, a diferença é que predicados de alçamento são verbos lexicais que selecionam um argumento interno, ao passo que verbos auxiliares são verbos funcionais que não selecionam argumentos – pelo menos não como os verbos de alçamento. Como então tratar o verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], mantendo a aproximação entre seu comportamento como um verbo de alçamento e como um verbo auxiliar?

A análise que faço do comportamento do verbo *deixar* é a de que ele é um verbo auxiliar. No entanto, ele não é simplesmente um verbo auxiliar. Como auxiliar, esse verbo apresenta algumas propriedades que precisamos destacar. Para apresentar essas propriedades, vou combinar as propostas de Lobato (1975), Laca (2002, 2004) e Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen & Bravo (2017), sobre as tipologias de verbos auxiliares.

A primeira delas tem a ver com os critérios de auxiliaridade. Como dissemos, *deixar* não satisfaz a todos os critérios de auxiliaridade. Retomando a análise de Lobato (1975): quando um verbo satisfaz todos os critérios de auxiliaridade, ele é um verbo auxiliar *stricto sensu*, quando ele não satisfaz alguns dos critérios de auxiliaridade, ele é um verbo auxiliar *lato sensu*. Dado seu comportamento frente aos testes de auxiliaridade, analiso o verbo *deixar* como um verbo auxiliar, mas um auxiliar do tipo *lato sensu*.

O que isso quer dizer? Na minha interpretação do verbo *deixar*, esse verbo é um auxiliar que já cumpriu várias etapas do seu processo e gramaticalização, mas ainda não se gramaticalizou plenamente. Prova disso é que ele não satisfez a totalidade dos critérios de auxiliaridade propostos, sendo classificado como um auxiliar *lato sensu*.

O fato de ele ser um auxiliar *lato sensu* tem relação também com o seu papel na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. No seu estudo das perífrases aspectuais das línguas românicas, Laca (2002, 2004) classifica a perífrase [*deixar de* + V_{INF}] como uma perífrase de aspecto lexical ou de modificação de eventualidade, que exprime aspecto terminativo e que atua sobre um predicador e o modifica. Observando o comportamento dessa perífrase, ela apresenta as quatro propriedades que caracterizam as perífrases de modificação de eventualidade.

A primeira propriedade é que, como uma perífrase de modificação de eventualidade, [*deixar de* + V_{INF}] não pode anteceder as perífrases de aspecto sintático, mas pode segui-las:

(46) a. Esse colega costuma deixar de fazer as atividades no meio.
b. *Esse colega deixa de costumar fazer as atividades no meio.
c. Em breve, o chefe vai deixar de pensar em uma promoção.
d. *Em breve, o chefe deixa de ir pensar em uma promoção.
e. A artista estava deixando de trabalhar com aquela marca famosa.
f. *A artista deixava de estar trabalhando com aquela marca famosa.

Quando as perífrases [*costumar* + V_{INF}], [*ir* + V_{INF}] e [*estar* + V_{GER}] antecedem a perífrase [*deixar de* + V_{INF}], exemplos (46a), (46c) e (46e), respectivamente, o resultado é gramatical. Quando perífrase [*deixar de* + V_{INF}] antecede as perífrases [*costumar* + V_{INF}], [*ir* + V_{INF}] e [*estar* + V_{GER}], exemplos (46b), (46d) e (46f), respectivamente, o resultado é agramatical. Isso acontece porque sendo [*costumar* + V_{INF}], [*ir* + V_{INF}] e [*estar* + V_{GER}] perífrases de aspecto sintático, elas se localizam em uma posição estruturalmente superior à perífrase [*deixar de* + V_{INF}]. Sendo assim, as únicas combinações gramaticais são aquelas em que as perífrases [*costumar* + V_{INF}], [*ir* + V_{INF}] e [*estar* + V_{GER}] vêm antes da perífrase [*deixar de* + V_{INF}].

A segunda propriedade da perífrase de modificação de eventualidade [*deixar de* + V_{INF}] é que ela pode co-ocorrer com outras perífrases de modificação de eventualidade:

(47) a. Depois da última eleição, começamos a deixar de acreditar em política.
b. Essa lei está para deixar de existir.
c. Essa aluna anda deixando de fazer as atividades.
d. As atrizes voltaram a deixar de se seguir.
e. Aos poucos vamos deixando de nos preocupar com coisas pequenas.
f. O supermercado continua deixando de dar explicações sobre os preços altos.

g. Cansados, os pais deixaram de continuar a lutar pelos direitos dos filhos.

h. Depois do conserto, o alarme deixou de parar de funcionar de madrugada.

Como se vê nos exemplos acima, [*deixar de* + V_{INF}] pode co-ocorrer com outras perífrases de modificação de eventualidade. Nos exemplos (47a), (47b), (47c), (47d), (47e) e (47f), [*deixar de* + V_{INF}] é antecedida de perífrases de aspecto inceptivo, iminencial, distributivo, repetivivo, continuativo e intransformativo, respectivamente. Nos exemplos (47g) e (47h), [*deixar de* + V_{INF}] antecede perífrases de aspecto intransformativo e terminativo, respectivamente.

Observando os exemplos (47f) e (47g), vemos que as perífrases [*continuar* + V_{GER}] e [*deixar de* + V_{INF}] podem apresentar ordenamentos alternativos, uma consequência da possibilidade de co-ocorrência das perífrases de modificação de eventualidade.

A terceira propriedade da [*deixar de* + V_{INF}] é que ela, sendo uma perífrase de modificação de eventualidade, impõe restrições selecionais às eventualidades com as quais elas se combinam. Essa é a única restrição que o verbo *deixar* impõe ao verbo auxiliado: ele não se combina com predicados de *achievement*, como vimos em 2.6.

Por fim, a última propriedade da perífrase [*deixar de* + V_{INF}] é o fato de ela ser compatível com todos os tempos verbais, não apresentando restrição alguma:

(48) a. Aos poucos, as pessoas deixam de reclamar.

b. Aos poucos, as pessoas deixaram de reclamar.

c. Aos poucos, as pessoas deixavam de reclamar.

d. Aos poucos, as pessoas deixarão de reclamar.

e. Aos poucos, as pessoas deixariam de reclamar.

(49) a. Espero que as pessoas deixem de reclamar.

b. Se as pessoas deixassem de reclamar, a reunião acabaria mais cedo.

c. Quando as pessoas deixarem de reclamar, o síndico vai falar.

Como os exemplos mostram, na perífrase [*deixar de* + V_{INF}], o verbo *deixar* é compatível com todos os tempos verbais, seja os do indicativo em (48), seja os do subjuntivo em (49).

Por fim, considerando a proposta de Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen & Bravo (2017), associaremos o fato de *deixar* ser um auxiliar *lato sensu* que funciona como formador de perífrase de modificação de eventualidade ao fato de esse verbo ser um auxiliar de tipo lexical. Ou seja, esse verbo ainda não se gramaticalizou por completo (auxiliar *lato sensu*) e, por isso, conservou ainda algum significado lexical. Por apresentar conteúdo, seu papel é o de modificar a eventualidade com a qual se combina. Podemos englobar essas tipologias apresentadas dentro de um grupo de verbos que pode ser chamado de semi-lexicais ou semi-auxiliares. Finalmente, por ter ainda propriedades lexicais, *deixar* se aproxima dos verbos de alçamento, com uma exceção: não seleciona argumento interno e não atribui papel temático a ele.

Conclusões preliminares

Neste capítulo, retomamos os testes apresentados na literatura para identificar nos verbos aspectuais propriedades de verbos lexicais (verbos de alçamento e verbos de controle) e de verbos funcionais (verbos auxiliares) e aplicamos esses testes ao verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Da aplicação dos testes, observamos que *deixar* tem comportamento mais próximo de verbos de alçamento e de verbos auxiliares do que de verbos de controle. Em relação à natureza exata desse verbo, concluímos que *deixar* é um verbo auxiliar. Logo, a sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] constitui uma perífrase verbal. O fato de ser um verbo auxiliar justificaria os pontos de contato desse verbo com os diagnósticos caracterizadores de um verbo de alçamento, pois, segundo Rochette (1999), verbos de alçamento podem selecionar um TP (para ela, IP) ou VP. Nesse último caso, o verbo de alçamento é um auxiliar.

Aprofundando-se nas característica de *deixar* como auxiliar, propusemos, com base em Lobato (1975), que *deixar* é um auxiliar de tipo *lato sensu*. Sendo auxiliar *lato sensu*, esse verbo não satisfaz todos os critérios de auxiliaridade. Interpretamos isso como indício de que ele não está plenamente gramaticalizado e, consequentemente, mantém significado lexical. Apoiando-me na tipologia de Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen & Bravo (2017), analisamos *deixar* como um auxiliar lexical. Finalmente, por ser um auxiliar de tipo lexical, ele forma perífrases de modificação de eventualidade, seguindo proposta de Laca (2002, 2004).

Considerando essa análise do verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], no capítulo seguinte, apresentaremos uma proposta de derivação sintática para esse verbo.

CAPÍTULO 5

Características sintáticas e semânticas do verbo auxiliar *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]

Introdução

No capítulo anterior, após a aplicação de testes, concluímos que *deixar* é um verbo que reúne características de verbo auxiliar e de verbo de alçamento. Dada a proximidade entre verbos auxiliares e verbos de alçamento, propusemos tratar *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] como um verbo auxiliar. Além disso, esse verbo é um auxiliar do tipo *lato sensu* (Lobato, 1975) e do tipo auxiliar lexical (Laca, 2002; Bravo, García Fernández & Krivochen, 2015; García Fernández, Krivochen & Bravo 2017). A partir das conclusões feitas até aqui, neste capítulo, fazemos uma discussão mais aprofundada a respeito de suas propriedades sintáticas e semânticas.

Essa discussão será feita em cinco momentos. No primeiro momento, retomamos as discussões feitas no capítulo anterior, focando nas propriedades sintáticas dos componentes da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], quais sejam: o verbo *deixar*, o domínio não-finito e a perífrase como um todo. No segundo momento, resenho trabalhos anteriores que trazem uma proposta de análise sintática para os verbos aspectuais em geral ou para o verbo aspectual *deixar* em especial. No terceiro momento, com base no material empírico reunido até aqui e com base nas propostas anteriores, apresentamos a nossa proposta de derivação sintática do verbo *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. No quarto momento, mostraremos como os traços formais dos itens lexicais interagem com as operações do Sistema Computacional na nossa proposta de derivação para a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Por fim, fechamos o capítulo com a uma breve descrição da interação semântica entre o verbo *deixar* e o domínio infinitivo, principalmente no que diz respeito à combinação de *deixar* com as classes aspectuais propostas por Vendler.

5.1 Propriedades dos componentes da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]

No capítulo anterior, apresentamos um conjunto de propriedades do verbo *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] que o aproximam de um verbo auxiliar. Nesta seção, vamos retomar essas propriedades, mas vamos reorganizá-las, distribuindo seus efeitos em relação a

três elementos componentes da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]: o próprio verbo *deixar*, o complemento infinitivo (domínio não-finito) e a perífrase como um todo. Importante destacar que essas propriedades derivam de propriedades mais gerais do verbo *deixar* e que seus efeitos são mais perceptíveis em outros pontos da perífrase.

5.1.1 Propriedades do verbo *deixar*

Na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], o verbo *deixar* se caracteriza por uma propriedade morfológica e por quatro propriedades sintáticas. A propriedade morfológica tem relação com seu paradigma morfológico. Nessa perífrase, *deixar* apresenta um paradigma morfológico pleno:

(1) a. Os jovens *deixam* de se contentar com pouco.
b. Os jovens *deixaram* de se contentar com pouco.
c. Os jovens *deixavam* de se contentar com pouco.
d. Os jovens *deixarão* de se contentar com pouco.
e. Os jovens *deixariam* de se contentar com pouco.

(2) a. Minha vontade é que os jovens *deixem* de se contentar com pouco.
b. As coisas mudariam se os jovens *deixassem* de se contentar com pouco.
c. Quando os jovens *deixarem* de se contentar com pouco, as coisas mudarão.

(3) a. *Deixe* de se contentar com pouco!
b. *Deixem* de se contentar com pouco!

(4) a. Os jovens vão *deixar* de se contentar com pouco.
b. Os jovens estão *deixando* de se contentar com pouco.
c. Os jovens têm *deixado* de se contentar com pouco.

Como se vê, o verbo *deixar* apresenta tanto as formas finitas como as não-finitas em seu paradigma. As formas finitas incluem as formas associadas ao modo indicativo, ao modo subjuntivo e ao modo imperativo, como se ilustra nos dados em (1), em (2) e em (3), respectivamente. As formas não-finitas incluem as formas de infinitivo, gerúndio e particípio, como se vê em (4).

O paradigma morfológico pleno tem relação com uma primeira propriedade sintática do verbo *deixar* (e da perífrase, consequentemente): o fato de ele poder interagir com outros verbos auxiliares. Por apresentar formas finitas, *deixar* pode ser o primeiro verbo de uma sequência de verbos auxiliares:

(5) a. O rapaz *deixou* de poder trabalhar até tarde.
b. O rapaz *deixou* de ter que trabalhar até tarde.
c. O rapaz *deixou* de continuar trabalhando até tarde.

Por apresentar também as formas não-finitas, *deixar* pode seguir outro verbo auxiliar em uma sequência de verbos auxiliares, ou seja, pode ser encaixado nesses verbos:

(6) a. O rapaz pôde *deixar* de trabalhar até tarde.
b. O rapaz tem que *deixar* de trabalhar até tarde.
c. O rapaz vai *deixar* de trabalhar até tarde.
d. O rapaz está *deixando* de trabalhar até tarde.
e. O rapaz tinha *deixado* de trabalhar até tarde.

Três outras propriedades sintáticas do verbo *deixar* são: a) ausência de restrições em relação ao sujeito, b) não seleção de sujeito e c) impossibilidade de apassivação. Essas três propriedades estão associadas ao fato de, na estrutura [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], o verbo *deixar* não selecionar argumentos. Comecemos pela ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito:

(7) a. *Minha mãe deixou.
b. Minha mãe trabalhou.
c. Minha mãe deixou de trabalhar.

Na oração agramatical (7a), o constituinte [*minha mãe*], sujeito do verbo *deixar*, não é compatível com esse verbo, uma vez que não é selecionado por ele. Na oração gramatical (7b), o mesmo constituinte [*minha mãe*], sujeito do verbo *trabalhar*, é selecionado por esse verbo, sendo perfeitamente compatível com ele. Na oração gramatical (7c), o constituinte [*minha mãe*], sujeito do verbo *deixar*, é selecionado pelo verbo *trabalhar* e é compatível com ele. Em

vista dos dados, se *deixar* não seleciona argumentos (entre eles, o argumento que aparece na posição de sujeito de *deixar*) e a oração na qual esse verbo está associado a um sujeito é gramatical, a conclusão é a de que esse constituinte foi selecionado por outro predicador na oração, no caso, o $V_{INFINITIVO}$. Sendo assim, conclui-se que *deixar* não impõe restrições quanto ao sujeito da oração.

O fato de *deixar* não selecionar argumentos está na base da segunda propriedade, não seleção de sujeito, que faz com que a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] apresente sujeito único:

(8) a. Os meninos deixaram de visitar a avó.
b. *Os meninos deixaram de as crianças visitar a avó.

Como só o $V_{INFINITIVO}$ pode selecionar argumentos na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], se esse verbo selecionar um sujeito, a oração terá apenas um sujeito, como se vê em (8a), em que o constituinte [*os meninos*], sujeito da oração, é selecionado pelo verbo *visitar*. A oração (8b) é agramatical porque ela apresenta um sujeito para *deixar* e outro para o verbo *visitar*, que são, respectivamente os constituintes [*os meninos*] e [*as crianças*]. Como *deixar* não seleciona argumentos, o resultado é uma oração agramatical, pois a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] apresenta apenas um sujeito.

A terceira propriedade resultante da incapacidade de *deixar* selecionar argumentos é a impossibilidade de esse verbo ser apassivado:

(9) a. A empresa deixou de contratar duas excelentes funcionárias.
b. Duas excelentes funcionárias deixaram de ser contratadas pela empresa.
c. *Duas excelentes funcionárias foram deixadas de contratar pela empresa.

Quando se tenta passar a oração (9a) da voz ativa para a voz passiva, podemos produzir (9b), com apassivação do verbo *contratar*, passando-o para a forma *ser contratadas*, ou podemos produzir (9c), com apassivação do verbo *deixar*, passando-o para a forma *ser deixadas*. Dessas possibilidades, apenas (9b) é gramatical, pois o verbo *contratar* é transitivo direito (seleciona dois argumentos) e pode ser apassivado. A oração (9c) é agramatical porque o verbo *deixar* não seleciona argumentos e, portanto, não pode ser apassivado.

Passemos agora a apresentar as propriedades de *deixar* que têm seus efeitos no domínio não-finito.

5.1.2 Propriedades do domínio não-finito

A primeira propriedade do verbo *deixar* que tem impacto no seu complemento não-finito é a seleção que esse verbo faz da forma desse complemento: o verbo *deixar*, na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], ocorre apenas com um verbo na forma infinitiva, como mostram os exemplos abaixo:

(10) a. João deixou de correr / *correndo / *corrido no parque.
b. Elas deixaram de jogar / *jogando / *jogado tênis.
c. Eu deixei de comprar / *comprando / *comprado muitos livros.

Semanticamente, os exemplos acima codificam a noção de término, finalização ou encerramento (Travaglia, 2016; Bertucci, 2011) de ações como *correr* (10a), *jogar* (10b) e *comprar* (10c). Em cada um desses exemplos, *deixar* aparece acompanhando de verbos nas três formas não-finitas do Português: infinitivo, gerúndio e particípio. Além disso, os exemplos mostram que, na perífrase aqui estudada, esse verbo aspectual se combina apenas a forma de infinitivo para o verbo que imediatamente o segue. Do ponto de sintático, podemos dizer que *deixar* seleciona um tipo de forma não-finita, por existir uma relação de dependência morfossintática, que, segundo Lunguinho (2006, p. 460), é uma relação sintática local "em que a presença de uma palavra altera a forma morfossintática de outra".

A segunda propriedade do domínio não-finito da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] é o fato de esse domínio não alternar com uma oração finita desenvolvida:

(11) a. Maria deixou de dirigir aquele carro.
b. *Maria deixou de que dirigir aquele carro.

Essa propriedade deriva do fato de, na estrutura [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], o verbo *deixar* ser um auxiliar e formar com o $V_{INFINITIVO}$ uma unidade sintática e semântica caracterizada por uma dependência morfossintática. Por isso que *deixar* impede que o infinitivo que o acompanha seja substituído por uma oração completiva.

Outra propriedade do domínio infinitivo que acompanha o verbo *deixar* é que, nesse domínio, pode haver um verbo de qualquer tipo sintático ou semântico, uma vez que *deixar* não impõe restrições quanto ao tipo sintático ou semântico do verbo com o qual se combina:

(12) a. O professor deixará de [ministrar aquela aula].

b. Os acionistas deixaram de [concordar com você].

c. João deixou de [emprestar seus casacos ao seu irmão].

d. Com o tempo, esse tipo de roseira deixa de [florescer].

e. Em breve, aquela estrela distante deixaria de [brilhar].

f. Pedro deixou de [tentar falar com o chefe].

g. Com a produção, a modelo deixará de [parecer que tem 18 anos].

h. Ele deixou de [ficar chateado com essas coisas].

i. Maria deixou de [ser convidada para as festas da empresa].

j. Ela deixou de [continuar lendo aquele livro].

k. Eu deixei de [ter que trabalhar até tarde].

O verbo *deixar* pode se associar com verbos de todos os tipos sintáticos: verbo transitivo direto (12a), verbo transitivo indireto (12b), verbo bitransitivo (12c), verbo inacusativo (12d), verbo inergativo (12e), verbo de controle (12f), verbo de alçamento (12g), verbo de ligação (12h), verbo auxiliar de voz passiva (12i), verbo auxiliar aspectual (12j), verbo auxiliar modal (12k). Todas as combinações são gramaticais.

Considerando os tipos semânticos de verbos, o infinitivo que complementa *deixar* pode ser formado de vários tipos semânticos de verbos:

(13) a. Com a alta das passagens, deixamos de [viajar].

b. Todos deixam de [se preocupar com coisas pequenas].

c. Deixou de [ventar forte no começo do ano].

d. Nós deixamos de [chegar cedo aos eventos].

e. O técnico deixou de [pedir aos atletas para se aquecerem antes do treino].

f. Com a nova sinalização, deixava de [haver acidentes naquela via].

g. Nas cidades, as pessoas deixaram de [ouvir os pássaros cantando].

As combinações do verbo *deixar* com vários tipos semânticos de verbos são gramaticais: verbo de ação (13a), verbo psicológico (13b), verbo meteorológico (13c), verbo de movimento (13d), verbo causativo (13e), verbo existencial (13f), verbo de percepção (13g).

Outra característica é o fato de o domínio infinitivo encaixado a *deixar* poder ser uma expressão idiomática:

(14) a. O pau deixou de quebrar/comer na casa de Maria depois que a polícia chegou e acabou com a confusão.
b. Com a nova chefe, o bicho deixou de pegar na repartição.

No que se refere aos tipos aspectuais de predicados, o domínio infinitivo com o qual o aspectual *deixar* se associa não pode ser um *achievement*:

(15) a. O rapaz deixou de [ser arrogante].
b. As crianças deixaram de [correr pelo parque].
c. O artista deixou de fazer a escultura].
d. #O bebê deixou de [nascer].

Voltaremos a essa propriedade na seção 5.5. Na próxima subseção, discutiremos as propriedades do verbo *deixar* que têm relação com a perífrase.

5.1.3 Propriedades da perífrase como um todo

A perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] apresenta duas propriedades sintáticas gerais: negação sentencial única e impossibilidade de modificação dos verbos componentes da perífrase independentemente. Como a impossibilidade de substituição do domínio infinitivo por oração completiva, essas duas propriedades têm a ver com o fato de, nessa perífrase, o verbo *deixar* ser um auxiliar e formar com o $V_{INFINITIVO}$ uma unidade sintática e semântica. Essa unidade sintático-semântica se manifesta na possibilidade de uma única negação sentencial para a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]:

(16) a. Eu não deixei de estudar.
b. *Eu deixei não de estudar.
c. #Eu deixei de não estudar.

Para negar a oração, o item *não* só pode aparecer antes do verbo *deixar* (16a). Não há negação sentencial com a palavra negativa antecedendo a preposição (16b) ou antecedendo o verbo infinitivo (16c). Nesse último caso, a oração é gramatical, mas com a interpretação de negação de constituinte. Ou seja, a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] só pode ser negada como um todo. Nessa situação, recebe o marcador de negação *não* antes da perífrase.

A unidade sintático-semântica que caracteriza a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] também se reflete na impossibilidade de adjuntos adverbiais do mesmo tipo modificarem isoladamente os verbos da perífrase:

(17) a. Ontem, Maria deixou de ser ministra.
b. Na semana passada, Maria deixou de ser ministra.
c. *Ontem, Maria deixou de ser ministra na semana passada.

A ideia é a de que a perífrase só pode ser modificada como um todo, daí serem gramaticais (17a) e (17b), orações nas quais há apenas um adjunto adverbial de tempo. Quando se inserem dois adjuntos adverbiais de tempo – cada um modificado um verbo da perífrase – a oração fica agramatical, como em (17c).

Agora que foram apresentadas as propriedades gerais dos constituintes da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], passaremos a construir uma estrutura sintática para essa perífrase.

5.2 Propostas de análises sintáticas existentes

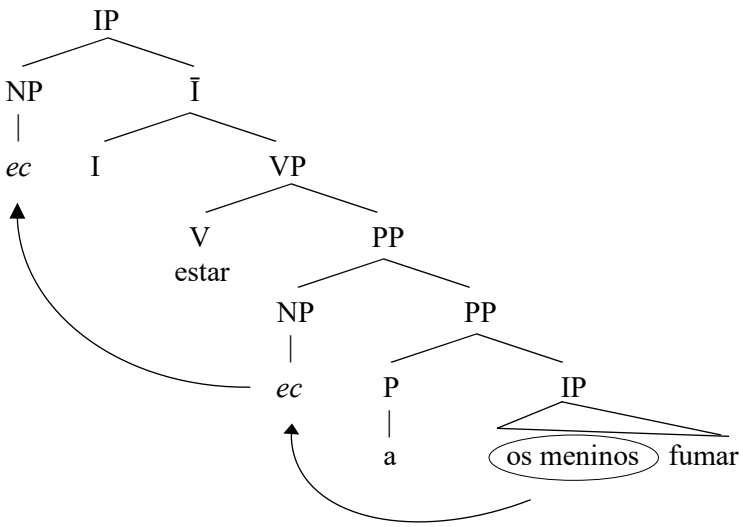
Antes de apresentar a nossa proposta de derivação sintática para a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], discutiremos análises sintáticas já propostas na literatura ou para verbos aspectuais ou para o verbo *deixar* especificamente. As propostas que vamos abordar neste capítulo são: Raposo (1989), Gonçalves (1995), Boff (2003), Corso (2002), Oliveira, Cunha, Matos e Gonçalves (2001) e Hammes (2015).

5.2.1 Raposo (1989)

Segundo Raposo (1989), verbos aspectuais, tais como *estar*, *continuar*, *permanecer*, *ficar*, *chegar* (entre outros) na estrutura [$V_{ASPECTUAL}$ - *a* - $V_{INFINITIVO}$] são verbos inacusativos que selecionam uma construção infinitiva preposicional (do Inglês, *prepositional infinitival construction* – PIC) como seu complemento. Esse complemento tem por núcleo uma preposição, a qual seleciona um IP (em termos mais recentes, um TP) como complemento. Nessa perspectiva, a oração em (18a) tem a representação em (18b):

(18) a. Os meninos estão a fumar.

b.



(adaptação de Raposo, 1989, p. 296 e 298)

Nesse exemplo, os verbos auxiliar e auxiliado são, respectivamente, *estar* e *fumar*, sendo ligados pela preposição *a*. O verbo *estar* sendo auxiliar (inacusativo), não seleciona argumento externo e não atribui Caso Acusativo. O verbo *fumar*, por sua vez, seleciona o argumento [*os meninos*] e atribui a ele papel temático. O infinitivo que complementa a preposição na construção infinitiva preposicional não é flexionado, logo, não atribui Caso ao constituinte [*os meninos*]. Esse constituinte, então, para ter seu traço de Caso checado, se desloca para a posição de IP matriz, passando antes pela posição de especificador da preposição. Essa posição é nas palavras de Raposo "a posição de sujeito da PIC no contexto de um verbo auxiliar não é uma posição-θ. Portanto, de acordo com o critério θ, essa posição não pode ser preenchida por um argumento na Estrutura D. Na Estrutura S, no entanto, essa posição é alvo de movimento para o sujeito do infinitivo encaixado, uma vez que não ocorrerá violação do critério θ" (Raposo, 1989, p. 298 – tradução nossa).

5.2.2 Gonçalves (1995)

Em seu trabalho, ao estudar especificamente os verbos aspectuais, Gonçalves (1995) propõe duas classes de verbos que ela chama de modelos. O primeiro modelo é o de [*estar* - *a* - $V_{INFINITIVO}$], que se aplica a verbos como *andar* (*a*), *estar* (*a*), *ficar* (*a*), *ir* (*a*) *e vir* (*a*). Com base em testes sintáticos e semânticos, a autora apresenta a seguinte estrutura para esse grupo de verbos aspectuais (Gonçalves, 1995, p. 28):

(19) *estar* [$_{ASPP}$ [$_{ASP'}$ *a* [TP ...]]]

Em verbos com esse padrão selecionam um sintagma de Aspecto cujo núcleo é a preposição *a*.

O segundo modelo de aspectuais, denominado [*cessar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] e dele fazem parte os verbos *cessar* (*de*)*, parar* (*de*)*, acabar* (*de*) *e parar* (*de*)*.* Como nosso objeto de estudo é o verbo *deixar* na [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], esse é o grupo que nos interessa.

Testes sintáticos e semânticos fazem com que a autora distinga os aspectuais do modelo [*cessar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] dos aspectuais do modelo [*estar* - *a* - $V_{INFINITIVO}$]. A estrutura proposta para esses aspectuais é a seguinte (Gonçalves, 1995, p. 34):

(20) *cessar* [$_{CP}$ [$_{C'}$ *de* [TP ...]]]

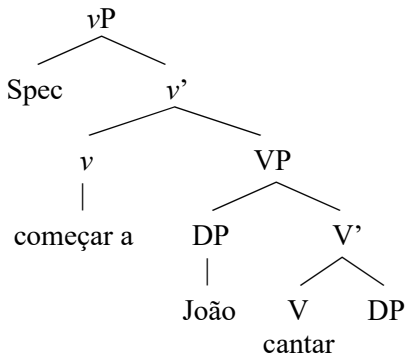
Os verbos com esse padrão selecionam um CP cujo núcleo é a preposição *de* e um TP. O fato de selecionar um CP caracteriza a estrutura com verbos do modelo [*cessar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] como bi-oracional, diferentemente da estrutura dos verbos com modelo [*estar* - *a* - $V_{INFINITIVO}$].

5.2.3 Boff (2003)

O trabalho de Boff (2003) é voltado exclusivamente para o verbo *começar*. Na análise dessa autora, quando usado como auxiliar, *começar* é um verbo funcional, um verbo leve que seleciona um constituinte verbal. Segundo essa perspectiva, a oração em (21a) tem a representação em (21b), extraída de Boff (2003, p. 74):

(21) a. João começou a cantar.

b.



Além de ser um verbo funcional, na representação acima, fica claro que o verbo *deixar* forma uma unidade com a preposição *a*, produzindo [*começar a*]. Isso é uma proposta diferente para a preposição que acompanha o verbo *começar*, pois, para Raposo (1989) e para Gonçalves (1995), as preposições que acompanham os aspectuais são itens independentes desses verbos.

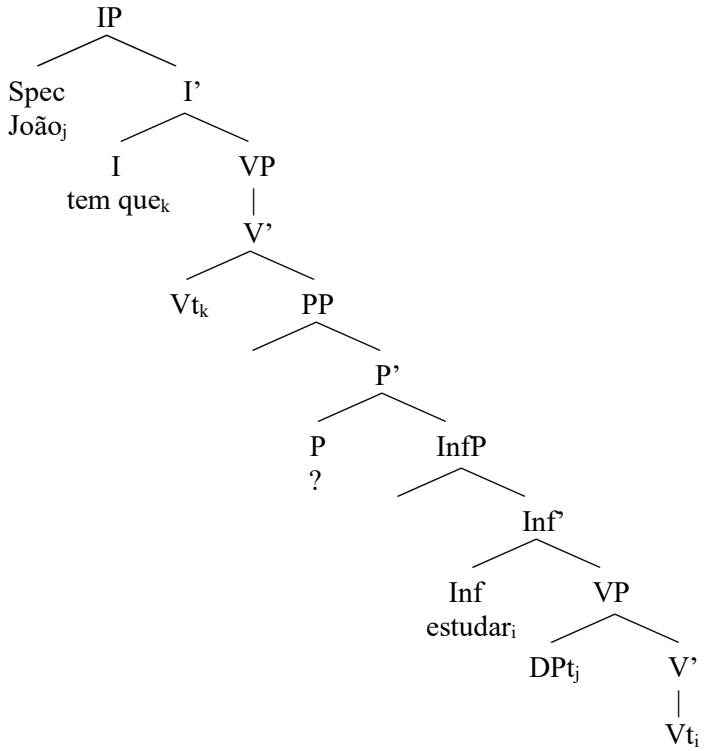
5.2.4 Corso (2002)

Em seu trabalho, Corso (2002) faz um estudo dos verbos auxiliares do Português brasileiro. Para o nosso trabalho, é importante discutir a estrutura que a autora apresenta para os auxiliares que selecionam PP. Essa classe de auxiliares é exemplificada abaixo (Corso 2002, p. 98):

(22) a. João tem que/de estudar.
b. João parou de fumar.

A estrutura desse tipo de verbos auxiliares é apresentada abaixo (Corso 2002, p. 98):

(23)



Embora a autora só apresente a representação para (22a), ela se aplica igualmente aos verbos aspectuais. Como na proposta de Boff (2003), na proposta de Corso (2002), o verbo

forma constituinte com a preposição. Segundo Corso (2002, p. 98), em sua proposta, representa-se "a reanálise que incorpora a preposição ao verbo auxiliar, estipulação que dá conta da possibilidade de alçamento do DP".

A partir da estrutura sintática proposta por Corso (2002), podemos ver que o conjunto *tem que*, ou, mais especificamente, a combinação [$V_{AUXILIAR}$ - P], não nascem juntos, como em Boff (2003), para o verbo *começar*. Cada um dos constituintes nasce em uma projeção independente e eles se incorporam na sintaxe. Na representação em (23), *que* é inserido no domínio do sintagma preposicional e, em seguida, se incorpora ao verbo *ter* para formar um conjunto. Depois da incorporação, eles se movem como uma unidade até o núcleo de I. Como a proposta de Boff (2003), a proposta de Corso (2002) difere das demais pela incorporação da preposição ao auxiliar.

5.2.5 Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004)

Os autores estudam os verbos aspectuais, comparando o seu comportamento em Português europeu e Português brasileiro. Como Gonçalves (1995) havia feito, os autores mantêm a divisão em dois grupos de verbos auxiliares aspectuais: um grupo cujo complemento pode ser [*a* + $V_{INFINITIVO}$] ou [$V_{GERÚNDIO}$] e outro cujo complemento é [*de* + $V_{INFINITIVO}$]. A partir de um estudo das propriedades sintáticas e semânticas de cada um dos grupos, os autores propõem as representações abaixo:

(24) Aspectuais com complemento [*a* + $V_{INFINITIVO}$] ou [$V_{GERÚNDIO}$]

a. V_{ASP} [$_{TP}$ [$_{T'}$ [$_{AspP}$ [$_{Asp'}$ [$_{VP}$ t_{SU} V…]]]]]

b. V_{ASP} [$_{AspP}$ [$_{Asp'}$ [$_{VP}$ t_{SU} V…]]]]]

Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004, p. 162)

(25) Aspectuais com complemento [*de* + $V_{INFINITIVO}$]

V_{ASP} [$_{PP}$ [$_{P'}$ *de* [$_{TP}$ …]]]

Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004, p. 170)

Voltando nossa atenção para a representação em (25), vê-se que ela não é muito diferente do que Gonçalves (1995) já havia proposto, em (20): o verbo aspectual se combina com a preposição *de*, e essa preposição seleciona um complemento infinitivo. A diferença está na natureza da preposição: em (1995), Gonçalves a analisa como um complementador que

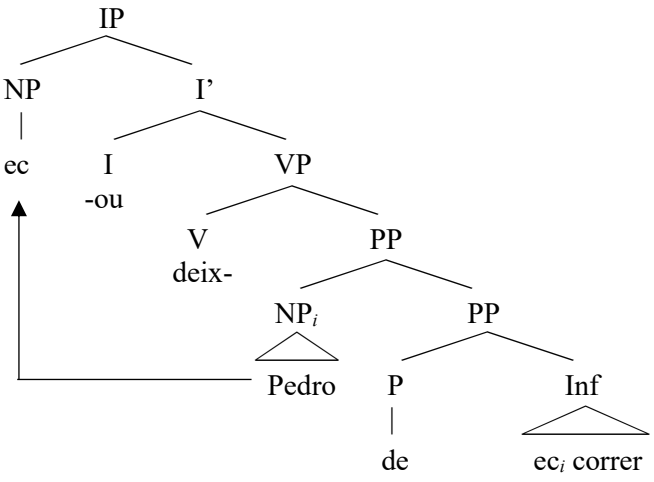
projeta um CP; Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) a analisam como uma preposição. Com isso surge outra diferença: o tamanho do complemento de um aspectual que seleciona [*de* + $V_{INFINITIVO}$]. Para Gonçalves (1995), ele é um CP e, para Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004), ele é um PP.

5.2.6 Hammes (2015)

O trabalho de Hammes (2015) é o único que se volta unicamente à análise do verbo *deixar* em vários dos seus usos. Tratando especificamente do verbo aspectual que toma um complemento não-finito, a autora apresenta para a oração (26a) a representação em (26b):

(26) a. Pedro deixou de correr.

b.



(estrutura extraída de Hammes 2015, p. 72)

A representação adotada por Hammes (2015) não é distante do que já foi proposto por Raposo (1989), Gonçalves (1995) e Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004). Para a autora, o auxiliar *deixar* é o núcleo de um VP e esse verbo seleciona um complemento infinitivo preposicionado (seguindo Raposo 1989). Além disso, o complemento infinitivo preposicionado é um PP cujo núcleo é a preposição, exatamente como nas análises de Raposo (1989) e de

Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004).[23] Essa preposição, por sua vez, seleciona um Inf que contém o verbo auxiliado e os argumentos que fazem parte da oração.[24]

Como vimos, algumas das propostas acima, não trata especificamente do verbo *deixar*. Raposo (1989), Gonçalves (1995) e Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) abordam a classe dos verbos aspectuais como um todo. Corso (2002) analisa os verbos auxiliares que se combinam com [preposição - $V_{INFINITIVO}$]. Boff (2003) estuda o verbo *começar*. Hammes (2015) é o único trabalho que se volta (também) para o verbo *deixar*. Se adaptássemos essas propostas para o verbo *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], teríamos o seguinte Quadro:

Quadro 5: Adaptação das propostas anteriores para a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]

	Elementos da perífrase [*deixar – de –* $V_{INFINITIVO}$]		
Autor	Verbo *deixar*	Preposição *de*	Infinitivo
Raposo (1989)	V	P	IP
Gonçalves (1995)	?	C	IP
Boff (2003)	*v*	Constituinte único com o aspectual	VP
Corso (2002)	V	P que se incorpora ao aspectual	InfP
Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004)	V_{ASP}	P	TP
Hammes (2015)	V	P	Inf

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos trabalhos de Raposo (1989), Gonçalves (1995), Boff (2003), Corso (2002), Oliveira, Cunha & Gonçalves (2005) e Hammes (2015)

Trazendo a discussão dessas propostas para o verbo *deixar* especificamente, poderíamos dizer que ele seria um verbo lexical (V ou V_{ASP}) para a maioria das propostas – Raposo (1989), Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) e Hammes (2015). Seguindo a análise de Boff (2003), o verbo *deixar* seria um verbo funcional, *v*. Gonçalves (1995) não é clara em relação à natureza dos verbos aspectuais.

No que se refere à preposição *de* presente na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], ela poderia ser tratada como P, seguindo Raposo (1989), Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) e

[23] Importante destacar que, na representação desse sintagma preposicional, há um PP que domina outro PP. Acreditamos que tenha havido um erro, e esse segundo PP, na realidade, é um P'. Como estamos citando a representação da autora, não a alteramos, mas fazemos essa ressalva.

[24] Acerca do constituinte Inf, pode haver duas análises para ele. Na primeira, ele é um sintagma infinitivo. Nessa situação, ele deveria ter sido marcado como InfP. Na segunda, ele é simplesmente a representação do tipo do constituinte que complementa a preposição e não existe compromisso por parte da autora com sua natureza sintática exata.

Hammes (2015). Para Gonçalves (1995) ela seria um complementizador C. Para Boff (2003), *de* formaria um complexo com o verbo *deixar*; enquanto, para Corso (2002), *de* nasceria como P, mas, ao longo da derivação, ela acabaria incorporada a *deixar*.

Em relação ao infinitivo, para Raposo (1989), Gonçalves (1995) e Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004), ele é um IP/TP. Nesse caso, os exemplos com o verbo *deixar* seriam bioracionais, uma vez que eles envolveriam dois domínios IPs/TPs. Para Boff (2003), o infinitivo é um VP. Aqui, os exemplos com *deixar* seriam mono-oracionais, pois só haveria um TP, o qual seria associado ao aspectual. Para Corso (2002) e Hammes (2015), o infinitivo seria um Inf ou InfP, respectivamente. Não fica claro, no entanto, se esse constituinte faria dos exemplos com *deixar* estruturas mono-oracionais ou bioracionais.

Retomaremos esses trabalhos na seção seguinte, quando fizermos a nossa proposta de análise para o verbo *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$].

5.3 Uma análise sintática para a perífrase [*deixar - de* - $V_{INFINITIVO}$]

Nesta seção, vamos apresentar a nossa proposta de análise para a estrutura sintática envolvida na derivação da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Para tanto, vamos nos basear fortemente no que fizemos no capítulo anterior e no que já apresentamos neste capítulo.

5.3.1 O verbo *deixar*

Ao final do capítulo anterior, com base no comportamento do verbo *deixar* frente a testes morfológicos, sintáticos e semânticos, concluímos que a melhor análise para esse verbo é como um auxiliar. Ele é, portanto, um verbo funcional. Estruturalmente vamos considerá-lo como o núcleo de um sintagma $V_{AUX}P$. Sendo assim, a estrutura parcial da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] é a seguinte:

(27) … [$_{V_{AUX}P}$ *deixar* - de - $V_{INFINITIVO}$ ...]

Estamos desconsiderando, por enquanto, todo o material sintático que se localiza acima de $V_{AUX}P$ apenas para demonstrar a descrição de *deixar* como auxiliar. Sendo auxiliar, todas as propriedades elencadas no capítulo anterior e retomadas neste capítulo são diretamente derivadas.

Obviamente que é possível concordar que *deixar* é um verbo de natureza aspectual, mas não o associaremos a um V_{ASP}, como fazem Gonçalves (1995) e Oliveira, Cunha, Matos e

Gonçalves (2001).[25] Também não podemos defender que *deixar* é um verbo leve (em oposição à proposta de Boff 2003), por ele não ter propriedades de seleção argumental e de valoração de Caso Acusativo, como faz o verbo leve em Chomsky (1995). No entanto, como um verbo leve, um verbo auxiliar também é um verbo funcional, por isso, preferimos caracterizá-lo como V_{AUX} em vez de outra caracterização. Com essa proposta, descartarmos a possibilidade de tratar deixar como V, como Raposo (1989), Corso (2002) e Hammes (2015).

Passaremos agora à discussão da preposição *de* que acompanha o verbo *deixar*.

5.3.2 A preposição *de*

5.3.2.1 A composicionalidade do significado aspectual

É relevante mencionar que, quando se fala no verbo aspectual *deixar* (ou *deixar de*) na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], é comum dizer que, nessa perífrase, *deixar* (*de*) veicula a noção aspectual de cessamento, interrupção, abandono. Contudo, aprofundando mais a discussão, questionamos se essa interpretação aspectual surge apenas em consequência do significado lexical do verbo *deixar* ou se a preposição *de* que o acompanha tem alguma importância na composição desse significado aspectual. Discutiremos isso na presente subseção.

Em trabalho a respeito das perífrases verbais do Espanhol, Fábregas (2019b) chama a atenção para a função das preposições na composição das perífrases verbais. Seu argumento é o de que a estrutura [$V_{AUXILIAR}$ + preposição] não deve ser considerada uma estrutura fixa e, nessa estrutura, a combinação entre o auxiliar e a preposição não ocorre de maneira arbitrária.

É possível confirmar esse argumento no Português a partir da análise do comportamento das estruturas com *deixar* em relação à preposição que segue esse verbo. Inicialmente, é importante observar a obrigatoriedade da preposição *de*, a partir da comparação dos exemplos abaixo:

(28) a. Deixou cantar.
b. Deixou falar.
c. Deixou brincar.

[25] As razões para não caracterizarmos *deixar* como um V_{ASP} ficarão mais claras na subseção seguinte, quando tratarmos da preposição *de*.

(29) a. Deixou de cantar.

b. Deixou de falar

c. Deixou de brincar.

Os exemplos em (28) não apresentam a preposição *de* e, em todos eles, exprime-se a noção de permissão, de autorização dada por um sujeito X para outro sujeito Y realizar a ação de cantar (28a), de falar (29b), e de brincar (29c). Esse é o uso causativo do verbo *deixar*. Já os exemplos em (29) apresentam a preposição *de* após o verbo *deixar* e expressam a noção de abandono, cessamento e interrupção da ação. Esse é o uso aspectual do verbo *deixar*.

Dessa comparação rápida, podemos concluir que a presença da preposição *de* nos exemplos (29) contribui para a noção de abandono, cessamento, interrupção dos eventos de cantar (29a), de falar (29b) e de brincar (29c). Por contribuir para a construção da interpretação de abandono, cessamento, interrupção de uma ação, o emprego dessa preposição é obrigatório.

Estudemos agora – com base ainda na proposta de análise de Fábregas (2019b) – a possibilidade de interação do verbo *deixar* com diferentes preposições e observemos os significados que surgem a partir dessas combinações:

(30) a. Deixou de fazer o trabalho.

b. Deixou para fazer o trabalho mais tarde.

c. Deixou por fazer o trabalho.

Analisando as estruturas, vemos o seguinte. Em (30a), [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] apresenta a ideia de cessamento da ação descrita pelo infinitivo. Em (30b), [*deixar* - *para* - $V_{INFINITIVO}$] expressa a ideia de separação temporal/espacial do sujeito em relação à ação descrita pelo infinitivo. Em (30c), [*deixar* - *por* - $V_{INFINITIVO}$] exprime o abandono da ação descrita pelo infinitivo, em algum momento de sua realização, sem completá-la. Dessa forma, não apenas a presença da preposição é relevante como também o tipo exato dessa preposição é importante, uma vez que, combinadas ao verbo *deixar* na estrutura [*deixar* - P - $V_{INFINITIVO}$], cada uma delas contribui para produzir diferentes interpretações para a construção [*deixar* - P - $V_{INFINITIVO}$].

Voltando agora nossa atenção especificamente para a preposição *de* (cf. Fábregas 2019b), vejamos as possíveis combinações dessa preposição:

(31) a. *acabar de* $V_{INFINITIVO}$

b. *terminar de* $V_{INFINITIVO}$

c. *parar de* $V_{INFINITIVO}$

d. *cessar de* $V_{INFINITIVO}$

Todos os verbos que se constroem com essa preposição são verbos aspectuais terminativos, que expressam que a ação descrita pelo infinitivo foi concluída/finalizada, como (31a) e (31b), ou são verbos aspectuais cessativos, que expressam que a ação descrita pelo infinitivo foi parada/descontinuada, como (31c) e (31d).

A esse respeito, Fábregas (2019b) afirma que esse comportamento da preposição *de* é esperado, uma vez que, no domínio espacial, ela expressa abandono de um lugar, conforme se vê nos dados a seguir (p. 321):

(32) a. salir de un sitio

‘sair de um lugar’

b. venir de un lugar

‘vir de um lugar’

c. expulsar de un cuerpo

‘expulsar de um corpo’

Fábregas explica que a noção de abandono expressa pela preposição *de* nos exemplos em (32) é definida no trecho final do evento que estava ocorrendo, não importando a origem/início ou o tempo de duração dessa ação (p. 321).

Considerando a análise feita aqui, pode-se concluir inicialmente que a preposição *de* tem papel fundamental na construção da interpretação aspectual da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], uma vez que sua ausência e sua substituição por outras preposições alteram a interpretação do conjunto [*deixar* - (P) - $V_{INFINITIVO}$]. Concordamos com Fábregas (2019b) quando ele afirma que a preposição não forma uma estrutura fixa com o auxiliar *deixar*, dado de que esse verbo pode se combinar com outras preposições, como visto em (30), e que a preposição *de* pode se combinar com outros verbos, como em (31).

Uma vez que a preposição *de* é um elemento essencial na construção da interpretação aspectual da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], passaremos agora a ver como essa preposição interage com os elementos dessa perífrase.

5.3.2.2 Interações estruturais da preposição *de* na perífrase [*deixar - de* - $V_{INFINITIVO}$]

Uma vez que foi esclarecido o papel da preposição *de* na composição do significado aspectual da perífrase [*deixar* - de - $V_{INFINITIVO}$], o próximo passo é analisar como essa preposição interage sintaticamente com os componentes dessa perífrase. A esse respeito, vimos duas possibilidades. A primeira é a de que o verbo *deixar* e a preposição *de* formam um constituinte. Esse constituinte pode ser primário, como Boff (2003) propõe para *começar a*, ou pode ser derivado por movimento, como Corso (2002) propõe para os auxiliares que se combinam com [preposição - $V_{INFINITIVO}$]. A segunda é a de que a preposição *de* e o domínio composto por $V_{INFINITIVO}$ formem um constituinte, como se pressupõe nos trabalhos de Raposo (1989), Gonçalves (1995), Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) e Hammes (2015). Importante destacar que os autores simplesmente assumem as representações apresentadas, sem trazer evidências que sustentem a sua proposta. O que faremos aqui é apresentar evidências em favor de uma ou outra proposta para a organização dos constituintes da perífrase [*deixar* - de - $V_{INFINITIVO}$]. Ao fazer isso, vamos ter em mente a pergunta: a preposição *de* na perífrase [*deixar* - de - $V_{INFINITIVO}$] forma constituinte com o verbo aspectual *deixar* ou com o verbo/domínio infinitivo?

Para responder essa pergunta, é necessário analisar detidamente a sintaxe de [*deixar* - de - $V_{INFINITIVO}$]. Por essa razão, traremos aqui algumas estruturas que nos ajudarão a evidenciar a estrutura que subjaz à ordem linear da perífrase. Comecemos avaliando a possibilidade de quantificadores flutuantes:

(33) a. *Todos* os alunos deixaram de conversar na aula
b. Os alunos deixaram *todos* de conversar na aula.
c. *Os alunos deixaram de *todos* conversar na aula

Desde Sportiche (1991), sintagmas quantificados como [*todos os alunos*] nascem como uma unidade e podem se deslocar sintaticamente como um constituinte só, como se vê em (33a). Sportiche também apontou que, no deslocamento do sintagma quantificado, é possível que o quantificador se separe de DP. Nesse caso, o DP se desloca até o ponto final do movimento enquanto o quantificador fica flutuando em algum lugar da derivação. É o que acontece em (33b), onde o DP [*os alunos*] se encontra na posição de sujeito e o quantificador *todos* está entre o verbo *deixaram* e a preposição *de*. Em (33c), também há uma instância de quantificador flutuante, só que, nesse caso, o quantificador está entre a preposição *de* e o infinitivo.

Observando apenas os exemplos (33b) e (33c), com quantificadores flutuantes, vemos que, quando o quantificador *todos* se encontra entre o verbo *deixar* e a preposição *de*, o resultado é gramatical e, quando ele se encontra entre a preposição *de* o verbo infinitivo, o resultado é agramatical.

Vejamos mais um diagnóstico envolvendo quantificação. Nesse caso, vamos abordar o comportamento de sujeitos quantificados em orações com a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]:

(34) a. Mesmo depois da confusão, ninguém deixou de falar com ele.
b. Mesmo depois da confusão, não deixou ninguém de falar com ele.
c. *Mesmo depois da confusão, não deixou de ninguém falar com ele.

Nas orações, o sujeito quantificado é *ninguém*. Esse constituinte pode aparecer na posição de sujeito do verbo *deixar*, como em (34a), e pode aparecer entre o verbo *deixar* e a preposição *de*, como em (34b). Contudo, quando esse constituinte aparece entre a preposição *de* e o infinitivo, o resultado é agramatical, como em (34c). Quando se tenta separar a preposição do infinitivo por meio da inserção do sujeito quantificado *ninguém*, o resultado é agramatical.

Avaliemos agora o comportamento dos componentes da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] frente à modificação adverbial:

(35) a. *Há muito tempo*, meu pai deixou de fumar.
b. Meu pai deixou de fumar *há muito tempo*.
c. Meu pai deixou *há muito tempo* de fumar.
d. *Meu pai deixou de *há muito tempo* fumar.

O adjunto adverbial *há muito tempo* pode aparecer no início da oração, como em (35a), e no fim dela, como em (35b). Quando tentamos inseri-lo internamente à oração, vemos que ele pode aparecer entre o verbo *deixar* e a preposição *de*, como em (35c), mas não pode aparecer entre a preposição *de* e o verbo no infinitivo, como em (35d). Isso mostra que, na perífrase [*deixar* - de - $V_{INFINITIVO}$], a relação entre [*deixar* - *de*] pode ser interrompida pelo adjunto adverbial, mas a relação [*de* - $V_{INFINITIVO}$] não pode. Ou seja, [*deixar* - *de*] não é um constituinte, mas [*de* - $V_{INFINITIVO}$] é.

Vejamos agora como os elementos constituintes da perífrase em estudo se comportam frente a dados com elipse:

(36) a. João deixou de comer carne e Maria também deixou de comer carne.

b. João deixou de comer carne e Maria também deixou de comer [carne].

c. *João deixou de comer carne e Maria também deixou de [comer carne].

d. João deixou de comer carne e Maria também deixou [de comer carne].

e. João deixou de comer carne e Maria também [deixou de comer carne].

Em (36), os constituintes em cinza entre colchetes são os elementos que sofreram elipse. Considerando o período em (36a), em que as duas orações compartilham o trecho [*deixou de comer carne*], podem ser elididos na segunda oração os seguintes constituintes: o objeto do verbo *comer*, como se vê em (36a); a combinação [*de comer carne*], como ilustrado em (36d); e a combinação [*deixou de comer carne*], como aparece em (36e). Quando se elide a combinação [*comer carne*], conforme o exemplo (36c), o resultado é agramatical. Comparando-se especificamente (36c) e (36d), quando se tenta fazer [*deixar de*] se comportar como uma unidade em (36c), o resultado é agramatical; quando se tenta fazer [*de comer carne*] se comportar como uma unidade em (36d), o resultado é gramatical.

Com a elipse, reafirmamos o que vimos com os diagnósticos anteriores: a sequência [*deixar - de*] não se comporta como uma unidade; a unidade é formada pela sequência [*de comer carne*], ou seja, [*de* - $V_{INFINITIVO}$].

Por fim, vejamos o comportamento da perífrase em estruturas de focalização contrastiva:

(37) a. O jovem deixou de nadar.

b. O jovem deixou foi de nadar (e não de fazer caminhadas).

c. *O jovem deixou de foi nadar (e não de fazer caminhadas).

Nosso ponto de partida é a oração (37a), que exprime que o jovem abandonou um hábito seu. Nas orações (37b) e (37c), usamos o verbo *ser* como partícula que opera focalização contrastiva. Em (37b), a partícula focalizadora é colocada entre o verbo *deixar* e a sequência [*de nadar*], produzindo uma oração gramatical. Em (37c), a partícula focalizadora é colocada entre a preposição *de* e o infinitivo *nadar*, produzindo uma oração agramatical. A conclusão é a de que [*deixar - de*] não se comporta como uma unidade frente ao teste da focalização contrastiva, ao passo que [de - $V_{INFINITIVO}$] se comporta como unidade frente a essa estrutura.

A partir da aplicação dos três diagnósticos, podemos perceber um padrão claro na análise do comportamento dos membros da sequência linear [*deixar* - de - $V_{INFINITIVO}$]. Quando ocorrem elementos entre a sequência [*deixar* - de] e o [$V_{INFINITIVO}$], o resultado é agramatical. Quando ocorrem elementos entre o verbo aspectual *deixar* e a sequência [de – $V_{INFINITIVO}$], o resultado é completamente gramatical. Ou seja, na perífrase [*deixar* - de - $V_{INFINITIVO}$], não é possível unir [*deixar* - de] como um constituinte nem separar a preposição *de* do [$V_{INFINITIVO}$]. Dessa forma, pode-se concluir que [*de* - $V_{INFINITIVO}$] formam um constituinte na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$].

Com base nisso, dando continuidade à motivação da estrutura da perífrase [*deixar* - de - $V_{INFINITIVO}$], vou propor que a preposição *de* funciona como um núcleo aspectual. Dessa forma, a estrutura parcial em (27), passa a (38):

(38) … [$_{VAUXP}$ *deixar* [$_{PP/AspP}$ *de* $V_{INFINITIVO}$ ...]

Como se vê acima, o verbo aspectual deixar seleciona um PP/AspP cujo núcleo é a preposição *de*.[26] Essa preposição, por sua vez, se combina com um infinitivo. Com isso nossa proposta se aproxima dos trabalhos de Raposo (1989), Gonçalves (1995), Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) e Hammes (2017), ao tratarem a preposição que acompanha aspectuais como um constituinte independente do aspectual. Nossa proposta também se aproxima de Gonçalves (1995), ao assumir que essa preposição é um núcleo funcional. Diferentemente desse trabalho, o núcleo funcional associado a *de* não é C e sim Asp.

Passemos agora a discutir a natureza do infinitivo que é selecionado pela preposição *de*.

5.3.3 O infinitivo

Para finalizarmos a descrição dos componentes da perífrase [*deixar* - de - $V_{INFINITIVO}$], vamos analisar o infinitivo que aparece nela. Da mesma forma que Boff (2003), consideramos o verbo na forma infinitiva, quando é um verbo lexical, corresponde a um domínio de predicação, pois nele se selecionam os argumentos e se atribuem papeis temáticos a esses argumentos.[27]

[26] É importante salientar que não vamos nos prender a natureza exata da preposição que acompanha o verbo *deixar*. Nosso interesse está em mostrar que essa é uma palavra de categoria funcional e, por isso, podemos apresentá-lo como um PP funcional ou como um AspP. A relevância aqui está em mostrar que essa preposição tem um importe de natureza aspectual.

[27] Para a autora, trata-se de um VP.

Esse constituinte poderia ser considerado como o núcleo de algum sintagma: IP (Raposo, 1989; Gonçalves, 1995), ou TP (Oliveira, Cunha e Gonçalves, 2004), ou Inf/InfP (Corso, 2002; Hammes, 2015), mas, ao considerá-lo como um domínio de seleção argumental, deixamos evidente o seu papel sintático, bem como destacamos que esse domínio tem como núcleo um verbo de tipo lexical. Optamos por não considerar o infinitivo (domínio do verbo auxiliado) como um IP/TP (Raposo, 1989; Gonçalves, 1995; Oliveira, Cunha e Gonçalves, 2004), porque esse infinitivo: a) não pode ser substituído por um verbo flexionado em tempo, modo, pessoa e número (39b); b) não pode aparecer como infinitivo flexionado (39c); c) não pode ser modificado por um advérbio independente do verbo auxiliar (39d); d) não pode ter uma negação sentencial própria (39e):

(39) a. Os clientes deixaram de comprar naquela loja.
b. *Os clientes deixaram de que comprassem naquela loja.
c. *Os clientes deixaram de comprarem naquela loja.
d. *Os clientes deixaram ontem de comprar hoje naquela loja.
e. *Os clientes deixaram de não comprar naquela loja.

Todos esses dados apontam para a inexistência de uma projeção de um núcleo funcional I (flexão) ou T (tempo) associada ao infinitivo. Com isso, a estrutura em (38) se completa como (40):

(40) … [$_{VAUXP}$ *deixar* [$_{PP/AspP}$ *de* [$_{XP}$ $V_{INFINITIVO}$ ...]

Em (40), o domínio infinitivo aparece como XP porque, sendo um verbo lexical, a projeção desses verbos varia a depender do tipo sintático desse verbo. Em Chomsky (1995), verbos transitivos e inergativos são projeções de *v*P, ao passo que verbos inacusativos são apenas projeções de VP. A motivação é o fato de verbos transitivos e verbos inergativos selecionarem argumento externo e checarem Caso Acusativo. Como isso é capitalizado como duas propriedades do núcleo funcional verbo leve, essas duas classes de verbos são associadas a *v*. Como verbos inacusativos selecionam argumento interno apenas e não checam Caso Acusativo, eles são simples projeções VP. Em Chomsky (2001, 2007, 2008), é feita uma reanálise dessa proposta: verbos transitivos e inergativos são associados a um *v** (verbo leve transitivo), que introduz argumento externo e valora Caso Acusativo, enquanto verbos

inacusativos são projeções de *v* (verbo leve inacusativo), que não introduz argumento externo nem valora Caso Acusativo.

Vimos anteriormente que o verbo *deixar* também pode se combinar com outros verbos funcionais (tanto auxiliares como verbos de ligação):

(41) a. O advogado deixou de continuar defendendo o réu.
b. A secretária deixou de ter que enviar os relatórios aos acionistas.
c. Os alunos deixaram de ficar reclamando.
d. Depois do conserto, a tubulação deixou de viver vazando.

Nesses casos, o $V_{INFINITIVO}$ corresponde a um auxiliar e, após esse auxiliar, vem o domínio de predicação, que é formado por um verbo transitivo direto (41a), por um verbo bitransitivo (41b), por um verbo inergativo (41c) e por um verbo inacusativo (41d).

Nos exemplos a seguir, o $V_{INFINITIVO}$ corresponde a um verbo de ligação:

(42) a. O adolescente deixou de ser insuportável.
b. Os moradores deixaram de estar contra o síndico.
c. Muitas vezes, por razões variadas, deixamos de ficar bem.

Com verbos de ligação, o domínio predicativo pode ser um adjetivo (42a), uma preposição (42b), ou um advérbio (42c).

O que é comum a todos os exemplos é que o auxiliar *deixar*, os demais auxiliares e os verbos de ligação não selecionam argumentos, por isso, eles precisam se combinar antes com um constituinte de natureza lexical que vai ser responsável pela seleção argumental da oração.

Na próxima seção, vamos ilustrar como se dá a derivação de uma oração com a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] com um verbo transitivo.

5.4 Traços formais na derivação da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]

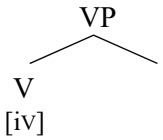
Apresentaremos, nesta seção, os traços envolvidos nas categorias lexicais e nas categorias funcionais presentes na derivação da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Primeiramente, mostramos os traços específicos à perífrase e, em seguida, mostraremos como se deriva uma oração.

5.4.1 Traços dos constituintes da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]

Nosso propósito é mostrar quais são os traços que estão envolvidos na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] e cuja valoração resulta nas orações com o verbo aspectual *deixar*. Para tanto, vamos seguir as propostas do Programa Minimalista, apresentado no capítulo 1. Nesse primeiro momento, vamos partir de uma proposta abstrata (isto é, apenas com as categorias lexicais e funcionais relevantes) e, em um segundo momento, vamos ilustrar como esses traços interagem.

Vamos começar a nossa descrição a partir do domínio lexical da oração, o qual vai ter a forma de um sintagma verbal:

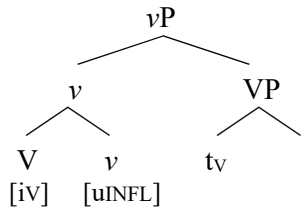
(43)



Adotarei a proposta de Lunguinho (2011), segundo a qual verbos lexicais, por pertencerem à categoria verbo, são especificados como portadores de um traço categorial verbal interpretável [iV].

Se o verbo lexical for transitivo ou inergativo, o próximo passo é a inserção da categoria funcional verbo leve.[28] Caso esse verbo seja inacusativo, não haverá a inserção do verbo leve. Vamos assumir que o verbo inserido seja transitivo:

(44)



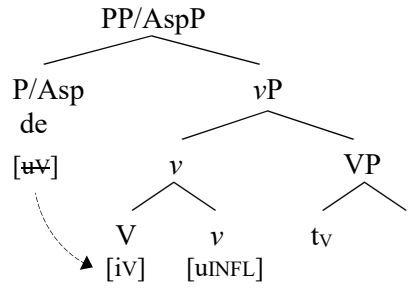
O núcleo funcional *v* tem como característica, em Português, atrair o V. Sendo assim, uma vez inserido na derivação, *v* atrai V para se adjungir a ele, formando o núcleo complexo [V - *v*]. Ao se mover para fora do VP, o verbo deixa uma cópia (representada como t_V).

Seguindo Adger (2003, p. 170), vou adotar a ideia de que *v* esteja associado a um traço flexional não interpretável [uINFL], que tem relação com a forma como o verbo vai aparecer na oração.

A seguir, insere-se o núcleo funcional PP/Asp, cujo núcleo é a preposição *de*:

[28] Como vimos, para Chomsky (2001, 2007, 2008), o verbo leve transitivo/inergativo é um *v**. Para fins didáticos, vou assumir que a projeção funcional associada a um verbo transitivo/inergativo é *v*, como em Chomsky (1995).

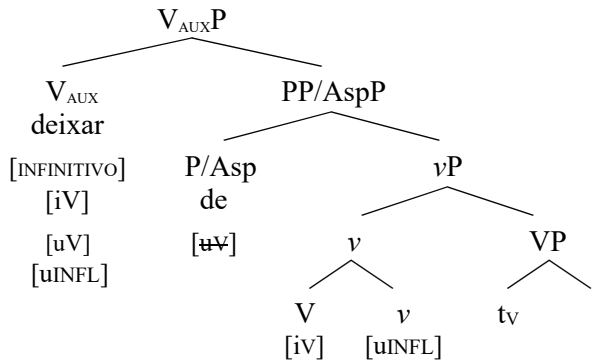
(45)



A preposição traz consigo um traço categorial verbal não valorado [uV]. Esse traço é um traço de seleção: o núcleo de PP/Asp precisa estabelecer *merge* com um constituinte que apresente um item com o traço verbal interpretável [iV] para, assim, PP/Asp ter seu traço verbal não-interpretável [iV] valorado. Ao estabelecer *merge* com o *v*P, o complexo [V - *v*] apresenta o traço [iV]. O traço [uV] da preposição aspectual sonda o seu domínio de c-comando, entra em uma relação de valoração com o traço [iV] de V, e esse traço valora o traço de seleção [uV] da preposição.

A seguir, o verbo auxiliar *deixar* sofre *merge* com a estrutura, produzindo (46):

(46)

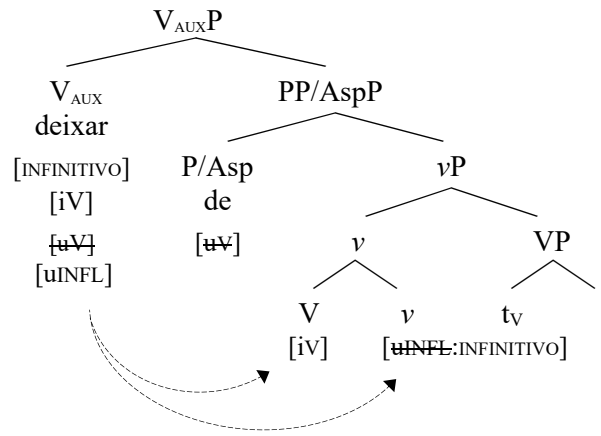


O verbo *deixar* entra na derivação com quatro traços: a) o traço [INFINITIVO] referente à dependência morfossintática que ele impõe ao verbo que imediatamente o segue; b) o seu traço categorial verbal interpretável [iV], que o caracteriza como um verbo; c) um traço categorial verbal não-interpretável [uV], que força a seleção de um constituinte com o traço categorial verbal interpretável [iV]; e d) um traço flexional não interpretável [uINFL], que tem relação com a forma como esse verbo vai aparecer na oração (sua flexão).

Seguindo a proposta de Lunguinho (2011), sobre a relação de *Agree* entre o verbo auxiliar e o verbo auxiliado, e combinando-a com proposta de Adger (2003), acerca da valoração do traço [uINFL] dos verbos, temos o seguinte. Quando estabelece *merge* com PP/AspP, o verbo auxiliar entra em *Agree* com o complexo [V - *v*]. O traço de seleção [uV] de

deixar sonda seu domínio de c-comando, em busca de um constituinte como traço [iV]. Ele encontra o complexo [V - *v*], o qual apresenta o traço [iV]. Esse traço valora o traço [uV] do auxiliar e, como consequência, o auxiliar (ou melhor, seu traço [INFINITIVO]) valora o traço [uINFL] de *v*. O resultado é dado abaixo:

(47)



Essa derivação abstrata representa, em linhas gerais, os traços envolvidos na derivação da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Importante destacar que, na representação acima, é possível perceber que o traço [uINFL] de *deixar* não foi valorado. Para que esse traço seja valorado, é necessária a introdução do sistema C-T (Chomsky 2007, 2008). Veremos a valoração desse traço na subseção seguinte.

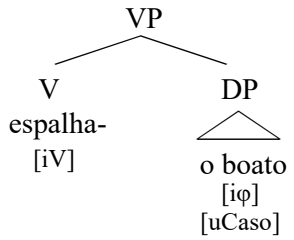
5.4.2 Um exemplo de derivação sintática para a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]

Uma vez apresentados os traços envolvidos na derivação de uma oração com o verbo auxiliar *deixar*, vamos ilustrar como se processa uma derivação completa. Para isso, consideremos a oração abaixo:

(48) As pessoas deixaram de espalhar o boato.

A derivação dessa oração começa com o *merge* do verbo *espalhar* como seu argumento interno:

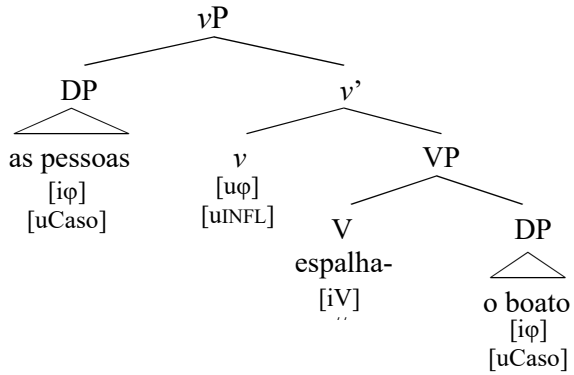
(49)



O verbo *espalhar* entra na derivação com seu traço verbal interpretável [iV], uma vez que se trata de um verbo. O DP [*o boato*], argumento interno de *espalhar*, como todo DP, apresenta um conjunto completo de traços-φ (que envolve os traços de gênero, número e pessoa) que são interpretáveis e valorados: o valor do traço de gênero é masculino, o valor do traço de número é singular, e o valor do traço de pessoa é 3 (terceira pessoa). Além dos traços-φ, esse DP ainda apresenta um traço de Caso não interpretável e não valorado. A presença desse traço de Caso não valorado, torna esse DP ativo para a computação sintática, o que significa que ele está disponível para participar da operação de *Agree*.

A seguir, insere-se o verbo leve na derivação:

(50)

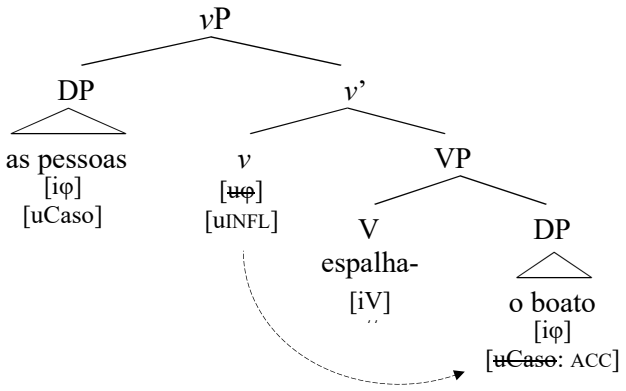


O verbo leve *v* entra na derivação portando um conjunto completo de traços-φ não interpretáveis e não valorados (que, no caso de categorias funcionais, se assume ser número e pessoa) e um traço flexional [uINFL] não interpretável. Uma das características do verbo leve transitivo é a introdução do argumento externo. Sendo assim, quando essa categoria funcional é inserida na derivação, um argumento externo também é inserido. O DP [*as pessoas*] é o argumento externo e apresenta um conjunto completo traços-φ interpretáveis e valorados: o valor do traço de gênero é feminino, o valor do traço de número é plural, e o valor do traço de pessoa é 3 (terceira pessoa). Esse DP também tem um Caso não interpretável e não valorado. Da mesma forma que acontece com o DP [*o boato*], presença de um traço de Caso não valorado

no DP [*as pessoas*] o torna ativo para a derivação, permitindo que ele entre em operações de *Agree*.

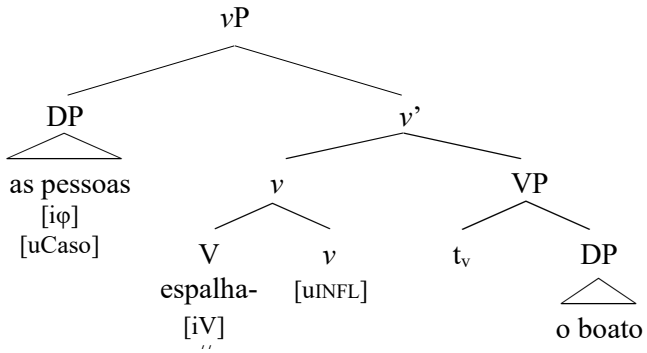
A presença de traços-φ não interpretáveis e não valorados no verbo leve, faz dele uma Sonda que busca, em seu domínio de c-comando, um Alvo ativo para estabelecer *Agree*. O DP [*o boato*] é um Alvo ativo no domínio de c-comando do verbo leve. Estabelece-se *Agree* entre eles, e os traços-φ de *v* são valorados pelos traços-φ do DP [*o boato*]. Nessa operação, o traço de Caso desse DP também é valorado. Como a operação *Agree* aconteceu entre um DP e *v*, o resultado é a valoração do Caso desse DP como Acusativo:

(51)



Com a valoração do traço de Caso do DP [*o boato*], esse constituinte fica inativo para a computação, não podendo mais ser Alvo de operações de *Agree*. Os traços-φ de *v* já foram valorados, mas seu traço flexional [uINFL] continua não valorado. Uma das propriedades de *v* em Português é que ele atrai o verbo para se adjungir a ele. Com o movimento de V para *v*, forma-se o núcleo complexo [V - *v*]:[29]

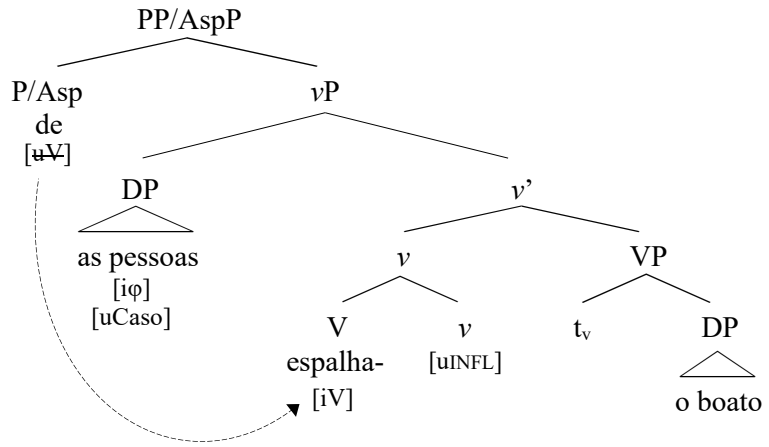
(52)



[29] Para simplificar as representações, vou omitir os traços valorados por meio da operação *Agree*, os traços de DPs inativos e os traços que não são mais relevantes para a computação.

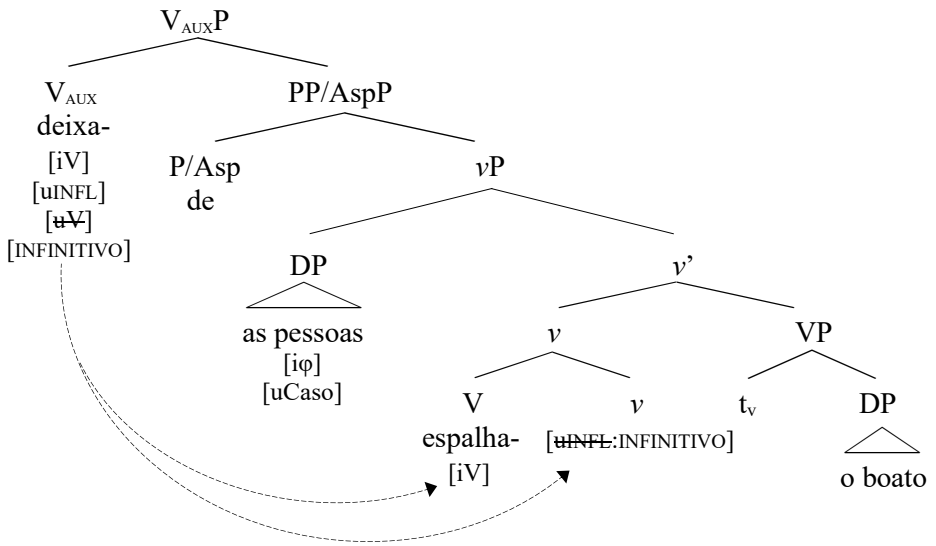
O próximo passo da derivação é o *merge* da preposição *de*, núcleo de natureza aspectual. Essa preposição aspectual tem um traço de seleção [uV], que faz com que ela se combine com um constituinte que apresenta uma versão valorada desse traço. Ao estabelecer *merge* com *v*P, dentro desse sintagma, especificamente no núcleo complexo [V - *v*], o verbo *espalhar* apresenta o traço [iV], que valora o traço da preposição.

(53)



Introduz-se na derivação o verbo auxiliar, que entra na derivação com quatro traços: o seu traço categorial verbal interpretável [iV], o seu traço flexional não interpretável [uINFL], o traço de seleção [uV] e o traço [INFINITIVO] referente à dependência morfossintática que ele impõe ao verbo que imediatamente o segue. O traço de seleção [uV] faz com que o verbo *deixar* estabeleça *merge* com um constituinte que apresente um traço [iV]. Ao fazer *merge* com PP/AspP, no complexo [V - *v*], há o traço [iV]. Estabelece-se *Agree* entre o traço [uV] de *deixar* e o traço [iV] do verbo *espalhar*. Como consequência dessa relação, *deixar* tem traço de seleção valorado e valora o traço [uINFL], de *espalhar* como infinitivo.

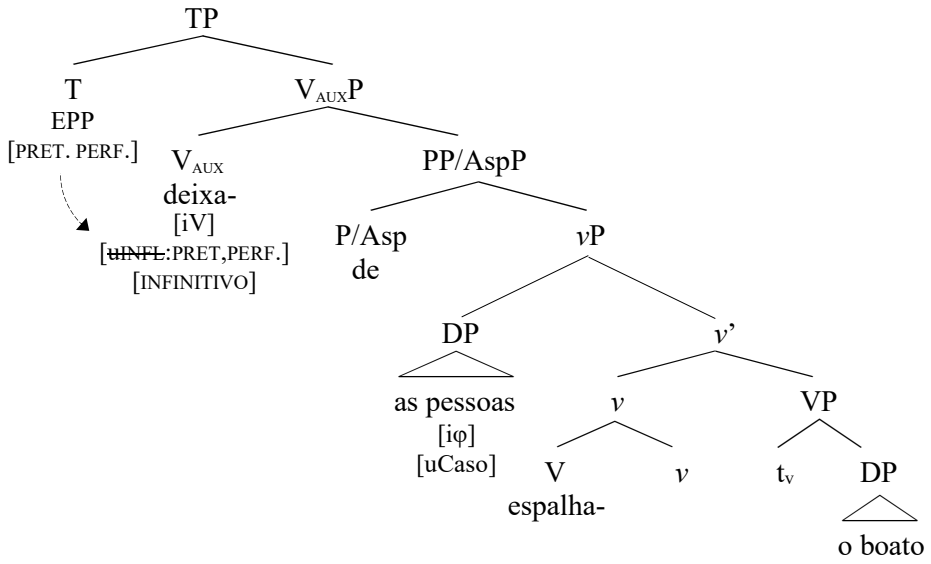
(54)



O traço [uINFL] de *deixar* e o traço de caso do DP [*as pessoas*] continuam não valorados.

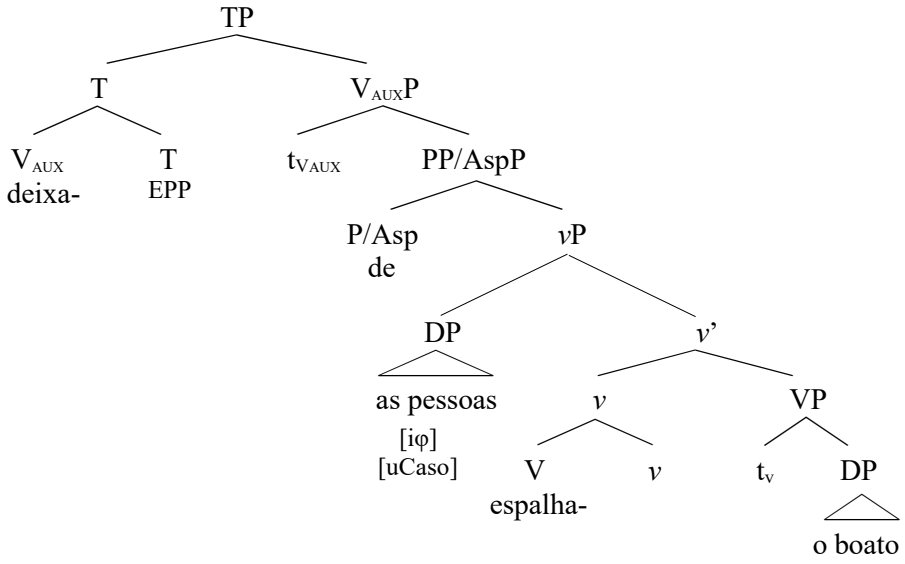
O próximo passo da derivação é a introdução do núcleo funcional T, que traz para a derivação um traço EPP e o traço flexional [PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO]. Esse traço valora o traço [uINFL] do auxiliar:

(55)



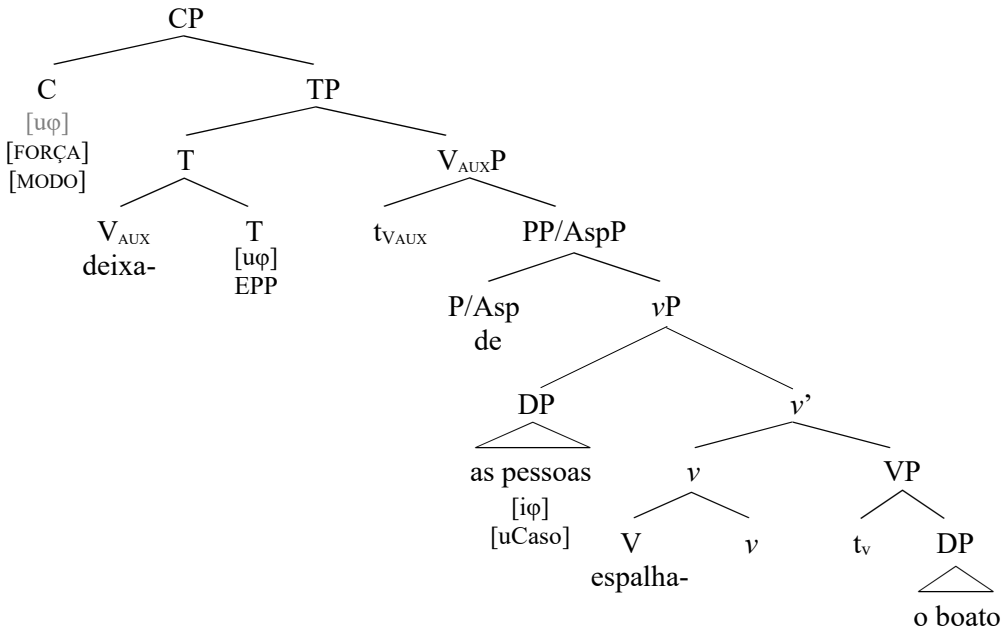
Da mesma forma que o núcleo funcional *v* atraiu V, T também atrai um verbo para se adjungir a ele em Português. Dessa forma, T atrai o auxiliar:

(56)



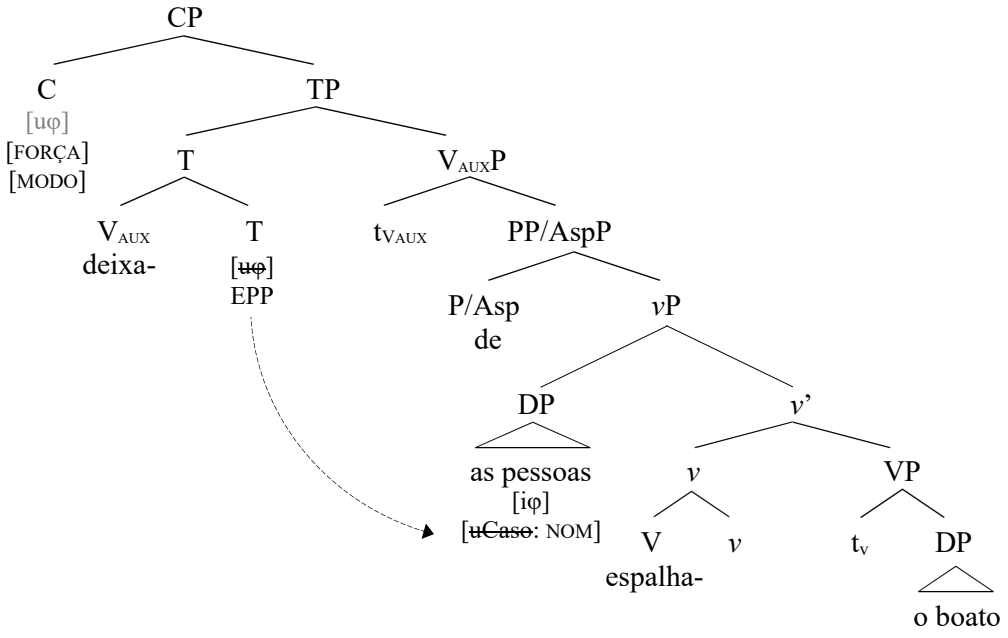
A seguir insere-se o núcleo funcional C com as informações sobre força e modo da oração (Chomsky 1995), bem como um conjunto completo de traços-φ, que são repassados a T, formando o sistema C-T (Chomsky 2007, 2008):

(57)



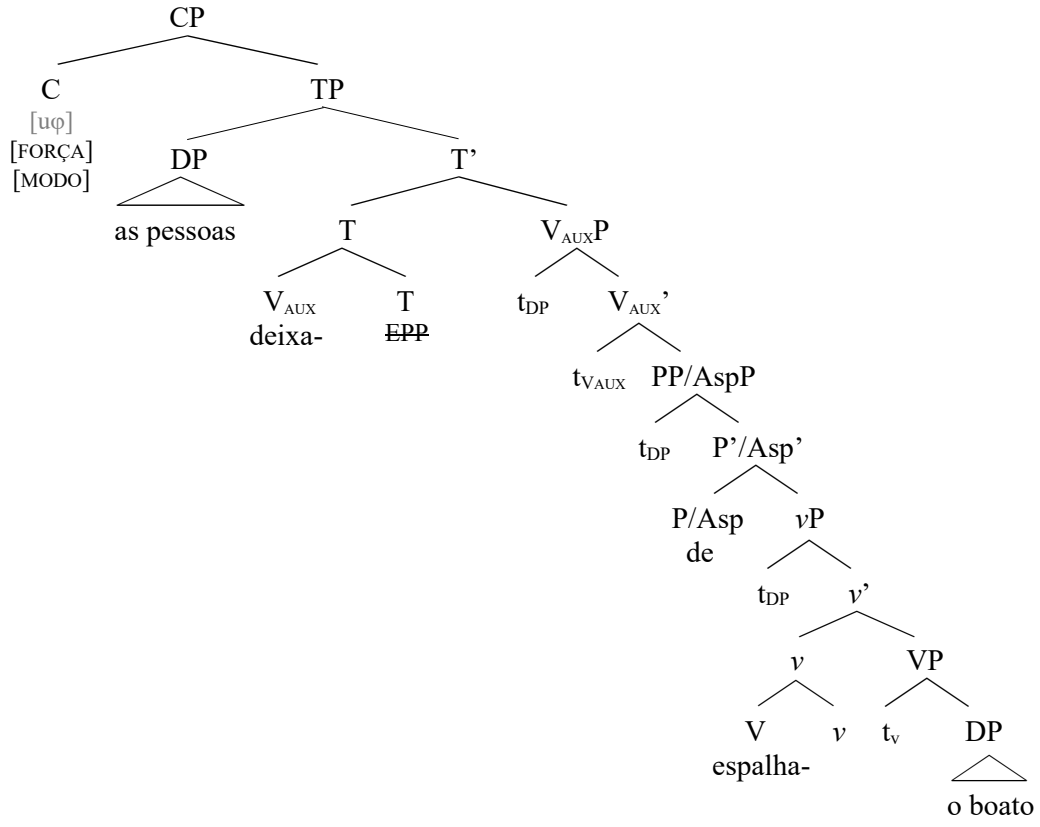
Os traços-φ não valorados de C, herdados por T, transformam essa categoria funcional em uma Sonda que vai buscar, em seu domínio de c-comando, um Alvo ativo para estabelecer *Agree*. O DP [*as pessoas*] é um Alvo ativo, pois tem traço de Caso não valorado e um conjunto completo de traços-φ valorados. Estabelece-se *Agree* entre eles e os traços-φ não valorados de T são valorados pelos traços-φ do DP [*as pessoas*]. Nessa operação, o traço de Caso desse DP também é valorado. Como a operação *Agree* aconteceu entre um DP e T, o resultado é a valoração traço do Caso desse DP como Nominativo.

(58)



Como T apresenta também um traço EPP, esse traço exige a presença de um DP na sua posição de especificador. Sendo assim, o DP [*as pessoas*] com quem T estabeleceu *Agree*, vai satisfazer esse traço, deslocando-se ciclicamente e saindo do especificador de *v*, passando pelo especificador de AspP, indo para o especificador de V_{AUX}P até, finalmente, chegar ao especificador de TP:

(59)



Com o alçamento do sujeito para a posição de especificador de TP, sendo essa subida possível por conta do traço EPP de T na representação em (59), fechamos a derivação das estruturas com a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$].

5.5 A interação semântica entre o auxiliar *deixar* e o domínio infinitivo

O objetivo desta seção é discutir a interação semântica que existe entre o verbo *deixar* e o domínio infinitivo que o complementa. Especificamente, vamos tratar da relação entre esse verbo e o tipo aspectual (no sentido de Vendler) do domínio infinitivo. A seção é organizada da seguinte forma. Na primeira subseção, apresentaremos as propriedades definidoras das quatro classes aspectuais de predicados propostas por Vendler (1967). Na segunda subseção, exemplificaremos essas classes e sua relação com os traços aspectuais que as caracterizam. Na

terceira subseção, mostraremos como essas quatro classes interagem com o verbo auxiliar aspectual *deixar*, apontando possibilidades e restrições. Por fim, discutiremos brevemente os efeitos de coerção que deixar impõe aos *accomplishments* e aos *achievements*.

5.5.1 As propriedades definidoras das classes aspectuais Vendlerianas

Em seu trabalho, Vendler (1967) apresenta uma tipologia para classes de predicados (que para ele, são tipos de verbos)[30] que tem por base esquemas temporais (*time schemata*) que subjazem a esses predicados. Tais esquemas temporais também são conhecidos como tempo interno das eventualidades descritas por esses predicados, aspecto lexical ou *Aktionsart*.

De acordo com Vendler, os predicados são classificados em estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. As características definidoras de cada um desses tipos aspectuais podem ser definidas a partir da combinação de três traços: telicidade, dinamicidade e duração (Comrie, 1976; Smith, 1997).

A telicidade está associada à presença/ausência de um ponto final logicamente definido na estrutura do evento. De acordo com essa propriedade, há eventos télicos e atélicos. Os eventos télicos têm, em sua estrutura temporal interna, um ponto final lógico (também denominado telos ou culminação) a ser atingido. Os eventos atélicos não apresentam esse ponto final.

A dinamicidade tem a ver com o dinamismo interno do evento, as fases internas de realização desse evento. Segundo essa propriedade, há eventos dinâmicos e eventos não-dinâmicos. Os eventos dinâmicos apresentam ação, estágios, fases no seu desenvolvimento. Isso significa que esses eventos se compõem de um conjunto de momentos diferenciados. Os eventos não-dinâmicos, por sua vez, não apresentam ação, estágios, fases em seu desenvolvimento. Denotam situações estáticas que se caracterizam por um conjunto de momentos indiferenciados entre si.

A duração diz respeito ao fato de um evento se desenvolver em um determinado período de tempo ou não. Assim, existem eventos durativos e não-durativos. Os eventos durativos se desenvolvem / transcorrem em um determinado período de tempo. Os eventos não-durativos ou pontuais não se desenvolvem / transcorrem no tempo.

Um quarto traço é usado para caracterizar as classes aspectuais: a homogeneidade (cf. Rothstein, 2004). Esse traço tem relação com a telicidade de um predicado, uma vez que

[30] Ao tratar do trabalho de Vendler (1967), vou usar o termo *predicado*, que é mais coerente com a proposta do autor, embora ele mesmo tenha usado o termo *verbo* para descrever as suas classes aspectuais.

predicados atélicos são homogêneos ao passo que predicados télicos não são homogêneos. Em linhas gerais, em predicados homogêneos, as suas partes são da mesma natureza que o todo, e em predicados não homogêneos, as suas partes não são da mesma natureza que o todo.

Agora que os traços definidores das quatro classes aspectuais Vendlerianas foram apresentados, vamos descrever essas classes, apontando quais são os traços que caracterizam cada uma delas.

5.5.2 As classes aspectuais Vendlerianas

Como foi dito anteriormente, Vendler (1967) defende a existência de quatro classes aspectuais com propriedades específicas que as diferenciam umas das outras. Nesta subseção, vamos abordar cada uma dessas classes, destacando suas propriedades.

A primeira classe aspectual é a dos estados. Tal classe aspectual representa situações que não têm um ponto final lógico a ser atingido, são homogêneas, não apresentam dinamismo interno (não apresenta fases) e transcorrem no tempo. Sendo assim, os estados são atélicos, homogêneos, estativos e durativos. Os exemplos a seguir são de estados:

(60) a. Eu desejo / quero um carro novo.
b. Ela gosta / ama livros.
c. Eles odeiam o vizinho novo.

Em (60), os predicados constituem situações que não têm ponto final a ser alcançado para que seja considerada uma situação completa, as partes dessas situações são idênticas ao todo, não apresentam fases internas e podem transcorrer do tempo.

A segunda classe aspectual é a das atividades. Essa classe aspectual abrange situações que não têm um ponto final lógico a ser atingido, são homogêneas, apresentam dinamismo interno e transcorrem no tempo. Atividades são, portanto, eventos atélicos, homogêneos, dinâmicos e durativos. Abaixo, seguem exemplos de atividades:

(61) a. Ana corre no parque.
b. Meu filho nada no clube.
c. Eu falei muito.

Em (61), há exemplos de predicados pertencentes à classe das atividades. Como os estados, as atividades não apresentam um ponto final logicamente definido em sua estrutura temporal interna, apresentam fases homogêneas, ou seja, qualquer parte de uma atividade é idêntica ao evento como um todo e transcorrem no tempo. Diferentemente dos estados, atividades são eventos dinâmicos, pois sua estrutura temporal compreende fases, estágios.

A terceira classe aspectual é a dos *accomplishments*. Essa classe aspectual é a das situações que se caracterizam por apresentarem um ponto final lógico a ser atingido, não serem homogêneas, terem dinamismo interno (pois apresentam fases que levam à culminação) e transcorrerem no tempo. *Accomplishments* são eventos télicos, não homogêneos, dinâmicos e durativos. Vejamos os exemplos:

(62) a. Eles construíram a casa.
b. O rapaz encheu o tanque.
c. A criança tomou um copo de suco.

Em (62), os exemplos se caracterizam como *accomplishments*. Diferentemente das atividades, *accomplishments* apresentam um ponto final logicamente definido em sua estrutura temporal interna e suas partes constitutivas não são idênticas ao todo. Da mesma forma que atividades, *accomplishments* transcorrem no tempo e se caracterizam por ser eventos dinâmicos, pois comportam fases em sua estrutura temporal interna.

Por fim, a quarta classe aspectual é a dos *achievements*. Essa classe aspectual compreende as situações que se caracterizam por apresentarem um ponto final lógico a ser atingido, não serem homogêneas, apresentarem dinamismo interno (pois apresentam fases que levam à culminação) e não transcorrerem no tempo. *Achievements* são eventos télicos, não homogêneos, dinâmicos e não-durativos. Abaixo, seguem exemplos de *achievements*:

(63) a. Meu carro quebrou.
b. Maria perdeu a chave de casa.
c. O imigrante cruzou a fronteira.

Em (63), há exemplos que se caracterizam como *achievements*. Da mesma forma que os *accomplishments*, os *achievements* apresentam um ponto final logicamente definido em sua estrutura temporal interna, suas partes constitutivas não idênticas ao todo e esses eventos se

caracterizam por serem dinâmicos, pois comportam fases em sua estrutura temporal interna. Diferentemente dos *accomplishments*, os *achievements* não transcorrem no tempo, uma vez que são eventos instantâneos.

Caracterizadas as quatro classes aspectuais Vendlerianas, passaremos a apresentar a interação de verbo auxiliar *deixar* como essas classes.

5.5.3 Interação entre o verbo auxiliar *deixar* e as classes aspectuais Vendlerianas

Vimos um pouco sobre a interação do verbo *deixar* com classes aspectuais na subseção 4.2.6 do capítulo 4, quando tratamos dos critérios de auxiliaridade. Nesta subseção, vamos mostrar mais exemplos de que forma o verbo *deixar* se comporta quando se combina com as classes aspectuais vendlerianas. Para tanto, vamos dividir esta subseção em quatro subseções, cada uma abordando a interação de *deixar* com uma classe aspectual específica.

5.5.3.1 *Deixar* + estados

Para avaliar a interação do verbo *deixar* com os estados, consideremos os seguintes exemplos:

(64) a. Eu deixei de desejar / querer um carro novo.
b. Ela deixou de gostar / amar livros.
c. Eles deixaram de odiar o vizinho novo.

A partir da gramaticalidade dos exemplos, podemos dizer que o verbo auxiliar *deixar* aceita ser complementado por predicados estativos. Em todos os exemplos, há a noção de cessamento/abandono de estados psicológicos. A gramaticalidade da interação entre *deixar* e os estados já foi apontada em trabalhos anteriores. Em Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004), os autores afirmam que o verbo *deixar* tem como *input* predicados de estado. Em Bertucci (2011), o autor esclarece que *deixar* "tem preferência" por predicados que denotam estado porque esses predicados são homogêneos e esse traço semântico é o que o verbo *deixar* seleciona de seu complemento.

5.5.3.2 *Deixar* + atividades

Os exemplos da complementação do verbo *deixar* por atividades são dados abaixo:

(65) a. Ana deixou de correr no parque.
b. Meu filho deixou de nadar no clube.
c. Eu deixei de falar muito.

Assim como aconteceu com a interação com os estados, o auxiliar *deixar* aceita se combinar com as atividades. Nos exemplos, *deixar* expressa a noção de cessamento/interrupção de um hábito. De acordo com Bertucci (2011), essa combinação é uma possibilidade para o verbo *deixar*. Para ele, esse aspectual tem como *input* não apenas estados, mas também atividades que expressam a noção de hábito (cf. Oliveira, Cunha e Gonçalves, 2004).

5.5.3.3 *Deixar* + *accomplishments*

A combinação do verbo *deixar* com *accomplishments* é apresentada nos exemplos a seguir:

(66) a. #Eles deixaram de construir a casa.
b. #O rapaz deixou de encher o tanque.
c. #A criança deixou de tomar um copo de suco.

Os resultados da complementação do auxiliar *deixar* por *accomplishments* são diferentes dos resultados da complementação de *deixar* por estados e por atividades. Inspirados na explicação de Bertucci (2011), afirmamos que isso ocorre porque *achievements* são eventos que se caracterizam por não serem homogêneos e o verbo auxiliar *deixar* focaliza desenvolvimento da ação em si e não a sua culminação.

5.5.3.4 *Deixar* + *achievements*

Por fim, a relação do verbo auxiliar *deixar* com *achievements* é apresentada nos exemplos seguintes:

(67) a. #Meu carro deixou de quebrar.
b. #Maria deixou de perder a chave de casa.

c. #O imigrante deixou de cruzar a fronteira.

Igual ao que aconteceu no caso dos *accomplishments*, a combinação de *deixar* com *achievements* produz resultados semanticamente anômalos. Bertucci (2011) explica que isso acontece porque os *achievements* não apresentam homogeneidade, ou seja, eles não apresentam estágios em sua estrutura aspectual. Ou seja, não possível cessar/interromper o ato de quebrar, perder algo ou cruzar uma fronteira, respectivamente.

Após essa análise, podemos concluir inicialmente que o auxiliar *deixar* toma como *input* classes aspectuais que apresentam aspectos de homogeneidade, conforme defendido por Bertucci (2011), como os estados e as atividades. Por não serem intrinsecamente classes aspectuais dotadas de homogeneidade, os *accomplishments* e os *achievements*, quando combinados com esse auxiliar produzem resultados anômalos. Na próxima subseção, vamos mostrar como essas classes podem produzir resultados aceitáveis, mesmo quando combinadas com o verbo *deixar*.

5.5.4 Propriedades de coerção de *deixar*

Um de nossos objetivos nesta subseção é contribuir com a análise de Bertucci (2011) em relação à interpretação de hábito/homogeneidade gerada pela combinação [*deixar de* + predicado]. Para tanto, vamos voltar nossa atenção para as restrições que esse verbo apresenta quando se combina com *accomplishments* e *achievements*. Vamos apresentar incialmente a proposta de Lamiroy (1987), que discute a interação de verbos aspectuais com estados, e, em seguida, abordaremos especificamente o caso de *deixar*.

Ao estudar as propriedades de seleção dos verbos aspectuais do Francês, Lamiroy (1987) mostra que, nessa língua, quando um verbo aspectual toma um complemento estativo, o resultado são estruturas agramaticais:

(68) a. Jean commence à construire une maison.
'Jean começou a construir uma casa'
b. *Jean commence à avoir une maison.
'Jean começou a ter uma casa'

(exemplos extraídos de Lamiroy 1987, p. 279)

Como se vê em (68a), a combinação do verbo *commencer* 'começar' com um *accomplishment* (complemento verbal não estativo) produz uma oração gramatical. Já em (68b), a combinação desse verbo com um estado produz uma oração agramatical.

Para "solucionar" o problema resultante da combinação de verbos aspectuais do Francês com predicados estativos, a autora propõe estratégias de coerção, cuja finalidade é fazer a combinação antes agramatical se tornar gramatical. A autora apresenta cinco estratégias de coerção das quais usaremos apenas três, que são as seguintes:[31]

(69) Uso de nominais plurais com ou sem a noção de coletividade

Jean commence à posséder (beaucoup de voitures / une sérieuse collection de voitures / *une voiture)

'Jean começou a possuir (muitos carros / um número considerável de carros / *um carro)'

(70) Uso de nominais genéricos

Le gâteau au chocolat continue à être apprécié (aux Etats-Unis).

'(O) bolo de chocolate continua sendo apreciado (nos Estados Unidos)'

(71) Uso de adjuntos adverbiais que expressam a noção de tempo

Jean commencé á savoir qu'Anne le trompait (peu avant de soutenir sa thèse).

'Jean começou a saber que Anne era infiel a ele (um tempo antes de ele defender a tese dele)'

A partir dos exemplos acima, Lamiroy (1987) ilustra como é possível tornar gramaticais estruturas com verbos aspectuais e predicados estativos no Francês. Os exemplos acima mostram como o uso de nominais plurais (69), nomes genéricos (70), e adjuntos adverbiais (71) fazem com que estativos possam ser gramaticais na posição de complemento de um verbo aspectual. As estratégias empregadas fazem com que as situações descritas no complemento verbal (que antes eram únicas) se multipliquem e, com isso, passem a apresentar certa duração, ou seja, se desenvolvam no tempo.

[31] As outras duas estratégias de coerção propostas por Lamiroy (1987) são as estruturas passivas com *se-moyen* (*se* médio) e as estruturas com o complementizador *par*. No entanto, não vamos usá-las neste trabalho por serem propriedades linguísticas que não existem no Português brasileiro.

Retomando a análise das estruturas com o verbo auxiliar aspectual *deixar*, afirmamos anteriormente que *accomplishments* e *achievements* não podem ser *input* de *deixar*. No entanto, quando aplicamos as estratégias apontadas por Lamiroy (1987), é possível obter estruturas aceitáveis a partir das combinações [*deixar* + *accomplishment*] e [*deixar* + *achievement*]:

(72) [*deixar* + *accomplishment*]

a. #Eles deixaram de construir *a casa*.

b. Eles deixaram de construir *novas casas naquele bairro*.

c. #As crianças deixaram de ler *o livro*.

d. As crianças deixaram de ler *livros*.

e. #Eu deixei de pintar o quadro.

f. Eu deixei de pintar o quadro *em horários muito quentes*.

(73) [*deixar* + *achievement*]

a. #*O imigrante* deixou de atravessar a fronteira.

b. *Os imigrantes* deixaram de atravessar a fronteira.

c. #*Meu carro* deixou de quebrar.

d. *Carros desse modelo* deixaram de quebrar.

e. #Maria deixou de perder a chave de casa.

f. Maria deixou de perder a chave de casa *após levar uma bronca de seus pais*.

Em (72), há combinações do verbo *deixar* com *accomplishments*, sendo (72a), (72c) e (72e) exemplos que apresentamos anteriormente e que resultam em estruturas agramaticais. No entanto, quando aplicamos qualquer uma das estratégias apontadas por Lamiroy (1987), obtemos sentenças aceitáveis: em (72b), usamos o nominal plural; em (72b), usamos o nome genérico; e em (72f), usamos o adjunto adverbial.

O mesmo pode ser dito em relação aos dados em (73), onde o verbo *deixar* se associa a *achievements*. Os exemplos (73a), (73c) e (73e) já foram discutidos e não são gramaticais. Quando adotamos as estratégias de coerção apresentadas por Lamiroy (1987), conseguimos produzir estruturas aceitáveis: em (73b), usamos o nominal plural; em (73b), usamos o nome genérico; e em (73f), usamos o adjunto adverbial.

A aceitabilidade se deve ao fato de as estratégias fazerem uma coerção de uma situação única em uma situação plural, repetida. Com isso, essas situações adquirem comportamento homogêneo, como explica Bertucci (2011), satisfazendo as exigências do auxiliar *deixar* em

relação ao traços semânticos do seu complemento. Desse modo, seguindo Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004), defendemos que o verbo *deixar* pode se combinar com todas as quatro classes aspectuais vendlerianas. Esse verbo já se combina com estados e com atividades porque essas duas classes são homogêneas por natureza. Ele vai se combinar com *accomplishments* e *achievements* depois de eles passarem por um processo de coerção, necessário para dar a eles a propriedade de homogeneidade, como já apontado por Bertucci (2011).

Conclusões preliminares

Neste capítulo, abordamos as propriedades sintáticas e semânticas do verbo *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Para tanto, as propriedades do verbo *deixar*, discutidas no capítulo 4, foram organizadas em: propriedades do verbo *deixar*, propriedades do domínio não finito e propriedades da perífrase como um todo.

Após isso, resenhamos trabalhos anteriores sobre a estrutura dos verbos aspectuais e do verbo *deixar*, como meios de nos ajudar a construir a nossa proposta de derivação das orações com a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$].

Em seguida, apresentamos a nossa análise sintática do verbo *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Na nossa análise, o verbo *deixar* é núcleo de um sintagma de verbo auxiliar $V_{AUX}P$. Essa caracterização de *deixar* recupera a caracterização que propusemos para esse verbo no capítulo 4 e segundo a qual ele é um auxiliar *lato sensu*, de natureza lexical e que veicula aspecto lexical. Discutimos também a natureza, a contribuição e aspectos sintáticos da preposição *de* que acompanha o verbo *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], mostrando que essa preposição é um item funcional associado a aspecto e que forma constituinte com o infinitivo (e não com o verbo *deixar*). Por fim, propusemos que o infinitivo nessa perífrase constitui o domínio lexical responsável pela seleção argumental da oração.

Na sequência, a partir dessa análise e com base nas operações do Sistema Computacional apresentadas no Programa Minimalista, mostramos detalhadamente como os traços dos itens lexicais e das categorias funcionais interagem na derivação sintática das orações formadas a partir da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$].

Por fim, apresentamos uma breve descrição acerca da interação semântica entre o verbo *deixar* e o domínio infinitivo, principalmente no que diz respeito à combinação de *deixar* com as classes aspectuais propostas por Vendler. A esse respeito, *deixar* se combina facilmente com estados e atividades e não se combina com *accomplishments* nem com *achievements*. Com base

em Bertucci (2011), propusemos que isso se deve ao fato de *deixar* selecionar predicados dotados da propriedade da homogeneidade. Os estados e as atividades são homogêneos, ao passo que os *accomplishments* e os *achievements* não são. A partir do trabalho de Lamiroy (1987), mostramos estratégias que, por meio de coerção, conferem aos *accomplishments* e aos *achievements* a propriedade de homogeneidade e permitem assim a sua combinação com o verbo *deixar*.

CAPÍTULO 6

Outro padrão de complementação para o verbo *deixar*: [*deixar* - *de* - N]

Introdução

Neste último capítulo, vamos discutir propriedades sintáticas e semânticas de um outro padrão de complementação para o verbo *deixar*, qual seja: [*deixar* - *de* - N]. Começamos o capítulo, a partir de uma descrição das características mais gerais do verbo *deixar* quando se combina como complementos de natureza nominal. Em seguida, discutimos as características dos substantivos que podem complementar *deixar*. Partimos das propostas de Silva (1999), Bertucci (2011), Hammes (2015) e Nascimento (2015), avaliamos essas propostas e as complementamos, apontando, em primeira mão, propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas que são relevantes para que esses substantivos possam ocorrer na estrutura [*deixar* - *de* - N]. Por fim, apresentamos a nossa proposta de derivação sintática do verbo *deixar* na estrutura [*deixar* - *de* - N], detalhando como os traços formais dos itens lexicais presentes nessa derivação interagem.

6.1 Uma visão geral da estrutura [*deixar* - *de* - N]

No capítulo anterior, vimos as propriedades sintáticas e semânticas do verbo *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. No presente capítulo, nosso objetivo vai ser contribuir um pouco mais com a descrição do verbo *deixar*, mas agora a partir de um outro padrão, qual seja, sua combinação com nomes, na estrutura [*deixar* - *de* - N], exemplificadas abaixo:

(1) a. As crianças deixaram de gritaria pelo corredor.
b. O bebê deixou de choradeira.

Observando os dados em (1), o verbo *deixar* é seguido da preposição *de* e de um substantivo. Em relação ao substantivo que complementa o verbo *deixar*, podemos apontar duas características. A primeira característica desses substantivos que é importante destacar é o fato de eles serem derivados. A segunda característica desses substantivos é que eles são derivados de verbos. São, portanto, substantivos deverbais: *gritar* → *gritaria* e *chorar* → *choradeira*.

A complementação de um verbo aspectual por um substantivo não é algo restrito ao verbo *deixar*. Outros aspectuais também apresentam essa complementação:

(2) a. Os alunos começaram a apresentação do trabalho.
b. As meninas continuaram a brincadeira.
c. A professora terminou a aula.
d. A empresa acabou a seleção de candidatos.
e. A polícia parou a briga entre os vizinhos.

O que é interessante sobre o verbo *deixar* é que, quando é complementado por um substantivo, esse verbo se diferencia dos demais aspectuais em dois pontos. O primeiro ponto é que os aspectuais acima são alternantes, ou seja, são verbos que podem aparecer tanto em uma estrutura transitiva, ilustrada em (2), como em uma estrutura intransitiva, ilustrada em (3):

(3) a. A apresentação do trabalho começou.
b. A brincadeira continuou.
c. A aula terminou.
d. A seleção dos candidatos acabou.
e. A briga entre os vizinhos parou.

Nos dados em (3), há os mesmos verbos que há nos dados em (2), só que eles aparecem em configurações sintáticas diferentes: em (2), eles são transitivos (aparecem com dois argumentos), e, em (3), eles são intransitivos (aparecem com um argumentos). É possível notar que os constituintes que eram o objeto das orações em (2) passam a ser o sujeito das orações em (3) sem problema algum de agramaticalidade.

O verbo *deixar*, por sua vez, não é um verbo alternante, como mostram os dados abaixo:

(4) a. As crianças deixaram de gritaria pelo corredor.
a'. *Gritaria pelo corredor deixou.
b. O bebê deixou de choradeira.
b'. *Choradeira deixou.

Em (4), reproduzimos o mesmo padrão de análise feito em (2) e (3), ou seja, apresentamos usos transitivos seguidos de usos intransitivos do verbo *deixar*. O resultado é que (4a) e (4b) são dados gramaticais com esse verbo, enquanto (4a') e (4b') são agramaticais. Isso nos permite dizer que, diferente dos aspectuais vistos em (2) e (3), *deixar* apresenta apenas a estrutura transitiva.

O segundo ponto em que *deixar*, na estrutura [*deixar* - *de* - N], se diferencia dos demais verbos aspectuais tem a ver com a sua complementação:

(5) a. Os candidatos começaram a debater.
b. *Os candidatos começaram ao debate.
c. Os candidatos começaram o debate.

(6) a. As meninas continuaram a cantar .
b. *As meninas continuaram ao canto.
c. As meninas continuaram o canto.

(7) a. Nós terminamos de ler o livro.
b. *Nós terminamos da leitura do livro.
c. Nós terminamos a leitura do livro.

(8) a. A polícia acabou de patrulhar a rua.
b. *A polícia acabou da patrulha da rua.
c. A polícia acabou a patrulha da rua.

(9) a. Ele parou de exibir filmes no quintal.
b. *Ele parou da exibição de filmes no quintal.
c. Ele parou a exibição de filmes no quintal.

(10) a. As crianças deixaram de correr pela igreja.
b. As crianças deixaram de correria pela igreja.
c. *As crianças deixaram correria pela igreja.

A partir dos exemplos acima, pode-se observar que os verbos aspectuais *começar*, *continuar*, *terminar*, *acabar*, *parar* e *deixar*, quando se combinam com um verbo na estrutura [aspectual + $V_{INFINITIVO}$], selecionam uma preposição específica para introduzir esse infinitivo, mas, quando esses verbos se combinam com um substantivo, há diferenças. Os verbos *começar*, *continuar*, *terminar*, *acabar* e *parar* perdem essa preposição e só podem ser complementados por um nominal.[32] Diferentemente desses aspectuais, o verbo *deixar* na estrutura [*deixar* - *de* - N] não perde sua preposição, mantendo a preposição que ele seleciona na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Em outras palavras, quando se combina com um infinitivo e quando se combina com um substantivo, o complemento do verbo *deixar* deve ser sempre introduzido por uma preposição.

Essas características gerais dos constituintes da construção [*deixar* - *de* - N] nos levam aos seguintes questionamentos:

a) Que características os nomes precisam ter para poderem aparecer na estrutura [*deixar* - *de* - N]?

b) Por que, diferentemente dos demais verbos aspectuais, o verbo aspectual *deixar*, quando complementado por um substantivo, mantém a preposição *de* usada para introduzir o infinitivo na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]?

Nas próximas seções, abordaremos essas questões de maneira mais detalhada, estudando as propriedades de *deixar* e dos substantivos que com ele se combinam.

[32] Em algumas situações, o verbo *parar* não apresenta qualquer tipo de restrição quanto à manutenção ou à perda da preposição diante de um complemento de natureza nominal:

(i) a. O homem parou de implicar com os vizinhos.
b. O homem parou a implicância com os vizinhos.
c. O homem parou de implicância com os vizinhos.

Exemplos como (ib), conforme apontado no texto, aproximam o verbo *parar* dos aspectuais *começar*, *continuar*, *terminar* e *acabar*, uma vez que, diante de complementos de natureza nominal, esses verbos perdem a preposição. O interessante é que, diante de alguns complementos nominais, como (ic), *parar* também se aproxima do verbo *deixar*, uma vez que ambos mantêm a preposição nesse contexto. Essa questão está fora do escopo deste trabalho, mas deixo-a destacada aqui para que sua investigação seja retomada em trabalhos futuros.

6.2 Das características dos nomes que complementam o verbo *deixar*

6.2.1 Trabalhos anteriores

Há quatro trabalhos que abordaram a estrutura [*deixar* - *de* - N] no Português. Esses estudos, ao analisar aspectos dessa estrutura, apresentaram propriedades importantes dos substantivos presentes nelas.

O primeiro trabalho que podemos citar é Silva (1999), que, com base em dados do Português europeu, discute a possibilidade de *deixar* se combinar com um complemento de natureza nominal. Segundo o autor, essa estrutura é usada preferencialmente no imperativo e nela figura um (verdadeiro ou pseudo-)clítico:

(11) a. Deixa-te de maluquices e vê se tens propósito! Só cá faltava mais essa! … Valha-te Deus!

b. – Os leques eram do Sr. Vieirinha. Não os roubámos a ninguém.
– Deixa-te de fitas! – gritou o cabo, sacudindo os ombros do rapaz. – Bem sabes de que roubo queremos falar.

c. – Você não é o Domingos Costa? // – Sou.
– O chefe do bando de arruaceiros, não é verdade? // – Não. Não é verdade. A que bando se referes?
– Deixemo-nos de conversa. Passem revista à casa. Tudo a pente fino.

d. "deixe-se de utopias", costumamos dizer a algum idealista mais impertérrito que cruza o nosso caminho, "o que é preciso é assentar bem os pés na terra".

e. O portugalzinho dessa geração está agora no final dos anos 80, vai mudar de década e de século não tarda: resta-lhe entrar numa Europa metafísica, só dos outros. Deixou-se de África e Ásias, de onde lavou as mãos como Pilatos.

(Silva, 1999, p. 291 – dados coletados em fontes diversas)

Uma característica dos exemplos acima é, segundo o autor, a presença de um nome (globalizante) que denota um ato, uma atividade ou uma qualidade e que apresenta "sempre um valor negativo, depreciativo ou pejorativo" (Silva, 1999, p. 292). Substantivos como *maluquices*, *fitas*, *conversa* (fiada), *utopias* são associados a esses valores inerentemente, ao passo que a expressão *África e Ásias* é associada a esses valores contextualmente.

O segundo estudo que discute a complementação nominal dos aspectuais é Bertucci (2011).[33] Analisando o verbo *deixar*, em exemplos como (12), o autor mostra que esse verbo se comporta diferentemente dos outros aspectuais quando complementado por um nominal:

(12) a. João deixou de [$_{VP}$ trabalhar].
b. João deixou [$_{DP}$ o trabalho].

Para Bertucci (2011, p. 108), apesar de *deixar* manter a sua semântica de interrupção nas duas orações acima, essas orações não são sentidas pelos falantes como sinônimas: a oração em (12a) pode ser usada "numa situação em que João não trabalha mais por algum motivo (de saúde, por exemplo", ao passo que a oração (12b) pode ser usada "na mesma situação ou num caso em que João abandonou o trabalho (o emprego) em que estava e começou um outro". Essa segunda possibilidade interpretativa não está disponível para (12a). A partir desses exemplos, o autor afirma que a operação aspectual que *deixar* realiza sobre um complemento de natureza verbal é diferente da operação que ele realiza sobre um complemento de natureza nominal (Bertucci, 2011, p. 107). Para concluir, de acordo com Bertucci (2011), quando está associado a um complemento de natureza nominal, *deixar*: a) apresenta restrições quando aparece com esses complementos, e b) não mantém seu significado aspectual nesse contexto.

O terceiro trabalho que trata da possibilidade de *deixar* aparecer com um complemento de natureza nominal é Hammes (2015, p. 58-60), para quem *deixar* é um verbo lexical quando aparece associado a um DP e, por isso, não marca aspecto interruptivo, como vemos abaixo:

(13) a. Pedro deixou a corrida.
b. Pedro deixou (a) doação para a igreja.
c. Pedro deixou o filho na escola.

No exemplo (13a), o verbo *deixar* seleciona dois argumentos e seu significado é o de abandono. Esse exemplo pode ser parafraseado como *Pedro deixou (ou abandonou) o local da corrida*. Nos exemplos (13b) e (13c), *deixar* seleciona três argumentos. Em (13b), sua interpretação é a de deixar alguma coisa para alguém, e, em (13c), sua interpretação é a de deixar algo/alguém em algum lugar.

[33] O autor discute comparativamente os verbos *deixar* e *passar*. Para os propósitos deste trabalho, centraremos nossa atenção apenas no verbo *deixar*.

Por fim, o último estudo sobre a temática é Nascimento (2015), no qual a autora defende que um verbo aspectual aceitará um DP complemento se ele for um nome derivado de um verbo que já é aceito por esse aspectual.[34] Consideremos os exemplos abaixo (Nascimento 2015, p. 79):

(14) a. O delegado deixou a investigação do assassinato.
b. Joana deixou o tratamento da sinusite.
c. Usain Bolt deixou a corrida.
d. José Aldo deixou a luta.
e. *Joana deixou a perda da chave.
f. *A criança deixou o estouro do balão.

Os substantivos *investigação* e *tratamento*, em (14a) e (14b) respectivamente, derivam dos verbos *investigar* e *tratar*, que são classificados como *accomplishments*. Já os nomes *corrida* e *luta*, em (14c) e (14d) respectivamente, derivam dos verbos *correr* e *lutar*, que são analisados como verbos de atividade. Predicados de *accomplishments* e de atividades são aceitos pelo aspectual *deixar* e, por isso, os nomes derivados deles produzem orações igualmente gramaticais quando combinados com esse verbo.

Por outro lado, os substantivos *perda* e *estouro*, em (14e) e (14f) respectivamente, derivam dos verbos *perder* e *estourar*, que são predicados de *achievement*. Essas orações são agramaticais, porque *deixar* não se combina predicados dessa classe aspectual. Logo, os substantivos que derivam de verbos de *achievement*, quando combinados com *deixar*, produzem orações agramaticais.

6.2.1.1 Breve avaliação das propostas

Vistas as análises anteriores, podemos tecer alguns comentários sobre elas. Em relação ao trabalho de Silva (1999), aceitamos a caracterização semântica que o autor oferece para os substantivos que aparecem na estrutura [*deixar* - *de* - N]: apesar de não se construírem com o clítico, as estruturas [*deixar* - *de* - N] do Português brasileiro apresentam substantivos que se associam a uma noção negativa, depreciativa ou pejorativa.

[34] Bertucci (2011, p. 104-105) já havia apontado essa propriedade quando afirma que um verbo aspectual só aceita ser complementado por um DP se "i) o DP denotar um evento com as mesmas propriedades das classes aspectuais que ele seleciona (...) ou ii) o DP for apenas uma parte de um VP implícito (...)".

No que se refere aos trabalhos de Bertucci (2011) e de Hammes (2015), concordamos que, nas combinações [*deixar* - DP], sem a preposição, o verbo *deixar* perde a semântica aspectual que está presente na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], configurando-se como um verbo diferente do aspectual *deixar*. O mesmo pode ser dito em relação aos dados analisados por Nascimento (2015) – embora a autora assuma que o verbo *deixar*, nesses exemplos, seja um aspectual interruptivo.

À essa altura, devemos mencionar que os dados discutidos nos trabalhos não são todos iguais: nos dados apresentados por Silva (1999), o verbo *deixar* aparece seguido da preposição *de*, diferentemente dos dados discutidos por Bertucci (2011), Hammes (2015) e Nascimento (2015), nos quais o verbo *deixar* não aparece seguido dessa preposição. Argumentamos que a presença/ausência da preposição nas estruturas em que *deixar* é complementado por um substantivo causa diferenças interpretativas: quando a preposição *de* está presente, *deixar* mantém a sua interpretação aspectual, ao passo que, quando essa preposição está ausente, *deixar* assume outra interpretação que não é de natureza aspectual.

Neste trabalho, vamos usar dados que apresentam a estrutura dos dados de Silva (1999), qual seja, [*deixar* - *de* - N] por duas razões:

a) essa é a estrutura correta que o verbo aspectual *deixar* exibe quando é complementado por um constituinte nominal; e
b) nessa estrutura, *deixar* conserva a interpretação aspectual presente na estrutura [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$].

Passemos agora a analisar as características dos substantivos que aparecem na estrutura [*deixar* - *de* - N].

6.2.2 Analisando a morfologia dos substantivos na estrutura [*deixar* - *de* - N]

6.2.2.1 Substantivos primitivos

No começo deste capítulo, vimos que o verbo *deixar* pode se combinar com nomes deverbais. No entanto, não falamos de substantivos primitivos, como abaixo:

(15) a. *Maria deixou de porta.
b. *Eu deixei de livro.
c. *Eles deixaram de casa.

Os substantivos *porta*, *livro* e *casa*, do ponto de vista morfológico, são primitivos e, do ponto de vista semântico, denotam entidades. A combinação do verbo *deixar* com esses substantivos produz resultados agramaticais.

Considerando o comportamento desses dados, um questionamento que pode ser feito é: *deixar* não se combina com nenhum tipo de substantivo primitivo? Para respondermos a esse questionamento, consideremos agora exemplos em que o verbo *deixar* ocorre com outros tipos de substantivos primitivos:

(16) a. *O médico deixou de cirurgia.
b. *Os funcionários deixaram de greve.
c. *Hoje, deixou de tempestade.

Em (16), os substantivos *cirurgia*, *greve* e *tempestade* são primitivos, da mesma forma que os substantivos em (15). Do ponto de vista semântico, porém há uma diferença: enquanto os substantivos em (15) denotam entidades, os substantivos em (16) denotam eventos. Apesar dessa diferença, a combinação de *deixar* com esses substantivos de evento também não produz resultados gramaticais.

Para encerrarmos a discussão acerca dos substantivos primitivos, destacamos um grupo de substantivos cuja combinação com *deixar* produz resultados gramaticais, mesmo sendo primitivos e mesmo denotando eventos:

(17) a. Se eu fosse você, eu deixava de blá-blá-blá.
b. Deixe de medo! O filme nem é de terror...
c. O rapaz deixou de caô e foi trabalhar.
d. Deixem de onda! Quem vai falar o que, de fato, aconteceu?
e. Depois que a polícia chegou, os jovens deixaram de show.

O que esses substantivos têm e que permite sua combinação com o verbo aspectual *deixar*? Se os observarmos com cuidado, esses substantivos são primitivos, têm uma semântica eventiva e são dotados de uma conotação depreciativa, negativa ou pejorativa. A fonte dessa interpretação é coerente com o que Silva (1999) propôs para o Português europeu: alguns substantivos, como *blá-blá-blá*, *medo* e *caô*, têm inerentemente essa noção depreciativa,

negativa ou pejorativa, ao passo que substantivos, como *onda* e *show*, adquirem essa interpretação pelo contexto em que se inserem.

A partir dos dados acima, podemos dizer que, para um substantivo primitivo poder aparecer na estrutura [*deixar* - *de* - N], esse substantivo deve ter duas propriedades:

a) ter interpretação eventiva; e
b) apresentar conotação depreciativa, negativa ou pejorativa.

Com base nessas propriedades, estudemos agora os substantivos deverbais, para entender as suas propriedades.

6.2.2.2 Substantivos derivados (deverbais)

Começamos este capítulo com exemplos da combinação do verbo *deixar* com os substantivos derivados abaixo:

(18) a. As crianças deixaram de gritaria pelo corredor.
b. O bebê deixou de choradeira.

Quando descrevemos esses substantivos, dissemos que eles eram substantivos derivados e eram derivados de bases verbais (ou seja, trata-se de substantivos deverbais). Indo um pouco mais além nessa caracterização e, considerando o que dissemos acima sobre os substantivos primitivos, os substantivos *gritaria* e *choradeira* têm como propriedades adicionais a interpretação eventiva e a conotação depreciativa, negativa ou pejorativa. Em outras palavras, parece que essas duas propriedades são relevantes para um substantivo poder ocorrer na construção [*deixar* - *de* - N].

Voltando aos substantivos deverbais, uma pergunta que podemos nos fazer é: todas as combinações de *deixar* com esses substantivos são gramaticais? Vejamos os dados a seguir:

(19) a. *O bebê deixou de nascimento.
b. *A bomba deixou de explosão.
c. *Os pedreiros deixaram de construção da casa.
d. *Eu deixei de leitura do livro.

Os exemplos acima mostram que as combinações de *deixar* com substantivos deverbais nem são sempre gramaticais, uma vez que esse verbo não aceita se combinar com os deverbais *nascimento*, *explosão, construção* e *leitura*. Desses substantivos, apenas *explosão* está associado a uma semântica depreciativa, negativa ou pejorativa. Mesmo tendo essa conotação, sua combinação com *deixar* é agramatical. Em vista disso, levantamos um outro questionamento: qual é a natureza dos contrastes de aceitabilidade observados em relação aos substantivos deverbais? Como estamos tratando de substantivos que derivam de verbos, uma caminho para responder a essa questão pode estar relacionada à classe sintática desses verbos. É o que faremos na próxima subseção.

6.2.2.2.1 Classes verbais

Nas gramáticas tradicionais do Português, os verbos significativos (ou nocionais) são divididos em duas grandes classes: os verbos transitivos e os verbos intransitivos. Os verbos transitivos se caracterizam por exigir um complemento para completar/integrar seu significado, uma vez que "o processo verbal não está integralmente contido neles, mas se transmite a outros elementos" (Cunha e Cintra, 2007, p. 150). Esses elementos aos quais se transmite o processo verbal dos verbos transitivos são os seus complementos. Do ponto de vista de sua tipologia, os verbos transitivos podem ser classificados em verbos transitivos diretos, verbos transitivos indiretos e verbos transitivos diretos e indiretos, como mostram os exemplos abaixo:

(20) a. Ela comprou [um carro].
b. João acredita [em Deus].
c. Emprestei [meu carro] [ao João].

O verbo *comprar*, em (20a), é um verbo transitivo direto, porque o seu complemento [*um carro*] não é introduzido por preposição. O verbo *acreditar*, em (20b), é um verbo transitivo indireto, uma vez que seu complemento [*em Deus*] é introduzido de preposição. Já o verbo *emprestar*, em (20c) é tratado como um verbo transitivo direto e indireto, já que um dos seus complementos, [*meu carro*], não é introduzido por preposição, enquanto o outro, [*ao João*], é introduzido por preposição.[35]

[35] Para os propósitos desta Dissertação, vamos empregar a tipologia mais comum dos verbos transitivos, segundo a qual há três tipos de verbos transitivos: os transitivos diretos, os transitivos indiretos e os transitivos diretos e indiretos. Sendo assim, não faremos referência a verbos transitivos relativos nem a verbos transitivos circunstanciais. A esse respeito, remetemos o leitor às gramáticas de Rocha Lima (2011) e de Bechara (2019).

Por outro lado, os verbos intransitivos “expressam uma ideia completa” (Cunha e Cintra, 2007, p. 531), ou seja, descrevem uma ação que está integralmente contida em si mesmos. Por isso, esses verbos não exigem outros elementos para completar seu significado:

(21) a. A planta morreu.
b. A carta chegou.
c. O bebê chorava.
d. As pessoas gritavam.

Na lição gramatical, a informação expressa pelos verbos em (21) está completa, por isso não há necessidade de objeto.

Na Linguística moderna, a partir dos trabalhos desenvolvidos por Perlmutter (1978), na perspectiva da Gramática Relacional, e por Burzio (1986), na perspectiva da Teoria de Princípios e Parâmetros, os verbos intransitivos foram reanalisados não como uma só classe, mas como duas: os verbos inergativos e os verbos inacusativos. Essa reanálise da classe dos verbos intransitivos é conhecida como Hipótese Inacusativa. Ilustremos isso com os exemplos abaixo:

(22) a. As meninas correram.
b. O bebê nasceu.

Na superfície, os verbos *nascer* e *chegar* são intransitivos, pois ambos têm apenas sujeito. Essa é a perspectiva da gramática tradicional. No entanto, observando com cuidado a natureza desses sujeitos, vê-se que eles têm propriedades distintas, que faz a Linguística moderna tratar o verbo *correr* como um verbo de tipo inergativo e o verbo *nascer* como um verbo de tipo inacusativo. Vejamos como é construída a análise.

Devemos destacar que os dois tipos de verbos têm uma característica em comum: ambos selecionam um único argumento. São, portanto, verbos monoargumentais. Apesar disso, a natureza desse único argumento é diferente em cada uma das classes de verbos. Nas palavras de Levin e Rappaport Hovav (1995, p. 3 – tradução nossa), “um verbo inergativo tem um argumento externo mas não tem um argumento direto interno, enquanto um verbo inacusativo tem um argumento interno direto mas não tem argumento externo”. O fato de esse único argumento ser gerado como argumento externo ou interno tem impacto na interpretação desses

argumentos. Em (22a), o argumento externo [*as meninas*] é interpretado como o agente da ação de correr, ao passo que, em (22b), o argumento interno [*o bebê*] é interpretado como o tema ou o paciente da ação de nascer. Podemos então dizer que o papel temático associado ao argumento de um verbo inergativo é o de agente e o papel temático associado ao argumento de um verbo inacusativo é o de tema ou paciente.

Além dessas duas propriedades, há diagnósticos apontados na literatura (Eliseu, 1984; Negrão, Scher e Viotti, 2022; Cançado e Ciríaco, 2004; Lunguinho, Resenes e Negrão, 2012) que mostram que essas duas classes de verbos se comportam de modo diferente em relação a eles. Destacaremos três desses diagnósticos aqui. O primeiro é a formação de substantivos derivados de verbos a partir do sufixo *-(d)or*:

(23) a. correr → corredor
b. nascer → *nascedor

O substantivo derivado do verbo inergativo *correr* é gramatical, ao passo que o substantivo derivado do verbo inacusativo *nascer* é agramatical. Podemos concluir que a nominalização em *-(d)or* só é possível com verbos inergativos porque esses verbos são agentivos, ou seja, são verbos que selecionam um argumento ao qual atribuem o papel temático de agente. Verbos que não têm essa característica (os inacusativos) não produzem esse tipo de nominalização.

O segundo diagnóstico é a formação de orações reduzidas de particípio. Verifiquemos os exemplos abaixo:

(24) a. *Corridas as meninas, todos os amigos torceram por elas.
b. Nascido o bebê, a família se alegrou.

A formação da oração reduzida de particípio foi agramatical com o verbo inergativo *correr* e gramatical com o verbo inacusativo *nascer*. Isso nos leva a concluir que a oração reduzida de particípio se forma a partir de um verbo que seleciona argumento interno. Os verbos inacusativos selecionam argumento interno, mas os verbos inergativos não. Essa é a raiz dos contrastes.

Por fim, o terceiro diagnóstico tem a ver com a possibilidade de inversão da ordem canônica [sujeito – verbo] para a ordem [verbo – sujeito]:

(25) a. As meninas correram.

a'. *Correram as meninas.

b. Nasceu o bebê

b'. O bebê nasceu

A ordem canônica do Português é [sujeito – verbo], mas, em alguns casos, também é possível a ordem [verbo – sujeito], com inversão do sujeito. Essa inversão não é gramatical com verbos inergativos, diferentemente do que acontece com verbos inacusativos, em que a inversão é gramatical. Seguindo Lunguinho, Resenes e Negrão (2012, p. 143), podemos dizer que o argumento de verbos monoargumentais como *correr* "tem comportamento mais rígido com relação à posição em que pode ocorrer na sentença", ao passo que o argumento de verbos monoargumentais como *nascer* tem comportamento mais flexível e "pode ocorrer tanto em posição pré-verbal quanto pós-verbal".

Em resumo, a análise dos verbos nas gramáticas tradicionais é revista na perspectiva da Linguística moderna. De acordo com a revisão proposta, os verbos lexicais são analisados com base na quantidade de argumentos que eles selecionam e na natureza desses argumentos:

Quadro 6: Classes verbais na Linguística moderna

Quantidade de argumento(s) selecionado(s)	**Natureza do(s) argumento(s) selecionado(s)**	**Tipo de Verbo**
1 argumento (verbo monoargumental)	1 argumento externo	verbo inergativo
	1 argumento interno	verbo inacusativo
2 argumentos (verbo biargumental)	1 argumento externo 1 argumento interno	verbo transitivo direto
		verbo transitivo indireto
3 argumentos (verbo triargumental)	1 argumento externo 2 argumentos internos	verbo transitivo direto e indireto ou verbo bitransitivo ou verbo ditransitivo

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir de agora, usaremos essa análise das classes verbais para mostrarmos como se dá a interação do verbo *deixar* com substantivos derivados dessas 5 classes verbais.

6.2.2.2.1.1 A combinação [*deixar* - *de* - NDERIVADOS DE VERBOS TRANSITIVOS]

Nesta subseção, estudaremos o comportamento dos substantivos deverbais cuja base é um verbo transitivo (direto ou indireto) ou um verbo bitransitivo. Consideremos os exemplos listados abaixo:

(26) Verbos transitivos diretos

a. A criança leu o livro.

b. O homem construiu a casa.

c. A empresa destruiu o prédio.

(27) Verbos transitivos indiretos

a. O menino necessitava de ajuda.

b. Eles creem em Deus.

c. Os funcionários obedecem às regras.

(28) Verbos bitransitivos

a. A empresa doou roupas para as crianças.

b. O professor explicou o conteúdo aos alunos.

c. O motoboy entregou o documento à secretária.

Combinando o verbo *deixar* com substantivos derivados de cada uma das três classes de verbos acima, os resultados são os seguintes:

(29) a . *A criança deixou de leitura (do livro).

b. *O homem deixou de construção (da casa).

c. *A empresa deixou de destruição (do prédio).

(30) a. *O menino deixou de necessidade (de ajuda).

b. *Eles deixaram de crença (em Deus).[36]

c. *Os funcionários deixaram de obediência (às regras).

(31) a. *A empresa deixou de doação (de roupas para as crianças).

b. *O professor deixou de explicação (do conteúdo aos alunos).

c. *O motoboy deixou de entrega (do documento à secretária).

[36] O professor Roberlei Bertucci (comunicação pessoal) pontuou a possibilidade de essa estrutura ser aceita para algumas pessoas, explicando que essa aceitação pode ter relação com a homogeneidade que é criada a partir da pluralização de nomes. No entanto, esse é um fenômeno que não iremos discutir por questões de tempo, deixando-a para trabalhos futuros.

Os dados acima mostram que a combinação de *deixar* com nomes deverbais derivados de verbos transitivos (sejam eles diretos, indiretos ou bitransitivos) produz resultados agramaticais. Diante do exposto, nossa conclusão preliminar é a de que *deixar* não se combina com substantivos que derivam de verbos transitivos.

Passemos às combinações de *deixar* com substantivos derivados de verbos monoargumentais.

6.2.2.2.1.2 A combinação [*deixar* - *de* - N$_{\text{DERIVADOS DE VERBOS INACUSATIVOS}}$]

Nesta subseção, trataremos das combinações do verbo *deixar* com substantivos cuja base é um verbo inacusativo. Exemplos de verbos inacusativos aparecem nas orações em (32):

(32) a. O bebê nasceu ontem.
b. O sol surgiu mais cedo hoje.
c. A encomenda chegou com avarias.
d. A bomba explodiu repentinamente.

Combinando o verbo *deixar* com os substantivos derivados dos verbos inacusativos acima, temos os padrões em (33):

(33) a. *O bebê deixou de nascimento.
b. *O sol deixou de surgimento.
c. *A encomenda deixou de chegada.
d. *A bomba deixou de explosão.

Os exemplos apresentam os mesmos problemas de aceitabilidade que as combinações de *deixar* com deverbais derivados de verbos transitivos. A partir do comportamento de *deixar* visto acima, podemos concluir que esse verbo também não se combina com substantivos que derivam de verbos inacusativos.

Importante mencionar que os deverbais dos exemplos em (33) derivam de predicados classificados por Vendler (1967) como da classe dos *achievements*. Esses dados estão de acordo com as discussões apresentadas nos trabalhos de Bertucci (2011), de Hammes (2015) e de Nascimento (2015), para quem *deixar* não se combina com predicados de *achievements*, e essa restrição se mantém quando esse verbo se combina com nomes derivados de predicados dessa classe aspectual.

Investiguemos agora o comportamento de *deixar* quando combinado com substantivos derivados de verbos inergativos.

6.2.2.2.1.3 A combinação [*deixar* - *de* - NDERIVADOS DE VERBOS INERGATIVOS]

Nesta subseção, vamos descrever o comportamento do verbo aspectual *deixar* quando ele ocorre com nomes deverbais cuja base é um verbo inergativo. São inergativos os verbos presentes nas orações abaixo:

(34) a. O bebê chorou a noite toda.
b. Os vizinhos gritavam desesperadamente.
c. Pedro corre muito.
d. O casal brigou na festa.

Utilizando substantivos derivados desses verbos como complementos do verbo *deixar*, é possível observar o comportamento ilustrado a seguir:

(35) a. O bebê deixou de choro / choradeira.
b. Os vizinhos deixaram de grito / gritaria.
c. Pedro deixou de *corrida / correria.
d. O casal deixou de briga.

Para cada um dos verbos apresentados em (34) há um nome deverbal cuja combinação com o verbo *deixar* é gramatical, como se vê em (35). Diante disso, podemos apresentar a seguinte generalização sobre o verbo *deixar* e os nomes deverbais:

(36) Generalização sobre a combinação de *deixar* com substantivos (a ser revista)
Na estrutura [*deixar* - *de* - N], quando N é um substantivo deverbal, são gramaticais as combinações do verbo *deixar* com substantivos que derivam de verbos inergativos.

A combinação de *deixar* com o substantivo *corrida* é a única agramatical – mesmo *corrida* sendo um substantivo derivado de um verbo inergativo. Voltaremos a esses casos na subseção 6.2.4.

Passemos agora a observar mais dados que reforçam a ideia por traz da generalização (36).

6.2.2.2.1.4 Confirmando os padrões de [*deixar* - *de* - NDEVERBAL]

Com base nas (im)possibilidades de combinação do verbo *deixar* com nomes deverbais, vistas nas seções anteriores, concluímos que, na estrutura [*deixar* - *de* - $N_{DEVERBAL}$], *deixar* aceita como complemento apenas nomes que derivam de verbos inergativos, ou seja, verbos cujo único argumento nasce na posição de argumento externo.

Interessante para a generalização apontada em (36) é o fato de que alguns verbos inergativos apresentam também um uso transitivo:

(37) a. Os meninos falaram a verdade. *falar* transitivo
b. Os meninos falaram durante a aula. *falar* inergativo

O que prevê a generalização descritiva sobre a combinação de *deixar* com substantivos deverbais em casos como esses? Se ela estiver correta, dois comportamentos são previstos: a) a agramaticalidade da combinação de *deixar* com o nome que deriva da versão transitiva desses verbos; e b) a gramaticalidade da combinação de *deixar* com o nome que deriva da versão inergativa desses mesmos verbos.

Vejamos o que acontece com os derivados das versões do verbo *falar* em (37):

(38) a. *Os meninos deixaram de fala / falatório da verdade.
b. Os meninos deixaram de *fala / falatório durante a aula.

Os dados em (38) confirmam a previsão da nossa generalização. O exemplo (38a) é agramatical e o substantivo que complementa o verbo *deixar* deriva da versão transitiva do verbo *falar*, ao passo que o exemplo em (38b) é gramatical e o substantivo que complementa o verbo *deixar* deriva da versão inergativa do verbo *falar*.

Observamos o comportamento de outros verbos.

(39) a. O rapaz mentiu a data do aniversário.
b. O rapaz mentiu na reunião.

(40) a. João gritou o nome de Maria no portão.
b. João gritou alto na festa.

(41) a. Aquele paciente conversou muitas coisas ontem.
b. Aquele paciente conversou muito na consulta.

Em cada conjunto de dados acima, os exemplos em (a) correspondem à estrutura transitiva dos verbos, e os exemplos em (b) correspondem à estrutura inergativa desses verbos. Vejamos como fica a combinação de *deixar* com os deverbais de cada versão dos verbos considerados:

(42) a. *O rapaz deixou de mentira da data do aniversário.
b. O rapaz deixou de mentira.

(43) a. *João deixou de grito(s) / gritaria pelo / sobre o nome de Maria no portão.
b. João deixou de grito(s) / gritaria na festa.

(44) a. *Aquele paciente deixou de conversa de / sobre muitas coisas ontem.
b. Aquele paciente deixou de conversa na consulta.

O comportamento dos deverbais na posição de complemento do verbo *deixar* confirma, mais uma vez, a nossa generalização. Considerando verbos que apresentam uma estrutura transitiva e uma estrutura inergativa, quando o verbo *deixar* se combina com o substantivo derivado da versão transitiva desses verbos, o resultado é agramatical, como se vê nos exemplos (42a), (43a) e (44a). Por outro lado, quando *deixar* se combina com o substantivo derivado da versão inergativa desses mesmos verbos, o resultado é gramatical, como se vê nos exemplos (42b), (43b) e (44b).

Na próxima subeção, apontaremos uma característica sintática dos complementos do verbo *deixar* na construção [*deixar* - *de* - N].

6.2.3 Analisando a sintaxe dos substantivos na estrutura [*deixar* - *de* - N]

Retomemos alguns dados que analisamos ao longo deste capítulo:

(45) a. Se eu fosse você, eu deixava de blá-blá-blá.
b. Deixe de medo! O filme nem é de terror...
c. O rapaz deixou de caô e foi trabalhar.
d. O bebê deixou de choro / choradeira.
e. Os vizinhos deixaram de grito / gritaria.
f. O casal deixou de briga.

Independentemente do tipo morfológico (se primitivo ou deverbal), uma característica sintática (estrutural) dos substantivos que complementam o verbo *deixar* na estrutura [*deixar* - *de* - N] é o fato de eles não virem acompanhados de determinantes. Caso tentemos inserir um determinante (definido ou não) antes desses substantivos, o resultado é agramatical:

(46) a. *Se eu fosse você, eu deixava do blá-blá-blá.
b. *Deixe do medo! O filme nem é de terror...
c. *O rapaz deixou do caô e foi trabalhar.
d. *O bebê deixou do choro / da choradeira.
e. *Os vizinhos deixaram do grito / da gritaria.
f. *O casal deixou da briga.

(47) a. *Se eu fosse você, eu deixava de um blá-blá-blá.
b. *Deixe de um medo! O filme nem é de terror...
c. *O rapaz deixou de um caô e foi trabalhar.
d. *O bebê deixou de um choro / de uma choradeira.
e. *Os vizinhos deixaram de um grito / de uma gritaria.
f. *O casal deixou de uma briga.

Esses complementos também não aceitam ser introduzidos por numerais:

(48) a. *Se eu fosse você, eu deixava de dois blá-blá-blás.

b. *Deixe de três medos! O filme nem é de terror...

c. *O rapaz deixou de um dobro de caôs e foi trabalhar.

d. *O bebê deixou de um triplo de choros / choradeiras.

e. *Os vizinhos deixaram de um terço dos gritos / das gritarias.

f. *O casal deixou de metade das brigas.

Esse grupo de dados já aponta para o fato de que, do ponto de vista sintático, o substantivo que complementa o verbo *deixar* na estrutura [*deixar* - *de* - N] é um NP. Ou seja, do ponto de vista sintático, é um constituinte cujo núcleo é um substantivo e do ponto de vista semântico esse constituinte é um nome nu.

Na subseção seguinte, discutiremos duas características semânticas desses substantivos. Um dos tópicos dessa subseção vai ser justamente entender por que o substantivo na construção [*deixar* - *de* - N] é um NP/nome nu.

6.2.4 Analisando a semântica dos substantivos na estrutura [*deixar* - *de* - N]

Nesta subseção, vamos tratar de dois aspectos referentes à semântica dos substantivos que aparecem na estrutura [*deixar* - *de* - N]. O primeiro é uma proposta de explicação para a impossibilidade de o substantivo na estrutura [*deixar* - *de* - N] ser acompanhado de determinantes ou de numerais. O segundo tem a ver com as fontes da semântica depreciativa, negativa ou pejorativa associada a esses substantivos.

6.2.4.1 A restrição a determinantes e a numerais

Nas seções anteriores, apontamos que uma das propriedades dos substantivos que complementam o verbo *deixar* na estrutura [*deixar* - *de* - N] é o fato de esse substantivo ser um nome nu, ou seja, um NP.

Nesta subseção, vamos discutir o que está por trás da rejeição que se verifica em relação à presença de determinantes (definidos e indefinidos) e de numerais introduzindo o substantivo que complementa o verbo *deixar* na construção [*deixar* - *de* - N]. Nossa ideia é a de que isso tem a ver com características semânticas desses substantivos. Vejamos como construir essa ideia.

Comecemos com a ausência de determinantes. Acreditamos que a impossibilidade de determinantes na construção [*deixar* - *de* - N] seja consequência das restrições mais gerais

impostas por *deixar* ao seu complemento. Segundo a literatura consultada (Oliveira, Cunha e Gonçalves 2004; Bertucci 2011; Hammes 2015; Nascimento 2015), na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], o verbo *deixar* sinaliza abandono/interrupção de um hábito ou de um estado habitual. Assumimos que o papel do verbo *deixar* na construção [*deixar* - *de* - N] é o mesmo: denotar abandono/interrupção de um hábito ou de um estado habitual. Como nessa construção *deixar* se combina com um substantivo (primitivo ou deverbal), é esse constituinte que denota o hábito (ou o estado habitual). A questão é como isso acontece?

Dissemos, anteriormente neste capítulo, que os substantivos que complementam o verbo *deixar* têm um traço eventivo. Acabamos de ver que esses nomes de evento não podem ser antecedidos de um determinante (definido ou não). Nossa proposta é a de que, ao aparecerem como nominais nus, esses substantivos trazem a informação apenas sobre o evento descrito. Quando inseridos na posição de complemento de *deixar*, a interpretação de abandono/interrupção de um hábito ou de um estado habitual é produzida composicionalmente: o verbo *deixar* traz a interpretação de abandono/interrupção e o seu complemento traz a ideia de evento. Para ser compatível com a seleção de *deixar*, esse complemento eventivo precisa ser concebido como um hábito/um estado habitual. Intuitivamente um hábito/estado habitual se caracteriza por uma série de eventos que ocorrem recorrentemente. Sendo assim, esse substantivo eventivo, no contexto de *deixar*, precisa ser interpretado como uma série de eventos que ocorrem recorrentemente. Nossa proposta é a de que essa interpretação é consequência da sintaxe. Vejamos evidência para isso:

(49) a. A diretora começou a conversa / uma conversa / *conversa.
b. A diretora continuou a conversa / uma conversa / *conversa.
c. A diretora parou a conversa / uma conversa / *conversa.
d. A diretora terminou a conversa / uma conversa / *conversa.
e. A diretora deixou *da conversa / *de uma conversa / de conversa.
f. A diretora vive *da conversa / *de uma conversa / de conversa.

Nos exemplos em (49), temos exemplos de verbos aspectuais *começar*, *continuar*, *parar*, *terminar*, *deixar* e *viver*, que são responsáveis por uma operação aspectual diferente em relação ao seu complemento. De modo interessante, há dois grupos de verbos aspectuais: de um lado, há verbos como *começar*, *continuar*, *parar* e *terminar*, que só se combinam com DP, e,

do outro, há verbos como *deixar* e *viver*, que só se combinam como NP. Qual é a natureza desse contraste?

Assumo que a raiz dessa diferença é justamente a operação aspectual que cada verbo aspectual faz. Os verbos *começar*, *continuar*, *parar* e *terminar* marcam determinadas fases de um evento específico: o seu início, a sua continuação, a sua interrupção e a sua finalização, respectivamente. A particularização de um evento é a contraparte semântica de uma estrutura sintática: quando um NP de evento se constrói com determinante, esse determinante toma o significado básico do NP, que é o de simplesmente denotar um evento, e o atualiza como um evento particular, específico. Quando o evento (sintaticamente um NP) é atualizado pelo determinante, não estamos mais tratando de um evento geral do tipo denotado por N, mas da existência de um único evento desse tipo (NP encabeçado por $D_{DEFINIDO}$) ou da existência de pelo menos um evento desse (NP encabeçado por $D_{INDEFINIDO}$). Sendo atualizado, esse evento pode sofrer a operação dos verbos *começar*, *continuar*, *parar* e *terminar*. Nos exemplos acima: o NP [*conversa*] denota o evento de conversar; o DP [*a conversa*] denota a existência de um único evento de conversar, um evento saliente e específico; e o DP [*uma conversa*] denota a existência de pelo menos um evento de conversar.

Os verbos *deixar* e *viver* não marcam fases de um evento específico, mas também marcam determinadas noções aspectuais: *deixar* marca a interrupção de uma sequência de eventos e *viver* marca uma sequência constante de eventos. Interessantemente, em (49), esses verbos só se combinam com NPs e não com DPs. Essa característica tem a ver com a operação aspectual de *deixar* e *viver*: esses verbos não operam sobre um evento específico, mas sobre uma pluralidade de eventos. Analisamos pluralidade de eventos como a contraparte semântica de um NP: um nome nu cujo núcleo é um nome de evento não denota um evento específico, mas simplesmente um evento, o qual pode ser o nome do evento (evento genérico) ou uma pluralidade de eventos. É por isso que aspectuais que, de certa forma, envolvem a noção de pluralidade, selecionam NPs quando se combinam com complementos de natureza nominal.

Passemos agora a explicar as restrições do substantivo no contexto [*deixar* - *de* - NP]. mais pormenorizadamente. Tratemos da combinação [artigo definido + NP]. Nesse constituinte, a contribuição do artigo definido é a de afirmar a existência de um único evento denotado pelo NPs, mas esse NP não é compatível com essa operação ativada pelo determinante definido, pois ele denota uma pluralidade de eventos.

A combinação [artigo indefinido + NP] é internamente incompatível, uma vez que o artigo indefinido opera quantificação existencial sobre o NP e produz a leitura “existe pelo

menos um evento denotado pelo NP", mas, como vimos na parágrafo anterior, esse NP denota um conjunto de ações recorrentes.

Essa semântica de ações recorrentes também vai excluir a combinação [numeral + NP] da posição de complemento do verbo *deixar*. Uma vez que numerais operam contagem dos NPs sobre seu escopo, o conjunto formado da combinação [numeral + NP] é interpretado como uma quantidade específica/exata de eventos denotados pelo NP. O fato de os nomes que atuam como complemento de *deixar* serem interpretados como hábito/estados habituais (ou seja, uma série recorrente de eventos) impossibilita a operação de contagem efetuada pelos numerais e disso resulta a agramaticalidade observada nessas combinações.

Por fim, o que dissemos sobre os numerais também se aplica ao quantificador universal:

(50) a. *Se eu fosse você, eu deixava de todo o blá-blá-blá.
b. *Deixe de todo o medo! O filme nem é de terror...
c. *O rapaz deixou de todo o caô e foi trabalhar.
d. *O bebê deixou de todo o choro / toda a choradeira.
e. *Os vizinhos deixaram de todo o grito / toda a gritaria.
f. *O casal deixou de toda a briga.

O quantificador universal *todo* é responsável por uma operação uma quantificação que atua sobre toda a extensão do NP modificado por esse quantificador. Dessa forma, o constituinte [*todo* + NP] tem a leitura "todos os eventos denotados pelo NP". De novo, por denotar uma sequência indefinida de ações recorrentes, o NP é incompatível com *todo* na estrutura [*deixar* - *de* - NP].

Todas as incompatibilidades vistas acima têm em comum o fato de o verbo *deixar* estar associado a complementos que denotam uma quantidade plural, mas indeterminada, de eventos que ocorrem recorrentemente. Se esses exemplos fossem gramaticais, poderíamos ter uma resposta para a questão: quantas instâncias de eventos denotados pelo substantivo na posição de complemento do verbo *deixar* precisam ser abandonados/interrompidos para podermos dizer que alguém deixou de executar a ação denotada por esse substantivo? O que não é o caso.

Os resultados nos mostram que, para a complementação do verbo *deixar*, não são relevantes instâncias específicas de eventos (denotados pelo NP na posição de complemento desse verbo) que precisam ser abandonados/interrompidos. O que é relevante é a noção de

hábito (ou estado habitual), noção essa que é necessariamente plural, mas indefinida em termos de quantidade exata. A única ideia é a de série de eventos que ocorrem recorrentemente.

6.2.4.2 Fontes da semântica depreciativa, negativa ou pejorativa

Na subseção 6.2.1, quando fizemos uma discussão dos trabalhos anteriores sobre a combinação do verbo *deixar* com substantivos, apresentamos o trabalho de Silva (1999), que afirma que, na construção [*deixar* - *de* - N], os substantivos, além de denotarem atos, atividades ou qualidades, também estão associados a uma conotação negativa, depreciativa ou pejorativa. A fonte dessa semântica, para o autor, é a própria palavra ou provém do contexto. Nós concordamos plenamente com essa descrição e nosso intuito, na presente subseção, é expandir um pouco mais a fonte da semântica negativa, depreciativa ou pejorativa associada aos nomes que complementam o verbo *deixar* na construção [*deixar* - *de* - N].

Quando tratamos dos substantivos primitivos, vimos que eles só podem se combinar com *deixar* se eles tiverem uma semântica eventiva e a conotação negativa, depreciativa ou pejorativa. Apontamos isso nos dados em (51):[37]

(51) a. Se eu fosse você, eu deixava de blá-blá-blá / mi-mi-mi / nhem-nhem-nhem.
b. Os vizinhos, graças a Deus, deixaram de barulho / fuzuê / fuzaca.
c. Deixe de medo! O filme nem é de terror...
d. O rapaz deixou de caô / miguê / lorota / lero-lero e foi trabalhar.
e. Deixem de onda / história! Quem vai falar o que, de fato, aconteceu?
f. Depois que a polícia chegou, os jovens deixaram de show.
g. Eu me irritei e mandei o povo deixar de barraco na porta de minha casa.

Em relação à fonte da semântica depreciativa, negativa ou pejorativa, apontamos que ela era parte dos traços semânticos dos itens lexicais *blá-blá-blá*, *mi-mi-mi*, *nhem-nhem-nhem*, *barulho*, *fuzuê*, *fuzaca*, *medo*, *caô*, *migué*, *lorota* e *lero-lero*, ou ela era gerada contextualmente no caso de palavras como *onda*, *história*, *show* e *barraco*.

Em relação aos substantivos primitivos, essa interpretação ou é dada lexicalmente como parte dos traços do item lexical ou ela é construída contextualmente. Em relação aos substantivos deverbais, há alguns pontos que queremos discutir. Quando tratamos desse tipo de

[37] Os exemplos em (51) contemplam os exemplos em (17), acrescentando outros nominais eventivos com semântica depreciativa, negativa ou pejorativa.

substantivos, vimos que apenas derivados de verbos inergativos eram possíveis como complementos do verbo *deixar* na estrutura analisada:

(52) a. O bebê deixou de choro / choradeira.
b. Os vizinhos deixaram de grito / gritaria.
c. Pedro deixou de *corrida / correria.
d. O casal deixou de briga.

Todos os exemplos em (52) envolvem nomes eventivos e os deverbais *choro*, *choradeira*, *grito*, *gritaria*, *correria* e *briga* têm semântica depreciativa, negativa ou pejorativa.[38] O nome *corrida*, por não ter essa semântica, nem lexicalmente especificada nem adquirida contextualmente, torna a oração agramatical quando aparece na posição de complemento do verbo *deixar*.

O que passaremos a abordar agora são as maneiras como um substantivo pode adquirir essa conotação depreciativa, negativa ou pejorativa, complementando, assim, a proposta de Silva (1999).

O primeiro ponto que gostaríamos de considerar como a fonte para a semântica depreciativa, negativa ou pejorativa é o próprio significado lexical do verbo do qual deriva o substantivo. Observando os dados em (52), os substantivos *choro*, *choradeira*, *grito, gritaria* e *briga* derivam dos verbos *chorar*, *gritar* e *brigar*, os quais estão associados a uma semântica depreciativa, negativa ou pejorativa como parte de seus traços lexicais. Na derivação, os traços semânticos da base verbal passam para o substantivo derivado e esses deverbais podem aparecer na posição de complemento do verbo *deixar*.

O segundo ponto que gostaríamos de discutir vem justamente da observação dos contrastes entre *corrida – correria*. Esses deverbais derivam do verbo inergativo *correr*, verbo esse que não apresenta nenhuma acepção depreciativa, negativa ou pejorativa como parte de seus traços semânticos. Interessantemente, devido ao fato de esse verbo não ser inerentemente especificado para essa conotação depreciativa, negativa ou pejorativa, o deverbal *corrida*

[38] O professor Roberlei Bertucci (em comunicação pessoal) contribuiu com a nossa análise ao sugerir que o fenômeno de homogeneidade pode também ser responsável pelas possibilidades de combinação de *deixar* com substantivos deverbais na estrutura [*deixar* - *de* - N]. A ideia é interessante, mas, para podermos avaliá-la, seria necessário discutir primeiro os traços aspectuais nos nominais, especialmente, o de homogeneidade. Por questões de tempo e de espaço, não poderemos desenvolver essa discussão neste trabalho, deixando-a para pesquisas futuras.

também não a apresenta e, por isso, quando se associa ao verbo *deixar*, o resultado é agramatical.

O que acontece então com o *correria*? Nossa ideia é a de que, em casos como esses, em que um substantivo deverbal é associado a uma interpretação depreciativa, negativa ou pejorativa, diferentemente da base verbal da qual ele deriva, essa interpretação provém do afixo que se associa a essa base. É justamente o que acontece. Entre várias funções, o afixo *-ria* traz para o derivado uma noção depreciativa, negativa ou pejorativa: *correria* significa várias ações de correr feitas de maneira desordenada, desorganizada, ou uma várias ações que acontecem de modo intenso. Por isso, essa palavra pode aparecer como complemento do verbo *deixar*. Isso é diferente do que acontece com as palavras *grito* e *gritaria*, as quais já provêm do verbo *gritar*, palavra que tem semântica depreciativa, negativa ou pejorativa. Por derivarem de um verbo com essa noção, ambos os deverbais são gramaticais na posição de complemento do verbo *deixar* na estrutura [*deixar* - *de* - N]. Em vez de criar uma palavra com semântica depreciativa, negativa ou pejorativa, a combinação do afixo *-ria* à semântica lexical do verbo *gritar* produz uma palavra com determinadas informações, tais como intensidade e/ou pluralidade.

Como o afixo *-ria*, outros podem trazer semântica depreciativa, negativa ou pejorativa para o derivado:

(53) a. Graças a Deus, o rapaz deixou de *bebida / bebedeira.
b. Eu deixei de *comida / comilança.
c. Minha vizinha deixou de *canto / cantação.
d. Os meninos felizmente deixaram de *pulo / pulaiada no pátio.
e. Os alunos deixaram de *fala / falatório / falação.

Os substantivos *bebida*, *comida*, *canto*, *pulo* e *fala* derivam dos verbos inergativos *beber*, *comer*, *cantar*, *pular* e *falar*, que não são inerentemente portadores de uma conotação depreciativa, negativa ou pejorativa. Como consequência, eles também não têm essa conotação e, por isso, são incompatíveis com o verbo *deixar* na estrutura [*deixar* - *de* - N]. No entanto, os derivados *bebedeira*, *comilança*, *cantação*, *pulaiada*, *falatório* e *falação*, derivados dos mesmos verbos já trazem essa semântica. Assumimos, portanto, que essa interpretação é produto da anexação do sufixo à base verbal.

Observando os sufixos *-ria*, *-(d)eira*, *-ança*, *-ção*, *-iada* e *-(t)ório*, nota-se que todos eles trazem uma noção de excesso na realização do evento descrito: *bebedeira* é o ato de beber

em excesso ou o ato de beber uma quantidade excessiva de bebidas alcoólicas; *comilança* é o ato de comer em excesso ou o ato de comer uma quantidade excessiva de comida; *cantação* é ato de cantar de modo excessivo, exaustivo, ou um conjunto de eventos de cantar que ocorrem excessivamente; *pulaiada* é um conjunto de eventos de pular que ocorrem excessivamente; *falatório* é um evento em que várias pessoas falam ao mesmo tempo sem nenhuma organização, ou é uma conversa excessiva, cansativa, ou é um boato, uma fofoca; *falação* é um evento em que várias pessoas falam ao mesmo tempo sem nenhuma organização. O que é comum a todos esses exemplos é que, na interpretação de todos eles, os eventos descritos vão além de uma "quantidade" que é tida como normal. Como há um excesso de algo tomado como o normal, essas palavras denotam situações tidas como negativas, repreensíveis. Ou seja, situações com uma conotação depreciativa, negativa ou pejorativa.

Além de processos morfológicos, outra maneira de produzir a semântica depreciativa, negativa ou pejorativa é por meios sintáticos:

(54) a. O cachorro do vizinho só deixa de *uivo / tanto uivo de manhã.
b. Se eu fosse ela, eu deixava de *riso / tanto riso.
c. Ainda bem que aquele homem deixou de *bocejo / tanto bocejo na sala.
d. Se essa empresa deixasse de *telefonema / tanto telefonema seria ótimo!
e. Felizmente, o médico mandou meu pai deixar de *repouso / tanto repouso.
f. Minha mãe, pelo amor de Deus, deixe de *trabalho / tanto trabalho.

Nos exemplos acima, quando se associa a um substantivo eventivo, o modificador *tanto* assinala uma grande quantidade de eventos denotados por esse substantivo (*tanto uivo*, *tanto riso*, *tanto bocejo*, *tanto telefonema*) ou uma intensidade na realização do evento denotado por esse substantivo (*tanto riso*, *tanto repouso*, *tanto trabalho*). Mais uma vez, a ideia é a de que a grande quantidade de eventos realizados ou a intensidade com que se executa um evento vão além de um padrão denominado normal e, por isso, essa quantidade/intensidade além do normal são analisadas como negativas.

Importante destacar que esses recursos apresentados acima não são excludentes:

(55) Os vizinhos deixaram de tanta gritaria.

Como se vê, nesse exemplo, a informação lexical interage com o afixo *-ria* e o deverbal *gritaria* é modificado por *tanta*, sem haver nenhum problema sintático ou semântico.

Em conclusão, nesta subseção avançamos um pouco mais na caracterização de Silva (1999) segundo a qual, na construção [*deixar* - *de* - N], os substantivos estão associados a uma conotação negativa, depreciativa ou pejorativa. Para ele, essa noção vem lexicalmente dos próprios substantivos ou vem do contexto. Assumimos que Silva apresentou a caracterização correta para substantivos primitivos. Em relação aos substantivos derivados de verbos inergativos, mostramos que a interpretação negativa, depreciativa ou pejorativa pode ter três origens:

a) lexical: o conteúdo lexical de alguns verbos inergativos;
b) morfológica: a informação semântica de alguns sufixos; e
c) sintática: a modificação por *tanto*

Esses três recursos garantem que um nome derivado de um verbo inergativo possa adquirir a interpretação negativa, depreciativa ou pejorativa e, assim, possa aparecer como complemento do verbo deixar na estrutura [*deixar* - *de* - N].

6.3 A estrutura sintática da construção [*deixar* - *de* - N]

Nesta seção, apresentaremos a estrutura sintática que acreditamos estar na origem das orações com a estrutura [*deixar* - *de* - N]. Para tanto, comecemos com alguns pontos que destacamos ao longo deste capítulo.

Em relação ao complemento de *deixar*, tomando como base a restrição a determinantes, propusemos que esse complemento é sintaticamente um NP.

Sobre o verbo *deixar*, mostramos que esse verbo não é um verbo alternante:

(56) a. Os manifestantes presentes deixaram de auê.
a'. *O auê deixou.

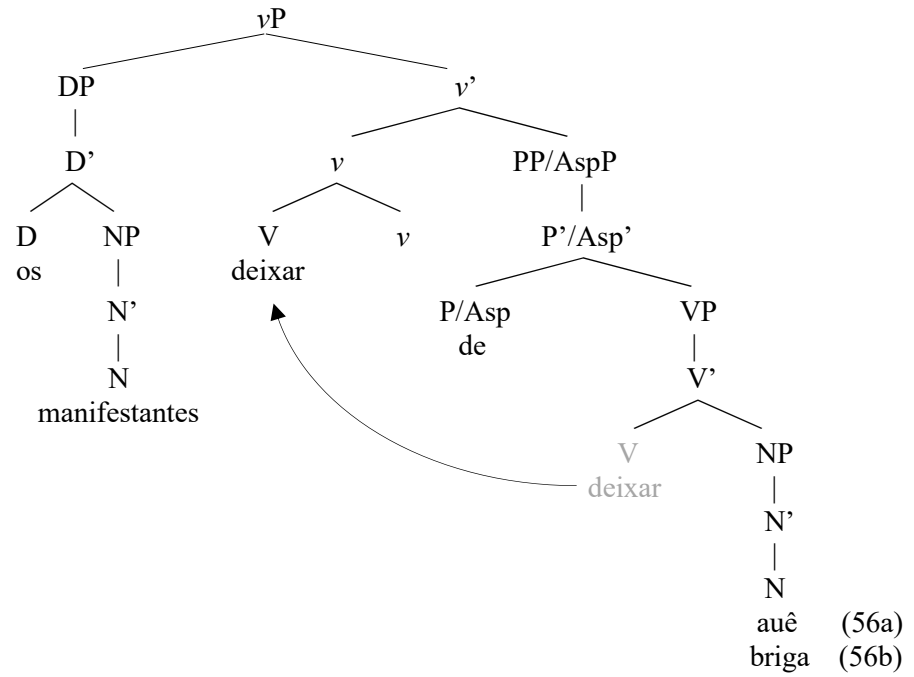
b. Os manifestantes deixaram de briga.
b.' *A briga deixou.

A partir dos contrastes acima, podemos concluir que o verbo *deixar* se caracteriza pela seleção obrigatória de dois argumentos. O seu argumento interno é um NP e o seu argumento externo é um nominal (DP/NP).

Uma questão que não abordamos ainda diz respeito à preposição *de*. Uma análise superficial tenderia a tratar essa preposição como um núcleo preposicional que introduz um complemento indireto e projeta um PP. De acordo com essa análise, na estrutura [*deixar* - *de* - N], o verbo *deixar* seria um tipo de verbo transitivo indireto.

No capítulo anterior, ao apresentar a estrutura do verbo *deixar* na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], analisamos essa preposição como um núcleo/marcador aspectual. Será que essa análise poderia ser transposta para a estrutura [*deixar* - *de* + N]? Uma dificuldade inicial poderia estar associada ao fato de que não se espera que núcleos/marcadores aspectuais tomem NPs como argumentos. Esses núcleos/marcadores atuam, em geral, sobre sintagmas de natureza verbal. Isso deixa de ser uma dificuldade se lembrarmos que o argumento interno do verbo *deixar* não é um nominal comum: é um nome com traço eventivo e que denota hábito/estado habitual. Essas propriedades, de certa forma, aproximam esses NPs de constituintes verbais. Como não temos evidências robustas para descartar a possibilidade de a preposição de ser um núcleo/marcador aspectual, vamos assumir que *de* é um núcleo preposicional/aspectual. A representação do domínio argumental das orações (56a), com um substantivo primitivo na posição de argumento interno de *deixar*, e (56b), com um substantivo deverbal nessa posição, é a seguinte:

(57)



Primeiramente o verbo aspectual *deixar* se combina (*merge*) com o seu argumento interno, o NP [*auê*] em (56a) / *briga* em (56b), e atribui a esse argumento o papel temático de tema. Como consequência, projeta-se o VP. Em seguida, o núcleo preposicional/aspectual *de* se anexa ao VP e o resultado é a formação do PP/AspP. Depois, introduz-se o núcleo funcional verbo leve (*v*) na estrutura e esse núcleo atrai o verbo *deixar*, que se adjunge a ele e deixa uma cópia na sua posição original. O verbo leve, como núcleo funcional, se caracteriza por introduzir um argumento externo da derivação. Assim, é inserido o DP [*os manifestantes*], o qual recebe papel temático de agente/causador do abandono do hábito/estado habitual denotado pelo NP *auê*/*briga*.

Uma questão que é sempre presente na análise de verbos aspectuais que são complementados por argumentos de natureza nominal é: não haveria um verbo não realizado na posição de complemento do verbo *deixar*? Segundo essa análise, a estrutura dos exemplos em (56) seria como abaixo:

(58) a. Os manifestantes presentes deixaram de auê.
b. Os manifestantes presentes deixaram de fazer auê.

(59) a. Os manifestantes deixaram de briga.
b. Os manifestantes deixaram de causar / procurar briga.

Na oração em (58), o verbo não realizado seria *fazer*, ao passo que, na oração em (59), o verbo não realizado seria *causar* ou *procurar*.

O ponto positivo desse tipo de análise é o fato de se desfazerem os padrões de complementação [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] e [*deixar* - *de* - N], pois só há, de fato, um padrão: [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. A diferença é a de que esse verbo (como os verbos aspectuais nesse tipo de análise) permite que o infinitivo possa ser lexicalmente realizado ou não.

Um ponto negativo dessa análise é o fato de esse verbo que não é realizado não ser um só, mas vários. A identidade desse verbo não é previsível de antemão, mas depende do NP que complementa *deixar*.

Um segundo ponto negativo é que, como as orações com a forma [*deixar* - *de* - N] apresentam um verbo não realizado, podemos prever que elas derivam de uma oração com [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$ - N] com posterior apagamento do $V_{INFINITIVO}$. Apesar de plausível, isso nem sempre acontece:

(60) a. Apesar da mudança de clima, não deixou de chover no estado.

b. *Apesar da mudança de clima, não deixou de chover no estado.

(61) a. Os alunos deixaram de cochichar ao ver a diretora entra na sala.

b. *Os alunos deixaram de cochichar ao ver a diretora entra na sala.

(62) a. Nunca deixou de haver picuinha entre as torcidas.

b. *Nunca deixou de haver picuinha entre as torcidas.

A agramaticalidade dos exemplos em (60b), (61b) e (61b) mostra que as estruturas do tipo [*deixar* - *de* - N] não são derivadas como consequência do apagamento do infinitivo presente em estruturas com a forma [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$ - N]. A ideia é a de que essas estruturas tenham histórias derivacionais distintas.

Por fim, um terceiro ponto negativo dessa análise é a de que a noção negativa, depreciativa ou pejorativa só está presente na interpretação dos nomes das orações com a forma [*deixar* - *de* - N] e não nas orações com a forma [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]:

(63) a. Os jovens deixaram de fazer caminhadas ecológicas no parque.

b. *Os jovens deixaram de fazer caminhadas ecológicas no parque.

(64) a. Os jovens deixaram de causar briga nos eventos.

b. Os jovens deixaram de causar briga nos eventos.

Enquanto as orações com a estrutura [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] aceitam substantivos de todos os tipos como complemento do infinitivo, as orações com a estrutura [*deixar* - *de* - N] só permitem substantivos dotados de uma acepção negativa, depreciativa ou pejorativa.

Com isso, concluímos que a análise que capta melhor as propriedades da estrutura [*deixar* - *de* - N] é a que apresentamos em (57): *deixar* é um verbo que seleciona dois argumentos e o seu argumento interno é um PP/AspP que contém um NP dotado de uma semântica negativa, depreciativa ou pejorativa. Comparando-se essa proposta de análise para o uso auxiliar de *deixar*, notamos alguns pontos de contato. Em ambos os usos, *deixar*:

a) faz a operação aspectual de interrupção de um hábito/estado habitual;
b) é complementado pelo marcador aspectual de natureza preposicional *de*;
c) seleciona um complemento de natureza eventiva; e
d) impõe restrições ao seu complemento, o qual deve ser um $V_{INFINITIVO}$ (uso auxiliar) e um NP com acepção negativa, depreciativa ou pejorativa (uso lexical).

A diferença entre os dois usos reside na própria natureza de *deixar*: na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], *deixar* é um item em avançado estado de gramaticalização que se comporta como um auxiliar *lato sensu*, ou seja, um item semi-lexical ou semi-auxiliar, ao passo que, na estrutura [*deixar* - *de* - N], o verbo *deixar* é um verbo lexical que seleciona dois argumentos e lhes atribui papel temático. No entanto, apesar de ser um item lexical, esse verbo já impõe restrições ao seu complemento da mesma forma que um verbo auxiliar.

Conclusões preliminares

Neste capítulo, demos continuidade à discussão a respeito de mais um padrão de complementação do verbo *deixar*, qual seja, a estrutura [*deixar* - *de* - N]. Duas perguntas nortearam o desenvolvimento do capítulo. A primeira tinha a ver com as características que os nomes precisam ter para poderem aparecer na estrutura [*deixar* - *de* - N]. Ao longo do capítulo, verificamos que tanto nomes primitivos e nomes derivados são possíveis como complementos do verbo *deixar* desde que esses nomes estejam associados a uma interpretação negativa, depreciativa ou pejorativa. Acerca dos nomes derivados, apenas os derivados de verbos monoargumentais inergativos são aceitos como complemento do verbo *deixar*.

A segunda pergunta que norteou o capítulo centrou-se na preposição *de* e questionava porque *deixar*. tanto na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] como na estrutura [*deixar* - *de* - N], mantinha a preposição *de*, diferentemente dos demais verbos aspectuais. No capítulo 5, ao estudar a sintaxe da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], concluímos que a preposição *de* exerce um papel relevante na derivação e contribui, composicionalmente, para a construção da noção aspectual de abandono que *deixar* veicula. O mesmo se aplica à combinação [*deixar* - *de* - N]. Quando essa preposição é removida, *deixar* passa a ter um papel e uma interpretação lexical e, quando ela é substituída por outras preposições, outros significados aspectuais surgem para *deixar*. Na estrutura [*deixar* - *de* – N], a presença de diferentes preposições produz diferentes

interpretações aspectuais para a estrutura. Por exemplo, com a preposição *de*, *deixar* veicula abandono.

Voltando à interpretação dos nominais que ocorrem na estrutura [*deixar* - *de* - N], estudamos um pouco mais a origem da interpretação negativa, depreciativa ou pejorativa associada a esses constituintes no contexto analisado. Nossa análise mostrou que essa interpretação provém do conteúdo lexical de alguns verbos inergativos, ou da informação semântica de alguns sufixos, ou da modificação por *tanto*.

Por fim, detalhando um pouco mais a derivação que produz a sequência [*deixar* - *de* - N], o verbo *deixar* é um verbo transitivo que marca interrupção de um hábito/estado habitual, tem como complemento a preposição / o marcador aspectual de natureza preposicional *de*, seleciona um argumento interno de natureza eventiva e impõe restrições ao seu complemento, o qual, na estrutura [*deixar* - *de* - N], deve ser NP com acepção negativa, depreciativa ou pejorativa (uso lexical). Ainda discutindo aspectos estruturais da sequência [*deixar* - *de* - N], levantamos duas hipóteses: em uma delas, *deixar* é um verbo do tipo lexical, já que ele projeta um VP e apresenta a propriedade de seleção argumental; na outra, há um verbo elidido na estrutura [*deixar* - *de* - N] que realiza a seleção argumental e o VP projetado por esse verbo elidido é modificado por *deixar*, que, nessa análise, atua como um verbo auxiliar. Contudo, mesmo existindo essas possibilidades, o comportamento sintático e semântico da combinação [*deixar* - *de* - N] mostrou-se mais coerente com a primeira hipótese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudamos nessa Dissertação o comportamento do verbo *deixar* em duas estruturas, quais sejam: [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] e [*deixar* - *de* - N]. A análise desse objeto de pesquisa foi guiada pelo seguinte objetivo:

OBJETIVO

> Descrever detidamente as propriedades do verbo *deixar* em cada uma das sequências acima, bem como as propriedades do constituinte de natureza verbal e as propriedades do constituinte de natureza nominal que acompanham esse verbo.

Para conseguirmos alcançar esse objetivo, ele foi desdobrado nas seguintes questões de pesquisa:

QUESTÕES DE PESQUISA

1) Qual é a natureza sintática do verbo *deixar* em cada uma das sequências apresentadas acima? Trata-se do mesmo verbo ou de verbos diferentes?
2) Como se caracteriza a derivação sintática que subjaz à sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]?
3) Como se caracteriza a derivação sintática que subjaz à sequência [*deixar* - *de* - N]?

A Dissertação se constrói em torno desse objetivo e dessas questões de pesquisa.

No capítulo 1, apresentamos o referencial teórico da Dissertação: a Teoria Gerativa (Chomsky, 1957, 1965) em sua versão atual denominada Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981, 1986). Dentro dessa teoria, usamos as propostas teóricas e metodológicas do Programa Minimalista (Chomsky, 1995, 2000, 2001, 2004, 2008), especificamente três ideias: a) a de que os itens lexicais são conjuntos de traços fonológicos, semânticos e formais; b) a computação sintática é guiada pelos traços formais dos itens lexicais; c) os traços formais dos itens lexicais interagem com base em três operações computacionais: *Merge*, *Move* e *Agree*. Esses foram os pressupostos que serviram de base para a nossa proposta.

No dois capítulos seguintes, o capítulo 2 e o capítulo 3, ampliamos mais a base teórica, só que dessa vez, a discussão se voltou especificamente para a natureza dos verbos aspectuais

como um todo. Fizemos isso porque o verbo *deixar* é um verbo aspectual e as discussões gerais acerca desses verbos também são importantes para o entendimento do verbo *deixar*.

No capítulo 2, voltamos a nossa atenção para a natureza lexical dos verbos aspectuais. Para tanto, discutimos a proposta clássica de Perlmutter (1968, 1970), segundo a qual os verbos aspectuais podem estar associados a duas estruturas: uma de alçamento e uma de controle, que ele chama de intransitiva e transitiva, respectivamente, por causa da Teoria Gerativa à época. Também contemplamos no capítulo o debate que se instaurou após a publicação desses dois trabalhos de Perlmutter. Discutimos as propostas de Newmeyer (1975) e Rochette (1999), que defendem que os verbos aspectuais são verbos lexicais com uma única estrutura: a de alçamento. Resenhamos também o trabalho de Grano (2016), que adota a proposta Perlmutter (1968, 1970) e a expande com mais evidências.

Discutido o estatuto lexical dos verbos aspectuais, passamos a discutir, no capítulo 3, a natureza funcional desses verbos. Como se combinam com um verbo no infinitivo, uma hipótese é a de que os verbos aspectuais são verbos auxiliares. Sendo assim, a partir dos trabalhos de Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1995) e Fábregas (2019a), apresentamos um conjunto de diagnósticos que servem para identificar características de um verbo auxiliar. Ainda trouxemos nesse capítulo, a possibilidade de a classe de verbos auxiliares não ser uma classe unificada, mas uma classe de itens que apresenta subclasses. Assim, descrevemos três propostas: a de Lobato (1975) sobre a existência de auxiliares *lato sensu* e auxiliares *stricto senso*; a de Laca (2002, 2004) acerca da existência de perífrases aspectuais de aspecto sintático e de perífrases aspectuais de modificação de eventualidade; e a de Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen & Bravo (2017) referente à existência de auxiliares lexicais e de auxiliares funcionais.

Com esses três capítulos iniciais, organizamos o quadro teórico e as possibilidades de análise que se colocam para os verbos aspectuais. Nos três capítulos seguintes, apresentamos a nossa análise para o verbo *deixar* nas duas sequências em que ele aparece.

Parte da análise da natureza do verbo *deixar* é apresentada no capítulo 4. Tomando como ponto de partida as discussões sobre a natureza lexical ou funcional dos verbos aspectuais, aplicamos todos os diagnósticos propostos na literatura ao verbo *deixar* na estrutura [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Nosso intuito era verificar como esse verbo se comportava frente a esses diagnósticos. O resultado foi que, apesar de *deixar* satisfazer vários diagnósticos de uma análise como verbo de alçamento, ou como verbo de controle, ou como verbo auxiliar, notamos que esse verbo tinha comportamento que o aproximava de um verbo de alçamento ou de um verbo

auxiliar. Isso remonta à ideia de Rochette (1999), segundo a qual um verbo de alçamento pode selecionar um complemento IP/TP ou um VP. Quando seleciona um VP ele é um auxiliar. Ou seja, um verbo auxiliar é, de certa forma, um verbo de alçamento. Essa foi a análise que fizemos para o verbo *deixar* na sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Consequência dessa análise é que a sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] constitui uma perífrase verbal.

Sendo um verbo auxiliar, por conta de suas propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas, *deixar* também foi analisado como um auxiliar do tipo *lato sensu*, na tipologia proposta por Lobato (1975), uma vez que esse verbo não satisfaz todos os critérios de auxiliaridade. Interpretamos isso como indício de que esse verbo ainda se encontra em processo de gramaticalização. Como mantém parte do seu significado lexical, esse auxiliar *lato sensu* foi analisado como um auxiliar lexical, seguindo a proposta de Bravo, García Fernández & Krivochen (2015) e García Fernández, Krivochen & Bravo (2017). Por fim, o significado lexical de *deixar* faz com que as perífrases [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] sejam analisadas como perífrases de modificação de eventualidade, apoiando-se na proposta de Laca (2002, 2004).

Com essa análise para o verbo *deixar*, apresentada no capítulo 4, respondemos parcialmente à primeira questão de pesquisa desta Dissertação, questão essa que trata da natureza sintática desse verbo.

No capítulo 5, abordamos com mais detalhe a estrutura sintática da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$]. Em nossa proposta, *deixar* constitui o núcleo de um sintagma de verbo auxiliar, $V_{AUX}P$ que se combina como a preposição *de*. Dado o papel dessa preposição na composição do significado da perífrase, ela foi analisada como um marcador aspectual (P/Asp) que forma um constituinte com o domínio infinitivo. Na nossa proposta, esse domínio é o espaço onde as relações temáticas são saturadas. Como base nessa análise, apresentamos a nossa proposta de derivação para a perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] na qual as três operações do Sistema Computacional interagem. Destaque para a relação estabelecida entre o traço verbal não interpretável [uV], presente na preposição/marcador aspectual *de* e no auxiliar *deixar*, que vai forçar a seleção de um constituinte com a versão interpretável desse traço para valorá-lo. Importante também mencionar que a dependência morfossintática (cf. Lunguinho 2006) entre *deixar* e o infinitivo é estabelecida por meio de um traço flexional que os verbos têm (seguindo proposta de Adger 2006) e que, no caso da perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], o $V_{INFINITIVO}$ tem, mas ele entra na derivação não valorado. Esse traço flexional sem valor é valorado pelo traço [INFINITIVO] que o auxiliar deixar tem.

Por fim, estudamos a interação do verbo *deixar* com predicados das quatro classes aspectuais vendlerianas e analisamos as restrições a predicados de *accomplishments* e de *achievements* como resultado de incompatibilidades entre a seleção do verbo *deixar* e os traços dessas duas classes. Adotando a proposta de Bertucci (2011) de que *deixar* seleciona predicados com o traço de homogeneidade, explicamos facilmente essa restrição: a combinação de *deixar* com predicados de estados e de atividades é gramatical porque esses predicados são homogêneos, satisfazendo, assim, a exigência selecional de *deixar*; a combinação de *deixar* com predicados de *accomplishments* e de *achievements* é agramatical porque esses predicados não são homogêneos, violando a exigência selecional de *deixar*. Caso esses predicados possam sofrer coerção (Lamiroy 1987) e adquirir o traço de homogeneidade, a sua combinação com o verbo *deixar* passa a ser gramatical.

Todos os pontos apresentados no capítulo 5 respondem à segunda questão de pesquisa desta Dissertação, a qual trata da caracterização da derivação sintática que subjaz à sequência [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$].

Por fim, no capítulo 6, abordamos a estrutura sintática da estrutura [*deixar* - *de* - N]. Primeiramente, discutimos as propriedades dos elementos constantes dessa estrutura. O verbo *deixar* foi analisado como um verbo lexical que seleciona o argumento interno. A preposição *de* foi analisada como a mesma preposição que ocorre na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] e, por isso, foi caracterizada como uma preposição funcional de natureza aspectual P/Asp. O constituinte nominal que aparece na construção foi analisado como o argumento interno do verbo *deixar*, argumento esse que pode ser tanto um nome primitivo como um nome derivado (de verbo inergativo), que tem interpretação eventiva e que se associa a uma interpretação negativa, depreciativa ou pejorativa.

Estudando um pouco mais a fonte dessa interpretação, vimos que ela pode ter origem diversa: pode estar associada ao conteúdo lexical do nome primitivo ou do verbo inergativo do qual derivam os nomes deverbais, pode estar associada à informação semântica de alguns sufixos que formam os deverbais, ou pode estar associada à modificação por *tanto*. Com essa caracterização das propriedades dos nomes que aparecem na estrutura [*deixar* - *de* - N], respondemos à quarta questão de pesquisa desta Dissertação.

Detalhamos a derivação que produz a sequência [*deixar* - *de* - N]. Nela o verbo *deixar* é: a) um verbo transitivo que marca interrupção de um hábito/estado habitual; b) tem como complemento o sintagma projetado a partir da preposição / do marcador aspectual de natureza

preposicional *de*; c) seleciona um argumento interno de natureza eventiva; d) impõe restrições a esse argumento, o qual deve ter uma interpretação negativa, depreciativa ou pejorativa.

A proposta de que, na sequência [*deixar* - *de* - N], *deixar* é um verbo transitivo (ou seja, um verbo lexical) e a proposta de que, na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$], *deixar* é um verbo auxiliar (ou seja, um verbo funcional) completam a resposta à primeira questão de pesquisa da Dissertação. O verbo *deixar* é analisado de maneira diferente nas duas estruturas analisadas na Dissertação: em uma delas, ele é um verbo funcional e, na outra, ele é um verbo lexical.

As informações constantes do capítulo 6 também respondem à terceira questão de pesquisa da Dissertação, a qual se concentra na caracterização da derivação sintática que subjaz à sequência [*deixar* - *de* - N].

Com isso, concluímos a pesquisa de Mestrado a que nos propusemos. Com a finalização dessa pesquisa, abrem-se questões para mais aprofundamentos. Destaco três dessas questões. A primeira tem relação com a possibilidade de outros nomes derivados poderem aparecer na estrutura [*deixar* - *de* - N]. Na Dissertação, estudamos os substantivos deverbais (derivados de verbos inergativos). Recentemente, nos demos conta de que substantivos derivados de adjetivos também são possíveis como: *Deixem de frescura* / *bobagem* / *palhaçada*. Trata-se de nomes deadjetivais que derivam de adjetivos: *fresco* → *frescura*, *bobo* → *bobagem*, *palhaço* → *palhaçada*. Por questões de tempo, esse tipo de derivado não foi analisado, mas sua análise é importante para podermos traçar melhor as características dos nomes que ocorrem na estrutura [*deixar* - *de* - N].

A segunda questão diz respeito às duas possibilidades de análise de *deixar* na estrutura [*deixar* - *de* - N]. Propusemos que *deixar* pode ser representado como um verbo lexical, por se manifestar no VP que seleciona os argumentos da oração. Aventamos também a possibilidade de que *deixar* pode ser representado como um verbo aspectual que seleciona uma estrutura com um verbo elidido, sendo esse verbo elidido o responsável pela seleção dos argumentos da oração. Importante destacar que, apesar de termos tratado *deixar* como um verbo lexical, a resposta não é definitiva, sendo necessárias mais pesquisas para definirmos com exatidão se essa é a melhor hipótese de trabalho.

Finalmente, a terceira questão tem a ver com a necessidade de avaliar com mais cuidado o traço de homogeneidade que *deixar* exige de seus complementos e verificar se esse traço também aparece nos constituintes nominais. A ideia é a de que, se o traço de homogeneidade também fizer parte da estrutura aspectual de substantivos, teremos uma proposta unificada para

as propriedades de seleção que caracterizam deixar tanto na perífrase [*deixar* - *de* - $V_{INFINITIVO}$] como na estrutura [*deixar* - *de* - N].

Essas são algumas das questões que ficam em aberto à espera de mais pesquisas, para que elas sejam apropriadamente estudadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGER, D. *Core Syntax: a minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003

BERTUCCI, R. *Uma análise semântica para verbos aspectuais em Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRAVO, A.; GARCÍA FERNANDEZ, L.; KRIVOCHEN, D. G. On auxiliary chains: lexical and functional auxiliaries at the syntax-semantics interface. *Borealis*, v. 4, n. 2, p. 71-101, 2015.

BRAVO, A.; GARCÍA FERNANDEZ, L.; KRIVOCHEN, D. G. Aspectos de la semántica y sintaxis de las cadenas de verbos auxiliares en español. *Moênia*, v. 23, p. 1-28, 2017.

BOFF, R. L. *Em busca de uma análise sintático-semântica para construções com o verbo "começar" no Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

BURZIO, L. *Italian Syntax: a Government-Binding approach*. Dordercht: Reidel Publishing Company, 1986.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton de Gruyter, 1957.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. *Linguagem e Mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Brasília: Editora da UnB, 1998.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. *In*: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (eds.) *Step-By-Step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge: MIT Press, p. 89-155, 2000.

CHOMSKY, N. Derivation by phase. *In*: KENSTOWICZ, M. (ed.) *Ken Hale: a life in language*. Cambridge: MIT Press, p. 1-52, 2001.

CHOMSKY, N. Beyond explanatory adequacy. *In*: BELLETTI, A. (ed.) *Structures and Beyond*. Oxford: Oxford University Press, p. 104 - 131, 2004.

CHOMSKY, N. Approaching UG from below. *In*: SAUERLAND, U.; GÄRTNER, H.-M. (eds.) *Interfaces + Recursion = Language?* Berlin: Mouton de Gruyter, p. 1-29, 2007.

CHOMSKY, N. On phases. *In*: FREIDIN, R., OTERO, C. P.; ZUBIZARRETA, M. (eds.) *Foundational Issues in Linguistic Theory: essays in honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge: MIT Press, p. 133-166, 2008.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e inergatividade no PB. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 46, n. 2, p. 207-226, 2004.

CORSO, S. *Verbos auxiliares no Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *A Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

CYRINO, S. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (eds.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 163-184, 1993.

ELISEU, A. *Verbos Ergativos do Português: descrição e análise*. Trabalho de síntese para a prova de aptidão pedagógica e capacidade científica. Faculdade de Lisboa, Lisboa, 1984.

FÁBREGAS, A. Periphrases in Spanish: properties, diagnostics and research questions. *Borealis*, v. 8, n. 2, p. 1-82, 2019a.

FÁBREGAS, A. Qué hacen las preposiciones en las perífrasis. *Lengua y Habla*, n. 23, p. 311-338, 2019b.

GONÇALVES, A. Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do Português europeu. *In*: GONÇALVES, A.; COLAÇO, M.; MIGUEL, M.; MOIA, T (eds.) *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*. Lisboa: Colibri, p. 7-51, 2006.

GRANO, T. Semantic consequences of syntactic subject licensing: aspectual predicates and concealed modality. Universidade de Indiana, 2016.

HAMMES, L. *Os verbos "parar" e "deixar" com complementos de natureza verbal e de natureza Nnominal.* Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.

LACA, B. Spanish 'aspectual' periphrases: ordering constraints and the distinction between situation and viewpoint aspect. *In*: GUTIÉRREZ-REXACH, J. (ed.) *From Words to Discourse: trends in Spanish semantics and pragmatics*. Oxford: Elsevier, p. 61-93, 2002

LACA, B. Romance 'aspectual' periphrases: eventuality modification versus 'syntactic' aspect. *In*: GUÉRON. J.; LECARME, J. (eds) *The Syntax of Time*. Cambridge: MIT Press, p. 425-440, 2004.

LAMIROY, B. The complementation of aspectual verbs in French. *Language* v. 63, n. 2, p. 278-298, 1987.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em Português contemporâneo: critérios de auxiliaridade. *In*: LOBATO, L. M. P. et alii. *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes, pp. 27-91, 1985.

LOBATO, L. M. P. *Sintaxe Gerativa do Português: da teoria padrão à teoria da Regência e Ligação***.** Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LUNGUINHO, M. V. Dependências morfossintáticas: a relação verbo auxiliar – forma nominal. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, p. 457-489, 2006.

LUNGUINHO, M. V. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos.* Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LUNGUINHO, M. V.; RESENES, M. S.; NEGRÃO, E. V. Pesquisa em sintaxe gerativa: pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e questões. *In*: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. de S. (orgs.) *Ciências da Linguagem: o fazer científico?* Campinas: Editora Mercado de Letras, p.119-161, 2012.

NASCIMENTO, F. da S. *Natureza categorial do complemento dos verbos aspectuais do Português Brasileiro.* Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal da Fronteira do Sul, Chapecó, 2015

NEGRÃO, E.; SCHER, A. P.; VIOTI, E. A competência linguística. *In*: FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à Linguística.* Volume I: Objetos teóricos. São Paulo: Editora Contexto, p.95-119. 2002.

NEWMEYER, F. J. *English Aspectual Verbs*. The Hague: Mouton, 1975.

OLIVEIRA, F.; CUNHA, L. F.; MATOS, S.; GONÇALVES, A. Verbos de operação aspectual em PE e em PB: semântica e sintaxe. *Boletim da Abralin* v. 26, n. especial I, p. 380-385, 2001.

OLIVEIRA, F; CUNHA, L. F.; GONÇALVES, A. Aspectual verbs in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 141-173, 2004.

PAGOTTO, E. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (eds.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 185-206, 1993.

PERLMUTTER, D. M. *Deep and surface structure constraints in syntax*. Tese (Doutorado em Linguística), Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1968.

PERLMUTTER, D. M. The two verbs *begin*. *In*: JACOBS, R,; ROSENBAUM, P. (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Blaisdell, p.107-120, 1970.

PERLMUTTER, D. M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. *Papers from the Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society* 4, p. 157-189, 1978.

PONTES, E. *Verbos Auxiliares em Português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAPOSO, E. Prepositional infinitival constructions in European Portuguese. *In:* JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 277-306, 1989.

ROCHETTE, A. The selection properties of aspectual verbs. *In*: JOHNSON, K., ROBERTS, I. (eds). *Beyond Principles and Parameters*. Dordrecht: Springer, p. 145-165, 1999.

ROTHSTEIN, S. *Structuring Events: a study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell, 2004.

SILVA, A. S. *A Semântica de "deixar": uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
SMITH, C. S. *The Parameter of Aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer, 1997.

TRAVAGLIA, L. C. *O Aspecto Verbal no Português: a categoria e sua expressão*. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

VENDLER, Z. Verbs and times. In: VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, p. 97-121, 1967.